H.P. BLAVATSKY

A DOUTRINA SECRETA

síntese da ciência, da religião e da filosofia

Volume VI

OBJETO DOS MISTÉRIOS E PRÁTICA DA FILOSOFIA OCULTA

Pensamento

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

A DOUTRINA SECRETA

Síntese de Ciência, Filosofia e Religião

Tradução de
RAYMUNDO MENDES SOBRAL

VOLUME VI

OBJETO DOS MISTÉRIOS E PRÁTICA DA FILOSOFIA OCULTA

Editora Pensamento
SÃO PAULO

Tradução do original inglês: *The Secret Doctrine – The Synthesis of Science, Religion and Philosophy.*

Edição Adyar.

Theosophical Publishing House, 1938.

Copyright © 1973 Sociedade Teosófica no Brasil.

Copyright da edição brasileira © 1980 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 1980.

15ª reimpressão 2017.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

Direitos reservados
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br
http://www.editorapensamento.com.br
Foi feito o depósito legal.

Esta obra
é dedicada aos verdadeiros Teósofos
de todos os países,
seja qual for a raça a que pertençam.
Eles a solicitaram e para eles foi escrita.

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

SUMÁRIO

Seção XLI — A Doutrina dos Avataras 11

Gautama Buddha tinha duas doutrinas: uma para os leigos e outra para seus Arhats — Buddha foi um Avatar de Vishnu? — Foi ele uma Encarnação Direta de um dos "Sete Filhos da Luz"? — As Encarnações Divinas chamadas Avataras — A diferença entre Avataras e Jivanmuktas em que um Avatara "*é*" e um Jivanmukta "*vem a ser*" — Encarnações misteriosas de Adeptos — Encarnações de Dharmakâyas e Nirmanakâyas — Os Adeptos podem guiar seus Princípios Internos a um novo Corpo — O Cardeal de Cusa encarnou em Copérnico — A Teoria do Renascimento aplicada a casos especiais — Por que um Buddha, um Jesus ou um Shankarâchârya podem animar várias pessoas a um só tempo? — Um Dharmakâya "sem resíduos" não pode reencarnar — Um Nirmanakâya "com resíduos" pode voltar para ajudar a humanidade — O "Homem das Dores" talvez tenha voltado mais de uma vez

Seção XLII — Os Sete Princípios 23

O conhecimento dos Sete Princípios elucida o Mistério de Buddha — Na Filosofia Oculta, a Consciência *é per se* a mais elevada qualidade da Alma Divina

Seção XLIII — O Mistério de Buddha 25

Esse mistério consiste em que, embora Gautama fosse a encarnação da Sabedoria Divina, teve que instruir-se e ser iniciado nos segredos do mundo, até que reapareceu nos Bosques de Benares — Buddha revelou demais — Como conseqüência, precisou renascer como Shankarachârya — Shankarachârya não foi uma Reencarnação de Buddha, e sim um Avatara — Buddha, como um Dharmakâya, afastou-se do mundo, mas deixou Nirmanakâya para trabalhar depois dele — As três categorias de Buddhas — O Nirvana dos budistas e dos brâmanes — Shankarachârya se utilizou dos Princípios que foram de Gautama — Cada um tem seu Bodhisattva e seu Dhyâny-Buddha, o "Pai do Filho" — Semelhança entre os Salvadores, Gautama e Jesus — Jesus pôde deixar muito pouco a seus discípulos — O Karma ligado ao renascimento de um Nirmanakâya — O significado do Sacrifício do Cordeiro — Shruti, a Divina Revelação, é eterna; Gautama a revelou — Gautama e Jesus abriram as Portas do Santuário proibido aos de condição inferior — Shankarachârya desapareceu, mas perdura a crença de que ele esteja vivendo entre a Fraternidade de Shamballa.

Seção XLIV — "Reencarnações" de Buddha 34

Bodhisattva chegou a ser um Buddha, por seu próprio esforço e mérito — As qualidades que um Buddha deve adquirir — O sacrifício do Buddha com o

objetivo de ajudar a humanidade — A natureza dos mundos em que um Buddha atua — Volumes Secretos das Lamaserias tibetanas sobre a vida dos Grandes Sábios — Shankarachârya deixou seu corpo mortal, aos trinta e três anos, libertando o Bodhisattva que animava sua personalidade — O Mistério Kármico de Shankarachârya e o Buddha-Tsong-Kha-Pa, uma "Encarnação" do Buddha — "O lugar dos Três Segredos".

Seção XLV — Um Sermão Inédito de Buddha 40

Um sermão dirigido aos Arhats sobre o mistério do Ser e do Não-Ser — O livre e espiritual Eu, sobre o qual Mâyâ não tem influência.

Seção XLVI — Nirvana-Moksha 42

As Coisas Eternas, conforme ensinou Buddha, de acordo com a interpretação das Igrejas do Norte e do Sul — O Éter, o Akâsha, o Espaço, a Eterna Raiz de todas as coisas, explorados pelos videntes de todos os tempos — O "Deus" de Platão é a "Ideação Universal" — Conceitos de Schopenhauer sobre a Vontade — A Vida presente em cada átomo — Os Orientalistas interpretaram erroneamente a natureza do Nirvana — O verdadeiro significado de Aniquilamento.

Seção XLVII — Os Livros Secretos de "Lam-Rin" e "Dzyan" 50

O *Livro de Dzyan* é o primeiro volume dos Comentários sobre os Volumes Secretos de Kiu-te — O *Livro da Sabedoria Secreta do Mundo,* origem arcaica de volumosos Comentários — Os Grandes Mestres da Montanha Nevada possuem o Verdadeiro Conhecimento — Os antigos *Comentários* devem ser lidos com o auxílio de uma Chave.

Seção XLVIII — Amita Buddha, Kwan-Shai-Yin e Kwan-Yin, o que dizem o "Livro de Dzyan" e as Comunidades de Lamas acerca de Tsong-Kha-Pa 53

Tsong-Kha-Pa, Encarnação Direta de Amita (ou Amida) Buddha — O significado da palavra Amida ou Amitâbha.

Seção XLIX — Tsong-Kha-Pa, Lohans na China 55

Tsong-Kha-Pa, uma Encarnação de Buddha, proibiu a nigromancia — O "Salão dos Quinhentos Lohans" nas cercanias de Pequim — As perseguições obrigaram os Arhats a fugir da Índia e a buscar sossego na China, Tibete, Japão e outros países — Sâddhus e Yoguis vivem desconhecidos na Índia — Quando os Iniciados da Índia e do Tibete poderiam dissipar a densa treva que envolve a História do Ocultismo — Tsong-Kha-Pa ordena que os Arhats se esforcem por iluminar o mundo.

Seção L — Retificação de mais alguns conceitos errôneos 59

Os sublimes ensinamentos do Buddha só podem ser apreciados pelos Iniciados — As Palavras do Buddha têm um duplo significado — Os Graus da Hierarquia do Adeptado se baseiam nos Três Graus Principais: Pratyeka-Buddhas, Bodhisattvas e Buddhas Perfeitos — Os Ensinamentos de Nagârjuna e Aryâsanga — O Estado de Paramârtha transcende toda ilusão — Os Sistemas Yogachâryas são esotéricos — Yogachâryas e Vishishtâdvaítas tibetanos — O Dharmakâya Bodhisattva é infalível em estado real de Samâdhi — A Senda para a Emancipação se consegue mediante o Conhecimento (Iniciação) — Orientais materialistas — Datas relativas ao Budismo tibetano.

Seção LI — A "Doutrina do Olho" e a "Doutrina do Coração" ou o "Selo do Coração" 68

A Verdade preservada nos Baluartes trans-himalaicos — Não é possível compreender as Religiões, até que cada uma revele seus últimos segredos — A "Doutrina do Olho" significa Dogma e Letra Morta — A "Doutrina do Coração", a única verdadeiramente real — A genuína Literatura Esotérica é ainda inacessível — O Budismo Esotérico ainda é preservado — Bodhidharma, fundador do Budismo na China — Como conhecer os Mistérios do Esoterismo.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A SIGNIFICAÇÃO DA FILOSOFIA OCULTA NA VIDA

Apontamento I 81

Advertência: Esta é uma Lei imutável nos domínios do Oculto — A máxima ocultista: "Conhece-te a ti mesmo" — OM: Mantra da Quinta Raça — OM-MANI-PADME-HUM: Mantra da Quarta Raça — Por que a fórmula OM-MANI-PADME-HUM (Eu estou em ti, e tu estás em mim) significa também "A Jóia no Lótus" — A potência do Som e da Cor e do Número — A natureza da Tríade Superior — Processos cósmicos e humanos comparados — TAT (AQUILO), a Incognoscível Raiz sem Raiz — Os números Dez e Sete — O Uno em Três, e os Sete Princípios — O Corpo Áurico sagrado — Centros cósmicos e seus Princípios microcósmicos — Correspondência dos Planetas com os olhos — Nós somos Sete em UM — Sete estados de consciência — A mulher é o perfeito número cósmico Dez — Todo ser humano é uma encarnação de seu "Pai que está nos Céus" — O poder da palavra AUM ou OM, e AMEN — Por que a oração deve ser feita em recolhimento — Os Planetas, os Dias da Semana e seus correspondentes Metais e Cores — Brahmavidyâ, a Sabedoria Primordial — O que pode ser conseguido mediante o desenvolvimento de um amor universal à Humanidade.

Apontamento II 99

"Véus" e termos ocultos — O Dez é o Universo como um conjunto — Predomínio de um Princípio sobre Outro — Correspondência de Planetas, Metais e Cores — Os Planetas físicos são tipos de Mundos Psíquicos e Espirituais — O que sucede quando a Consciência individual se enfoca internamente — Os Anjos da Guarda dos quatro extremos da Terra — As Escolas esotéricas divididas em Círculos Internos e Externos — A significação de Linga Sharira — Significados esotéricos e exotéricos das Cores — As sete cores do espectro são emanações diretas das Sete Hierarquias de Seres — Os Planetas físicos regem somente o Corpo físico, e suas funções; as Faculdades mentais, emotivas, psíquicas, e espirituais são influenciadas pelas Propriedades ocultas que emanam das Hierarquias dos Regentes Espirituais dos Planetas — Os Sete Estados que culminam nos "Princípios" do Homem — O "Grande Tom" na Natureza — O simbolismo dos Planetas e os Princípios — O que é realmente a Magia — A Magia Divina é o Conhecimento da Inseparabilidade de nossos *Divinos "Eus"* — Por "Magia" Simão, o Mago, designava o Conhecimento dos Iniciados — A significação do Fogo — Sizígias ou Eões ativos e passivos — Os primeiros Seis Eões e o Sétimo — A Vida Una, a Divina Chama Inteligente — O Terceiro Mundo de Simão com sua Terceira Série de Seis Eões — O Homem deve desenvolver a Potência de seus "Pais" — Em que consiste o Tríplice Eão — Kriyâshakti, o Poder de produzir Formas objetivamente por meio da Força da Ideação e da Vontade, da Matéria Invisível e Indestrutível — A Magia chamada agora Teosofia ou Sabedoria Divina, Poder e Conhecimento — Os "milagres" de Simão — Simão e Helena, a Shakti do Homem

Interno — A verdadeira Teurgia é a genuína Ciência Divina da Râja-Yoga — Duas classes de Teurgia — O que o Homem consegue através da Teurgia ou Râja-Yoga — Só os Grandes Adeptos podem perceber um "Deus" em sua Forma verdadeira e transcendental — A "Jóia no Lótus" é o Homem espiritual ou Deus — Os Sete Princípios dimanam das Sete Grandes Hierarquias — Nosso Plano é um Plano reflexo — A Escala Musical e as Cores, de acordo com o número de Vibrações, procedem desde o Mundo da Matéria até o Mundo do Espírito — Cores, Sons e Formas e seus Correspondentes — Cores e Princípios — Os Estudantes devem dominar as Correspondências corretas entre os Princípios humanos e os do Cosmos — As Raízes da Cor e do Som — Ordens, Hierarquias e o Homem — A Unidade da Divindade.

Apontamento III — Algumas palavras sobre os primeiros estudos 127

O estudo do Ocultismo procede do universal para o particular — Os Diagramas têm por finalidade familiarizar os estudantes com as Idéias Capitais das Correspondências Ocultas — Considerações sobre o Sigilo — A totalidade da Verdade é demasiado sagrada para que se exponha a todos; o Conhecimento dos pormenores é muito perigoso em mãos profanas — A Missão dos Espíritos Planetários é dar a Chave da Verdade e logo desaparecer — Tremenda santidade da Promessa — Os "Irmãos da Sombra" e seu trabalho sobre os cérebros humanos — A diferença entre um "Irmão da Luz" e um "Irmão das Trevas" — O aspecto luminoso e o aspecto tenebroso da Natureza — A razão dos "Véus" nos Livros Ocultos — Os sete Tattvas — Princípios Eternos Básicos e Aspectos transitórios produzidos por eles — Natureza do Ovo Áurico em seus diversos significados — Operações do Karma e o Renascimento — Significado e correlação dos Tattvas — O Som é o substrato de Akâsha — Os sete Tattvas segundo os ensinamentos esotéricos — Os três e os quarenta e nove Fogos — Prânâyâma, a Ciência dos Cinco Alentos — Os três Nâdis: Sushûmnâ, Idâ e Pingalâ — A diferença entre os Sistemas de Râja-Yoga e Hatha-Yoga — Os sete Chakras principais se acham localizados na cabeça — Os Filhos de Fohat: Movimento, Som, Calor, Luz, Coesão, Eletricidade ou Fluído elétrico e Fluído neurótico ou Magnetismo — A Aura psíquica ao redor do indivíduo — A inversão das Cores Tattvicas pende para a Magia Negra — "Véus" exotéricos e a morte da Alma — O Pentáculo traçado com o vértice para cima, signo da Magia Branca — O Ego Divino se infunde no feto, no fim do sétimo mês — A Vida na Consciência espiritual é uma consciente existência no Espírito e não na Matéria — A "Segunda Morte" e Homens sem Alma — Personalidade e Individualidade — O Ego Superior no Devachan — Diferentes classes de "Morte" — Em cima, a LUZ; embaixo, a *Vida* — Natureza ilusória da Personalidade física — O Quinto e Sétimo Princípios no Homem — A função de Buddhi e de Manas — O Ego individual é imortal — Natureza e funções de Antakharana — Nenhuma Personalidade alcança o Âtmâ a não ser por meio de Buddhi-Manas — Avitchi e os seres humanos sem alma — Que sucede quando o Ego reencarnante se desprende da Alma psicoanimal? — Quem são os candidatos para o Avitchi? — A potência de uma palavra ou nome está no Ritmo ou Acento — Façamo-nos imortais mediante a identificação com Âtmâ-Buddhi-Manas, AUM ou Deus — A Divina Justiça do Karma.

APÊNDICE

Notas sobre os Apontamentos I, II e III 167

Todas as letras do alfabeto têm sua Cor própria — A Cor e Número dos Planetas e também das Constelações Zodiacais que correspondem a cada letra

do alfabeto são necessários para formar uma Sílaba e mesmo uma Letra *Operativa* — O Quatro Pitagórico, símbolo do Cosmos — O Triângulo, o Quaternário e suas Correspondências e Cores — As Vibrações e os sete Sentidos.

Notas sobre alguns ensinamentos orais 173

Os três Ares vitais — O Ovo Áurico de um Adepto, de um menino e de um idiota — Hipnotismo e Mesmerismo — O Karma individual não pode entrar em ação até a Descida de Manas — O "Morador do Umbral" — A pureza de vida do Adepto; seu amor, a harmonia com a Natureza, com o Karma e com seu "Deus Interno" lhe dão seus poderes — O que constitui o Karma para o Ego reencarnante — A natureza de Mahat e suas Emanações — Somente o Conhecimento do Âtmâ-Buddhi-Manas pode incluir o Passado e o Futuro no Presente — O Estado Turîya e Âtmâ-Buddhi-Manas — As Nidânas provêm dos Dhyân-Choans e Devas — Os Três e os Quarenta e Nove Filhos de Agni — A Sexta Raça terá duas medulas espinhais, e na Sétima fundir-se-ão em uma — Antahkarana é a Ponte imaginária entre o Manas Superior e o Inferior — O Antahkarana tem sete divisões — Os órgãos do corpo e suas Correspondências — O corpo físico não é um Princípio — O Quatorze significa a interferência dos Planos — A Natureza toda é uma caixa de ressonância — O Sexto e o Sétimo Sentidos fundir-se-ão no Som Akâshico — Prâna é o Princípio Motor na Vida — Platão e Euclides eram Iniciados — Sete Planos de Consciência cósmica e sua explicação — Mahat é a *Entidade* suprema do Cosmos — Mahat se diferencia ao animar o Universo — Aspecto Manvantárico de Parabrahman e Mûlaprakriti — Consciências Astral, Kâma-Prânica, Kâma-Manásica e Búddhica — Vigilante silencioso, os Dhyân-Choans, os Pitris e as Hierarquias — Âtmâ-Buddhi-Manas no Homem corresponde aos Três Logos do Cosmos — Insinuações acerca dos Três Logos 1) Potencialidade da Mente (Pensamento Absoluto), 2) Pensamento em germe, 3) Ideação em atividade — Imaginação, primeiro passo para adquirir o Poder Kriyâshakti — O Sol que vemos é um reflexo do verdadeiro Sol — A Lua — Os Planetas e nosso Sistema solar — Os termos sânscritos empregados no Ocultismo — Explicação dos Estados de Consciência correspondentes à Classificação Vedantina dos Lokas — Novas explicações sobre os Sentidos — Sete Lokas Divinos e Sete Lokas Terrestres comparados — Os Quatorze Lokas constituem todo o alcance de Brahmânda, o Mundo Inteiro — Os Lokas e Talas são reflexos recíprocos — Estados de Consciência — O Amor Maternal — H.P.B. discorda do conceito ocidental da Consciência — As sete Escalas da Consciência — Provas da existência do Ego — A Glândula Pineal e o Coração — O Corpo Astral é molecular, o Ego é atômico, espiritual — O Manas Inferior dimana do Manas Superior — As qualidades determinam a índole do Caráter — O sentimento de Responsabilidade é o Princípio da Sabedoria — Os Fogos e Kundalini — Sete Estados de Percepção — O Homem espiritual está no Coração; o Homem psicointelectual, na Cabeça — Nada existe no Macrocosmo que não exista no Microcosmo — Vontade e Desejo — Nosso Manas é um raio da Alma do Mundo que se afasta durante o Pralaya — Nomes e explicações das Doze Nidânas — Os Skandhas são os germes da Vida em todos os Sete Planos da Existência em corpos sutis — O Fogo é um Princípio Divino — Insinuações sobre o Futuro — Explicações sobre o Ego — A Evolução Monádica — Natureza e funções do Corpo Astral — O Devachan é um Estado num Plano de Consciência espiritual — Kâma-Loka é um lugar de Consciência Física.

Notas Adicionais 226

Bibliografia 233

SEÇÃO XLI

A DOUTRINA DOS AVATARAS

Entre os discípulos de alguns insignes Gurus do Himalaia, e até mesmo entre leigos, persiste uma estranha tradição, que melhor se pode qualificar de lenda, segundo a qual Gautama, o príncipe de Kapilavastu, nunca teria deixado as regiões terrestres, apesar da morte e incineração do seu corpo físico e das relíquias que deste se conservam.

Os budistas chineses e os árias, por tradição oral, e os lamas do Tibete, de acordo com o texto de seus livros sagrados, afirmam que Gautama BUDDHA tinha duas doutrinas: uma para seus discípulos leigos e as massas, e outra para seus "eleitos", os Arhats. Ao que parece, a norma de conduta do Mestre, também seguida pelos Arhats, foi a de não recusar a admissão de nenhum candidato ao "arhatado", mas somente revelar os mistérios finais àqueles que, depois de muitos anos de noviciado, houvessem provado que eram dignos da iniciação. Estes, uma vez aceitos, eram consagrados e iniciados, sem qualquer distinção de raça, casta ou riqueza, como aconteceu no caso de seu sucessor ocidental.

Foram os Arhats que deram curso àquela tradição, perpetuando-a na mente do povo; e nela também se baseia o dogma posterior da reencarnação lamaica dos Buddhas humanos.

O pouco que se pode aqui dizer sobre este assunto contribuirá ou não para guiar o estudante de ocultismo ao caminho certo. Convém advertir que, como foi deixado ao critério e à responsabilidade da autora expor as coisas da maneira por que *pessoalmente* as entendeu, sobre ela sozinha deve recair a culpa dos possíveis erros. À autora ensinaram a doutrina, mas ficou à sua intuição apreciar o conjunto dos complexos e misteriosos dados reunidos, assim como agora os deixamos à sagacidade do leitor. As informações incompletas que ora trazemos são fragmentos do que se contém em certas obras secretas; mas não é lícito divulgar as minúcias.

A versão esotérica do Mistério consubstanciada nesses volumes secretos pode ser resumida em poucas palavras.

Os budistas sempre negaram categoricamente que o Buddha, como pretendem os brâmanes, fosse um Avatar de Vishnu, no mesmo sentido em

que um homem é uma encarnação de seu antepassado kármico. Sua negativa talvez provenha, em parte, de não conhecerem o significado esotérico completo, impessoal e amplo da expressão "Mahâ Vishnu".

Há um misterioso Princípio na Natureza, chamado "Mahâ Vishnu", que se não confunde com o deus Vishnu, mas é um princípio que contém a semente do "Avatarismo" (Bîja), ou, em outras palavras, que é o potencial e a causa de tais encarnações divinas. Todos os Salvadores do mundo, Boddhisattvas e Avataras, são as árvores de redenção que brotam de uma única semente: o Bîja ou "Mahâ Vishnu" — chamem-na assim ou com o nome de Âdi-Buddha (Sabedoria Primordial).

Esotericamente interpretado, Vishnu é ao mesmo tempo Saguna e Nirguna (com atributos e sem eles). Sob o primeiro aspecto, Vishnu é objeto de culto e devoção exotéricos; sob o segundo, como Nirguna, é o ponto culminante de toda a sabedoria do Universo — ou seja, o Nirvana [1]; e o adoram todas as mentes filosóficas. Neste sentido esotérico, o Senhor Buddha *foi* uma encarnação de Mahâ Vishnu.

Isso do ponto de vista filosófico e puramente espiritual. Contudo, *sabem* os iniciados que, no plano da ilusão, digamos assim, ou do ponto de vista terreno, foi Buddha a encarnação direta de um dos primitivos "Filhos da Luz", que se encontram em todas as teogonias: os Dhyân-Chohans, cuja missão, de uma a outra eternidade (evo), é cuidar do progresso espiritual das regiões que lhes foram confiadas. É o que já ficou explicado no livro *Esoteric Buddhism*.

Um dos maiores mistérios do misticismo especulativo e filosófico (mistério que deve ser agora revelado) é o do *modus operandi* nos graus dessas transferências hipostáticas. É de todo natural que o processo das encarnações, assim divinas como humanas, deva continuar sendo um livro fechado para o teólogo e o fisiólogo, até que os Ensinamentos Esotéricos venham a ser, pelo consenso geral, a religião do mundo. Tais ensinamentos jamais serão expostos abertamente a um público não preparado para recebê-los; mas uma coisa é certa, e pode ser dita agora: entre o dogma da criação de uma alma nova para cada nascimento novo e a afirmação fisiológica de uma alma animal temporária estende-se a vasta região dos Ensinamentos Ocultos [2], com suas

(1) Muitos erros são devidos à confusão dos planos do ser e ao emprego de expressões impróprias. Confundem-se, por exemplo, certos estados espirituais com o Nirvana búdico. O Nirvana de BUDDHA nada tem de semelhante com o *samadhi*, nem mesmo com a mais elevada das teofanias experimentadas pelos Adeptos menores. São muitíssimo diferentes, depois da morte física, os estados espirituais alcançados pelos Adeptos.

(2) Nesta região está o único ponto de conciliação possível entre os dois pólos opostos da religião e da ciência, uma com os seus estéreis campos dogmáticos da fé, a outra referta de hipóteses vazias, ambas invadidas pela erva daninha do erro. As duas se acham em conflito, e sempre hão de mutuamente guerrear-se; o que não impede de se aliarem contra a Filosofia Esotérica. Esta, que desde há dois mil anos vem lutando contra a infalibilidade que aquelas se arrogam e a "tola vaidade e presunção de ambas", segundo a definição de Antonino, vê agora como o materialismo da Ciência moderna investe contra as suas verdades.

demonstrações lógicas, cuja seqüência e encadeamento filosófico a própria Natureza nos oferece.

O "Mistério" está exposto, para quem lhe saiba apreender o exato significado, nas seguintes palavras do diálogo entre Krishna e Arjuna, no *Bhagavad Gîta*:

"Muitos foram os meus nascimentos no passado, e também muitos foram os teus, ó Arjuna! Eu me recordo de todos; mas tu não te recordas dos teus, ó terror dos inimigos!

Embora eu esteja acima dos nascimentos, com um Âtmâ perene, e seja o Senhor de tudo o que existe, aceitei o condicionamento de minha própria natureza, e nasço pelo poder da ilusão [3].

Sempre, ó filho de Bhârata! que o Dharma [a lei justa] declina, e ganha terreno o Adharma [a iniqüidade, o oposto do Dharma], eu renasço.

Para proteger os bons, destruir os maus e restaurar o império da justiça, *eu nasço* em cada Yuga.

Aquele que em verdade reconhece o meu divino nascimento, ó Arjuna! esse, quando abandonar o corpo, não renascerá, mas se unirá a mim." [4]

Assim, todos os Avataras se confundem em um só: eles são os Filhos do "Pai", sua progênie direta. Com o tempo o "Pai" (ou uma das sete Chamas) chega a ser o Filho, e o Filho se torna *uno com o Pai* — na Eternidade.

Que é o Pai? É a Causa absoluta de tudo? O insondável Eterno? Certamente que não. É Kâranâtmâ, a "Alma Causal", que em seu sentido amplo os hindus chamam Ishvara, o Senhor, e os cristãos Deus, o Deus Único. Do ponto de vista da unidade, assim é; mas então poderíamos também considerar como "o Único" o Elemental mais ínfimo. Além disso, todo ser humano tem seu próprio Espírito divino ou Deus pessoal. Essa divina Entidade ou Chama, de onde promana Buddhi, está para com o homem, embora num plano inferior, na mesma relação que o Dhyâni Buddha para com o seu Buddha humano. Não são, portanto, irreconciliáveis o monoteísmo e o politeísmo: ambos existem na Natureza.

Em verdade, foi com a missão de "proteger o bem e destruir o mal" que vieram ao mundo, cada qual em sua época, personalidades como Gautama, Shankara e alguns outros. Conforme se disse: "Eu nasço em cada Yuga". E todos nasceram pelo mesmo Poder.

Há um grande mistério nessas encarnações, que transcendem o ciclo geral de nascimentos. Em três grupos se podem dividir as encarnações: os Avataras ou encarnações divinas; as dos Adeptos que renunciam ao Nirvana

(3) De onde provêm algumas das idéias gnósticas? Cerinto ensinava que, vendo Jehovah decair de sua virtude e dignidade originais, o Supremo permitiu que um de seus gloriosos Eões, chamado o "Ungido" (Cristo) encarnasse no homem Jesus. Basílides negava a realidade do corpo de Jesus, dizendo-o "ilusório" e sustentando que não foi Jesus quem padeceu os tormentos da paixão e da cruz, mas Simão de Cirene, que tomou o seu lugar. Todos esses ensinamentos são ecos de doutrinas orientais.

(4) *Bhagavad Gîta*, cap. IV, vers. 5-8.

para auxiliar a humanidade (Nirmanakayas); e a sucessão natural de renascimentos para todos — a lei comum. O Avatar é uma aparência, que poderíamos chamar de ilusão especial dentro da ilusão natural dos planos sujeitos ao domínio de Mâyâ. O Adepto renasce conscientemente, à sua vontade e conveniência [5]; mas os indivíduos que compõem a grei comum obedecem inconscientemente à grande lei de evolução dual.

Que é um Avatar? Antes de empregar o termo, é necessário ter a exata compreensão de seu significado. É uma descensão da Divindade manifestada, quer se chame Shiva, Vishnu ou Âdi-Buddha, à forma ilusória de uma individualidade, que para os homens deste plano físico parece objetiva, mas que realmente não o é. Esta forma não teve encarnações anteriores nem está sujeita a reencarnações; e, portanto, com ela o Karma não interfere.

Gautama BUDDHA nasceu como um Avatar em determinado sentido. Mas isto requer uma explicação, em virtude das inevitáveis objeções no campo dogmático. Há grande diferença entre um Avatar e um Jivanmukta: o primeiro é, como já dissemos, uma aparência ilusória, sem Karma e sem encarnações anteriores; o segundo é o que alcança o Nirvana por merecimento próprio. Contra esta expressão ainda protestaria o vedantino intransigente, dizendo que tanto o Avatar como o Jivanmukta são um só e mesmo estado, e que o mérito pessoal, seja qual seja o número de encarnações, não pode conduzir ao Nirvana. Para ele, o Nirvana se caracteriza pela ausência de ação; como poderia, pois, ser alcançado por meio da ação? Porque o estado nirvânico não é efeito nem causa, senão um sempre presente e eterno *É,* como o define Nagasena. E, assim, nada tem a ver com a ação, o mérito ou o demérito, que estão na esfera do Karma.

Tudo isso é verdade; mas, para nossa mente, ainda há uma grande diferença entre os dois conceitos. O Avatar *é;* o Jivanmukta *vem a ser.* Se há identidade entre ambos os estados, não ocorre o mesmo com as causas que a eles conduzem. Um Avatar é a descida de um Deus em uma forma ilusória. Um Jivanmukta, que pode ter passado por inumeráveis encarnações, nelas acumulando mérito, certamente que não alcança o Nirvana em virtude deste mérito, mas devido ao Karma que o produziu, e que o conduz e o guia até o Mestre que há de iniciá-lo no mistério do Nirvana — e só o Mestre pode ajudá-lo a chegar a essa morada.

Dizem os Shastras que é unicamente por nossas obras que podemos obter o Moksha (ou liberação final); e que sem esforço nada conseguiremos realizar, nem receberemos auxílio ou benefício da Divindade [o Mahâ Guru]. Temos, portanto, que Gautama, embora um Avatar em certo sentido, foi um verdadeiro Jivanmukta humano, por seu mérito pessoal, e, em conseqüência, mais que um Avatar. Foi seu próprio merecimento que lhe permitiu alcançar o Nirvana.

---

(5) O verdadeiro Adepto iniciado nunca perde esta condição, ainda que se reencarne inúmeras vezes em nosso mundo de ilusão. A força determinante desta série de reencarnações não é o Karma, como geralmente se imagina; mas outra força ainda mais inescrutável. Durante o período de suas vidas terrenas, não perde o Adepto esta sua qualidade, embora não possa elevar-se a um estado superior de evolução.

Há dois tipos de encarnações voluntárias e conscientes de Adeptos: as dos Nirmanakayas e as dos chelas ou discípulos que se acham na fase probatória.

O maior mistério, e de mais difícil compreensão, nas encarnações do primeiro tipo, está em que o Ego pessoal do Adepto pode renascer em um corpo humano (servindo-se do seu Mâyâvi ou Kâma-Rûpa, e permanecendo no Kâma-Loka) ainda quando seus "Princípios Superiores" continuem no estado nirvânico [6].

Convém advertir que as expressões acima ora são usadas com o objetivo de vulgarizar o conceito, e que, portanto, não tratamos esta misteriosa questão do ponto de vista do plano *supremo,* o da espiritualidade absoluta, nem tampouco a examinamos sob o aspecto filosófico mais elevado, só acessível a muito poucos.

Não se deve supor que algo possa chegar ao Nirvana que ali não esteja eternamente; mas o intelecto humano, ao especular sobre o Absoluto o considera como o último termo de uma série indefinida. Se tivermos isso presente, evitaremos muitos conceitos errôneos. O conteúdo desta evolução espiritual é a matéria dos vários planos com os quais o Nirvâni esteve em contato antes de alcançar o Nirvana; mas o plano em que isto se efetua, pertencendo à série de planos ilusórios, não pode certamente ser o plano supremo. Cumpre aos que investigam este ponto recorrer à legítima fonte de estudo, que são os ensinamentos dos *Upanishads;* e devem fazê-lo com o espírito aberto. Aqui só pretendemos indicar o rumo a seguir na investigação, e mostrar algumas das possibilidades ocultas, mas sem conduzir o leitor diretamente à meta, porque a verdade final não pode ser comunicada senão do mestre para o discípulo iniciado.

Apesar de tudo o que dissemos, o enunciado ainda parecerá incompreensível, se não absurdo, a muita gente. Em primeiro lugar, aos que não estejam familiarizados com a doutrina da natureza múltipla e dos vários aspectos da Mônada humana; e em segundo, aos que considerem a divisão setenária do homem por um prisma demasiado materialista.

Entretanto, a possibilidade do fato será admitida sem vacilações pelo ocultista que, tendo estudado detidamente o mistério do Nirvana, sabe que este é idêntico a Parabrahman, e portanto imutável, eterno; que não é uma Coisa, mas o Todo absoluto. Sabe que um Dharmakâya, ou seja, um Nirvâni "sem resíduos" (conforme a tradução dos orientalistas), é absorvido

---

(6) Desde o Brahmâ-Loka ou sétimo mundo (o mais elevado), além do qual tudo é sem forma (*arûpa*) e puramente espiritual, até o mundo ínfimo das formas microscópicas, há um perpétuo revolver da condição de existência, evolução e renascimento. Alguns seres humanos atingem estados ou esferas de onde só é possível regressar em um novo Kalpa (ou dia de Brahmâ). E há outros estados ou esferas de onde não há volta senão depois de cem anos de Brahmâ (Mahâ Kalpa, ou período de 311.040.000.000.000 de anos). Diz-se que o Nirvana é um estado que não comporta retorno; contudo, admite-se que, em casos excepcionais, é possível haver reencarnação procedente do Nirvana — mas tais encarnações são ilusórias, como todas as coisas neste plano físico, conforme se verá.

nessa Inanidade, que é a única Consciência Real, porque Absoluta; e, portanto, não pode voltar a encarnar-se na Terra, visto que o Nirvâni já não é um "ele", uma "ela" ou sequer um "isto". E sabe que o Nirmanakâya, ou seja, o que obteve o Nirvana "com resíduos", fica revestido de um corpo sutil, que o torna impenetrável a todas as vibrações exteriores e a todas as impressões mentais, não perdendo inteiramente a noção do seu Ego e podendo assim reencarnar-se.

O ocultista oriental sabe também que há duas espécies de Nirmanakâyas: o natural e o assuntivo. O primeiro é a condição do Adepto ou Iniciado que alcançou um estado de bem-aventurança somente inferior ao Nirvana; o segundo é a condição do que por abnegado sacrifício renuncia ao Nirvana absoluto com o propósito de ajudar o gênero humano, ou, em outras palavras, para salvar e guiar os seus irmãos em humanidade. Pode-se objetar que, sendo o Dharmakâya um Nirvâni ou Jivanmûkta, não há razão para deixar "resíduos" depois da morte, pois alcançou aquele estado em que já não são possíveis ulteriores encarnações, e por isso não necessita de corpo sutil ou do Ego individual que reencarna, devendo este último logicamente desaparecer. Respondemos que assim é nas explicações exotéricas e dentro da lei geral; mas que nos estamos referindo a um caso excepcional, cuja ocorrência pertence ao domínio dos poderes ocultos dos grandes Iniciados. Estes, antes de chegar ao Nirvana, podem fazer com que os seus "resíduos" (também chamados algumas vezes, impropriamente, Mâyâvi Rupa) permaneçam em planos inferiores [7], quer venham eles a ser Nirvânis ou apenas alcancem um grau menor de beatitude.

Há outros casos (raros, embora mais freqüentes do que se poderia supor) em que o Adepto [8] reencarna voluntária e conscientemente, durante suas provas.

Todo homem tem um "Eu Superior", interno, e um corpo astral. Mas poucos são os que, fora dos graus superiores do Adeptado, podem dominar e dirigir o corpo astral, ou algum dos princípios que o animam, logo depois de terminada sua curta vida terrena. Não obstante, esse domínio do corpo astral, inclusive sua transferência de um corpo físico morto para outro corpo vivo, não só é possível mas de ocorrência comum, segundo os ensinamentos ocultos e cabalísticos; ainda que variem muito os graus de semelhante poder, como é natural. Mencionaremos apenas três destes graus.

---

(7) Este desaparecimento do veículo do Egotismo no Yogi completamente evolucionado, que se supõe haver atingido o Nirvana ainda na Terra, anos antes de sua morte corpórea, deu lugar a uma das leis de Manu, sancionada por milênios de autoridade bramânica. Segundo a lei, aquele paramâtmâ se torna absolutamente imune ao pecado e livre de responsabilidade por tudo quanto possa fazer (veja-se o último capítulo das *Leis de Manu*). Efetivamente, até mesmo a casta, que é a instituição mais intransigente, despótica e tirânica da Índia, pode ser infringida impunemente pelo Yogi, que paira acima das castas. Aqui está a chave de nossas afirmações.

(8) [H. P. B. emprega com muito pouco rigor a palavra "Adepto", como se quisesse expressar, tão somente expressar, a posse de algum conhecimento especial. Aqui o termo parece indicar um discípulo não-iniciado, e mais adiante um discípulo iniciado. — Nota da edição de 1897.]

O primeiro (começando pelo inferior) permite ao Adepto, que em vida deparou com muitos obstáculos no estudo e prática de seus poderes, escolher depois da morte outro corpo em que prosseguir nas atividades interrompidas, embora perdendo toda lembrança de sua precedente encarnação. No segundo grau, pode o Adepto transmitir ao novo corpo a memória de sua vida passada. No grau mais elevado, quase não há limites ao exercício de tão maravilhosa faculdade.

Como exemplo de Adeptos que gozaram do primeiro grau de poder oculto, citam alguns cabalistas medievais um personagem muito conhecido que viveu no século XV — o Cardeal de Cusa. Por causa de sua profunda afeição ao estudo da doutrina esotérica e da Cabala, permitiu o Karma que o sobressaltado Adepto buscasse no corpo de Copérnico a recuperação intelectual e um abrigo contra a tirania eclesiástica. *Se non è vero è ben trovato*; e, para quem examine as biografias dos dois personagens e creia naqueles poderes, a versão é bem plausível. O leitor que satisfizer tais condições poderá reportar-se ao substancioso tratado escrito em latim no século XV pelo Cardeal de Cusa, sob o título *De Docta Ignorantia,* onde verá expostas todas as teorias e hipóteses — todas as idéias de Copérnico, que foram a base do seu novo sistema astronômico [9].

Quem foi esse Cardeal de Cusa, portador de tão extraordinário saber? Era filho de um pobre barqueiro; e a seus próprios méritos, à surpreendente erudição que nele parecia inata, pois começou a estudar já na idade madura, deveu sua carreira eclesiástica, o chapéu cardinalício e a veneração respeitosa, mais do que à amizade com que o distinguiam os papas Eugênio IV, Nicolau V e Pio II. Morreu a 11 de agosto de 1464. Suas melhores obras foram

---

(9) Cerca de cinqüenta anos antes do nascimento de Copérnico, o Cardeal de Cusa escreveu o seguinte:

"Embora o mundo possa não ser absolutamente infinito, a ninguém é dado concebê-lo como finito, pois a razão humana é incapaz de lhe assinar um termo... Porque, assim como a nossa Terra não pode estar no centro do Universo, como geralmente se acredita, também o mesmo pode acontecer com a esfera das estrelas fixas... Assim, este mundo é como uma imensa máquina cujo centro [a Divindade] estivesse em toda a parte, e a circunferência em parte alguma [*machina mundi, quasi habens ubique centrum et nullibi circumferentiam*]... Portanto, se a Terra não está no centro, não pode estar imóvel... e, embora seja muito menor que o Sol, não é lícito inferir que seja de pior condição [*vilior* — mais vil]... Não é possível saber se os seus habitantes são superiores aos que moram mais perto do Sol ou em outras estrelas, pois que o espaço sideral não deve ser desabitado... A Terra, que provavelmente [*fortasse*] é um dos menores globos, contudo é o berço de seres inteligentes, nobres e perfeitos."

Havemos de convir em dar razão ao biógrafo do Cardeal, quando, não suspeitando a verdade oculta e não vendo como explicar tanta erudição em um escritor do século XV, se mostra simplesmente maravilhado diante desses miraculosos conhecimentos, e os atribui à inspiração divina, dizendo que a este filósofo incomparável foram revelados mistérios teológicos inacessíveis à mente humana (!), velados e esquecidos (*velata et neglecta*) durante séculos. "Pascal pode ter lido as obras do Cardeal de Cusa; mas de quem teria este aprendido suas idéias?' — pergunta Moreri. Nos livros herméticos e pitagóricos, evidentemente — se deixarmos de lado o mistério de sua encarnação e reencarnação.

escritas antes de ser obrigado a tomar ordens para escapar à perseguição, pois nem o Adepto pode evitá-la.

Na volumosa obra do Cardeal, antes citada, há uma proposição muito significativa, cuja autoria tem sido diversamente atribuída, ora a Pascal, ora ao próprio De Cusa, ora ao *Zohar,* e que de direito pertence aos Livros de Hermes.

"O mundo é uma esfera infinita, cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma."

A frase foi assim alterada por alguns:

"... cujo centro não está em parte alguma e a circunferência em toda a parte",

conceito mais herético para um Cardeal, mas perfeitamente ortodoxo do ponto de vista cabalístico.

A teoria do renascimento deve ser exposta por ocultistas e depois aplicada a casos especiais. A correta compreensão deste fenômeno psíquico se baseia na vera concepção daquele grupo de Seres celestes universalmente chamados os sete Deuses ou Anjos Primordiais (nossos Dhyân-Chohans), os "Sete Raios Primevos", ou Poderes, reconhecidos mais tarde pela religião cristã sob o nome de "Sete Anjos da Presença". *Arûpa,* isto é, sem forma, no degrau superior da escala dos seres, e materializando-se cada vez mais à medida que descem aos mundos da objetividade e da forma, até chegarem ao mais grosseiro e imperfeito da hierarquia, o plano do homem, são os que compõem aquele grupo, origem e fonte espiritual dos seres humanos. É neles que germina aquela consciência que representa a primeira manifestação da Consciência Causal — o Alfa e o Ômega da vida eterna e do divino Ser. E, descendo progressivamente através de todas as fases da existência, passando pelo homem, o animal e o vegetal, essa manifestação somente se detém no mineral. Está representada pelo duplo triângulo, o mais misterioso e sugestivo de todos os símbolos místicos, porque é um signo dual que abrange a vida e a consciência espiritual e física: um dos triângulos aponta para cima, e o outro para baixo, mas entrelaçados ambos e mostrando os diversos planos dos duas-vezes-sete modos de consciência — as quatorze esferas de existência, os Lokas dos brâmanes.

O leitor pode agora compreender mais facilmente a idéia em seu conjunto, e verá também o que se entende por "Vigilantes", os guardiães ou regentes, destacado um para cada uma das sete divisões ou regiões da Terra, segundo a antiga tradição — assim como há um incumbido de velar e guiar cada um dos quatorze mundos ou Lokas [10]. Não é, porém, a nenhum deles que nos estamos referindo, mas aos "Sete Sopros", que dotam o homem com a imortal Mônada ao longo de sua peregrinação cíclica.

---

(10) Este é o significado secreto da Hierarquia dos Prajâpatis ou Rishis. Primeiro se mencionam sete, depois dez, a seguir vinte e um, e assim sucessivamente. São os "Deuses" e criadores dos homens, e muitos deles os "Senhores dos Seres"; são os "Filhos da Mente" de Brahmâ, que depois se tornaram heróis mortais, tantas vezes re-

Diz o Comentário ao *Livro de Dzyan*:

A Chama (ou Sopro) desce primeiro à sua região como Senhor de Glória, e, depois de chamar à existência consciente a mais elevada das Emanações desse plano especial, ascende de volta ao seu primitivo assento, de onde vela e guia seus inumeráveis Raios (Mônadas). Escolhe como seus Avataras somente aqueles que possuíram as Sete Virtudes [11] *em anterior encarnação. Quanto aos demais, Ela envolve e protege cada um deles com um de seus inumeráveis raios... O próprio "raio" é uma parcela do Senhor dos Senhores* [12].

O princípio setenário do homem — que só pode ser considerado dual no concernente à manifestação psíquica neste grosseiro plano terrestre — era conhecido de toda a antiguidade, sendo encontradiço nas velhas escrituras dos diversos países. Conheceram-no os egípcios, e o ensinavam nos seus templos; e a divisão adotada correspondia, em todos os pontos, à dos ensinamentos secretos arianos. Foi assim exposta em *Ísis sem Véu*:

"Segundo as noções egípcias e as de outros povos que tinham suas crenças baseadas na filosofia, o homem não era meramente... a união de alma e corpo, mas uma trindade, com a adjunção do espírito. E, além disso, acrescentava a doutrina que era constituído de: *Kha* (o corpo físico), *Khaba* (a forma ou sombra astral), *Ka* (a alma animal ou princípio vital), *Akh* (a inteligência terrestre) e *Ba* (a alma superior). Havia ainda um sexto princípio, *Sah* (ou múmia), cuja função começava depois da morte do corpo físico." [13]

O sétimo princípio, ou princípio superior, o espírito incriado, tinha a designação genérica de Osíris; e, portanto, todo ser humano, depois da morte, era "osirificado", isto é, convertia-se em um Osíris.

Mas os ocultistas, reafirmando a existência da eterna lei da reencarnação e do Karma (não de acordo com a doutrina dos espíritas, mas conforme a enuncia a Ciência mais antiga do mundo), devem ensinar o renascimento cíclico e evolucionário, ou seja, aquela misteriosa espécie de renascimento de que já nos ocupamos cautelosamente em *Ísis sem Véu* e que ainda permanece incompreensível para muita gente que ignora a história do mundo. Um renascimento geral para os indivíduos, com intervalo no Kâma Loka e no Devachan, e uma reencarnação cíclica e consciente, com uma grandiosa e divina finalidade, para muito poucos.

Essas magnas figuras, que se destacam como gigantes na história da humanidade, e de que são exemplos Siddârtha BUDDHA e JESUS, no reino espiritual, e Alexandre de Macedônia e Napoleão, no reino das conquistas

---

presentados como de caráter pecaminoso. Idêntico é o significado oculto do sonho de Jacob, e o da história dos patriarcas bíblicos, com sua genealogia e seus descendentes, que repartem entre si as regiões da Terra.

(11) De "Sete Virtudes" é aquele que, sem o benefício da iniciação, chega a ser tão puro como um Adepto, por seu próprio e exclusivo mérito. Devido à sua santidade, o seu corpo, na encarnação seguinte, será o Avatar de seu "Vigilante", ou Anjo da Guarda, como diriam os cristãos.

(12) Título dos mais elevados Dhyân-Chohans.

(13) *Op. cit.*, vol. II, pág. 367.

terrenas, são apenas imagens refletidas de tipos humanos que já haviam existido — não dez mil anos antes, como prudentemente adiantamos em *Ísis sem Véu,* mas durante milhões de anos consecutivos, desde o começo do Manvantara. Porque — com exceção dos verdadeiros Avataras, conforme já explicamos acima — são os mesmos Raios (Mônadas), ininterruptos, cada um procedente de seu próprio Pai ou Chama espiritual, chamados Devas, Dhyân-Chohans, Dhyâni-Buddhas, Anjos Planetários, etc., que brilham na eviternidade como seus protótipos. À sua imagem e semelhança nascem alguns homens, que por eles são animados hipostaticamente quando há um objetivo específico em benefício da humanidade; e a ocorrência se repete, uma vez que outra, graças às misteriosas Potestades que guiam e governam os destinos do nosso mundo.

Como não podíamos dizer mais na época em que escrevemos *Ísis sem Véu,* limitamo-nos a observar ali que:

"Não há nos anais da história, sagrada ou profana, nenhuma figura eminente cujo protótipo se não possa encontrar nas tradições semifabulosas e semi-reais das religiões e mitologias do passado. Assim como a luz de uma estrela se reflete nas águas serenas de um lago, apesar da imensa distância em que sobre as nossas cabeças cintila na amplidão infinita, assim as imagens de homens que viveram em épocas antediluvianas se refletem nos períodos históricos que podemos alcançar retrospectivamente." [14]

Agora, porém, que várias publicações já expuseram parte da doutrina, e algumas delas com idéias menos exatas, podemos explicar e ampliar aquela vaga alusão.

O que dissemos não somente se refere às figuras eminentes da história em geral, senão também aos homens de gênio, aos homens notáveis de todos os tempos, que se destacam entre as massas por sua capacidade excepcional e cooperam para o bem-estar e progresso da humanidade. Cada um deles é a reencarnação de uma individualidade com análogas aptidões que viveu em tempos anteriores, trazendo assim, para sua nova forma, como um dom congênito, faculdades já plenamente desenvolvidas no passado, que não tardam a despertar. São com freqüência mortais ordinários, Egos no curso de sua evolução cíclica.

Mas é dos "casos especiais" que nos vamos ocupar agora.

Suponhamos que um homem, durante o ciclo de encarnações, por ser um recipiente suficientemente puro, seja escolhido para determinado mister por seu Deus pessoal — a fonte (no plano da manifestação) de sua Mônada, que deste modo o elege como domicílio. Esse Deus, o "Pai que está no Céu", é, em certo sentido, não só o protótipo a cuja imagem foi formado o homem espiritual, mas ainda, no caso que examinamos, o próprio Ego individual. É um caso de teofania vitalícia; não o de um Avatar (convém ter em mente), como o entende a filosofia bramânica; nem o homem assim escolhido é um Jivanmukta ou um Nirvâni; mas ocorre uma situação de todo excepcional nos domínios do misticismo. O homem pode ou não ter sido um

(14) *Op. cit.*, pág. 35 (vol. I).

Adepto em vidas anteriores; em todo o caso, é um indivíduo puro e espiritual, ou o foi em sua precedente encarnação, se o corpo preferido é o de uma criança recém-nascida. E quando se dá a translação física deste santo ou Boddhisattva, o seu corpo astral não fica sujeito à dissolução natural, como acontece com o dos mortais comuns: permanece em nossa esfera, dentro do raio de atração e alcance humano. Assim é que se pode dizer que um Buddha, um Shankarâchârya ou um Jesus animam várias pessoas a um só tempo, e ainda que os princípios superiores de um elevado Adepto animam os tabernáculos visíveis de mortais ordinários.

Um certo Raio (princípio) de Sanat Kumâra espiritualizou (animou) a Pradyumna, filho de Krishna, durante o grande período do Mahâbhârata, enquanto o próprio Sanat Kumâra dava, ao mesmo tempo, instrução espiritual ao rei Dhritarâshtra. Além disso, convém ter presente que Sanat Kumâra "é um eterno jovem de dezesseis anos" que mora no Jana-Loka, a esfera peculiar de sua condição espiritual.

Até mesmo na chamada vida *medianímica* se tem observado que, enquanto o corpo físico atua, ainda que apenas mecanicamente, ou permanece em determinado lugar, o seu duplo astral pode aparecer e atuar com inteira independência em outro lugar muito distante. Esta é uma ocorrência muito comum na história do misticismo; e se assim é com os extáticos, os videntes e os místicos de toda espécie, por que não poderia suceder a mesma coisa em um plano superior de existência, mais desenvolvido espiritualmente? Se admitida a possibilidade em um plano psíquico inferior, por que não em um plano superior?

Nos casos de Adeptado de alto nível, quando o corpo está submetido ao comando do Homem Interno; quando o Ego espiritual se uniu totalmente ao sétimo princípio durante ainda a vida da personalidade, e o homem astral, ou Ego pessoal, se tornou tão puro que pôde assimilar as qualidades e atributos da natureza média (Buddhi e Manas em seu aspecto terreno); este Ego pessoal ou personalidade subsiste graças ao Eu Superior espiritual, sendo, então, capaz de viver na Terra uma vida independente. Quando se dá a morte corpórea, sucede amiúde este fato misterioso: o Ego espiritual não pode reencarnar-se na Terra como Dharmakâya ou Nirvâni "sem resíduos", livre de toda mescla terrena. Mas, em tais casos, afirma-se, pode o Ego pessoal, inclusive o de um Dharmakâya, permanecer em nossa esfera, e voltar a encarnar-se na Terra, se for necessário. Porque já não sobrevém a desagregação do corpo astral, ou segunda morte (como a chama Proclo) [15],

---

(15) "Depois da morte, a alma continua no corpo aéreo (astral), até purificar-se inteiramente de todos os desejos e paixões sensuais. Então sobrevém a *segunda morte*, quando abandona o corpo aéreo [e sobe para o Devâchan], assim como antes deixou o corpo terrestre. Eis por que diziam os antigos que unido à alma há sempre um corpo celeste, que é imortal, luminoso e semelhante a uma estrela." Natural é, portanto, que o "corpo aéreo" do Adepto não passe por esta segunda morte, uma vez que se libertou de todas as suas naturais impurezas antes de separar-se do corpo físico. O Grande Iniciado é um "Filho da Ressurreição" — "igual aos anjos" — e já não pode morrer (veja-se *Lucas*, XX, 36).

a que está sujeito o homem dos homens no Kâma-Loka (o *limbus* ou purgatório dos católicos e o "summer-land" dos espíritas). Tendo-se tornado por demais santo e puro, não em virtude de uma luz reflexa, mas por sua própria luz espiritual, não quer ficar no sono inconsciente de um estado nirvânico inferior, nem pode tampouco dissolver-se e desaparecer como uma concha astral comum.

Mas naqueloutra condição de Nirmanakâya (ou Nirvâni "com resíduos") ele ainda pode ajudar a humanidade.

Assim falou Gautama BUDDHA: "Caiam sobre mim os sofrimentos e os pecados de todos [i.e., renasça eu para novos sofrimentos]; mas que o mundo se salve!" Exclamação cujo significado tem sido mal compreendido por seus discípulos de hoje.

"Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti?" [16] — pergunta o Jesus astral a Pedro. "Até que eu venha" significa: "Até que eu novamente reencarne" em um corpo físico. No entanto, o Cristo do antigo corpo crucificado pôde em verdade dizer: "Eu estou com meu Pai, e sou uno com Ele", o que não impediu o seu corpo astral de retomar uma forma, nem que João esperasse a volta do seu Mestre e o não reconhecesse quando voltou, e que ainda objetasse a Ele. Mas na Igreja aquelas palavras deram ensejo à idéia absurda do Quiliasmo [17] ou milenarismo, em seu sentido físico.

Desde então talvez tenha voltado, mais de uma vez, o "Homem das Dores", sem que o reconhecessem os seus cegos discípulos. E também desde então vem sendo esse grande "Filho de Deus" crucificado mais cruelmente, e sem cessar, dia após dia, hora por hora, pelas Igrejas fundadas em seu nome. Mas os Apóstolos, que eram apenas semi-iniciados, não souberam esperar a volta do Mestre, e não só deixaram de o reconhecer, mas ainda o repudiaram com desdém todas as vezes em que voltou [18].

---

(16) *João*, XXI, 22.

(17) "Quiliasmo", doutrina segundo a qual os predestinados, após o Juízo Final, permaneceriam ainda mil anos na Terra, fruindo as maiores delícias. Do grego *khiliasmòs*. — N. do T.

(18) Veja-se o extrato, publicado em *The Theosophist* (novembro, pág. 38, e dezembro de 1881, pág. 75), de uma sugestiva novela de Dostoievsky sob o título "O Grande Inquisidor". É óbvio que se trata de ficção; mas é uma ficção maravilhosa, em que se supõe a volta de Cristo na Espanha, nos dias ominosos em que imperava a Inquisição, cujo chefe supremo, o Grande Inquisidor, encarcera o Mestre e o sentencia à morte, temeroso de que destruísse a obra saída de mãos jesuítas.

Seção XLII

OS SETE PRINCÍPIOS

O "Mistério de Buddha" é o de vários outros Adeptos — talvez de muitos. Toda a dificuldade está na compreensão exata de mais este mistério: o que concerne à realidade, tão abstrata e transcendente à primeira vista, dos "Sete Princípios" do homem, que são os reflexos das sete forças da Natureza, fisicamente, e das sete hierarquias do Ser, intelectual e espiritualmente.

Ainda que, para mais claro entendimento de sua natureza trina (em linhas gerais), se divida o homem — material, etéreo e espiritual — em grupos cujo número varie conforme o sistema, a base e o ápice desta divisão são sempre os mesmos. Há no homem somente três "upadhis" ou bases; mas sobre estas se pode considerar um número qualquer de "koshas" ou envoltórios, com os seus aspectos, sem prejuízo da harmonia do conjunto. Assim é que, enquanto o Sistema Esotérico aceita a divisão setenária, o vedantino não admite mais que cinco "koshas", e a Târaka Râja Yoga os reduz a quatro: os três "upadhis" e Âtmâ, o princípio superior, que os sintetiza.

Aqui surge naturalmente a pergunta: Como pode uma personalidade espiritual (ou semi-espiritual) ter vida dupla ou tríplice, mudando *ad libitum* seus "Eus Superiores", e permanecer, não obstante, uma eterna Mônada, no infinito de um Manvantara? A resposta é fácil para o verdadeiro ocultista, embora tal coisa pareça absurda ao profano não-iniciado.

Os "Sete Princípios" são, por certo, a manifestação do Espírito indivisível; mas a unidade só aparece no fim do Manvantara, quando todos eles se reúnem no plano da Realidade Única. Durante a viagem do "Peregrino", cada reflexo daquela Chama indivisível, cada aspecto do Espírito Uno e eterno, atua em um dos planos manifestados da existência — as graduais diferenciações do plano não-manifestado — ou seja, no plano a que realmente pertence.

Em virtude de reunir a nossa Terra todas as condições mâyâvicas, o princípio egotista purificado, o Eu astral e pessoal do Adepto, apesar de uno com o Eu Superior, pode, movido pelo amor à humanidade, separar-se de sua divina Mônada, para ter, neste plano de existência transitória e de ilusão, uma vida consciente distinta e independente da que lhe é própria,

tomando de empréstimo uma forma ilusória. Assim estará servindo, a um só tempo, a dois objetivos: a extinção do seu Karma individual e a salvação, contra a cegueira mental, de milhões de seres humanos menos evolucionados.

Se se perguntar: Quando um Buddha ou um Jivanmukta passa ao Nirvana, onde continua residindo a consciência original que habitava o corpo? No Nirvâni ou nas sucessivas reencarnações de seus "resíduos", isto é, no Nirmanakâya? Responderemos que a consciência *aprisionada* pode consistir em um "certo conhecimento adquirido da observação e da experiência", conforme a expressão de Gibbon, mas que a consciência *desencarnada* não é um efeito, senão uma causa. É uma parte do todo, ou melhor, um raio da ilimitada e onipresente Luz que se diferencia com variados reflexos na gradual escala de sua atividade manifestada. Como tal, a consciência é ubíqua, e não há por que localizá-la nem centrá-la, ou limitá-la, em um indivíduo particular. Só os seus efeitos pertencem à região da matéria, porque o pensamento é uma forma de energia que de vários modos atua sobre a matéria. Mas a consciência *per se,* tal como a compreende e explica a Filosofia Oculta, é a qualidade suprema do princípio espiritual senciente que está em nós, a Alma Divina (ou Buddhi) e nosso Ego Superior, não pertencendo ao plano da matéria.

Depois da morte física do homem, se é um iniciado, a consciência se transforma de qualidade humana no próprio princípio independente: o Ego consciente se converte em consciência *per se*, sem nenhum Ego, pois este já não está limitado ou condicionado pelos sentidos, nem pelo espaço ou pelo tempo. E por isso é capaz de refletir-se no homem astral anterior, sem necessidade de localizar-se nem desprender-se de Buddhi. É o que se passa, por exemplo, em nossos sonhos, ainda que de maneira imprecisa e incompleta. Porque, se a consciência pode desdobrar-se durante os sonhos e tornar-se ubíqua, enquanto o corpo e o cérebro se acham profundamente adormecidos, muito maiores serão as suas possibilidades quando, inteiramente livre, já não tiver nenhuma relação com o cérebro físico!

Seção XLIII

O MISTÉRIO DE BUDDHA

Eis em que consiste o mistério de Buddha.

Gautama, conquanto fosse a encarnação da Sabedoria divina, teve que, em seu corpo humano, instruir-se e iniciar-se nos segredos do mundo, como qualquer mortal, até o dia em que, abandonando seu retiro secreto dos Himalaias, pregou pela primeira vez nos bosques de Benares. O mesmo sucedeu com Jesus, de quem nada se diz e nada se sabe, desde a idade de doze até a de trinta anos, quando reapareceu pregando o Sermão da Montanha.

Gautama havia jurado segredo inviolável sobre as doutrinas esotéricas que lhe foram comunicadas. Mas, por causa da imensa piedade que lhe inspiravam a ignorância da humanidade e os sofrimentos conseqüentes, e por mais que desejasse não quebrantar o solene voto de sigilo, não pôde manter-se dentro dos limites prescritos. Quando promulgou a sua filosofia exotérica (a "Doutrina do Olho"), baseada na Verdade eterna, deixou de velar certos ensinamentos, e, transpondo os lindes permitidos, deu motivo a que fossem mal interpretadas as suas palavras. Ansioso por acabar com os falsos deuses, revelou, nos "Sete Caminhos do Nirvana", alguns dos mistérios das Sete Luzes do Mundo Arûpa (sem forma). Um fragmento da verdade é muitas vezes mais nocivo que a ausência dela.

"A verdade e a ficção são como o azeite e a água: nunca se misturam."

Sua nova doutrina, que representava o corpo externo do Ensinamento Esotérico, sem a alma que a vivifica, produziu efeitos desastrosos: nunca foi corretamente entendida, e os budistas do Sul acabaram repudiando-a. Sua imensa caridade e ilimitado amor para com os homens e todas as criaturas estavam por trás do seu involuntário erro; mas o Karma não leva muito em conta as intenções, boas ou más, quando não geram frutos. A "Boa Lei", tal como a evangelizava Buddha, constituía o mais sublime código de ética e o incomparável sistema filosófico das coisas visíveis do Cosmos; e no entanto extraviou as mentes imaturas e não-educadas, induzindo-as a crer que nada mais havia além da capa exterior — e assim foi aceita unicamente

a letra morta da doutrina. Por outro lado, os novos ensinamentos perturbaram muitos homens inteligentes, que até então se tinham mantido fiéis à crença bramânica ortodoxa.

Em tais circunstâncias, cinqüenta e poucos anos depois de sua morte, o "Grande Mestre" [1] renunciou ao Nirvana e ao estado de Dharmakâya, e preferiu renascer ainda, por motivos kármicos e de compaixão pela humanidade. Para Ele, a morte não havia sido morte; mas, como se diz no "Elixir da Vida", trocou Ele

"a súbita imersão nas trevas por uma transição para uma luz mais radiante" [2].

Rompida foi a barreira da morte; e, como outros muitos Adeptos, desfez-se Buddha do invólucro mortal, cujas cinzas os discípulos guardaram como relíquia; e, revestido de seu corpo sutil, começou a existência interplanetária. Renasceu como Shankara, o maior instrutor vedantino da Índia, e cuja filosofia (baseada, como a de Buddha, embora sob um aspecto diferente, nos axiomas da eterna Revelação, Shruti ou a primitiva Religião-Sabedoria) se atém a um justo meio-termo entre a metafísica demasiado obscura dos brâmanes ortodoxos e a doutrina do budismo, que, afastando com sua roupagem exotérica todas as esperanças espirituais, todas as aspirações transcendentes e seus símbolos, semelha a cristalinos pingentes de gelo e representa, em sua fria sabedoria, como que os esqueletos das verdades primordiais da Filosofia Esotérica.

Então foi Shankarachârya o mesmo Gautama Buddha sob nova forma pessoal? O leitor ficará talvez ainda mais perplexo se lhe disserem que o corpo "astral" de Gautama encarnou no corpo físico de Shankara, cujo princípio superior, ou Âtman, era, não obstante, o seu próprio divino protótipo, o "Filho da Luz", o filho celeste nascido da mente de Aditi.

Esse fato também se explica pela misteriosa transferência da divina ex-personalidade, que se fundiu na individualidade impessoal (agora em sua plena forma trinitária de Mônada, como Âtmâ-Buddhi-Manas), para um novo corpo, seja objetivo e visível, seja subjetivo e invisível. No primeiro caso, temos um Mânushya-Buddhi; no segundo, um Nirmanakâya. Diz-se que Buddha está no Nirvana, embora o antigo corpo mortal ou corpo sutil de Gautama esteja ainda presente entre os iniciados; e que não deixará o reino do Ser consciente enquanto a humanidade sofredora necessitar de sua ajuda — pelo menos até o fim da atual Raça-Raiz. De tempo a tempo o Gautama "astral" se reúne misteriosamente, e de modo incompreensível para nós, com Avataras e grandes santos, e atua por intermédio deles. E os nomes de alguns são conhecidos.

Afirma-se, desse modo, que Gautama Buddha reencarnou em Shankarachârya — e que, conforme diz Sunnett em seu *Esoteric Buddhism*,

---

(1) Quando dizemos "Grandes Mestres", não queremos significar o Seu Ego Búddhico, mas o Princípio que servia de veículo ao seu Ego pessoal ou terreno.

(2) *Five Years of Theosophy*, nova edição, pág. 3.

"Shankarachârya *foi*, sob todos os aspectos, nem mais nem menos que Buddha em um novo corpo" [3]

Mas, conquanto seja verdadeira esta proposição em seu sentido místico, o modo de expressá-la pode induzir em erro, se não for acompanhado de explicações.

Shankarachârya era certamente um Buddha; não foi, porém, uma reencarnação de Buddha, embora o Ego "astral" de Gautama (ou melhor: seu Bodhisattva) possa ter-se associado misteriosamente a Shankara. Sim, talvez fosse o Ego de Gautama em novo e mais apropriado veículo — o de um brâmane da Índia meridional. Mas em ambos Âtman, o Eu Superior, era distinto do Eu Superior de Buddha, que então se encontrava em sua própria esfera cósmica.

Shankara foi um Avatar, no completo sentido deste termo. Sayanâchârya, o grande comentador dos *Vedas*, como tal o considera, ou seja, uma encarnação direta do próprio Shiva — o Logos, ou Sétimo Princípio da Natureza. A DOUTRINA SECRETA vê em Shankarachârya a morada, durante os trinta e dois anos de sua existência mortal, de um dos mais elevados Seres espirituais manifestados, uma "Chama", um dos Sete Raios primordiais.

E que se entende por "Bodhisattva"? Os budistas da escola mística Mahâyâna ensinam que todo BUDDHA se manifesta ao mesmo tempo (hipostaticamente ou de outro modo) em três mundos do Ser: no mundo de Kâma (de concupiscência ou desejo, o mundo sensorial, a nossa Terra), em forma humana; no mundo Rûpa supra-sensível, como Bodhisattva; e no mundo espiritual superior (o das existências incorpóreas), como Dhyâni-Buddha. Este último prevalece eternamente no espaço e no tempo; vale dizer, de um a outro Mahâ-Kalpa. E a culminação sintética dos três é Âdi-Buddha [4] — o Princípio-Sabedoria, que é absoluto e, portanto, fora do espaço e do tempo. A relação entre eles é a seguinte. Quando o mundo necessita de um Buddha humano, o Dhyâni-Buddha "cria", pelo poder de Dhyâna (meditação, devoção onipotente), um "filho nascido da mente" — um Bodhisattva, cuja missão é continuar, após a morte física do Mânushya Buddha (o Buddha humano), a obra deste na Terra, até a vinda do Buddha seguinte.

O significado esotérico do ensinamento é claro. No caso de um simples mortal, seus princípios são apenas os reflexos, mais ou menos brilhantes, dos sete Princípios celestes — a Hierarquia dos Seres supra-sensíveis. No caso de um Buddha, os princípios são eles-mesmos *in esse*. O Bodhisattva toma o lugar de seu Karâna Sharira e do resto correspondente; e é neste

(3) *Op. cit.*, pág. 183, 8.ª edição.

(4) Seria inútil objetar com argumentos de obras exotéricas às afirmações constantes deste livro, que visa a expor, ainda que superficialmente, ensinamentos esotéricos. É por estarem imbuídos de doutrinas exotéricas que o Bispo Bigandet e outros dizem que a noção de um supremo e eterno Âdi-Buddha só se encontra em escritos de data relativamente moderna. O que aqui expomos foi tomado das partes secretas do *Dus Kyi Khorlo* (em sânscrito *Kala Chakra*, que significa "Roda do Tempo" ou da duração).

sentido que a Filosofia Esotérica explica a frase: "Pelo poder de Dhyâna [ou meditação abstrata] o Dhyâni-Buddha [o Espírito ou a Mônada de Buddha] cria um Bodhisattva" — ou seja, o Ego astralmente revestido no Mânushya-Buddha. Por isso, enquanto o Buddha retorna ao Nirvana, de onde saiu, o Bodhisattva fica para prosseguir na Terra a obra do Buddha. Ao Bodhisattva podem assim pertencer os princípios inferiores do corpo de aparição do avatar Shankarachârya.

Ora, dizer que Buddha reencarnou novamente, depois de alcançar o Nirvana, seria uma heresia, tanto para o hinduísmo como do ponto de vista do budismo. A própria escola exotérica Mahâyâna, referindo-se aos três corpos "búddhicos" [5], ensina que o Buddha, uma vez que reveste o corpo de Dharmakâya (o Ser ideal e sem forma), abandona para sempre o mundo das percepções sensoriais, e já não tem, nem pode ter, nenhuma relação com ele.

Mas dizer, como o faz a Filosofia Esotérica ou Mística, que o Buddha, estando embora no Nirvana, pode deixar o Nirmanakâya (o Bodhisattva) para continuar-lhe a obra, é perfeitamente ortodoxo e conforme à escola esotérica Mahâyâna e à escola Prasanga Madhyâmika, que ensina um sistema por demais racionalista e antiesotérico.

Porque no Comentário ao *Kâla Chakra* se explica que existem:

1.° O Âdi-Buddha, eterno e não-condicionado.

2.° Os Sambhogakâya-Buddhas ou Dhyâni-Buddhas, existentes na eviternidade, e que jamais desaparecem. São, por assim dizer, os Buddhas *Causais*.

3.° Os Mânushya-Bodhisattvas.

A relação entre eles é determinada pela respectiva definição. Âdi-Buddha é Vajradhara, e os Dhyâni-Buddhas são Vajrasattva; mas, conquanto se trate de Seres distintos nos seus correspondentes planos, em verdade são idênticos, pois um atua por intermédio do outro, do mesmo modo que um Dhyâni atua por intermédio de um Buddha humano. Âdi é a "Inteligência Ilimitada"; Dhyâni é somente a "Inteligência Suprema". De Phra Bodhisattva, que depois foi Gautama Buddha na Terra, se diz que:

> "Tendo satisfeito todas as condições para alcançar imediatamente o estado perfeito de Buddha, o bendito Ser preferiu, movido por sua infinita compaixão para com todas as criaturas, reencarnar *mais uma vez,* em benefício da humanidade."

Segundo os ensinamentos esotéricos, o Nirvana dos budistas não é senão o limiar do Paranirvana; enquanto que para os brâmanes é o *summum*

---

(5) Estes três corpos são: 1.° o Nirmanakâya (em tibetano: Pru-Ipai-Ku), no qual o Bodhisattva, depois de entrar na senda do Nirvana pelos seis Pâramitâs, aparece entre os homens com a missão de instruí-los; 2.° O Sambhogakâya (em tibetano: Dzog-Pai-Ku), o corpo de bem-aventurança, impermeável às sensações físicas, de que se reveste aquele que satisfez os três requisitos de perfeição moral; 3.° o Dharmakâya (em tibetano: Chos-Ku), que é o corpo Nirvânico.

bonum, aquele estado final de onde não há retorno possível — pelo menos até o próximo Mahâ-Kalpa. Mas nem mesmo esta última ressalva é admitida por alguns filósofos demasiado ortodoxos e dogmáticos, que se opõem à doutrina esotérica, e para quem o Nirvana é a total aniquilação, em que nada existe: só o Todo não-condicionado. Para compreender em sua plenitude os característicos desse Princípio Abstrato, é preciso senti-lo por intuição e ter a completa percepção da "única condição permanente no Universo", que os hindus tão bem definem como o

"estado de perfeita inconsciência — o Chidâkâsham (campo ou base da consciência) verdadeiramente",

por paradoxal que possa isto parecer ao leitor profano [6].

Shankarachârya foi considerado como um Avatar — e assim também o crê a autora deste livro, sendo os outros, naturalmente, livres de o não admitir. E como Avatar ele tomou o corpo de um filho recém-nascido de um brâmane da Índia meridional, corpo que, por motivos tão importantes quanto misteriosos para nós, foi, como se diz, animado pelos resíduos astrais pessoais de Gautama. Este divino Não-Ego escolheu para seu próprio Upâdhi (base física) o Ego humano etéreo de um grande sábio do nosso mundo de formas, como o veículo mais apropriado a que nele descesse o Espírito.

Diz Shankarachârya:

"Parabrahman é Kartâ [Purusha], e não há outro Adhishtâthaâ [7]; e Parabrahman é Prakriti, e não há outra substância." [8]

Ora, o que é verdade no plano macrocósmico também o é no plano microcósmico. Portanto, estaremos mais perto da verdade se dissermos — uma vez admitida tal possibilidade — que o Gautama "astral", ou o Nirmanakâya, foi o Upâdhi do espírito de Shankarachârya, e não uma reencarnação daquele.

Quando tem de nascer um Shankarachârya, é óbvio que todos os princípios do homem mortal manifestado devem ser os mais puros e perfeitos da Terra. Em conseqüência, os princípios que estavam anteriormente em Gautama, o grande predecessor direto de Shankara, foram naturalmente atraídos para este, pois a economia da Natureza não admite a reevolução de princípios semelhantes a partir do estado grosseiro.

Mas cumpre não esquecer que os princípios etéreos superiores não são visíveis para o homem, como algumas vezes sucede com os princípios infe-

---

(6) *Five Years of Theosophy,* artigo: "Personal and Impersonal God", pág. 129.

(7) Adhishtâthâ — o agente operante em Prakriti (ou na matéria).

(8) *Vedanta-Sûtras,* Adhyâya [cap. I], shloka 23. Comentário. A passagem acima foi assim traduzida por Thibaut (*Sacred Books of the East,* XXXIV, pág. 286): "O Eu é, portanto, a causa operativa, porque não há outro princípio diretor; e a causa material, porque não há outra substância da qual possa originar-se o mundo."

riores e mais materiais (os corpos astrais por exemplo), e devem ser considerados antes como Potestades ou Deuses, separados ou independentes, do que como objetos materiais. Por isso, o mais acertado seria dizer que os diversos princípios (o Bodhisattva) de Gautama Buddha, que não foram para o Nirvana, se uniram para formar os princípios médios da entidade terrena Shankarachârya [9].

É de todo necessário estudar esotericamente a doutrina dos Buddhas e perceber as sutis diferenças entre os vários planos de existência, para que seja possível a compreensão correta do que acabamos de expor. Podemos, contudo, esclarecer um pouco mais, dizendo que Gautama, o Buddha humano, que tinha, exotericamente, Amithâbha por seu Bodhisattva, e Avalokiteshvara por seu Dhyâni-Buddha (a tríade emanada diretamente de Âdi-Buddha), os assimilou por seu "Dhyâna" (meditação), chegando deste modo a ser um Buddha ("iluminado"). De certa maneira, é esse o caso de todos os homens; cada um de nós tem o seu Bodhisattva (o princípio médio, se nos ativermos à divisão trina do grupo setenário) e o seu Dhyâni-Buddha, ou Chohan, o "Pai do Filho". Eis aí, em poucas palavras, o elo que nos une à Hierarquia superior de Seres Celestes; mas somos demasiado pecadores e imperfeitos para o perceber.

Seis séculos depois da desencarnação do Buddha humano (Gautama), outro reformador, tão nobre e compassivo quanto ele, ainda que menos favorecido pelas circunstâncias, surgiu em outra parte do mundo, numa raça menos espiritual. Há grande semelhança entre as influências exercidas pelos dois Salvadores, um no Oriente e o outro no Ocidente. Milhões de criaturas se converteram às doutrinas de ambos os Mestres; mas destruíram-nas ou deformaram-nas insidiosos inimigos alimentados pelo sectarismo, usando de maliciosas tergiversações de verdades que, estando ocultas, eram duplamente perigosas.

De Buddha disseram os brâmanes que, apesar de ser realmente um avatar de Vishnu, viera para destruir a crença bramânica, sendo assim o aspecto maligno do Deus. De Jesus afirmaram os gnósticos bardesianos e outros que era Nebu, um falso Messias, destruidor da religião ortodoxa. Alguns sectários disseram que ele foi "o fundador de uma nova seita dos

---

(9) Em *Five Years of Theosophy* (artigo "Shakya Muni's Place in History", pág. 234, nota) afirma-se que, estando um dia o Senhor na cova de Sattapani, comparou o homem com uma planta de sete folhas (Saptaparna).

"Mendicantes" — disse ele — "há sete Buddhas em cada Buddha, e há *seis* Bhikshus, mas um só Buddha, em cada mendicante. Quais são os *sete?* Os sete ramos do conhecimento integral. Quais são os *seis?* Os seis órgãos dos sentidos. E os *cinco?* São os cinco elementos do Ser ilusório. E qual é o Uno, que é também dez? É o verdadeiro Buddha, que desenvolve em si as dez formas de santidade e as submete todas ao Uno*..." Significa isso que cada princípio de Buddha era o supremo, ou seja, o de mais alta evolução possível na Terra; ao passo que, no caso de outros homens que alcançam o Nirvana, assim não ocorre necessariamente. Até mesmo como simples Buddha humano (Mânushya), Gautama foi um modelo para todos os homens. Mas os seus Arhats não o eram.

nazarenos". A palavra *naba*, em hebraico, significa "falar por inspiração" (נבא ou נבר é Nebo, o Deus de sabedoria). Mas Nebo é também Mercúrio, e este, no monograma hindu dos planetas, é Buddha. Confirmam-no os talmudistas, ao sustentarem que Jesus foi inspirado pelo Gênio (ou Regente) de Mercúrio, que Sir William Jones confunde com Gautama Buddha. Há muitos outros estranhos pontos de semelhança entre Buddha e Jesus, que não podem ser aqui expostos [10].

Se os dois Iniciados, por terem consciência do perigo de proporcionar às massas incultas os poderes inerentes ao conhecimento final, deixaram em profundas trevas os mais secretos recantos do santuário, quem, conhecendo a natureza humana, poderá censurá-los por isso?

É possível que Buddha houvesse revelado mais do que o estritamente necessário ao bem da posteridade. Contudo, guardou prudente reserva sobre os pontos mais perigosos do conhecimento esotérico, tendo morrido com a idade provecta de oitenta anos [11], convencido de haver ensinado as verdades essenciais e lançado as sementes para a conversão de um terço da humanidade.

Mas Jesus, que havia prometido aos seus discípulos conferir-lhes o dom de fazer "milagres" ainda maiores que os dele, só deixou ao morrer um pequeno número de discípulos fiéis, que estavam apenas a meio caminho do conhecimento. Tinham eles, portanto, que enfrentar um mundo ao qual só podiam transmitir o incompleto conhecimento que possuíam, e nada mais.

Em épocas posteriores, os partidários exotéricos de ambos os Mestres deturparam as verdades ensinadas, a tal ponto que muitas vezes as deixaram irreconhecíveis. No que respeita aos prosélitos do Mestre ocidental, a prova está em que nenhum deles pode atualmente realizar os "milagres" prometidos. Defronta-lhes esta alternativa: ou reconhecerem o próprio erro, ou levarem o Mestre à barra do tribunal por haver formulado uma promessa vã, uma jactancia sem apoio na realidade [12].

Por que essa diferença no destino dos dois? Para os ocultistas, o enigma da desigualdade do Karma (ou Providência) é decifrado pela DOUTRINA SECRETA.

---

(10) *Ísis sem Véu*, vol. II, pág. 132.

(11) Os ensinamentos esotéricos dizem que viveu cem anos.

(12) "Antes de chegar a ser um Buddha é preciso ser um Bodhisattva; antes de chegar a Bodhisattva cumpre ser um Dhyâni-Buddha... Um Bodhisattva é o caminho para ir ao Pai, e do Pai à Essência Única e Suprema" (*Descent of Buddhas*, pág. 17, de Aryâsanga). "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim" (*São João*, XIV, 6). O "caminho" não é a "meta". Em nenhuma passagem do *Novo Testamento* se vê Jesus chamar a si mesmo Deus, ou mais do que um "Filho de Deus", o filho de um "Pai" comum a todos, sinteticamente. Paulo nunca disse: "Deus se manifestou na carne", mas sim: "Aquele que se manifestou na carne" (*I Timóteo*, III, 16). Enquanto os budistas em geral, e especialmente os da Birmânia, consideram Jesus como a encarnação de Devadatta, um parente que se opôs aos ensinamentos de Buddha, os estudantes da Filosofia Esotérica vêem no Sábio nazareno um Bodhisattva a quem animou o espírito do próprio Buddha.

"Não é lícito" falar publicamente destas coisas, como nos diz São Paulo. Podemos apenas dar mais uma explicação acerca deste assunto.

Dissemos anteriormente que o Adepto que se submete, por auto-sacrifício, a uma nova existência, renunciando ao Nirvana, embora não venha a perder os conhecimentos adquiridos em vidas passadas, jamais pode elevar-se a mais alto nível nesses corpos de empréstimo. Por quê? Simplesmente porque em tal caso ele se converte em veículo de um "Filho da Luz" pertencente a uma esfera ainda mais elevada, de um Ser que, sendo *arûpa*, carece de corpo astral próprio para atuar a ponto neste mundo.

Esses "filhos da Luz" ou Dhyâni-Buddhas são os Darmakâyas de Manvantaras precedentes, que, terminado seu ciclo de encarnações (no sentido ordinário) — e portanto já não tendo Karma —, abandonaram há muito seus *rûpas* individuais e se identificaram com o primeiro Princípio.

Daí a necessidade de um Nirmanakâya, que se ofereça em sacrifício e esteja disposto a sofrer pelos erros e pecados do novo corpo em sua peregrinação terrestre, sem qualquer recompensa futura na ordem evolutiva, pois que não há renascimentos para ele, no sentido comum desta palavra. O Eu Superior, ou Mônada divina, não está, em semelhante caso, preso ao Ego inferior; sua conexão é apenas temporária, e quase sempre atua segundo os ditames do Karma. É um verdadeiro e genuíno sacrifício, cuja explicação pertence à mais alta Iniciação de Jnâna (Conhecimento Oculto). Está intimamente relacionado, pela evolução direta do Espírito e a involução da Matéria, com o grande e primevo Sacrifício na manifestação dos Mundos, a gradual submersão e morte do espiritual no material.

A semente "não vivificará, se primeiro não morrer" [13]. Por isto mesmo, no Paramusha Sûkta do *Rig Veda* [14], fonte e origem de todas as religiões posteriores, está dito alegoricamente que "o Purusha de mil cabeças" foi assassinado quando se fundou o Mundo, para que de seus restos nascesse o Universo. Isto não é nada mais, nada menos, que a base, a semente em verdade, do símbolo do Cordeiro sacrifical, que se encontra sob múltiplas formas em várias religiões, inclusive no Cristianismo. Temos aqui um jogo de palavras. O termo sânscrito "Aja" (Purusha), com que se designa o Espírito Eterno, o "não-nascido", quer dizer também "cordeiro". O Espírito como que desaparece, ou morre (metaforicamente) ao descer na matéria — e daí a alegoria do sacrifício do "não-nascido", ou do "cordeiro".

Só compreenderão por que BUDDHA elegeu este sacrifício aqueles que, ao minucioso conhecimento de Sua vida terrena, aliem uma completa compreensão das leis do Karma. Todavia, casos como o de Gautama são excepcionalíssimos.

Consoante a tradição, os brâmanes cometeram um grave pecado quando perseguiram Gautama BUDDHA e lhe condenaram os ensinamentos, em vez de harmonizá-los com os dogmas do puro hinduísmo védico, como o fez mais

(13) *I Corintios*, XV, 36.

(14) *Op. cit.*, Mandala X, Hino 90.

tarde Shankarachârya. Jamais Buddha se opôs aos *Vedas;* apenas combateu o alargamento exotérico de interpretações eivadas de preconceitos. O Shruti, a divina revelação oral de que resultaram os *Vedas,* é eterno, e chegou aos ouvidos de Gautama Siddharta do mesmo modo que aos dos Rishis que o transcreveram. Ele aceitou a revelação, mas rejeitou os posteriores acréscimos introduzidos pela imaginação e a fantasia dos brâmanes; e fundou as suas doutrinas sobre as bases da mesma verdade imperecível.

Como no caso de seu sucessor ocidental, Gautama, o "Misericordioso", o "Puro" e o "Justo", foi o primeiro Adepto na hierarquia oriental, se não no mundo inteiro, que estreitou em fraternal abraço todos os homens, sem distinção de raça, nascimento ou casta. Foi quem primeiro proclamou essa nobre e grande máxima, e o primeiro que a pôs em prática. Os pobres, os oprimidos, os párias e os miseráveis, Ele os convidou a tomar parte no festim real; e excluiu os que até então se tinham acastelado no orgulho e no egoísmo, crendo que os contaminava até a sombra dos deserdados da terra. Os brâmanes sem espiritualidade insurgiram-se contra Ele, em razão daquela preferência. E daí em diante nunca perdoaram ao príncipe-mendigo, ao filho de reis que, desprezando a própria categoria e posição social, abriu de par em par as portas do santuário, até então interdito aos párias e aos homens de condição inferior, e sobrepôs o mérito pessoal ao direito hereditário e à riqueza material. O pecado era deles; mas a causa era de BUDDHA: por isso o "Misericordioso", o "Bendito", não podia afastar-se inteiramente deste mundo de ilusão e de causas geradas sem expiar os pecados de todos — e, portanto, os dos próprios brâmanes.

Se o "homem aflito pelo homem" encontrou um refúgio seguro junto ao Tathâgata, o "homem que aflige o homem" foi também quinhoado com o Seu auto-sacrifício e o seu compassivo amor. Diz-se que Ele desejou expiar todos os pecados de seus inimigos, e somente depois quis ser um Dharmakâya completo, um Jivanmûkta "sem resíduos".

O fim da vida de Shankarachârya nos põe em presença de um novo mistério. Shankarachârya se retira para uma gruta dos Himalaias, sem consentir que o siga nenhum de seus discípulos, e dali desaparece para sempre das vistas profanas. Morreu? A tradição e a crença popular respondem negativamente, e alguns dos Gurus da região não desmentem o rumor, se é que o não confirmam expressamente.

Mas somente os Gurus conhecem a verdade com todos os seus pormenores, tal como ensinada pela DOUTRINA SECRETA; e eles não a comunicam senão — quando julgam conveniente fazê-lo — aos discípulos diretos do grande Mestre dravidiano. Entretanto, perdura a crença de que esse Adepto dos Adeptos ainda vive atualmente, em sua entidade espiritual, como uma presença misteriosa e invisível, mas inconcussa, na Fraternidade de Shamballa, além, muito além, dos nevados cumes da cordilheira dos Himalaias.

Seção XLIV

"REENCARNAÇÕES" DE BUDDHA

Cada seção do capítulo referente ao "Dezhin Shegs-pa" ou "Tathâgata" [1] nos "Comentários" corresponde a um ano da vida do grande filósofo, considerado em seu duplo aspecto de instrutor público e privado. Diz-se que o Sábio, depois de uma longa série de estudos, meditações e iniciações, alcança a iluminação como qualquer outro Adepto o teria de fazer, sem omitir um só dos degraus que conduzem à árdua "Senda da Perfeição". O Bodhisattva faz-se Buddha e Nirvâni por seu próprio esforço e mérito pessoal, depois de suportar as difíceis provas por que passam os demais neófitos — e não por causa do seu divino nascimento, como supõem alguns. Alcança o Nirvana em sua vida mortal nesta Terra, porque para tal o predispôs, em existências anteriores, seu grande adiantamento na "Via de Dzyan" (conhecimento, sabedoria).

As qualidades mentais, os dons intelectuais e o conhecimento abstrato acompanham o iniciado ao renascer; mas ele tem que adquirir novas faculdades fenomenais, passando por todas as fases sucessivas. Deve adquirir, um após outro, "os sete preciosos dons" (Rin-ch'enna-dun) [2]. Durante o período de meditação deve rechaçar de sua mente todas as manifestações mundanas do plano físico. O Zhine-lhagthong (em sânscrito: Vipashya, meditação religiosa abstrata) desenvolverá nele maravilhosas faculdades. Uma vez adquiridos os quatro graus de contemplação ou Samtan (em sânscrito: Dhyâna), tudo se torna fácil. Porque, tão logo o homem se desfaz inteiramente da idéia de individualidade, funde seu Eu no Eu universal, semelhando, por assim dizer, ao aço que recebe as propriedades do ímã (Âdi-Buddha ou Anima-

---

(1) Literalmente: "o que segue o caminho de seus predecessores".

(2) Schmidt, em *Slanong Seetsen*, pág. 471, e Schlagintweit, em *Buddhism in Tibet*, pág. 53, aceitam *literalmente* estes preciosos dons, enumerando-os assim: "a roda, a pedra preciosa, a real consorte, o melhor tesoureiro, o melhor cavalo, o elefante, o melhor guia". Depois disso, não é de admirar que, "além de um Dhyâni-Buddha e um Dhyâni-Bodhisattva", se dê a cada Buddha humano "uma companheira, uma Shakti" — quando em verdade "Shakti" é simplesmente o poder da alma, a energia psíquica, assim do Deus como do Adepto. A "real consorte", o terceiro dos "sete preciosos dons", induziu mui provavelmente os ilustres orientalistas a incorrerem nesse visível erro.

Mundi); despertam poderes até então latentes nele, revelam-se mistérios da Natureza invisível; e, tornando-se Thonglam-pa (Vidente), ele se converte em Dhyâni-Buddha. Então conhece todos os mantras ou palavras místicas (Zung; em sânscrito: Dharâni) do Lokottaradharma (o mundo superior das causas).

Assim, vinte anos depois de sua morte física, o Tathâgata, em seu imenso amor, em sua "compaixão e misericórdia" para com os homens, renuncia ao Paranirvana [3], a fim de poder continuar a ajudar a ignorante humanidade.

Diz um Comentário:

O que alcança a Senda da Libertação [Tharlan], e fica isento da transmigração, já não pode cumprir o Tulpa [4], porque tornar-se Paranirvani é cerrar o círculo do Setenário Ku-Sum [5]. Dá-se a fusão do seu Dorjesempa [Vajrasattva] de empréstimo no Universal, fazendo-se uno com ele.

Vajradhara ou Vajrasattva (em tibetano: Dorjechang, Dorjedzin ou Dorjesempa) é o Regente ou Presidente de todos os Dhyân-Chohans ou Dhyâni-Buddhas, o mais alto, o Supremo Buddha; pessoal, ainda que nunca manifestado objetivamente; o "Vencedor Supremo", o "Senhor dos Mistérios", o "Ser sem Princípio nem Fim"; em suma, o Logos do Budismo. Porque Vajrasattva é nem mais nem menos que o chefe (Tsovo) dos Dhyâni-Buddhas ou Dhyân-Chohans, e a Suprema Inteligência do Segundo Mundo; e Vajradhara (Dorjechang) é tudo aquilo que se enumerou. "Vajrasattva e Vajradhara são um, e contudo são dois"; acima deles está "Chang, a Suprema Sabedoria Não-Manifestada e Universal, que não tem nome".

Como dois em um, Vajrasattva e Vajradhara são a Potestade que desde o princípio venceu e subjugou o mal, permitindo que reinasse apenas sobre os homens vis da Terra, sem poder algum sobre os que o odeiam e desprezam. Fácil é compreender o significado esotérico desta alegoria. Exotericamente, Vajradhara-Vajrasattva é o Deus ante o qual tremem todos os espíritos malignos e a quem juraram não impedir a propagação da Boa Lei (a religião budista). Assim, esse personagem dual representa no Budismo canônico e dogmático do Tibete o mesmo papel atribuído a Jehovah entre os Judeus, ao Arcanjo Miguel entre os cristãos e ao Metraton entre os caba-

---

(3) Um Bodhisattva pode alcançar o Nirvana em vida, como no caso de Buddha, e, depois da morte, recusar a reencarnação objetiva ou aceitá-la para o uso que julgar conveniente em benefício da humanidade. Esta pode ser instruída de várias maneiras enquanto ele permanece nas regiões devachânicas dentro da esfera de atração da Terra. Mas o que alcança o Paranirvana, ou Nirvana "sem resíduos", isto é, a suprema condição de Dharmakâya, completamente estranha a tudo o que é terreno, esse, por haver transposto o ciclo dos nascimentos, já não pode regressar antes do começo de um novo Manvantara.

(4) Tulpa [Tul-Ku?] é a encarnação voluntária de um Adepto em um corpo vivo, seja o de um adulto, seja o de uma criança ou recém-nascido.

(5) Ku-Sum é a tríplice modalidade do estado de Nirvana e sua respectiva duração no "ciclo do Não-Ser". Aqui o número sete se refere às sete Rondas do nosso Sistema setenário.

listas. A demonstração é simples. Miguel é o "Anjo da Face de Deus", ou seja, o representante do Senhor. "Irá *contigo* a minha face" (em inglês: "presença") junto aos israelitas, declara Deus a Moisés [6]. "O Anjo de Sua face" (em hebraico: "de sua presença"), etc. [7].

Os católicos identificam Miguel com Cristo, de quem o supõem *ferouer*, ou "face" em sentido místico. É este precisamente o conceito de Vajradhara ou Vajrasattva no Budismo setentrional; porque Vajrasattva em seu aspecto superior de Vajradhara (Dorjechang) *nunca* se manifesta, exceto aos sete Dhyân-Chohans (os primitivos Construtores), e é, esotericamente, o Ātman ou Sétimo Princípio dos "Sete", considerados coletivamente. Em sentido exotérico há sobre ele muitas fábulas no *Kâla Chakra* [8].

Diz-se que Vajradhara (Dorjechang, a sabedoria) reside no segundo mundo *arûpa*, o que o relaciona com o Metraton do primeiro mundo dos Espíritos puros, o mundo *briático* dos cabalistas, que chamam a este Anjo El-Shaddai, o onipotente e Poderoso. Em grego Metraton é ἀνγελος, Mensageiro ou Grande Instrutor. Miguel combate com Satã (o Dragão), e o vence — a ele e seus anjos caídos. Vajrasattva, que se identifica com Vajrapâni, o Dominador dos espíritos malignos, derrota Râhu, o Grande Dragão, que está sempre tentando devorar o Sol e a Lua (eclipses). A "Guerra no Céu", da lenda cristã, tem por fundamento a descoberta, pelos anjos maus, do mistério da "Árvore da Vida" e dos segredos dos bons — a sabedoria mágica (Enoch). Quem quer que leia os relatos exotéricos dos panteões hindu e budista (a versão do segundo é derivada do primeiro) verá que ambos se baseiam na mesma primitiva e arcaica alegoria da DOUTRINA SECRETA.

Nos textos exotéricos hindus e budistas, os Deuses batem o oceano para extrair a Água da Vida, o Amrita ou Elixir do Conhecimento. O Dragão rouba parte do Amrita, e em castigo Vishnu (Vajradhara, ou o chefe dos Deuses) o expulsa do céu. A mesma coisa nos diz o *Livro de Enoch;* e o *Apocalipse* de São João nos dá um relato poético da lenda. E agora a alegoria, com todos os seus lavores fantasiosos, converteu-se em dogma de fé!

Conforme veremos mais adiante, os mosteiros dos lamas tibetanos contêm muitas obras secretas e semi-secretas que expõem com minúcias as vidas de grandes sábios. Muitas narrativas foram baralhadas de propósito, e algumas desorientam o leitor que não possua a chave de sua interpretação, porque um mesmo nome serve para designar vários instrutores que seguiam idêntica linha doutrinária. Assim, há uma sucessão de "Buddhas vivos", e a uma série de mestres se dá o mesmo nome de "Buddha".

Escreve Schlagintweit:

---

(6) *Êxodo*, XXXIII, 14.

(7) *Isaías*, LXIII, 9.

(8) A obra mais importante da divisão Gyut [(D)gyut] (conhecimento místico) do *Kanjur*.

"Cada Buddha humano tem um Dhyâni-Buddha e um Dhyâni-Bodhisattva. E o número ilimitado dos primeiros implica também ilimitado número dos segundos." [9]

[Mas, se assim é (como o justifica o emprego exotérico e esotérico do nome), deve o leitor guiar-se por sua própria intuição para distinguir entre os Dhyâni-Buddhas e os Buddhas humanos, não atribuindo ao grande BUDDHA da Quinta Raça tudo quanto se diz a respeito de "Buddha" em livros intencionalmente velados.

Em um desses livros se vêem estranhas e obscuras afirmações, que a autora transcreve sob sua exclusiva responsabilidade, visto que poucos são capazes de perceber o significado oculto em palavras cujo sentido aparente é enganoso.] [10] Conta-se que Shankarachârya, cansado de seu corpo mortal, na idade de trinta e dois anos, "dele se desfez" na caverna onde se recolhera, e o Bodhisattva que animava sua personalidade inferior ficou livre

"da carga de um pecado que não havia cometido".

Ao mesmo tempo se acrescenta que:

"Seja qual for a idade em que um indivíduo voluntariamente se desfaça de seu corpo, nessa mesma idade terá que sofrer morte violenta *contra sua vontade,* na vida seguinte. — *Comentário.*"

Ora, o Karma não podia ter influência sobre "Mahâ Shankara" (como o chamam as obras secretas), pois, como Avatar, não tinha ele Ego próprio, senão um Bodhisattva — uma voluntária vítima propiciatória. E este último não era responsável pelas ações, boas ou más. Não podemos, portanto, compreender este ponto, uma vez que o Karma não atua injustamente. Há nessa história algum terrível mistério, que a mente não-iniciada é incapaz de deslindar. Um mistério, que não deixa, contudo, de suscitar a pergunta: A quem, então, puniu o Karma? Responda quem souber.

Diz-se que alguns séculos mais tarde Buddha encarnou no corpo de ***, e que cinqüenta anos depois da morte deste Adepto reencarnou na personalidade que recebeu o nome de Tiani-Tsang. Não se dá nenhum informe ou explicação a respeito de tais renascimentos. Declara-se tão somente que o último Buddha devia esgotar os resíduos do seu Karma, ônus a que nem os próprios Deuses se podem eximir; e que estava ele obrigado a velar ainda mais profundamente certos mistérios que, semi-explicados antes, deram lugar

(9) *Buddhism in Tibet,* pág. 52. O uso genérico de um nome também é corrente entre os hindus, como sucede com o nome de Shankarachârya, para não citar senão um exemplo. Todos os sucessores deste Adepto são assim chamados, embora não sejam reencarnações dele. O caso dos "Buddhas" é idêntico.

(10) [O texto entre colchetes serve de antecedente às afirmações que se seguem e que, expostas em termos confusos e contraditórios, levam a supor que H.P.B. tencionava provavelmente elucidá-las de algum modo, pois as escreveu duas ou três vezes com redações diferentes. O manuscrito de H.P.B. é sumamente confuso neste ponto, e assim o reproduzimos, com as adições que se vêem entre colchetes.] — Nota de A.B.

a interpretações errôneas. Eis aqui a tradução da passagem que se refere ao assunto [11]:

"Nasceu cinqüenta e dois anos cedo demais como Shramana Gautama, filho do Rei Zastang [12]; depois, ausentou-se cinqüenta e sete anos cedo demais como Mahâ Shankara, que se cansou de sua forma externa. Este ato voluntário desagradou o Rei Karma, que matou a nova forma de *** aos trinta e três anos [13], que era a idade do corpo abandonado. Em sua existência seguinte morreu com pouco mais de trinta e dois anos; e na imediata aos oitenta anos — aparentemente (Mâyâ), mas na realidade aos cem anos. O Bodhisattva escolheu o corpo de Tiani-Tsang [14], e depois o Sugata foi Tsong-Kha-pa, que se converteu assim em De-zhin-Shegs-pa [Tathâgata, 'aquele que segue a trilha de seus predecessores']. O Bendito pôde beneficiar a sua geração, como ***, mas não a posteridade, e por isso reencarnou como Tiani-Tsang somente para apurar os resíduos [de seu Karma, segundo nossa interpretação]. Os Sete Caminhos e as Quatro Verdades foram mais uma vez encobertos. O Misericordioso reservou, desde então, a sua atenção e paternal cuidado ao coração de Bodyul, o canteiro das sementes da verdade. Os benditos 'resíduos', daí em diante, têm provido muitos santos corpos de Bodhisattvas humanos."

Não existe na obra secreta nenhum outro pormenor ou esclarecimento. Tudo ali é obscuridade e mistério. Deve ter sido escrita para quem já estivesse instruído. No original, vários asteriscos em vermelho vivo substituem os nomes; e a descrição dos poucos fatos que se mencionam sofre brusca interrupção. A chave do enigma é deixada à intuição do leitor, a menos que os "discípulos diretos" de Gautama Buddha ("aqueles que se verão repudiados por sua Igreja no próximo ciclo") e de Shankarachârya se disponham a acrescentar algo mais.

A seção final é uma espécie de resumo das setenta seções em que se enfeixam episódios de setenta e três anos da vida de Buddha [15]. Eis aqui uma condensação do último parágrafo:

"O Mestre de incomparável misericórdia saiu de —, o mais excelente dos três retiros secretos [Sang-Sum], e depois de haver cumprido melhor que todos os anacoretas o rito de —, e de separar-se deles [16], percebeu pelo [poder de] Hlun-Chub [17] qual era

(11) Há vários nomes indicados apenas por asteriscos.

(12) O rei Suddhodana.

(13) Shankarachârya morreu, também, aos trinta e dois anos de idade, ou melhor, desapareceu da vista de seus discípulos, segundo reza a tradição.

(14) Foi "Tiani-Tsang" posto aqui em lugar de Apolônio de Tiana? É simples conjectura. Certas circunstâncias da vida deste grande Adepto parecem apoiar a hipótese; outras, porém, a contrariam.

(15) Segundo os ensinamentos esotéricos, Buddha viveu realmente cem anos; mas, como houvesse atingido o Nirvana aos oitenta anos, foi desde então considerado morto para o mundo dos homens. — Veja-se o artigo "Shâkyamuni's Place in History" em *Five Years of Theosophy*, pág. 230.

(16) É um rito secreto pertencente à alta Iniciação, com o mesmo significado daquele a que alude Clemente de Alexandria ao falar da "separação de Cristo" em nós como sinal de reconhecimento (*Strom.*, cap. XIII). Schlagintweit inquire o que pode ser isso, e diz: "A representação típica do eremita foi sempre a de um homem de longa barba e cabelos igualmente compridos... Um rito habitualmente preferido, sem que me seja dado atinar a razão, é o de Chod (*cortar* ou *destruir*), sobre cujo significado os lamas guardam impenetrável segredo". (*Buddhism in Tibet*, pág. 163).

(17) Hlun-Chub é a faculdade divinatória do homem, o mais alto grau de clarividência.

seu próximo dever. O Insigne meditou, perguntando a si mesmo se isso ajudaria as gerações (futuras). O de que eles necessitavam era a vista de Mâyâ em um corpo de ilusão. Qual? ... O grande vencedor das dores e aflições levantou-se e regressou ao seu lugar de nascimento. Ali, Sugata foi bem recebido por mui poucos, pois eles não conheciam Shramana Gautama. 'Shâkya [o Poderoso] está no Nirvana ... Ele deu a Ciência aos Shuddhas [Shudras]', disseram os de Damze Yul [o país dos brâmanes: a Índia] ... Por isso, cheio de piedade, retirou-se o Glorioso Ser para —, aparecendo mais tarde [karmicamente] como Mahâ Shankara; e por piedade como ***, e outra vez como ***, e ainda como Tsong-Kha-pa ... Porque aquele que prefere a humilhação deve descer, e o que *não ama* permite que o Karma o levante." [18]

Esta passagem é sem dúvida obscura, e deve ter sido escrita para alguns poucos que pudessem compreendê-la. Nada mais é lícito dizer, porque ainda não chegou o tempo em que a humanidade esteja disposta a ouvir a verdade em sua plenitude. As antigas religiões abundam em mistérios, e a revelação de alguns deles teria fatalmente como resultado uma explosão de ódios, a que talvez se seguisse o derramamento de sangue ou coisa pior. Bastará saber que, se Gautama Buddha passou ao Nirvana depois de sua morte, Gautama Shâkyamuni é possível que se tenha reencarnado. Esta dual personalidade interna é um dos maiores mistérios do psiquismo esotérico.

O lugar dos "três retiros secretos" se refere ao sítio em que moram os altos Iniciados e seus discípulos. Os "segredos" são os três poderes místicos conhecidos como Gopî, Yasodharâ e Varnâ Uptala [19], que Csomo de Koros confundiu com três esposas de Buddha, assim como outros orientalistas tomaram por esposa de Buddha a Shakti, o poder da Yoga personificado em uma divindade feminina, ou a Draupadi, também um poder espiritual, como a esposa comum dos cinco irmãos Pândavas.

---

(18) O significado secreto desta frase é que o Karma exerce sua influência sobre o Adepto como sobre outro homem qualquer. Os "Deuses" estão sujeitos ao Karma da mesma forma que os simples mortais. O Adepto que entra na Senda e alcança o Dharmakâya (o Nirvana, de onde não há volta até o próximo Kalpa) tem o direito de eleger uma condição inferior, mas com a faculdade de retornar quando lhe parecer conveniente e sob a personalidade que lhe aprouver. Deve estar preparado para enfrentar todos os riscos de um possível malogro — porque tal é a lei oculta. O que usa de seus direitos perante o Karma tem que arrostar todas as conseqüências, se as houver. Assim, a primeira reencarnação de Buddha foi determinada pelo Karma, e o conduziu a alturas nunca antes igualada; as duas reencarnações subseqüentes foram: "por piedade" e como ***. Só o Karma é justo e infalível em suas escolhas ...

(19) [Leia-se Utpala ou Utpalam, que significa "um lótus azul"; Varnâ quer dizer "cor".]

Seção XLV

UM SERMÃO INÉDITO DE BUDDHA

(Consta no segundo *Livro de Comentários*, e é dirigido aos Arhats.)
Disse o Todo-Misericordioso:

"Bem-aventurados sois, ó Bhikshus! Ditosos sois vós, que compreendestes o mistério do Ser o do Não-Ser, explicado no Bas-pa [Dharma, Doutrina], e preferistes o Não-Ser, porque em verdade sois meus Arhats... O elefante que vê sua forma refletida no lago, e se afasta depois de a contemplar, tomando-a pelo corpo real de outro elefante, é mais sábio do que o homem que, fitando a própria imagem no rio, exclama: 'Este sou eu... Eu sou eu': porque o 'Eu', o seu Eu, não está no mutável mundo dos doze Nidanas, mas no do Não-Ser — o único que sobrepaira a todos os enganos e seduções de Mâyâ... O verdadeiro 'Eu' [Ego], o Eu do Universo, não tem causa nem autor: existe por si mesmo, é eterno e está muito além do alcance da mutabilidade. O Universo de Nam-Kha [1] diz: 'Eu sou o mundo de Sien-Chan' [2]. As quatro ilusões riem, e respondem: 'Assim é realmente'. Mas o verdadeiro sábio percebe que nem o homem nem o Universo, que ele cruza como uma sombra fugidia, são reais — assim como não é o Sol a gota de orvalho que reflete um de seus raios ao romper do dia... Três coisas há, ó Bhikshus!, eternamente as mesmas e que jamais sofrem vicissitude nem modificações: a Lei, o Nirvana e o Espaço [3]. Os três são Um, pois que os dois primeiros estão contidos no terceiro, e este por sua vez é um Mâyâ, enquanto o homem permanece no torvelinho das existências sensoriais... Não é necessário que morra o corpo para evitar as acometidas da concupiscência e de outras paixões. O Arhat que observa os sete preceitos ocultos de Bas-pa pode chegar a ser Dang-ma e Lha [4].

---

(1) A ilusão universal.

(2) O Universo de Brahmâ (Sien-Cham; Nam-Kha) é a Ilusão Universal ou o nosso mundo fenomenal.

(3) Akâsha. É quase impossível traduzir a palavra mística "Tho-og" por outra que não seja "Espaço"; pois, a não ser que se invente uma palavra *ad hoc*, não há outra que possa representar com fidelidade a idéia na mente do ocultista. A palavra "Aditi" se traduz também por "Espaço", e abrange um mundo de significados.

(4) Dang-ma é uma alma purificada. Lha é um espírito livre, mas encarnado em um corpo vivo, isto é, um Adepto ou Arhat. Segundo a crença popular no Tibete, o Lha é um espírito desencarnado, algo semelhante — mas superior — ao Nat dos birmaneses.

Pode ouvir a 'santa voz' de *** [Kwan-yin] [5] e achar-se no tranqüilo recinto de seu Sanghârâma [6], transportado a Amitâbha Buddha [7]. Ao unir-se com Anuttara Samyak Sambodhi [8], pode passar através de todos os seis mundos do Ser (Rûpaloka) [9] e entrar nos três primeiros mundos de Arûpa . . . Aquele que escutar a minha secreta lei, pregada aos meus Arhats eleitos, chegará com sua ajuda ao conhecimento do Eu, e daí à perfeição."

E. Burnouf e outros eruditos de prol deduziram de proposições tais como "o meu corpo não é corpo" e "o meu Eu não é meu eu" (enunciadas também pelos vedantinos) que a psicologia oriental se baseia na impermanência ou aniquilação. Mas isto só pode ocorrer aos que têm idéias errôneas sobre o pensamento oriental e ignoram a existência de uma chave esotérica para a compreensão das sentenças budistas.

Cousin, por exemplo, em uma conferência sobre este assunto, citou as duas proposições seguintes para sustentar, com apoio na autoridade de Burnouf, que o budismo, à diferença do hinduísmo, nega a persistência do princípio pensante:

1.° O pensamento ou espírito [10] (porque a faculdade não é distinta do sujeito) brota unicamente da sensação, e não sobrevive a ela.

2.° O espírito não pode subsistir por si só, e ao dirigir a atenção sobre si mesmo não deduz senão o conhecimento de sua impotência para, em qualquer circunstância, ver-se de outro modo que não sucessivo e transitório.

Tudo isso se entende com o espírito encarnado, e não com o Eu livre e espiritual, em que Mâyâ já não exerce influência. O espírito não é o corpo; daí por que os orientalistas o consideram "ninguém" e "nada". E por isso são os budistas por eles classificados como niilistas, e os vedantinos como sectários de uma crença em que "o Impessoal [Deus] se reduz a um mito", e cuja meta é:

"A completa extinção de todo poder espiritual, mental e físico, por absorção no Impessoal" [11].

---

(5) Kwan-yin é um sinônimo, pois no texto original foi empregado outro vocábulo, cujo sentido é idêntico. É a voz divina do Eu ou a "voz do Espírito" no homem, o mesmo que o Vâchishvara (a "Voz da Divindade") dos brâmanes. Os ritualistas do Budismo chinês degradaram a significação da palavra, antropomorfizando-a em uma deusa do mesmo nome (Kwan-shai-yin-Bodhisat) com mil mãos e mil olhos. É o *daimon* dos budistas — a voz interna de Sócrates.

(6) Sanghârâma é o *sanctum sanctorum* do asceta, uma gruta ou o lugar que ele escolhe para sua meditação.

(7) Amitâbha Buddha é aqui a "infinita luz" que permite ver as coisas do mundo subjetivo.

(8) Esta denominação se aplica aos Jivanmuktas ou "Seres Perfeitos", e significa esotericamente "o coração de insuperável misericórdia e sabedoria".

(9) Estes mundos, sete com o nosso, são os mundos dos Nats ou Espíritos entre os budistas da Birmânia, e os sete mundos superiores dos vedantinos.

(10) Duas coisas inteiramente distintas entre si. "A faculdade não é distinta do sujeito"; mas somente no plano material, quando o pensamento gerado no cérebro físico não fica impresso ao mesmo tempo em sua contrapartida espiritual, por atrofia desta última ou por debilidade intrínseca do próprio pensamento, caso em que nunca sobrevive ao corpo. Tal é o conceito verdadeiro.

(11) *Vedânta Sâra,* tradução do Major Jacob, pág. 123.

Seção XLVI

NIRVANA – MOKSHA

As poucas frases que transcrevemos, na seção anterior, de um dos ensinamentos secretos de Gautama Buddha, mostram que se não justifica o qualificativo de "materialista", com que alguns se referem àquele a quem dois terços dos Adeptos e ocultistas orientais reconhecem por seu Mestre, seja com o nome de Buddha, seja com o de Shankarachârya.

Atente o leitor em que as palavras transcritas correspondem ao que, segundo os ocultistas tibetanos, Buddha Sang-gyas (ou Pho) ensinava, a saber, que há três coisas eternas: a Lei, o Nirvana e o Espaço. Por outra parte, os budistas do Sul afirmam que para Buddha havia apenas duas coisas eternas: o Akâsha e o Nirvana. Mas, sendo Akâsha sinônimo de Aditi [12], e ambos equivalentes a "Espaço", não existe discrepância, pois que tanto o Nirvana como o Moksha são um estado. E o grande sábio de Kapilavastu unifica os dois com o terceiro em um elemento eterno, e conclui dizendo que ainda "este é um Mâyâ" para quem não seja Dang-ma, isto é, uma alma perfeitamente purificada.

Toda a questão em torno deste assunto provém dos errôneos conceitos materialistas e do desconhecimento da metafísica oculta. Para o homem de ciência que considera o Espaço como simples representação mental, algo existente *pro forma*, sem realidade fora de nossa mente, o Espaço *per se* é pura ilusão. Não importa que a Ciência o faça encher com o "hipotético" éter: para ela, o Espaço é uma abstração. E, do ponto de vista oculto, a maioria dos metafísicos europeus distam da compreensão exata do "Espaço" tanto quanto distam os materialistas; se bem que haja naturalmente grande diferença entre o erro conceptual de uns e o dos outros.

Se compararmos o critério dos antigos filósofos, neste ponto, com o das chamadas ciências físicas exatas do nosso tempo, veremos que só há divergência no tocante aos nomes e às deduções, e que os postulados, redu-

(12) Segundo o *Rig Veda*, Aditi é "o Pai e a Mãe de todos os Deuses". O Budismo do Sul considera o Akâsha como a raiz de tudo — a raiz de onde saíram todas as coisas no Universo, em virtude de uma lei de movimento que lhe é inerente; e é isto o "Espaço" tibetano (Tho-og)

zidos à sua mais simples expressão, coincidem. Desde os primórdios dos evos humanos, desde a aurora da Sabedoria Oculta, as regiões que os cientistas enchem com o éter têm sido exploradas pelos Videntes de todas as épocas. O que o mundo científico tem por mero espaço cósmico, por uma representação abstrata, os Rishis hindus, os Magos caldeus e os Hierofantes egípcios consideravam como a eterna e única Raiz de todas as coisas, o campo de ação de todas as Forças da Natureza. É a fonte originária de toda a vida terrena; e a morada daquelas invisíveis (para nós) multidões de seres reais, assim como de suas sombras, que, conscientes ou inconscientes, inteligentes ou irracionais, nos rodeiam por todos os lados, interpenetram os átomos do Cosmo, ainda que não nos vejam, nem os possamos ver ou sentir com os nossos órgãos físicos.

Para o ocultista, "Espaço" e "Universo" são sinônimos. No Espaço não há Matéria, Força nem Espírito, isoladamente; mas há tudo isso e muito mais ainda. É o Elemento Único, a *Anima Mundi,* a Raiz da Vida — chame-se Espaço, Akâsha ou Luz Astral —, que em seu eterno e incessante movimento, como a inspiração e expiração de um oceano infinito, desenvolve e absorve tudo o que vive, sente, pensa e ali tem sua existência.

Conforme dissemos em *Ísis sem Véu,*

"o Universo é a combinação de mil elementos, e é contudo a expressão de um só espírito: um caos para os sentidos, um Cosmos para a razão" [13]

Tal era, a esse respeito, a opinião de todos os grandes filósofos da antiguidade, desde Manu a Pitágoras, desde Platão a São Paulo.

"Quando a dissolução [Pralaya] chegou a seu termo, o Grande Ser [Para-Âtmâ ou Para-Purusha], o Senhor existente por si mesmo, e de quem e por quem todas as coisas foram, são e serão . . . resolveu projetar de sua própria substância as diversas criaturas"[14].

"A Década mística [de Pitágoras] (1 + 2 + 3 + 4 = 10) é um meio de exprimir esta idéia. O 1 é o símbolo de Deus [15]; o 2 é o da matéria; o 3, combinando a Mônada e Díada e participando da natureza de ambas, é o mundo fenomenal; o 4, a Tétrade, ou forma de perfeição, simboliza o vazio; e o 10, a Década ou soma de tudo, significa o Cosmos integral." [16]

O "Deus" de Platão é a "Ideação Universal"; e São Paulo, quando disse: "Dele e por ele e nele", certamente que pensava em um Princípio, e não em Jehovah. A chave dos dogmas pitagóricos é a chave de todas as grandes filosofias. É a fórmula geral da unidade na multiplicidade, do Uno que desenvolve os vários e a tudo interpenetra. É, numa palavra, a doutrina arcaica da Emanação.

---

(13) *Ísis sem Véu,* I, pág. XVI.

(14) *Mânava-Dharma-Shâstra,* I, 6, 7.

(15) O "Deus" de Pitágoras (o discípulo dos sábios árias) não é um Deus pessoal. Recordemos que o filósofo ensinava, como dogma cardeal, que há um permanente Princípio de Unidade sob todas as formas, mutações e fenômenos do Universo.

(16) *Ísis sem Véu,* I, pág. XVI.

Espeusipo e Xenócrates, tal como o seu insigne mestre Platão, sustentavam que:

"a *Anima Mundi* (a Alma do Mundo) não era a Divindade, mas a sua manifestação. Estes filósofos jamais conceberam o Uno como uma *natureza animada.* O Uno originário não *existia,* na acepção que damos a esta palavra. Nem foi um ser produzido, até unir-se com as múltiplas existências emanadas (a Mônada e a Díada). O τίμιον ("venerado"), o algo manifestado, reside no centro como na circunferência, mas é somente o reflexo da Divindade, a Alma do Mundo. Nesta doutrina encontramos o espírito do Budismo Esotérico." [17]

E também o do Hinduísmo Esotérico e o da filosofia Advaíta Vedantina. Schopenhauer e Hartmann ensinaram modernamente as mesmas idéias. Dizem os ocultistas que:

"As teorias das forças psíquicas e ectênicas, da "idéia-motor", das "forças eletrobiológicas", do "pensamento latente" e até mesmo da "cerebração inconsciente" podem resumir-se nestas palavras: a LUZ ASTRAL dos cabalistas." [18]

Schopenhauer apenas sintetizou tudo isso com o nome de Vontade, contradizendo as idéias materialistas dos homens de ciência, como o fez mais tarde Hartmann. O autor da *Filosofia do Inconsciente* qualifica de "preconceitos instintivos" as opiniões materialistas.

"Mostra ele, além disso, que nenhum experimentador pode atuar sobre a matéria propriamente dita, mas sobre as forças em que a divide. Os efeitos visíveis da matéria são apenas efeitos da força. E daí conclui que a chamada matéria outra coisa não é senão a agregação de forças atômicas, que se designam com a palavra 'matéria'. Afora isso, matéria é uma palavra vazia de sentido para a ciência." [19]

Cremos que o mesmo ocorre com os conceitos de "Espaço", Nirvana e outros, de que nos estamos ocupando.

"As ousadas teorias e opiniões expostas nas obras de Schopenhauer diferem notavelmente dos conceitos da maior parte dos nossos homens de ciência ortodoxos [20]. 'Em verdade', observa esse audacioso pensador, 'não há nem *matéria* nem *espírito.* A tendência de uma pedra para a gravidade é tão inexplicável como o pensamento no cérebro humano... Se a matéria pode cair ao solo, sem que se saiba por quê, também pode ser capaz de pensar, sem que igualmente se saiba por quê... Assim como, inclusive em mecânica, vamos além do que é puramente matemático; assim como chegamos àquelas inescrutáveis forças de coesão, gravidade, etc., vemo-nos em presença de fenômenos tão misteriosos para os nossos sentidos como a VONTADE e o PENSAMENTO do homem; vemo-nos face a face com as incompreensíveis forças da Natureza. Onde está, portanto, essa *matéria,* que julgais conhecer tão bem, na qual, por isso mesmo, baseais todas as vossas conclusões e teorias, e à qual tanta coisa atribuís?... Nossa razão e nossos sentidos são capazes de conhecer tão somente o aspecto superficial;

(17) *Ísis sem Véu,* I pág. XVIII.

(18) *Ísis sem Véu,* I, pág. 58.

(19) *Ísis sem Véu,* I, pág. 59.

(20) Ao passo que têm muitos pontos de coincidência com o Budismo Esotérico ou DOUTRINA SECRETA.

jamais podem alcançar a substância íntima das coisas. Tal era a opinião de Kant. Se admitis que existe algo de *espiritual* no cérebro humano, deveis também admiti-lo na pedra. Se a vossa matéria inerte e passiva pode manifestar tendência à gravidade, ou, como a eletricidade, atrair e repelir e emitir chispas, também poderá pensar como o cérebro. Em suma, cada partícula do chamado espírito pode substituir-se por seu equivalente de matéria, e cada partícula de matéria por seu equivalente de espírito. Assim, a separação cristã das coisas em espírito e matéria não será filosoficamente exata; é preciso dividi-las em *vontade* e *manifestação*, o que significa espiritualizar todas as coisas. O que na divisão cristã é real e objetivo (corpo e matéria) transforma-se em representação, e toda representação é vontade.'" [21]

A *matéria* da Ciência pode ser "morta e manifestamente passiva", do ponto de vista objetivo; mas para o ocultista nem um só átomo está morto, porque "a Vida nele está sempre presente". Aos leitores que desejem aprofundar este ponto, recomendamos que leiam o nosso artigo "Transmigração dos Átomos de Vida" [22], pois agora o nosso tema é a doutrina do Nirvana.

Esta doutrina pode ser considerada como um "sistema de ateísmo", já que não reconhece Deus nem Deuses, e muito menos um Criador (porquanto rejeita inteiramente a idéia de criação). O *fecit ex nihilo* é tão incompreensível para o ocultista metafísico quanto o é para o materialista; mas cessa aqui a concordância entre os dois. E, se esse é o pecado dos budistas e brâmanes esotéricos, então os panteístas e os ateus, bem como os teístas da Cabala serão igualmente "culpados" do mesmo delito. Sem ambargo, ninguém pensaria em tachar de "ateus" os cabalistas judeus. À parte os sistemas exotéricos talmúdico e cristão, nenhuma outra filosofia religiosa, no mundo antigo como no mundo moderno, deixou de refugar *a priori* a hipótese da criação *ex-nihilo*, e isto pela simples razão de que sempre se admitiu a coeternidade da matéria com o espírito.

A maior parte dos orientalistas consideram o Nirvana dos budistas e o Moksha dos vedantinos como sinônimos de aniqüilação. Não pode haver injustiça maior; convém, pois, dissipar e desaprovar erro tão clamoroso. É nesse dogma capital do sistema brâmane-budista, o alfa e o ômega do "Ser" ou "Não-Ser", que assenta todo o edifício da metafísica oculta.

Os que, dotados de senso filosófico,

"vêem no espelho das coisas temporais a imagem das coisas espirituais"

advertirão facilmente o erro concernente ao Nirvana. Mas não poderão compreender o significado de nossa explicação os que sejam incapazes de elevar-se acima dos pormenores das coisas materiais tangíveis; ainda quando venham a compreender e até mesmo aceitar as conseqüências lógicas das razões expostas, escapar-lhes-á ao entendimento o verdadeiro espírito. A palavra "nihil" tem sido mal interpretada desde o começo, e continua sendo manejada como um dardo contra a Filosofia Esotérica. Contudo, é dever do ocultista estudá-la e tentar explicar-lhe o significado.

(21) *Parerga*, II, págs. 111 e 112. Citado em *Ísis sem Véu*, I, pág. 58.

(22) *Five Years of Theosophy*, pág. 338 e seguintes [edição de 1910].

Conforme já dissemos, o Nirvana e o Moksha têm o seu ser no não-ser, se nos permitem recorrer a este paradoxo a fim de melhor esclarecer o conceito. Nirvana, como se têm esforçado por demonstrar alguns ilustres orientalistas, significa "a extinção" [23] de toda a existência senciente. É como a chama de uma vela que arde até consumir-se o último átomo, e então se extingue de uma vez. Entretanto, conforme afirmava o Arhat Nâgasena ao rei que o escarnecia, "o Nirvana *é*" — e o Nirvana é eterno. Mas os orientalistas o negam, e dizem que o Nirvana não é a reabsorção na Força Universal, nem a bem-aventurança e o repouso eternos, mas que significa literalmente "a anulação, a total extinção, o aniqüilamento, e não a absorção". O *Lankâvatâra,* que alguns sanscritistas citam em apoio de seus argumentos, e que dá as diferentes interpretações atribuídas ao Nirvana pelos brâmanes Tirthikas, não é autoridade para quem busca informações nas fontes primitivas, ou seja, nos próprios ensinamentos de Buddha sobre a doutrina. Invocam também os Chârvâkas materialistas como sobreprova do seu ponto de vista.

Se trouxermos a debate, à guisa de contradita, os sagrados livros do jainismo, onde se diz ao Buddha expirante: "Levanta-te para o Nirvi [o Nirvana] deste corpo decrépito a que foste enviado . . . Ascende à tua primitiva morada, ó bendito Avatar!"; e se acrescentarmos que isso parece ser diametralmente oposto ao niilismo, dir-nos-ão talvez que não é senão uma contradição, uma discrepância a mais no credo budista.

Se ainda insistirmos, lembrando que, segundo crêem os discípulos de Gautama, voltou o Mestre a descer algumas vezes de sua "primitiva morada", para o bem de sua fiel Congregação e da humanidade, prova inegável de que o budismo não admite a aniqüilação final, então redargüirão os nossos opositores citando autoridades que sustentam este último ensinamento.

Mas digamos uma vez por todas: a autoridade dos homens nada vale para nós em questões de consciência, como tampouco devia valer para quaisquer outros. Se alguém professa a filosofia budista, que fale e proceda como falou e procedeu Buddha; e se alguém se diz cristão, que siga os mandamentos de Cristo — e não as interpretações contraditórias de seus diversos sacerdotes e seitas.

Eis como se formula a questão no *Catecismo Budista:*

"P. — Tem o Budismo algum dogma de fé, que sejamos obrigados a aceitar?

R. — Não. O que em verdade se nos recomenda é que nada aceitemos como matéria de fé, esteja escrito nos livros, transmitido pela tradição ou ensinado pelos sábios. Disse o Senhor Buddha que não devemos crer em uma coisa tão somente por

(23) O Prof. Max Müller, em carta ao jornal *Times* (abril de 1857), sustenta com veemência que Nirvana significa *aniquilação* no mais amplo sentido da palavra (*Chips from a German Work-shop,* I, 284). Mas em 1869, em conferência proferida ante o Congresso Geral de Filólogos Alemães, em Kiel, "declarou em termos inequívocos sua convicção de que o niilismo atribuído aos ensinamentos de Buddha não faz parte de sua doutrina, sendo de todo errôneo supor que o Nirvana signifique aniquilamento" (*Amer. and Oriental Lit. Rec.,* de Trubner, 16 de outubro de 1869)

ouvi-la de outrem; nem nas tradições por causa de sua antiguidade; nem nos rumores que correm; nem nos escritos porque tenham saído das mãos de sábios; nem em fantasias que suspeitemos terem sido inspiradas por um Deva (isto é, em presumidas inspirações espirituais); nem nas deduções de alguma hipótese que tenhamos formulado; nem no que nos pareça uma conseqüência analógica necessária; nem em algo que se baseie unicamente na autoridade de nossos mestres ou instrutores. Mas devemos aceitar a doutrina e o ensinamento oral ou escrito quando sejam corroborados por nossa razão e nossa consciência. 'Por isso', diz o Mestre em conclusão, 'eu não vos ensinei a crer simplesmente porque ouvistes; mas ensinei que, se a crença tem raízes em vosso próprio foro íntimo, deveis proceder em conformidade com ela, e sem reservas'." [24]

Que o Nirvana, ou melhor, a condição nirvânica, é precisamente o contrário de aniqüilação, assim nos dizem "a nossa razão e a nossa consciência", e isso nos basta pessoalmente. Mas como isso não satisfaz aos leitores em geral, podemos acrescentar algo mais convincente.

Deixando de lado as fontes que não simpatizam com o Ocultismo, vemos que a *Cabala* nos proporciona clara e luminosa prova de que a palavra "nihil" expressava um conceito de todo o ponto diferente do que hoje lhe atribuem os materialistas. Significava certamente "nada", ou "não-coisa" [25]. Em sua obra sobre a Cabala e os Mistérios Egípcios [26], P. Kircher explica admiravelmente o sentido da palavra. Diz ele que, no *Zohar*, o primeiro dos Sephiroth [27] tem um nome que equivale a *"o Infinito"*, mas que os cabalistas traduziram indiferentemente por "Ens" e "Non-Ens" ("Ser" e "Não-Ser"). *Ser* porque é raiz e fonte de todos os demais seres; *Não-Ser* porque Ain-Soph, o Ilimitado e Sem-Causa, o Princípio Passivo e Inconsciente, não tem nada semelhante no Universo.

Acrescenta o autor:

"Esta é a razão por que São Dionísio não hesitou em chamá-lo Nihil."

"Nihil" é, portanto, sinônimo de Princípio Impessoal, Divino — o Infinito Todo, que é Não-Ser ou Não-Coisa, o En ou Ain-Soph, o Parabrahman dos vedantinos. São Dionísio foi discípulo do iniciado São Paulo, e isto explica a correta definição do areopagita sobre a palavra *nihil*, definição que também aceitaram alguns teólogos e pensadores cristãos, especialmente os primitivos, os que viveram em tempos mais próximos da profunda filosofia dos iniciados pagãos.

---

(24) Veja-se o *Kâlâma Sutta* do *Anguttara Nikayo*, citado em *A Buddhist Catechism*, por H. S. Olcott, primeiro presidente da Sociedade Teosófica (1875-1907), págs. 32-33.

(25) ["No-thing" em inglês. Em português, os etimologistas ligam a palavra "nada" à expressão latina *res nata*, coisa nascida, admitindo que houve contaminação do sentido de outra expressão, negativa, como *res non nata*. — Nota do T.]

(26) *Œdipus Egypt.*, II, I, pág. 291.

(27) Sephir, ou Aditi (Espaço místico). Os Sephiroth, convém lembrar, são idênticos aos Prajâpatis do hinduísmo, aos Dhyân-Chohans do Budismo Esotérico, aos Amshaspends dos zoroastrianos e aos Elohim — os "Sete Anjos da Presença" da Igreja Católica Romana.

O "Nihil" é *in esse* a própria Divindade Absoluta, o Poder Oculto e Onipresente, que o monoteísmo rebaixou à categoria de um Ser antropomórfico, com todas as paixões dos mortais em grande escala. A união com "Aquilo" não é a aniqüilação, no sentido que se dá a esta palavra na Europa [28]. No Oriente, a aniqüilação do Nirvana se refere apenas à matéria: à do corpo visível como à do invisível (porque o corpo astral ou duplo pessoal ainda é matéria, conquanto sublimada). Buddha ensinou que a Substância primordial é eterna e imutável. Seu veículo é o éter puro, luminoso, o Espaço ilimitado e infinito,

"não um vazio resultante da ausência de formas, mas, pelo contrário, o fundamento de todas as formas... [Isto] indica que a criação é Mâyâ, e que suas obras nada são em face da Forma incriada [o Espírito], em cujos profundos e sagrados abismos deve cessar para sempre todo movimento" [29].

Aqui o movimento se refere somente a objetos ilusórios e à sua mudança em oposição com a perpetuidade, o repouso — porque o movimento perpétuo é a Lei eterna, o Sopro incessante do Absoluto.

A integral compreensão dos dogmas budistas só é possível com a observância do método de Platão: do universal ao particular. A chave de todos eles está nos sublimes e místicos princípios da vida divina e do influxo espiritual.

Disse Buddha:

Quem desconhecer a minha Lei [30] *e morrer em tal estado terá que retornar à Terra até que venha a ser um perfeito Samano* [asceta]. *Para alcançar esse objetivo deverá destruir em seu interior a trindade de Mâyâ* [31]. *Deverá extinguir suas paixões, unir-se e identificar-se com a Lei* [32] *e compreender a filosofia da aniquilação* [33].

Não; não é na letra morta da literatura oriental que os eruditos podem achar a solução das sutilezas metafísicas do Budismo. Entre os antigos só os pitagóricos as entenderam; e foi sobre as abstrações do Budismo (incompreensíveis para quase todos os orientalistas e materialistas) que Pitágoras fundou os principais dogmas de sua filosofia.

---

(28) Segundo o pensamento oriental, o Todo procede do Uno, e ao Uno retorna. O absoluto aniquilamento é de todo o ponto incompreensível. Nem pode ser aniquilada a matéria eterna. Aniquilam-se as formas, mudam as correlações. Eis tudo. A aniquilação, no sentido em que a supõem os orientalistas europeus, não pode ocorrer no Universo.

(29) *Isis sem Véu*, I, pág. 289.

(30) A Lei Secreta, ou "Doutrina do Coração", assim chamada por oposição à "Doutrina do Olho", ou Budismo exotérico.

(31) A matéria ilusória em sua tríplice manifestação: corpo físico ou terrestre, corpo astral e corpo causal, estes últimos a alma dual de Platão — a irracional e a racional.

(32) O ensinamento da DOUTRINA SECRETA.

(33) *Isis sem Véu*, I, pág. 289.

Aniquilamento, na filosofia budista, significa dispersão da matéria, em qualquer forma ou *aparência* de forma que possa ter; porque tudo aquilo que tem forma foi criado, e mais cedo ou mais tarde há de perecer, isto é, mudar de forma; portanto, como coisa temporária, ainda que pareça permanente, não passa de ilusão, Mâyâ. E como a eternidade não teve começo nem terá fim, a duração mais ou menos prolongada das formas é comparável à de um relâmpago. Antes de que tenhamos tempo de atentar no que viram os nossos olhos, ele já passou e desapareceu para sempre. Até os nossos corpos etéreos astrais são ilusões de matéria enquanto conservam a silhueta terrestre.

O corpo astral, segundo a doutrina budista, muda na proporção dos méritos ou deméritos da pessoa; e isto é a metempsicose. Quando a entidade espiritual se desliga definitivamente de toda partícula de matéria, então, e só então, entra no eterno e imutável Nirvana. Deixa a existência objetiva e passa a viver como Espírito puro, aniquilou-se como forma, como aparência, como semelhança, e portanto já não morrerá — porque o Espírito puro não é Mâyâ, mas a única Realidade em um ilusório universo de formas sempre transeuntes.

Na doutrina budista basearam os pitagóricos os dogmas principais de sua filosofia. Perguntam eles: 'Pode o espírito, que dá a vida e o movimento, e participa da natureza da luz, ser reduzido a *não-entidade?* Pode o espírito senciente dos brutos, que exercitam a memória, uma das faculdades racionais, perecer e aniquilar-se?' Whitelock Bulstrode, ao expor esta doutrina em sua inteligente defesa de Pitágoras, acrescenta:

'Se dizeis que os brutos exalam os seus espíritos no ar, onde se desvanecem, eu o nego. O ar é em verdade o lugar apropriado para recebê-los, pois, segundo Laércio, está cheio de almas, e, segundo Epicuro, cheio de átomos, que são os princípios de todas as coisas. Porque até esse lugar, onde vivemos nós e voam os pássaros, têm tanto da natureza espiritual que é invisível; e, portanto, bem pode ser um receptor de formas, pois as formas de todos os corpos são assim: só podemos ver e ouvir os seus efeitos. O próprio ar é demasiado sutil, e está acima de nossa atual capacidade de percepção. Como será então o éter das regiões superiores, e qual a influência das formas que de lá descem?' Dizem os pitagóricos que os *espíritos* das criaturas são emanações da parte mais sublimada do éter — emanações, SOPROS, *mas não formas*. O éter é incorruptível; neste ponto concordam todos os filósofos. E o que é incorruptível *tão longe está de ser aniquilado*, quando se liberta da *forma*, que tem justo direito à IMORTALIDADE.

'Mas que é o que não tem corpo nem *forma*, que é imponderável, invisível e indivisível — que existe, e contudo *não é?*' perguntam os budistas. 'O Nirvana', respondem. É NADA ('Não-coisa'); não é uma região, mas antes um estado." [34]

(34) *Ísis sem Véu*, I, pág. 290.

Seção XLVII

OS LIVROS SECRETOS DE "LAM-RIN" E "DZYAN"

O *Livro de Dzyan* (da palavra sânscrita "dhyân", meditação mística) é o primeiro volume dos Comentários aos sete tomos secretos de *Kiu-te*, e um glossário das obras exotéricas do mesmo nome. Em poder dos Lamas Gelugpas do Tibete, na biblioteca de algum mosteiro, há trinta e cinco volumes de *Kiu-te*, escritos para uso dos profanos; e também quatorze volumes de comentários e anotações sobre esta obra, por instrutores iniciados.

Em rigor, aqueles trinta e cinco volumes deviam intitular-se *Versão Popular da DOUTRINA SECRETA*, pois abundam em mitos, véus e erros. Por sua vez, os quatorze volumes de comentários, com suas interpretações e notas, acompanhadas de um extenso glossário de termos ocultos, coligidos de uma pequena obra arcaica, o *Livro da Sabedoria Secreta do Mundo* [1], representam um compêndio de todas as Ciências Ocultas. E, ao que parece, são mantidos em segredo e fora das vistas profanas, sob a custódia do Teshu-Lama de Tjigad-je [Shigatze].

Os livros de *Kiu-te* são relativamente modernos, compilados que foram durante o último milênio; ao passo que os primeiros volumes dos *Comentários* são antiquíssimos, havendo sido preservados alguns fragmentos dos cilindros originais.

Embora os *Comentários* expliquem e retifiquem alguns relatos por demais fabulosos e, segundo todas as aparências, inçados de enormes exageros, que se observam nos livros de *Kiu-te* propriamente ditos, a verdade é que pouco mais têm em comum com estes últimos. A relação entre eles é análoga à que existe entre a Cabala caldeu-judaica e os livros de Moisés [2].

---

(1) Aos textos de todos esses livros recorreu a autora para elaborar A DOUTRINA SECRETA. A matéria original daria apenas um pequeno folheto; mas as explicações e as notas dos comentários e dos glossários podiam comportar dez volumes do tamanho de *Ísis sem Véu*.

(2) O monge Della Penna, em suas *Memórias* (veja-se a obra *Tibet*, de Markham, págs. 309 e segs.), dirigindo-se aos cristãos, zomba de certas afirmações contidas nos livros de *Kiu-te*, como a que se refere à "montanha de 160.000 léguas de altura" (a

A obra conhecida pelo nome de *Avatumsaka Sûtra,* na seção sob a epígrafe "O Âtman Supremo [a Alma] manifestado no caráter dos Arhats e dos Pratyeka Buddhas", expõe que:

"Em virtude de haverem todas as criaturas sencientes, desde o começo, tergiversado com a verdade e abraçado o erro, surgiu então um conhecimento oculto, chamado Alaya Vijnâna".

"Quem está de posse do verdadeiro conhecimento?" — pergunta-se. E a resposta é: "Os grandes Mestres da Montanha Nevada".

Sabe-se que esses "grandes Mestres" vivem na "Cordilheira Nevada" desde idades sem conta. Negar a existência dos grandes Gurus, que moram nos "Ashrams" disseminados ao longo das vertentes do Himalaia, aquém e além, seria parecer ridículo aos olhos de milhões de hindus. Quando o Salvador budista apareceu na Índia, seus "Ashrams" (porque só raramente esses grandes Homens vão aos mosteiros dos Lamas, e assim mesmo para uma curta visita) estavam nos mesmos lugares que hoje ocupam, e que já ocupavam antes que os brâmanes viessem da Ásia Central para estabelecer-se nas margens do Indo. E, anteriormente, mais de um Dvija ariano de histórica fama e renome havia sentado aos pés daqueles Mestres para aprender os ensinamentos que culminaram mais tarde em uma ou outra das principais escolas filosóficas. A maior parte dos Bhantes do Himalaia eram brâmanes e ascetas árias.

Nenhum estudante, salvo se já muito adiantado, obteria proveito com a leitura dos citados volumes exotéricos [3], que só podem ser entendidos com

---

légua tibetana corresponde a cinco milhas) na cordilheira dos Himalaias. "Segundo as crenças", diz ele, "no Ocidente do mundo se encontra uma região eterna ... um paraíso, onde mora um santo chamado Ho-pahme (que significa santo de esplendor e luz infinita). Este santo tem muitos discípulos, que são todos Chang-chub", ou, conforme esclarece, "os espíritos daqueles que, por sua perfeição, já não precisam de tornar-se santos, a fim de que possam ajudar os vivos". Quer isso dizer que os Yang-Chhub (e não Chang-chub), presumivelmente *mortos,* são Bodhisattvas vivos, alguns dos quais conhecidos pelo nome de Bhante ("os Irmãos"). Quanto à "montanha de 160.000 léguas de altura", o Comentário que dá a chave desses relatos, explica que, segundo o código usado pelos autores do texto, "a oeste da 'Montanha Nevada' de 160 léguas [os números são um véu], contadas em linha reta a partir de certo ponto, está o Bhante Yul [o país ou residência dos Irmãos], onde mora o Mâhâ-Chohan" ... Tal é o verdadeiro significado. O *Hopahme* de Della Penna é o Mâhâ-Chohan, o Chefe.

(3) Em algumas notas manuscritas, que estão sob os nossos olhos, de autoria do Gelung (sacerdote) Thang-pa Chhego-mo, lemos o seguinte: "Os poucos missionários católicos que visitaram nosso país no último século (com o nosso protesto), e que pagaram a hospitalidade expondo ao ridículo nossa literatura sagrada, deram provas de pouca discrição e de cultura ainda menor. Verdade é que o cânon sagrado dos tibetanos, o *Kahgyur* [Kanjur] e o *Bstanhgyur* [Tanjur], compreende 1707 obras, das quais 1083 são públicas e 684 secretas, formando as primeiras 350 volumes *in folio* e as últimas 77. Que nos permitam os bons missionários perguntemos respeitosamente: em que ocasião tiveram sequer um vislumbre fugaz dos *in-folios* secretos? Ainda que por casualidade lhes fosse possível vê-los, posso assegurar aos Pandits ocidentais que tais livros e manuscritos nunca seriam entendidos, nem mesmo por um tibetano nato, sem as chaves:

o emprego da chave proporcionada pelos *Comentários*. Além disso, há algumas obras menos antigas que são positivamente nocivas à boa e exata compreensão do Budismo, inclusive em sua forma exotérica. Tais são: o *Buddhist Cosmos*, do bonzo Jin-ch'on, de Pequim; o *Shing-Tau-Ki* [4], de Wang Puk (século VII); o *Hisai Sutra* [5]; e alguns outros livros.

(*a*) de seus caracteres peculiares, e (*b*) de seu sentido oculto. Em nosso sistema, todas as descrições de localidades são alegóricas, e os nomes e palavras estão intencionalmente velados. Assim, é indispensável estudar primeiro o método de decifrar, e depois aprender a equivalência dos símbolos e termos secretos com as palavras da linguagem religiosa. O sistema demótico ou hierático dos egípcios é como um jogo de criança em comparação com os nossos enigmas sacerdotais."

(4) *Memórias da Iluminação de Tathâgata*.

(5) *Livro da Criação*.

Seção XLVIII

AMITA BUDDHA, KWAN-SHAI-YIN E KWAN-YIN O QUE DIZEM O "LIVRO DE DZYAN" E AS COMUNIDADES DE LAMAS ACERCA DE TSONG-KHA-PA

Como suplemento aos Comentários há muitos livros secretos a respeito das vidas dos Buddhas e dos Bodhisattvas. Um deles se refere particularmente ao Príncipe Gautama, e outro à sua reencarnação na personalidade de Tsong-kha-pa. Este grande reformador tibetano do século XIV, que, segundo se diz, foi uma encarnação direta de Amita Buddha, fundou a Escola Secreta que fica perto de Tji-gad-je [Shigatze], agregada ao retiro privado do Teshu Lama. Com ele começou o sistema regular de encarnações lamaicas de Buddha (Sang-gyas), ou de Shâkya-Thub-pa (Shâkyamuni). O autor de *Chinese Buddhism* considera Amida ou Amita Buddha como uma entidade mítica, dizendo:

"Amita Buddha (*Ami-to Fo*) é um personagem fabuloso, objeto de fervoroso culto, como Kwan-Yin, pelos budistas do Norte, mas desconhecido no Sião, na Birmânia e no Ceilão." [1]

É bem provável. Contudo, Amida Buddha não é um personagem "fabuloso", por duas razões: primeiro, porque "Amida" é a forma senzar de "Âdi", e as combinações "Âdi-Buddhi" e "Âdi-Buddha" [2], conforme alhures mencionamos, são expressões empregadas em sânscrito, desde há muitos séculos, para indicar respectivamente a "Alma Primordial" e a "Sabedoria"; segundo, porque o nome de Amida se aplicou a Gautama Shâkyamuni, o último Buddha hindu, desde o século VII, quando foi o Budismo introduzido no Tibete. "Amitâbha" (em chinês "Wu-liang-sheu") significa literalmente "idade sem limites", e é sinônimo de *En-Shoph* ou *Ain-Soph,* o "Ancião dos Dias";

(1) *Op. cit.*, de Edkins, pág. 171.

(2) "Buddhi" é um termo sânscrito que significa "discernimento" ou razão pura (o sexto princípio), e "Buddha" quer dizer "sábio", "sabedoria", sendo também o nome do planeta Mercúrio.

representa um epíteto que o relaciona diretamente com o Ilimitado Âdi-Buddhi (Alma Primitiva e Universal) dos hindus, com a *Anima Mundi* de todos os povos antigos da Europa, e com o Ilimitado e Infinito dos cabalistas.

Se Amitâbha fosse uma ficção dos tibetanos, ou uma forma nova de Wu-liang-sheu, "um personagem fabuloso", como diz o autor do *Chinese Buddhism*, seria então muito antiga a fábula. Porque em outra página ele próprio diz que a adição ao cânon dos livros que contêm

"as lendas de Kwan-Yin e do céu ocidental com o seu Buddha, Amitâbha, ocorreu também anteriormente ao Concílio de Cachemira, um pouco antes do início de nossa era" [3]

e que

"data de mais de 246 anos a.C. a origem dos primitivos livros budistas, que são comuns às Igrejas do Norte e do Sul".

Se os tibetanos aderiram ao Budismo somente no século VII de nossa era, como poderiam ter inventado o Amita-Buddha? E, além disso, sendo Amitâbha chamado Od-pag-med no Tibete, tudo indica que não foi o nome que eles primitivamente aceitaram, e sim a idéia abstrata de um Poder invisível, desconhecido e impessoal — idéia que lhes adveio do "Âdi-Buddhi" hindu, e não do "Amitâbha" chinês [4]. Há grande diferença entre o popular Od-pag-med (Amitâbha), que tem assento no trono do Devachan (Subhâvati), segundo o *Mani-Kah-bum* (o livro histórico mais antigo do Tibete), e a abstração filosófica chamada Amida-Buddha, nome que hoje passou ao Buddha terreno, ou seja, Gautama.

---

(3) Pode-se ver esta curiosa contradição nas págs. 171 e 273 de *Chinese Buddhism*. Afirma o ilustre autor que "para os budistas filósofos . . . Amitâbha (Yoshi Fo) e outros são apenas signos de idéias" (pág. 236). Muito bem. Mas deviam igualmente sê-lo todos os demais nomes divinos, como Jehovah, Allah, etc.; pois, se não fossem meros *signos de idéias*, isto só indicaria que as mentes que os aceitam com outro significado não são mentes "filosóficas". De maneira alguma constituíria prova de que haja realmente Deuses viventes, pessoais, com esses nomes.

(4) O mitâbha chinês (Wu-liang-sheu) e o Amitâbha tibetano (Od-pag-mad) foram atualmente convertidos em Deuses pessoais que vivem e reinam na região celestial de Sukhâvati ou Tushita (o Devachan tibetano); enquanto que o Âdi-Buddha dos filósofos hindus e o Amita-Buddha dos filósofos chineses e tibetanos são nomes de idéias primordiais e universais.

Seção XLIX

TSONG-KHA-PA – LOHANS NA CHINA

Em um artigo sob o título "Reencarnações no Tibete" [1] dissemos tudo o que podia ser publicado a respeito de Tsong-Kha-pa. Afirmamos que este reformador não foi, como pretendem os eruditos parses, a encarnação de um dos celestes Dhyânis ou dos cinco Buddhas que se diz terem sido criados por Shâkyamuni depois que alcançou o Nirvana; senão que foi uma encarnação do próprio Amita Buddha. Os anais conservados em Gonpa, a principal comunidade de lamas de Tda-shi-Hlumpo [Tashi-hlumpo], contam que Sang-gyas deixou as regiões do "paraíso ocidental" para encarnar-se em Tsong-Kha-pa, em vista da grande decadência de suas doutrinas secretas.

"Todas as vezes que caiu no domínio público, a Boa Lei de Cheu [os poderes mágicos] degenerou em feitiçaria ou 'magia negra'. Só aos Dvijas, aos Hoshangs (monges chineses) e aos Lamas podiam as fórmulas ser confiadas sem perigo."

Até a época de Tsong-Kha-pa não houve encarnações de Sang-gyas (Buddha) no Tibete.

Tsong-Kha-pa ensinou os sinais que permitiam reconhecer a presença em um corpo humano de um dos vinte e cinco Bodhisattvas ou Buddhas Celestes (Dhyân-Chohans) [2], e proibiu severamente a nigromancia. Isso provocou um cisma entre os Lamas, e os descontentes fizeram aliança com os aborígenes Bhons [3] para combater o lamaísmo reformado. Ainda hoje formam uma seita poderosa, que pratica os mais abomináveis ritos nas regiões de Sikkim, Bhutan, Nepal e até mesmo nos territórios fronteiriços do Tibete. Foi pior ainda. Com permissão do Tda-shu ou Teshu-Lama [4] — e para evitar

(1) *The Theosophist*, março de 1882, pág. 146.

(2) A íntima relação entre os vinte e cinco Buddhas (Bodhisattvas) e os vinte e cinco Tattvas (os Condicionados ou Limitados) dos hindus é sobremodo interessante.

(3) [Membros de uma seita primitiva do Tibete. — N. do T.]

(4) É curioso observar a grande importância que dão os orientalistas europeus aos Dalai-Lamas de Lhassa, e a completa ignorância em que se acham no que tange aos Tda-shu-Lamas (ou Teshu-Lamas), quando foram estes últimos que encabeçaram a série hierárquica das encarnações de Buddha, e são *de facto* os "papas" do Tibete. Os Dalai-Lamas são criações de Nabang-lob-Sang, um Tda-shu-Lama que era a própria encarnação (a sexta) de Amita, seguindo a linha de Tsong-Khapa, ainda que mui pouca gente pareça estar ao corrente desta circunstância.

discórdias — algumas centenas de Lohans (Arhats) foram estabelecer-se na China, no famoso mosteiro das imediações de Tien-tk-ai, onde cedo granjearam legendária fama, que ainda hoje se conserva. Outros Lohans [arhan, arhat] os havia precedido; foram

"os discípulos de Tathâgata, famosos no mundo inteiro e cognominados "os de doce voz", por sua habilidade em cantar Mantras com mágico e prodigioso efeito" [5].

Os primeiros Lohans ali chegaram, procedentes de Cachemira, no ano 3000 do Kali Yuga (cerca de um século antes da era cristã), e os últimos se estabeleceram 1.500 anos depois, no fim do século XIV [6]; mas, não os comportando a lamaseria de Yhigching, construíram para seu próprio uso o maior de todos os mosteiros, na ilha sagrada de Pu-to (Buddha, ou Put em chinês), província de Chusan. Aí floresceu a Boa Lei, a "Doutrina do Coração", durante vários séculos, até que, profanada a ilha por uma invasão de estrangeiros ocidentais, os principais Lohans a deixaram, refugiando-se nas montanhas de ***. No pagode de Pi-yun-si, nas cercanias de Pequim, ainda se pode ver o "Salão dos Quinhentos Lohans". As estátuas dos que chegaram primeiro ali estão enfileiradas na parte inferior, e um Lohan solitário aparece imediatamente abaixo do teto da construção, que deve ter sido levantada como recordação de sua visita [7].

As obras dos orientalistas estão repletas de alusões diretas aos Arhats (Adeptos); mas eles só se detêm neste assunto quando não é possível evitá-lo, e com um desprezo que não dissimulam. Ignorando, por inocência ou de caso pensado, a importância do elemento oculto e do simbolismo nas diversas religiões que pretendem explicar, passam de largo sobre aquelas passagens, e abstêm-se de traduzi-las. No entanto, deve-se reconhecer, em boa justiça, que, por muito que a fantasia e a crendice popular houvessem exagerado os poderes traumatúrgicos dos Arhats, não são os seus milagres menos dignos

(5) O canto de um Mantra não é uma oração, mas antes uma frase mágica, em que a lei de causalidade oculta está em relação de dependência com a vontade e os atos do cantor. É uma sucessão de sons sânscritos; e, quando a série de palavras e frases é pronunciada de acordo com as fórmulas mágicas do *Atharva Veda*, que mui poucos compreendem, alguns Mantras produzem um instantâneo e maravilhoso efeito. Em sentido esotérico, os Mantras, ou melhor, os seus sons, contêm o Vâch (a "linguagem mística"); pois, de um modo ou outro, os seus efeitos resultam das vibrações do éter. Os que eram versados em Mantras tornaram-se conhecidos pela antonomásia de "os suaves cantores". Daí a lenda chinesa de que os sacerdotes, ao raiar do dia, ouvem, de suas celas no mosteiro de Fang-Kwang, os cantos melodiosos dos Lohans. (Veja-se *Biography of Chi-K'ai* em T'ien-t'ai-han-chi) [e *Chinese Buddhism*, pág. 177.]

(6) O famoso Lohan Mâdhyantika, que converteu o rei e todo o povo de Cachemira ao Budismo, enviou um grupo de Lohans com a missão de pregarem a Boa Lei. Foi ele o escultor da colossal estátua de Buddha, com cem pés de altura, que Hiuen-Tsaung viu em Dardu, ao norte do Pundjab. Este viajante chinês também menciona um templo distante dez lis [cerca de 6,5 quilômetros] de Oeshawar, com 350 pés de circunferência e 850 de altura, e cuja antiguidade naquela época (no ano 550 de nossa era) já datava de 850 anos. Koeppen apóia-se nesta informação para opinar que no ano 292 antes de Cristo o Budismo era a religião dominante no Pundjab.

(7) Veja-se *Chinese Buddhism*, pág. 254.

le crédito, nem contam com menos testemunhos, nos anais "pagãos", do que os milagres dos numerosos santos do Cristianismo nas crônicas da Igreja. Uns e outros têm o mesmo direito a figurar em suas respectivas histórias.

Se não mais se ouviu falar dos Arhats na Índia, após o início das perseguições contra o Budismo, foi porque, como os seus votos proibissem o revide, tiveram que abandonar o país e buscar a solitude e a segurança na China, no Tibete, no Japão e em outras nações. Era então ilimitado o poderio sacerdotal dos brâmanes, e os Simãos e Apolônios do Budismo tinham tantas probabilidades de ser aceitos e apreciados pelos Irineus e Tertulianos do Bramanismo quantas tiveram seus sucessores entre os povos judeu e romano. Foi um ensaio histórico dos dramas que se desenrolaram, séculos mais tarde, no seio da Cristandade. Tal como sucedeu com os chamados "heresiarcas" cristãos, os Arhats do Budismo foram perseguidos não porque rejeitassem os *Vedas* ou a Sílaba sagrada, mas por compreenderem muito melhor o seu significado secreto; e tiveram que emigrar somente porque foram considerados perigosos os seus conhecimentos e indesejável a sua presença na Índia.

Não faltavam, porém, iniciados entre os próprios brâmanes. Ainda hoje se encontram Saddhus maravilhosamente dotados e místicos Yogis, que são obrigados a manter-se em obscuridade e despercebidos, não só por causa do juramento de absoluto sigilo quando foram iniciados, como ainda por temor aos tribunais anglo-indianos, cujos magistrados consideram como impostura, charlatanaria e fraude a exibição ou a simples alegação de poderes anormais. E pelo passado se pode julgar o presente.

Vários séculos depois de nossa era, os Iniciados dos templos secretos e dos Mathams (comunidades monásticas) elegeram um Conselho Superior, presidido por um Brahm-Âtmâ com plenos poderes, Chefe supremo de todos esses Mahatmas. O pontificado só podia ser exercido por um brâmane de certa idade, que era o único guardião da fórmula mística e o hierofante que iniciava os grandes Adeptos. Só ele podia explicar o significado da palavra sagrada AUM e o de todos os ritos e símbolos religiosos. E qualquer dos iniciados de grau superior que revelasse a um profano uma só das verdades ocultas, ou o mais leve segredo confiado à sua discrição, tinha que morrer; incorrendo em igual pena quem recebesse a confidência.

Mas havia ali, e ainda existe em nossos tempos, uma Palavra muito mais excelsa que o misterioso monossílabo; essa Palavra faz daquele que estiver de posse de sua chave quase um igual a Brâhman. Só os Brahmâtmâs possuem semelhante chave; sabemos que atualmente há na Índia meridional dois Iniciados que a conhecem. E somente lhes é permitido transmiti-la por ocasião de sua morte — porque é a "Palavra Perdida". Não há tortura nem força humana que possam obrigar o brâmane a revelar a "Palavra" de que seja depositário; e ela se acha bem guardada no Tibete.

Este segredo e este profundo mistério são, no entanto, verdadeiramente desalentadores, pois que só os Iniciados da Índia e do Tibete poderiam dissipar as densas névoas que encobrem a história do Ocultismo, e impor o reconhecimento de seus postulados. São mui poucos os que em nossos dias

atendem ao mandamento délfico: "*Conhece-te a ti mesmo.*" Mas não se deve imputar a culpa aos Addeptos, que fizeram tudo o que estava ao seu alcance, e foram tão longe quanto o permitiam as suas normas, para abrir os olhos do mundo. E se os europeus evitam de expor-se ao ridículo e aos apodos de que são freqüentemente alvo os ocultistas, os asiáticos, por sua vez, se vêem desencorajados por seus próprios Pandits, que parecem atuar sob a triste impressão de que não é possível alcançar o Bîja Vidyâ ou o "arhatado" ("adeptado") no presente Kali Yuga ("idade negra"). Até mesmo aos budistas se ensina que o Senhor Buddha profetizou que os poderes se desvaneceriam "ao cabo de mil anos, a contar de sua morte". Erro completo, porque assim falou Buddha no *Digha Nikâya*:

"Escuta, Subhadra! O mundo jamais ficará sem Rahats [8], se os ascetas de minhas congregações observarem com toda a fidelidade os meus preceitos."

Krishna, no *Bhagavad Gitâ*, também se manifesta em sentido contrário ao que dizem os brâmanes — sem falar na existência inegável de muitos Sâddhus e taumaturgos, tanto no passado como no presente. A mesma coisa se pode dizer quanto à China e ao Tibete.

Entre os mandamentos de Tsong-Kha-pa há um que ordena aos Arhats fazerem, de século em século, em determinado período do ciclo, um esforço para esclarecer o mundo, inclusive os "bárbaros brancos". Até hoje nenhuma dessas tentativas foi coroada de bom êxito. Os malogros sucederam-se aos malogros. Devemos explicá-los à luz de certa profecia? Diz-se que até o momento em que Pban-chhen-rin-po-chhe (a Grande Jóia da Sabedoria)[9] consinta em renascer na terra dos P'helings (ocidentais) como conquistador espiritual (Chom-den-da), para destruir o erro e a ignorância dos tempos, de pouco servirá a tentativa de erradicar os preconceitos dos habitantes de P'heling-pa (a Europa), que a ninguém ouvirão. Reza outra profecia que a DOUTRINA SECRETA subsistirá em toda a sua pureza no Bhodyul (Tibete) somente até o dia em que estiver livre da invasão estrangeira. As próprias visitas dos ocidentais, ainda que amistosas, serão funestas às populações tibetanas. Esta é a verdadeira explicação do exclusivismo do Tibete.

---

(8) Rahats, o mesmo que *Arhats*.

(9) Ou Pan-ch'en Rin-po-ch'e — um título do Tda-shu-Hlum-po Lama [Tashi-hlunpo].

Seção L

RETIFICAÇÃO DE MAIS ALGUNS CONCEITOS ERRÔNEOS

Apesar dos erros e falsos conceitos tão difundidos (e que até provocam o riso dos que possuem alguma noção das verdadeiras doutrinas), a respeito do Budismo em geral e do Budismo no Tibete em particular, são unânimes os orientalistas em reconhecer que o objetivo primacial de Buddha era salvar os homens, ensinando-lhes a prática da virtude e da pureza do mais alto grau, e desligando-os do serviço deste mundo de ilusões, e do amor, ainda mais ilusório (porque irreal e vão), do corpo e do Eu físico.

Mas de que serviria toda uma virtuosa vida de sofrimentos e privações, se o único resultado final fosse a aniquilação? Se, depois de atingir esse estado de perfeição suprema, que permite ao iniciado recordar suas vidas pretéritas e prever as futuras, pelo desenvolvimento pleno de sua divina visão interna; e de adquirir o conhecimento que revela as causas [1] dos ciclos periódicos de existência; se, depois de tudo isso, não tiver o homem pela frente senão o desfecho do não-ser, e nada mais; oh! então seria uma necedade toda a doutrina budista, e o sistema epicurista seria muito mais filosófico que *semelhante* Budismo.

Quem for incapaz de compreender a sutil, e no entanto profundíssima, diferença entre a vida em estado físico ou material e a vida puramente espiritual (a "vida da Alma" ou do Espírito), esse jamais poderá apreciar com plenitude o valor dos excelsos ensinamentos de Buddha, ainda que em sua forma exotérica. A existência individual ou pessoal é causa de penas e aflições; a vida coletiva e impessoal está acompanhada de divinas bem-aventuranças e sempiternos gozos, não havendo causas nem efeitos para lhes eclipsas o fulgor. E a esperança nessa vida eterna é a chave-mestra do Budismo.

Se alguém nos disser que a existência impessoal não é tal existência, senão que equivale ao aniquilamento, far-lhe-emos esta pergunta: Que diferença pode haver nas percepções espirituais de um Ego, se ele entra no

---

(1) Os doze Nidânas, que os tibetanos chamam "Tin-brel Chung-nyi", baseados sobre as "Quatro Verdades".

Nirvana carregado tão somente com a lembrança de suas próprias vidas pessoais (dezenas de milhares, segundo os modernos partidários da reencarnação), ou se, completamente imerso no estado parabrâmico, se une ao Todo, com o absoluto conhecimento e a perfeita consciência de representar humanidades coletivas? Um Ego que passou por dez vidas individuais distintas terá necessariamente perdido o seu Eu unitário, fundindo-se, por assim dizer, naqueles dez Eus. Enquanto este grande mistério permanecer como letra morta para os pensadores ocidentais, e sobretudo para os orientalistas, quanto menos o procurem explicar tanto melhor será para a Verdade.

De todas as filosofias religiosas, o Budismo é a menos compreendida. Ensaístas como Lassen, Weber, Wassilief, Burnouf e Julien, e até mesmo "testemunhas oculares" do Budismo tibetano, como Schlagintweit e Csomo de Koros, outra coisa não têm feito até agora senão acrescentar a perplexidade à confusão. Nenhum deles se abeberou na genuína fonte dos Gelugpas: todos têm julgado o Budismo pelas migalhas de conhecimento recolhidas nos mosteiros lamaicos da fronteira do Tibete, em regiões densamente povoadas por Butanenses, Lepchas, Bhons e Dugpas de gorros vermelhos, ao longo da cordilheira dos Himalaias. Centenas de volumes adquiridos de budistas buriatas, xamãs e chineses foram lidos e traduzidos, comentados e erroneamente interpretados, segundo o costume invariável. Deixariam as Escolas Esotéricas de merecer este nome se a sua literatura e as suas doutrinas passassem às mãos de correligionários profanos, e ainda menos se às do público ocidental. Simples lógica e senso comum bastam para evidenciá-lo. Os orientalistas, no entanto, sempre se obstinaram em não reconhecer essa verdade; e assim continuaram a discutir com toda a gravidade os méritos e os absurdos dos ídolos, das "mesas divinatórias de Phurbu" [2] sobre as "tartarugas quadradas". Nada disso tem relação com o verdadeiro Budismo filosófico do Gelugpa, nem mesmo com o dos mais cultos membros das seitas Sakyapa e Kadampa. As "pranchas", as mesas de sacrifício, os círculos mágicos de Chinsreg [oferendas calcinadas], etc., todas essas coisas foram adquiridas às claras no Sikkim, no Butã e no Tibete oriental, das mãos de Bhons e Dugpas. Mas são apresentadas como características do Budismo tibetano! Seria o mesmo que julgar o sistema filosófico do Bispo Berkeley, sem o conhecer, pelo estudo do Cristianismo através do culto histriônico dos *lazzaroni* de Nápoles, quando executam suas cabriolas místicas diante da imagem de São Pepino ou conduzem os *ex-votos* em cera dos falos de São Cosme e São Damião, em Tsernie.

É bem verdade que os primitivos Shrâvakas (ouvintes) e os Shramanas (os que "freiam o pensamento", os "puros") têm degenerado, e que muitas seitas budistas descaíram em mero dogmatismo e ritualismo. Como todos os demais ensinamentos esotéricos e semi-esotéricos, as palavras de Buddha têm um duplo significado; e cada seita acabou pretendendo ser a

(2) Phurbu ou P'urbu significa "raio-punhal" Veja-se *The Buddhism in Tibet, or Lamaism*, de L. Austine Wadell, M.D., págs. 340-341.

detentora exclusiva do verdadeiro significado, e arrogou-se então o direito de supremacia sobre as outras. O cisma insinuou-se no saudável corpo do Budismo, e, qual um câncer tentacular, lhe foi minando o organismo. À escola Mâhayâna ("Veículo Maior") de Nâgârjuna opôs-se o sistema Hînayâna ("Veículo Menor"), e até a Yogachârya de Aryâsanga foi desvirtuada com a peregrinação anual às praias do lago Mansarovara de uma multidão de vagabundos procedentes da Índia e que se fingem yogis e faquires para não trabalhar. Uma afetada repugnância pelo mundo e a inútil e fastidiosa prática de contar as inspirações e expirações, a fim de produzir a tranqüilidade absoluta da mente ou a meditação, arrastaram essa escola para o campo da Hatha-Yoga, e a fizeram herdeira dos Tirthikas bramânicos. E, se bem que os seus Srotâpâttis, Sakridâgâmins, Anâgâmins e Arhats [3] tenham os mesmos nomes em quase todas as escolas, diferem muitíssimo suas respectivas doutrinas, e não é provável que alguma delas sirva para proporcionar os verdadeiros Abhijnas (as cinco faculdades sobrenaturais e extraordinárias).

Um dos erros capitais em que incorrem os orientalistas ao julgar por "interna (?) evidência", como eles dizem, consiste em suporem que os Pratyeka-Buddhas, os Bodhisattvas e os Buddhas "perfeitos" representam um desenvolvimento ulterior do Budismo. Porque é sobre esses três graus principais que se baseiam os sete e os doze graus da hierarquia do Adeptado. Os primeiros são os que alcançaram o Bodhi (a sabedoria) dos Buddhas, mas que não são Instrutores [4]. Os Bodhisattvas humanos são, por assim dizer, candidatos ao estado de Buddha perfeito (nos futuros Kalpas), com a faculdade de utilizarem desde logo seus poderes, se necessário. Os Buddhas "perfeitos" são simplesmente os Iniciados "Perfeitos".

Todos eles — nos três graus que acabamos de citar — são homens, e não Seres desencarnados, como expõem os livros exotéricos da escola Hinayâna. Seu verdadeiro caráter só se pode ver nos volumes secretos de Lugrub ou Nâgârjuna, o fundador da Escola Mahâyâna, que, segundo a tradição, foi iniciado pelos Nâgas ("Serpentes" fabulosas, nome velado que serve para designar os Iniciados ou Mâhâtmas).

---

(3) Srotâpâtti é o que alcançou a primeira *senda* da compreensão do real e do ilusório; Sakridâgâmin é o candidato a uma das iniciações superiores: "aquele que há de nascer mais uma vez"; Anâgâmin, o que alcançou a "terceira senda", ou, literalmente, "aquele que já não renascerá", *a menos que assim o deseje*, podendo optar entre renascer em algum dos "mundos dos Deuses", ficar no Devachan e tomar um corpo terreno por amor à humanidade. Arhat é o que alcançou a Suprema Senda, podendo à vontade imergir do Nirvana enquanto na Terra.

(4) [O Pratyeka-Buddha está no mesmo nível do Buddha, mas o seu trabalho pelo mundo nenhuma relação tem com o seu ensinamento, e sua missão foi sempre envolta em mistério. Não se pode compreender como surgiu nos livros exotéricos e estranha e absurda idéia de que sua obra estaria eivada de egoísmo, em contradição com seus elevados e sobre-humanos dons de poder, sabedoria e amor. Incumbiu-me H. P. B. de retificar semelhante erro, que ela inadvertidamente deixou de passar quando algures se referiu ao Pratyeka-Buddha. — A. B.]

Os anais da China referem a lenda de que Nâgârjuna considerava sua doutrina como oposta à de Gautama Buddha, até o dia em que os Nâgas lhe revelaram que essa era precisamente a doutrina que o próprio Shakyamuni ensinava em segredo. O relato é uma alegoria da reconciliação que se operou entre as antigas escolas secretas bramânicas do Himalaia e as escolas esotéricas de Gautama, as quais no início se olhavam reciprocamente como rivais. As primeiras, que deram origem a todas as outras, haviam sido fundadas além do Himalaia muitos séculos antes de Shâkyamuni. Gautama foi um de seus discípulos; e foi com os sábios hinduístas que ele aprendeu as verdades do Shunyatâ, a vacuidade e a impermanência de todas as coisas terrenas, os mistérios do Prajnâ Pâramitâ, ou do "conhecimento através do Rio", que finalmente conduz o "Ser Perfeito" às regiões da Única Realidade.

Mas os Arhats de Gautama não eram como Ele. Alguns, tocados pela ambição, reuniram-se em concílios e modificaram certos ensinamentos, motivo por que a escola-matriz se recusou no começo a incorporar as escolas desses "hereges" quando das perseguições que visavam a expulsar da Índia a Fraternidade Esotérica. Até que, por último, a maioria das escolas se submeteram ao comando e à orientação dos principais Ashrâmas, e a Yogachârya de Aryâsanga então se fundiu com a primitiva Loja, *onde* desde tempos imemoriais jazia oculta a esperança final e a luz do mundo, a salvação da humanidade. Muitos são os nomes dados a essa primitiva Loja e à região em que se encontra. A esta designam os orientalistas com o nome mítico de um fabuloso país; e é dali, dessa misteriosa terra, que os hindus esperam o seu Kali Avatar, o budista o seu Maitreya, o parse o seu Soshios, os judeus o seu Messias; e também de lá esperariam os cristãos o seu Cristo, se eles soubessem disso.

Ali, e somente ali, impera o Paranishpanna (Yong-Grub) ou a compreensão perfeita do Ser e do Não-Ser, a verdadeira Existência imutável em Espírito, ainda que este anime aparentemente um corpo. Ali, cada um dos habitantes é um Não-Ego, porque chegou a ser o Ego Perfeito. Sua vacuidade é "auto-existente e perfeita" (se houvesse olhos profanos que a pudessem sentir e perceber), porque se fez absoluta: o Irreal transformou-se na Realidade não-condicionada, e as realidades deste mundo se desvaneceram, passando à não-xistência. A "Verdade Absoluta" [5] venceu a "verdade relativa" [6]; e os habitantes da misteriosa região alcançaram os estados místicos de Svasamvedanâ ("a reflexão auto-analítica") e Paramârtha, ou aquela consciência absoluta do Eu pessoal absorvido no Ego impessoal que está acima de tudo e, portanto, acima da ilusão em todos os seus aspectos. Seus Buddhas "Perfeitos" e seus Bodhisattvas recebem, em todos os idiomas falados pelos budistas, nomes que denotam Seres celestiais e inacessíveis, mas que nada significam para a obtusa percepção do europeu profano. Que importa isso Àqueles que, estando neste mundo, vivem, contudo, fora dele,

(5) Dondam-pay-den-pa. Em sânscrito: Paramârthsatya.

(6) Kunza-bchi-den-pa. Em sânscrito: Samvritisatya.

e além, muito além, de nossa ilusória Terra! Acima destes Seres só há uma categoria de Nirvânis: os Dharmakâyas (Chos-Ku), ou Nirvânis "sem resíduos" — os Arûpas puros, os Sopros sem forma [7].

Dali saem de tempos a tempos os Bodhisattvas em seu corpo Prul-pa-ku (Nirmanakâya), e sob aparência humana ensinam os homens. Há encarnações voluntárias e conscientes, como as há inconscientes.

A maioria das doutrinas dos sistemas Yogachârya e Mahâyâna são esotéricas. Dia virá em que os hindus e budistas profanos esmiuçarão a *Bíblia*, tomando-a ao pé da letra. A cultura estende-se rapidamente pela Ásia, e já se observam algumas tentativas naquele sentido, de modo que os argumentos dos missionários poderão voltar-se em richochete contra o Cristianismo. Mas, quaisquer que sejam as conclusões daqueles, nunca igualarão em injustiça e absurdidade algumas das teorias forjadas pelos cristãos contra as filosofias orientais.

Assim, vemos Spence Hardy sustentar que o Arhat, ao morrer, entra no Nirvana,

"isto é, cessa de existir"

E, segundo o Major Jacob, o Jivanmukta,

"absorvido em Brâhmâ, passa a ter uma existência inconsciente, semelhante à da pedra" [8]

Atribuem-se a Shankarachârya as seguintes palavras em sua introdução ao *Shvetâshvatara*:

"A Gnose, depois que surge, nada mais requer para a realização do seu objetivo. Só necessita de auxílio para que possa surgir."

Tem-se argüido que o teósofo, durante a vida, pode praticar o bem e o mal a seu alvedrio, sem incorrer em pecado, tal a eficácia da Gnose. Alega-se ainda que a doutrina dos Nirvana se presta a induções imorais, e que os quietistas foram em todos os tempos acusados de imoralidade [9].

Segundo Wassilief [10] e Csoma de Koros [11], a escola Prasanga adotou um modo especial de

---

(7) Erram os orientalistas quando interpretam literalmente o ensinamento da escola Mahâyâna acerca das três diferentes classes de corpos, a saber: Prul-pa-ku, Longehod-dzocpaig-ku [ou Long-sku] e Chos-ku, como se fossem todos pertencentes ao estado nirvânico. Há duas espécies de Nirvana: o terrestre e o dos Espíritos puramente desencarnados. Esses três "corpos" são três invólucros, mais ou menos físicos, de que dispõe o Adepto ao alcançar e cruzar os seis Paramitâs (ou "Sendas" do Buddha). Ao entrar no Sétimo Paramitâ já ele não pode retornar à Terra. (Veja-se: Csoma de Koros, *Jour. As. Soc. Beng.*, VII, 142, e Schott, *Buddhismus*, pág. 9 — que expõem a coisa de maneira diferente.

(8) *Vedanta Sâra*, trad. do Major Jacob, pág. 119.

(9) *Vedanta Sâra*, pág. pág. 122.

(10) *Der Buddhismus*, págs. 327, 357 e seguintes; citação de Schlagintweit.

(11) *Buddhism in Tibet*, pág. 41.

"deduzir o absurdo e o erro de todas as opiniões esotéricas" [12].

As interpretações inexatas da filosofia budista sobem de ponto naquele comentário sobre uma tese da escola Prasanga, em que se diz que

"até mesmo um Arhat vai para o inferno, se duvidar de alguma coisa" [13],

convertendo-se assim em um sistema de fé cega a religião de mais livre-pensamento do mundo. A "ameaça" se refere simplesmente à lei bastante conhecida de que até um Iniciado pode falhar, e falhará certamente se por um momento duvidar da eficácia de seus poderes psíquicos. É o A.B.C. do Ocultismo, como bem sabem todos os cabalistas.

A seita tibetana dos Ngo-vo-nyid-med par Mraba ("os que negam a existência" ou "consideram a Natureza como ilusória, Mâyâ") [14] não pode comparar-se de modo algum com as escolas niilistas ou materialistas da Índia, como a escola Chârvâka — pois são puramente vedantinos (ou coisa parecida) em seus conceitos. E se os Yogachâryas podem ser comparados aos Vishishtâdvaitas tibetanos, ou merecer este nome, a escola Prasanga é sem dúvida a filosofia Advaita desse país. Dividiu-se em duas subescolas: uma, a Svatântrika Mâdhyamika, foi originariamente fundada por Bhavaviveka; e a outra o foi por Buddhapâlita. Ambas têm seus círculos exotérico e esotérico, e é necessário pertencer ao último para conhecer algo das doutrinas secretas desta seita, a mais filosófica e metafísica de todas.

Chandhakîrti (Dava Dagpa), que comentou as doutrinas da escola Prasanga e as ensinou publicamente, afirma que há dois meios para entrar na "Senda" que conduz ao Nirvana. O homem virtuoso pode alcançar por Naljorngonsum ("meditação pela autopercepção") a compreensão intuitiva das quatro Verdades, ainda que não pertença a uma ordem monástica nem seja iniciado. Neste caso, considerava-se heresia sustentar que as visões, obtidas em semelhante estado de meditação (ou Vishna, conhecimento interno), não são suscetíveis de erro (Namtog, ou falsas visões), porque o são. Somente Alaya, em razão de sua eterna e absoluta existência, pode ter o conhecimento absoluto; e o próprio Iniciado está sujeito, em seu corpo Nirmanakâya [15],

---

(12) *Jour. of. Ac. Soc. Bengal.*, VII, 144.

(13) *Buddhism in Tibet*, pág. 44.

(14) Afirmam também a existência da Natureza pura, Única e Absoluta, Parabrahman, e o caráter ilusório de todas as coisas que lhe são externas. Crêem ainda que somente pela Yoga se pode conduzir a Alma individual (que é um Raio da "Universal") à verdadeira natureza da existência e das coisas.

(15) Nirmanakâya (também chamado vulgarmente Nirvanakâya) é o corpo ou Eu "com resíduos", ou sob a influência de atributos terrenos, a que ainda se prende o Eu, apesar de sua espiritualização. Um Iniciado Dharmakâya, isto é, um Nirvâni "sem resíduos", é um Jîvanmukta, o Perfeito Iniciado, capaz de separar inteiramente do corpo, durante o samâdhi, o seu Eu Superior. [Observar-se-á que estas duas palavras são aqui empregadas com sentido diferente do anteriormente indicado — A.B.]

a cometer um erro ocasional, aceitando como verdadeiro o que é falso, em suas explorações no mundo "Sem Causa". O Bodhisattva Dharmakâya só é infalível quando no estado real de samâdhi. Alaya, ou Nying-po, raiz e base de todas as coisas, é imperceptível e incompreensível à visão e ao intelecto do homem; e por isso não pode refletir senão o seu reflexo. Não se reflete a si mesmo. Assim, este reflexo somente se reproduzirá, como a lua que se espelha em águas tranqüilas e claras, na mente sem paixões do Dharmakâya; e seria deformado pelas imagens cambiantes e fugidias das coisas percebidas por uma mente propensa à perturbação.

Resumindo: esta doutrina é a da Râja Yoga em sua prática das duas espécies de samâdhi; uma das "sendas" conduz à esfera de bem-aventurança (Sukhâvati ou Devachan), onde o homem goza de uma felicidade perfeita, embora ainda relacionada com a existência pessoal; e a outra "senda" conduz à completa emancipação dos mundos de ilusão, do eu e da irrealidade. A primeira está aberta a todos, e basta o mérito para alcançá-la; à segunda, cujo percurso é cem vezes mais rápido, chega-se por meio do conhecimento (a Iniciação). Portanto, os discípulos da escola Prasanga estão mais próximos do Budismo Esotérico que os Yogachâryas; pois seus conceitos são análogos aos das mais secretas escolas, e no *Yamyangshapada* e em outras obras publicadas apenas repercute o eco dessas doutrinas.

Por exemplo, nos livros exotéricos se expõe o caráter irreal de duas das três divisões do tempo, a saber: 1.º Que não há passado nem futuro, sendo correlativos estes dois aspectos do presente; 2.º Que só aquele que obteve o corpo Dharmakâya pode sentir e perceber a realidade das coisas. E aqui surge mais uma dificuldade, porque este corpo "sem resíduos" conduz o Iniciado à plenitude do Paranirvana (se admitirmos a explicação exotérica), onde ele não pode sentir nem perceber.

É evidente, porém, que os nossos orientalistas não sentem o *caveat* de tais incongruências, e prosseguem em suas especulações, sem uma pausa para reflexão. Os eruditos deviam estar mais bem informados nesta matéria, porquanto é copiosíssima a literatura mística, e só a Rússia adquiriu bibliotecas inteiras no Tibete, graças a suas relações comerciais com os buriatas, os xamãs e os mongóis. No entanto, basta ler o que escreveu Csoma acerca da origem do sistema Kâla Chakra [16], ou o que disse Wassilief sobre o budismo, para que se perca toda esperança de ver os ocidentalistas aprofundarem seus estudos além da casca do "fruto proibido". Quando ouvimos de Schlagintweit que o misticismo tibetano não é Yoga —

"esta devoção abstrata por meio da qual se adquirem poderes sobrenaturais" [17],

conforme a define Wilson — mas que está intimamente relacionada com o xamanismo siberiano, e é "quase idêntica ao ritual tântrico"; quando ouvimos

(16) Os livros "sagrados" de Dus-Kyi-Khorlo ("Círculo do Tempo"). Veja-se *Jour. As. Soc.*, II, 57. Estas obras caíram em mãos dos Dugpas do Sikkim ao tempo da reforma de Tsong-Kha-pa.

(17) *Glossary of Judicial and Revenue Terms*, artigo "Yoga", citado em *Buddhism in Tibet*, pág. 47.

que o *Zung* do Tibete não é nem mais nem menos que o *"Dhâranis"*, e que o *Gyut* é igual aos *Tantras* (sendo o Tantra pré-cristão julgado segundo o ritual dos Tântrikas modernos) — parece quase justificada a suspeita de que os nossos orientalistas trabalham como aliados e colaboradores dos missionários. Para eles, toda localidade desconhecida dos geógrafos é inexistente. Eis um exemplo:

"Conta-se que o Misticismo nasceu em um país fabuloso chamado Sambhala... Csoma, depois de *cuidadosas* investigações, situa esse [fabuloso?] país além do Sir Daria [Yaxartes], entre 45 e 50 graus de latitude norte.

Foi ele conhecido na Índia pela primeira vez no ano 965 de nossa era, e introduzido no Tibete, através da Cachemira, no ano 1025 de nossa era." [18]

O "ele" se refere ao "Dus-Kyi-Khorlo", ou o Misticismo tibetano. Custa a crer que haja quem atribua apenas nove ou dez séculos de antiguidade a um sistema que é tão velho quanto o mundo, e já conhecido e praticado na Índia antes que aparecesse no globo o continente europeu!

É possível que o texto dos livros em sua forma atual "seja" de data ainda posterior, porque muitos deles foram deturpados para que se adaptassem à fantasia das seitas. Mas quem leu o primitivo tratado sobre o Dus-Kyi-Khorlo, refundido por Tsong-Kha-pa, com os seus Comentários? Considerando que este grande reformador mandou queimar todos os livros de feitiçaria de que pôde lançar mão, no ano de 1387, e que ao morrer deixou toda uma biblioteca composta de suas próprias obras (das quais nem sequer a décima parte veio ao conhecimento público), não se pode deixar de concluir que são pelo menos prematuras as afirmações a que nos referimos.

O Abade Huc aventou também a hipótese de que Tsong-Kha-pa adquiriu sua sabedoria e seus poderes extraordinários graças à convivência com um estrangeiro vindo do Ocidente e "notável por seu grande nariz". Acreditava o bom Abade que o estrangeiro "era um missionário europeu", o que explicaria a grande semelhança entre os rituais católico e tibetano. Não diz, porém, o ardoroso "lama de Jehovah" quem eram os cinco estrangeiros que no ano 371 de nossa era se apresentaram no Tibete e desapareceram tão súbita e misteriosamente como haviam chegado, depois de instruir o rei Thothori-Nyang-tsan sobre o modo de usar certos objetos contidos em uma pequena caixa que havia "caído do céu" quarenta anos antes, ou seja, no ano 331, em presença do mesmo rei [19].

Em relação às datas orientais, observa-se quase sempre, entre os eruditos europeus, uma irremediável confusão, que sobe de ponto no caso do Budismo tibetano. Assim, enquanto alguns aceitam, com certa exatidão, o século VII como a época da introdução do Budismo no Tibete, outros, como

(18) *Buddhism in Tibet*, págs. 47-48.

(19) *Buddhism in Tibet*, págs. 63-64. Os objetos encontrados na caixinha, conforme reza a lenda exotérica, são obviamente simbólicos. Estão mencionados no *Kanjur*, que assim os enumera: 1.° duas mãos entrelaçadas; 2.° um Choten (Stûpa ou relicário) em miniatura; 3.° um talismã com a inscrição: "Om mani padme hum"; 4.° um livro religioso, o *Zamatog* ("um veículo construído").

Lassen e Koeppen por exemplo, mencionam data muito anterior, apoiando-se para tanto em valiosas autoridades. Lassen alude à construção, nas vertentes dos montes Kailas, de um mosteiro budista, no ano 137 anos de Cristo [20], e Koeppen diz que a religião de Gautama estava já estabelecida ao norte do Punjab desde o ano 292 antes de Cristo. A diferença entre as datas extremas, conquanto não seja de grande monta, pois é apenas de aproximadamente um milhar de anos, não deixa de ser embaraçosa. Mas, do ponto de vista esotérico, a explicação é fácil. O Budismo em sua forma exotérica ou velada radicou-se entre o povo no século VII da era cristã; ao passo que o genuíno Budismo esotérico, ou seja, o coração, o espírito mesmo das doutrinas do Tathâgata, foi levado à sua terra natal, o berço da humanidade, pelos Arhats que o Buddha elegera e enviara com a missão de buscarem um seguro refúgio para suas doutrinas — pois

"o Sábio pressentiu os perigos desde o momento em que entrou no Thonglam ('a senda da percepção' ou clarividência)."

Mas, no meio de populações em que estava tão profundamente entranhada a prática da feitiçaria, falhou a tentativa; e só quando a escola da "Doutrina do Coração" se uniu à sua predecessora, estabelecida havia séculos nas vertentes que dão para o Tibete ocidental, foi que o Budismo se instalou definitivamente na terra dos Bhon-pa, com suas duas divisões — a esotérica e a exotérica.

(20) *Ind. Alterthumskunde*, II, 1072.

Seção LI

A "DOUTRINA DO OLHO" E A "DOUTRINA DO CORAÇÃO" OU O "SELO DO CORAÇÃO"

O Professor Albrecht Weber estava com a razão quando afirmou que os budistas do Norte

"são os únicos que possuem estas escrituras [budistas] completas".

Porque, enquanto os budistas do Sul não têm a mínima noção da existência de uma doutrina esotérica (qual pérola engastada na concha de cada religião), os chineses e os tibetanos conservam numerosos sinais dela. A doutrina pregada por Gautama, conquanto entre as massas apareça desvirtuada e corrompida, ainda se mantém incólume nos mosteiros da China, até onde não pode chegar a curiosidade dos viajantes.

Pode-se, contudo, observar que, embora os sucessivos "reformadores", no espaço de quase dois mil anos, tenham alterado e suprimido alguns pontos do original, substituindo-os por especulações de índole pessoal, a verdade ainda se entremostra até mesmo no seio das massas. Mas tão somente nos contrafortes trans-himalaios, vagamente chamados Tibete, nas mais inacessíveis paragens do deserto e da montanha, é que, ainda em nossos dias, sobrevive a "Boa Lei" esotérica, o "Selo do Coração", em toda a sua prístina pureza.

Não se equivocava Emmanuel Swedenborg quando, referindo-se à Palavra esquecida e há tanto tempo perdida, advertia:

"Ide procurá-la na China, e a encontrareis provavelmente na Grã Tartária."

Disse Swedenborg aos seus leitores que a informação lhe fora revelada por alguns "Espíritos", cujo culto, segundo acrescentaram, se baseava nessa antiga Palavra perdida. A este respeito observamos em *Ísis sem Véu* que

"outros estudantes de Ciências Ocultas dispunham, neste caso especial, de testemunho mais digno de fé que a informação de 'Espíritos', pois eles próprios haviam visto os livros"

que continham a "Palavra" [1].

(1) *Op. cit.*, II, pág. 470.

Talvez fossem orientais os nomes dos "Espíritos" que se comunicaram com o grande teósofo sueco. As afirmações de um homem de tão reconhecida e patente integridade, e cujos conhecimentos em matemática, astronomia, ciências naturais e filosofia ultrapassavam em muito os de sua época, não podem ser menosprezadas tão de plano como se fossem as de um teósofo de hoje. Além disso, Swedenborg se dizia possuidor da faculdade de passar voluntariamente ao estado que o Eu Interno se desprende dos sentidos físicos para atuar em um mundo onde todos os segredos da Natureza são um livro aberto aos olhos da alma [2]. Infelizmente, duas terças partes de suas obras foram também escritas em sentido alegórico, e os críticos, interpretando-as ao pé da letra, não têm poupado o grande vidente sueco mais do que aos outros videntes.

Depois de uma vista panorâmica das Ciências Ocultas e da Magia, com seus Adeptos na Europa, cumpre-nos agora falar sobre os Iniciados orientais.

Se somente agora se começa a suspeitar da existência de um sentido esotérico nas escrituras sagradas do Ocidente, transcoridos quase dois mil anos de fé cega na sabedoria de seu texto literal, a mesma coisa se pode afirmar com relação aos livros sagrados do Oriente. Por isso, sem uma chave não é possível compreender os sistemas hindu e budista, e o estudo comparado das religiões tampouco constituirá uma "ciência" enquanto os diferentes símbolos religiosos não tiverem revelado todos os seus segredos. Tal não ocorrendo, esse estudo representará uma perda de tempo ou, quando muito, um jogo de "esconde-esconde".

Apoiado na autoridade de uma *Enciclopédia* japonesa, diz Rémusat que Buddha, antes de morrer, comunicou os segredos de sua doutrina a seu discípulo Kashyapa, confiando-lhe o exclusivo e sagrado encargo de preservar a interpretação esotérica, a que na China se deu o nome de *Cheng-fa-yen-tsang* ("o Mistério do Olho da Boa Doutrina").

A qualquer estudante do Esoterismo budista, a expressão "Mistério do Olho" denotaria ausência de esoterismo. Mas, se estivesse a palavra "Coração" em lugar de "Olho", então significaria o que agora se pretende exprimir. "Doutrina do Olho" equivale a dogma, letra morta, ritualismo eclesiástico apropriado para os que se contentam com fórmulas exotéricas. A "Doutrina do Coração", ou "Selo do Coração" (Sin-Yin), é a única verdadeira. Assim o corrobora Hiuen-Tsang, que em sua tradução do *Maha-Prajnâ-Pâramitâ* (*Ta-Poh-je-king*), que se compõe de cento e vinte volumes, diz que foi "Ananda, o discípulo dileto de Buddha", quem, depois de subir ao Nirvana o seu grande Mestre, recebeu a incumbência, transmitida por Kashyapa, de promulgar o "Olho da Doutrina" — pois o "Coração" da Lei foi o legado exclusivo dos Arhats.

A diferença essencial que existe entre os dois — o "Olho" e o "Coração", ou a forma externa e o sentido oculto, a fria metafísica e a Divina

(2) A menos que se consiga, a par da informação segura, o método exato, as visões individuais da vida da alma, ainda que verdadeiras e corretas, unnca poderão ser fotografadas na memória física; e certas células do cérebro não deixarão, por certo, de destroçar nossas recordações.

Sabedoria — está claramente demonstrada em vários livros sobre o "Budismo Chinês", escritos por diversos missionários. Estes, depois de viverem tantos anos na China, só conhecem o que lhes impingiram escolas pretensamente esotéricas; porque as autênticas não iriam fornecer com semelhante facilidade, aos inimigos declarados de sua fé, manuscritos antigos e obras esotéricas. Esta gritante contradição entre a doutrina e a prática não parece haver impressionado os dignos historiadores ocidentais quando se referem aos dogmas secretos de outros povos. Assim, o Rev. Joseph Edkins menciona em sua obra *Chinese Buddhism* várias escolas esotéricas, crendo sinceramente haver feito um "minucioso exame" dos dogmas secretos dos budistas, cujos escritos "eram, até bem pouco tempo, inacessíveis em sua forma original". Não será exagero afirmar que ainda hoje continua "inacessível" a genuína literatura esotérica, e que incorreu em grave equívoco o ilustre autor quando teve a idéia de escrever que

"... nunca existiu, segundo parece, nenhuma doutrina secreta que não fosse divulgada por quem a conhecesse",

se é que ele alguma vez acreditou no que fez registrar na página 161 do seu livro.

Saiba o Rev. Edkins, de uma vez por todas, que os *Yu-luh* ("Coletânea de Sentenças") de famosos instrutores não passam de véus, tão compactos (se não mais) quanto os dos *Purânas* bramânicos. Seria ocioso transcrever a interminável lista de eminentes eruditos ocidentais, inclusive mencionar as investigações de Remusat, Burnouf, Koeppen, Saint-Hilaire e St. Julien, que ganharam fama por haver exposto ao público o antigo mundo hindu e descoberto os livros secretos e sagrados do Budismo: o mundo que eles revelam nunca esteve oculto. O erro de todos os orientalistas pode julgar-se pelo do Prof. Max Müller, o mais popular, se não o maior deles. Queremos referir-nos ao que jocosamente traduziu por "o Deus Quem" (Ka):

"Os autores dos Brâhmanas haviam de tal modo rompido com o passado que, esquecendo o caráter poético dos hinos e o anelo dos poetas para o Deus Desconhecido, exaltaram o pronome interrogativo, dele fazendo uma Divindade, o Deus Ka (Quem?)... Em todos os versículos interrogativos se declara que Ka é Prajâpati, ou o Senhor das Criaturas. Mas não ficaram nisso. Alguns hinos onde aparece o pronome interrogativo eram chamados Kadvat — com Kad ou Quid. E um novo adjetivo logo se formou, Kaya (o atributo de 'Quem'), para qualificar não só os hinos mas também o sacrifício oferecido ao deus Ka... No tempo de Panini esta palavra adquiriu tal legitimidade que se explicou sua formação por meio de uma regra especial. Ka é aqui identificado pelo comentador com Brahman."

Se o comentador o houvesse identificado com Parabrahman, ainda mais certo estaria. Difícil é compreender a razão por que se não poderia expressar com um pronome interrogativo o misterioso, secreto e sacrossanto Nome do Espírito Supremo, Absoluto, sem sexo nem forma, que ninguém ousaria classificar entre as divindades manifestadas, nem incluir na primitiva nomenclatura do Panteão simbólico. Terão porventura os partidários da religião mais antropomórfica do mundo o direito de censurar os antigos filósofos por uma exagerada veneração e respeito religioso?

Mas é do Budismo que nos estamos ocupando. Seus ensinamentos orais e secretos, transcritos em cópias simples pelos superiores das genuínas escolas esotéricas, estão expostos em uma obra de San-Kian-yi-su, que, comparando Bodhidharma com Buddha, diz o seguinte:

"Julai (*Tathâgata*) ensinou grandes verdades e a causa das coisas. Tornou-se o instrutor dos homens e dos Devas. Salvou multidões de pessoas, e expôs oralmente o conteúdo de mais de quinhentas obras. Originou-se daí o *Kiau-men*, ou ramo exotérico do sistema, que se julgou representar a tradição das palavras de Buddha. Do céu ocidental [Shamballa] trouxe Bodhidharma o 'Selo da Verdade' (o verdadeiro selo), e abriu a fonte da contemplação no Oriente. Apontando diretamente para o coração e a natureza de Buddha, ele deixou de lado a parasitária e forasteira erudição livresca, e assim instituiu o *Tsung-men*, ou ramo esotérico da doutrina, que continha a tradição do *coração* de Buddha..." [3]

Algumas observações do autor do *Budismo Chinês* projetam um feixe de luz sobre os erros universais dos orientalistas, de modo geral, e sobre os dos missionários nas "terras dos gentios" em particular. São um veemente apelo à intuição dos teósofos, sobretudo dos teósofos da Índia. Na transcrição que se segue damos em itálico as expresões mais dignas de atenção.

"O nome [chinês] dado comumente às escolas esotéricas *é dan*, que equivale ao sânscrito *Dhyana*... Na China o Budismo ortodoxo *foi-se convertendo* pouco a pouco, mas com passo firme, em Budismo heterodoxo. O Budismo dos livros e das antigas tradições *passou a ser o Budismo da contemplação mística*... A história das velhas escolas, surgidas há muito tempo no seio das comunidades budistas da Índia, *agora só parcialmente pode ser reconstituída*. Talvez a China possa lançar retrospectivamente alguma luz na história religiosa do país de onde procedeu o Budismo [4]. Nenhuma parte da história será capaz de nos ajudar tão eficazmente a recuperar os conhecimentos perdidos como os relatos dos patriarcas, cuja linhagem foi completada pelo Bodhidharma. Ao procurar a explicação mais satisfatória dos relatos chineses e japoneses a respeito dos patriarcas e dos *sete Buddhas*, dos quais o último foi Gautama ou Shâkyamuni, é importante conhecer as tradições jainistas, tais como eram no século VI de nossa era, quando o patriarca Bodhidharma se trasladou para a China...

Cumpre não perder de vista, no traçar a origem das diversas escolas do Budismo esotérico, que eram todas regidas por um princípio algo semelhante ao dogma da sucessão apostólica. Afirmam elas que *a doutrina lhes foi ensinada por uma série de instrutores, cada um dos quais a recebeu pessoalmente de seu antecessor até a época do Bodhidharma, e assim sucessivamente até o próprio Shâkyamuni e os primitivos Buddhas.*" [5]

Considera-se, mais adiante, como uma quebra de obediência ao Budismo estritamente ortodoxo que *os Lamas do Tibete sejam recebidos em Pequim com extremado respeito pelo próprio Imperador*.

---

(3) *Chinese Buddhism*, pág. 158. O Rev. Joseph Edkins provavelmente ignora de todo a existência real dessas escolas, julgando-as por suas caricaturas chinesas e dando a semelhante esoterismo o nome de "Budismo heterodoxo". E em certo sentido talvez o seja.

(4) A tradição destas escolas e os seus ensinamentos não se perderam, na Índia, senão para o público em geral, e em especial para os orientalistas ocidentais. Mas foram integralmente preservados em alguns Mathans (refúgios destinados à contemplação mística). Em todo o caso, é preferível buscá-los junto aos seus legítimos detentores, os chamados Adeptos ou Mahâtmâs "míticos".

(5) *Chinese Buddhism*, págs. 155-159.

As seguintes passagens, extraídas de diversas partes da obra, resumem os conceitos de Edkins:

"Não é raro verem-se eremitas nas imediações dos grandes templos budistas... nunca eles cortam o cabelo... Rejeitam a doutrina da metempsicose. O Budismo é uma espécie de panteísmo, baseado em que a metempsicose infunde vida a toda a natureza, e que esta vida é a Divindade sob diferentes formas pessoais. A Divindade não é uma Causa em si mesma, livre e autônoma, mas um Espírito imanente em todas as coisas. Os budistas esotéricos da China, observando rigorosamente a unidade de sua doutrina, nada dizem sobre a metempsicose [6]... ou sobre qualquer outra das partes menos pobres do sistema budista... O paraíso ocidental prometido aos adoradores de Amida Buddha é... incompatível com a doutrina do Nirvana [?] [7]... pois *acena com a imortalidade*, em vez da aniquilação. A grande antiguidade desta escola está evidenciada pela data da tradução do *Amida Sutra*, recebido das mãos de Kumârajiva, e ainda porque o *Wu-liang-sheu-king* remonta à dinastia de Han. O seu raio de influência é visível na adesão dos tibetanos e dos mongóis ao culto deste Buddha, e na circunstância de ser o nome deste fictício [?] personagem ouvido com mais freqüência que o do Shâkyamuni histórico, na China."

Receamos que o ilustre autor esteja em um caminho errado no que se refere ao Nirvana e Amita Buddha. Entretanto, não deixa de ser significativo que um missionário dê o seu testemunho da existência de várias escolas de Budismo esotérico no Celeste Império.

Ao chegar ao seu apogeu o uso indevido das escrituras ortodoxas e dogmáticas do Budismo, e quando estava a ponto de perder-se o verdadeiro espírito da filosofia de Buddha, apareceram, procedentes da Índia, vários reformadores, que instituíram um ensinamento oral. Tais foram Bodhidharma e Nâgârjuna, autores das mais importantes obras da escola contemplativa da China durante os primeiros séculos da era cristã. Sabe-se, além disso, conforme está dito no *Budismo Chinês,* que Bodhidharma foi o principal fundador das escolas esotéricas, que se dividiram em cinco ramos. Os dados contidos naquela obra são bastante corretos; mas todas as conclusões, sem excetuar uma só, estão positivamente erradas. Dissemos em *Ísis sem Véu* [8] que:

"Tão explicitamente como Jesus, Buddha ensina a doutrina do renascimento. Desejoso de romper com os antigos mistérios, que não admitiam em seu seio as massas ignorantes, o reformador hindu externa em termos inequívocos o seu pensamento, ainda

---

(6) Em verdade repudiam expressamente a teoria popular da transmigração das almas ou entidades humanas *em* animais; não, porém, a evolução do homem *a partir do* animal, pelo menos na parte relacionada com os princípios inferiores.

(7) Pelo contrário, é de todo compatível, quando explicado à luz da Doutrina Esotérica. O "paraíso ocidental", ou grau ocidental, não é uma ficção localizada no espaço transcendente. É um lugar *bona fide* situado nas montanhas, ou, mais exatamente, em um deserto rodeado de montanhas. Destina-se à residência daqueles estudantes da Sabedoria esotérica, discípulos de Buddha, que alcançaram os graus de Lohans e Anâgamins (Adeptos). O qualificativo de "ocidental" deve-se tão somente a considerações geográficas; e "o grande cinturão de montanhas de ferro", que circunda o Avitchi, assim como os sete Lokas que rodeiam o "paraíso ocidental", são representações corretas de localidades e coisas bastante conhecidas dos estudantes orientais de Ocultismo.

(8) Vol. II, pág. 566

que silenciando geralmente sobre certos dogmas secretos. Assim, diz aos que o ouvem: '*Alguns nascerão outra vez.* Os maus irão para o inferno [Avitchi]; os bons irão para o céu [Devachan]; os que se libertaram de todo desejo mundano entrarão no Nirvana' (*Preceitos do Dhammapada,* v. 126). Em outra passagem declara Buddha: "É melhor crer em uma vida futura, em que haverá felicidade ou infortúnio: porque se o coração nela crer abandonará o pecado e procederá virtuosamente; e, ainda quando não haja ressurreição [renascimento], a conduta virtuosa é digna de louvor e merece o respeito das gentes. Mas os que acreditam que a morte traz a aniquilação não vêem obstáculo à prática de toda espécie de pecado, porque nada esperam no futuro.' (Veja-se *A Roda da Lei*)."

Onde se diz, portanto, que a imortalidade é "incompatível com a doutrina do Nirvana"? O que transcrevemos representa tão somente um punhado de pensamentos transmitidos abertamente por Buddha aos seus Arhats prediletos; muito mais disse o grande Santo. A título de comentário sobre os errôneos conceitos dos orientalistas contemporâneos, "que em vão tentam sondar os pensamentos do Tathâgata", e dos brâmanes, "que ainda hoje repudiam o grande Instrutor", reproduzimos alguns juízos expressos em relação ao Buddha e ao estudo das Ciências Secretas. São extraídos de uma obra escrita em chinês por um tibetano e publicada no mosteiro de Tientai, para uos dos budistas

"que ainda vivem em terras estranhas e correm o risco de se deixarem corromper pelos missionários",

como judiciosamente diz o autor, porque todo aquele que se converte é não somente considerado "corrompido" perante sua própria religião, mas ainda significa uma triste aquisição para o Cristianismo. Eis as passagens, que nos foram gentilmente traduzidas para este livro:

"Se nenhum ouvido profano escutou o poderoso Chau-yan [os secretos e iluminadores *preceitos*] de Vu-vei-Tchen-jen [Budda *dentro* de Buddha] [9] de nosso bem-amado Senhor e Bodhisattva, como pode alguém afirmar quais eram realmente os seus pensamentos? O santo Sang-gyas-Panchhen [10] nunca proporcionou aos Bhikkus não reformados [monges não iniciados] uma intuição da *Realidade Única.* Poucos são os que a conheceram, mesmo entre os Tu-fon [tibetanos]; e as escolas Tsung-men [11] estão cada vez mais em decadência... Nem sequer a Fa-siong-Tsung [12] pode comunicar a sabedoria ensinada no verdadeiro Naljor-chod-pa [13] [em sânscrito: Yogachârya]... é tudo Doutrina do 'Olho', e nada mais. Sente-se a falta de uma voz de comando, desde que os Tch'-an-si [Instrutores] de meditação interna [autocontemplação ou Tchung-Kwan] se tornaram raros; e a Boa Lei foi substituída pela idolatria [Siang-Kyan]. Foi sobre isso [a idolatria ou culto das imagens] que ouviram falar os bárbaros [os ocidentais]; e

(9) Os orientalistas traduzem esta palavra por: "o verdadeiro homem sem posição" (?); o que é incorreto. Quer simplesmente dizer: o verdadeiro homem interno, ou Ego. "Buddha *dentro* de Buddha" significa que havia um Gautama tanto *internamente* como *externamente*.

(10) Um dos títulos de Gautama Buddha no Tibete.

(11) As escolas ou seitas esotéricas, que na China são numerosas.

(12) Escola contemplativa fundada pelo viajante Hiuen-Tsang, e hoje quase extinta. Fasiong-Tsung significa: "Escola que revela a natureza íntima das coisas".

(13) Ensinamento esotérico ou oculto de Yoga (em chinês: Yo-ga-mi-kiau).

nada sabem eles dos Bas-pa-Dharma [o Dharma secreto ou Doutrina Secreta]. Por que se há de esconder a verdade como uma tartaruga dentro de sua concha? Porque agora se viu que, tal como a faca de tonsurar [14] dos lamas, pode ela converter-se em uma arma cujo manejo é demasiado perigoso, inclusive para o Lanu. Por isso, a ninguém se há de confiar prematuramente o conhecimento [a Ciência Secreta]: só quando chegar a sua hora. Os Changpa-Thog-mad são raros atualmente; os melhores deles se retiraram para a bendita região de Tushita [15]."

Outra passagem fala do homem que pretende dominar os mistérios do esoterismo antes que o Tch'-an-si (Instrutor) o declare apto a conhecê-los; e o compara a

"alguém que, sem lanterna, em uma noite escura, fosse a um lugar infestado de escorpiões, com o propósito de, tateando o terreno, procurar uma agulha que o vizinho houvesse perdido"

Mais adiante se lê:

"Aquele que deseje adquirir o Sagrado Conhecimento deverá, antes de dar o primeiro passo, '*prover a sua lâmpada com a compreensão interna*'; e depois, 'guiado por tão clara luz', servir-se de suas ações meritórias como de um pano para limpar de toda impureza seu espelho místico [16], de modo que nele brilhe o fiel reflexo do Eu... Primeiro isso; depois o Tong-pa-nya [17]; e por fim o Sammâ Sambuddha [18]."

---

(14) A "faca de tonsurar" é de ferro *meteórico*, e serve para cortar a "cabeleira votiva" do noviço ao receber as ordens menores. A lâmina tem dois gumes, que são aguçados como fio de navalha, e fica oculta em um cabo oco de chifre. Ao premer-se a mola, a lâmina salta com a rapidez de um relâmpago, voltando a esconder-se da mesma forma. Sua utilização requer muita destreza, para não ferir a cabeça do jovem Gelung ou Gelung-ma (candidato a sacerdote ou monja), durante os ritos preliminares, que são públicos.

(15) Changpa-Thog-mad é o nome tibetano de Aryâsanga, fundador da escola Yogachârya ou Naljorchodpa. Diz-se que o próprio Maitreya Buddha (que será o Buddha da Sexta Raça) transmitiu, em Tashita (região celeste por Ele presidida), a "sabedoria" ao iniciado Aryâsanga, entregando a este os cinco livros de *Champaitehos-nga*. Contudo, a DOUTRINA SECRETA ensina que Aryâsanga veio de Dejung ou Shamballa, chamada "a fonte da felicidade" ("sabedoria adquirida"), e considerada por alguns orientalistas como uma localidade "imaginária".

(16) Talvez não seja supérfluo recordar ao leitor que o "espelho" fazia parte do simbolismo da Thesmoforia (uma seção dos Mistérios de Elêusis), e era empregado na busca do Atmu, o "Oculto" ou o "Eu". Em seu excelente opúsculo sobre esses Mistérios, diz o Dr. Alexander Wilson, de Nova York: "Apesar de afirmarem Heródoto e outros autores que os Mistérios de Baco eram egípcios, há toda a probabilidade de que fossem originários da Índia e tivessem caráter "shaivítico" ou budista. Kore-Percep-honeia era a deusa Parasu-pani ou Bhavâni, e Zagreus provém de Chakara, região que se estende de um oceano a outro. Se isso é uma lenda turaniana, podemos reconhecer facilmente os 'cornos' como o emblema do crescente usado pelos Lamas, e admitir que toda a lenda [a fábula de Dionisos-Zagreus] se baseia na sucessão e transmigração dos Lamas... Toda a história de Orfeu... está impregnada de um sabor hindu." A lenda da "sucessão e transmigração dos Lamas" não principiou com estes sacerdotes, cuja instituição data somente do século VII, mas teve origem muito mais remota, entre os caldeus e os brâmanes.

(17) O estado em que há a libertação absoluta do pecado ou desejo.

(18) O estado durante o qual um Adepto vê a longa série dos seus nascimentos passados, e revive todas as suas encarnações anteriores, assim neste como em outros mundos. (Veja-se a admirável descrição feita no livro *A Luz da Ásia*, Seção VI.)

Os aforismos de Lin-tsi, no *Budismo Chinês*, corroboram todas essas afirmações:

"Dentro do corpo que recebe as sensações, adquire conhecimento, pensa e atua, está o 'verdadeiro homem sem posição', *Wu-wei-chen-jen*, que se faz claramente visível, sem que nenhuma película, por mais tênue que seja, o oculte. Por que o reconheceis?... Se a mente não vem à existência consciente, há em toda a parte liberação... Que é um Buddha? Uma mente pura e em repouso. Que é a Lei? Uma mente clara e iluminada. Que é *Tau*? Em toda a parte, a ausência de impedimentos e a pura iluminação. Esses três perfazem um." [19]

O digno autor do *Budismo Chinês* ri do simbolismo da disciplina budista. Mas as "pancadas no peito" e os "golpes nas costelas" que a si mesmo infligem os adoradores de Buddha têm seus equivalentes nas mortificações corporais e autoflagelações ("a disciplina do açoite") dos monges cristãos, desde os primeiros séculos de nossa era até os dias de hoje. Deve-se, no entanto, levar em conta que o citado autor, o Reverendo Edkins, é um protestante, que substitui a mortificação e a disciplina pela vida boa e cômoda. É por ele ridicularizada a sabedoria das palavras de Lien-tsi, que rezam:

"O 'verdadeiro homem sem posição', *Wu-wei-chen-jen*, está envolto em uma casca cheia de espinhos, como a da castanha. Não é possível a aproximação dele. Esse é Buddha, o Buddha que está em vós."

Em verdade:

"Uma criança não pode compreender os sete enigmas!" [20]

(19) Cap. VII, págs. 163-64.

(20) *Ibid.*, pág. 164.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A SIGNIFICAÇÃO DA FILOSOFIA OCULTA NA VIDA

OBSERVAÇÃO

Os Apontamentos I, II e III, que se seguem, foram escritos por H.P.B., e circularam em caráter privado enquanto ela viveu; mas havia o propósito de dá-los à publicidade decorrido algum tempo. São apontamentos mais apropriados para o estudante de teosofia que para o leitor ordinário. Sem dúvida que vale a pena estudá-los com atenção, e meditar no seu contexto.

As "Notas sobre alguns ensinamentos orais" foram redigidas por discípulos de H. P. B., e em parte revistas por ela. Nada se fez para modificar-lhes o cunho fragmentário. Era intenção de H. P. B. utilizá-las como base para outros apontamentos semelhantes aos três primeiros; mas a sua saúde combalida não lho permitiu. As Notas vão publicadas com o seu consentimento, depois de expirado o prazo em que deviam ficar restritas a um pequeno círculo de leitores.

1897 *Annie Besant*

Apontamento I

ADVERTÊNCIA PRELIMINAR

Há em Ocultismo uma estranha lei que tem sido confirmada e comprovada pela experiência de milhares de anos, e que nunca falhou em quase todos os casos desde a fundação da Sociedade Teosófica. Sempre que alguém presta o juramento de "aprendiz" ou discípulo "em prova", certos efeitos ocultos desde logo aparecem, o primeiro dos quais é o *abrolhar* de tudo o que está latente na natureza do homem: defeitos, hábitos, qualidades e desejos reprimidos, sejam bons, maus ou indiferentes.

Por exemplo, se um homem é fútil, sensual ou ambicioso, por atavismo ou por herança kármica, é certo irromperem todos estes vícios, ainda quando os tenha ocultado ou represado até então. Eles se manifestarão inapelavelmente, e o homem terá que lutar cem vezes mais do que antes para poder dominar essas tendências.

Pelo contrário, se é bom, generoso, casto e sóbrio, ou se possui alguma virtude oculta e latente, todas essas qualidades se exteriorizarão de modo igualmente irresistível. Assim, o homem civilizado, a quem repugna ser considerado santo, assumindo por isso uma atitude não condizente com sua própria natureza, não poderá fazê-lo por mais tempo, quer sejam vis ou nobres as suas intenções.

ESTA É UMA LEI IMUTÁVEL NOS DOMÍNIOS DO OCULTO.

Sua ação tanto mais se faz sentir quanto mais zeloso e sincero é o candidato, e quanto mais profundamente ele se capacitou da realidade e da importância de sua promessa.

Todos os estudantes devem estar familiarizados com a antiga máxima oculta: "Conhece-te a ti mesmo"; mas são poucos, se os há, os que compreendem o verdadeiro significado da sábia exortação do oráculo de Delfos. Todos conheceis vossa genealogia terrena; mas qual de vós já descobriu os vínculos de hereditariedade astral, psíquica e espiritual que fizeram de vós o que atualmente sois? Muitos escreveram e manifestaram o desejo de unir-se com o seu Eu Superior; no entanto, nenhum deles parece conhecer o indissolúvel laço que une os seus "Egos Superiores" com o EU único e universal.

Para todos os fins do Ocultismo, sejam práticos ou metafísicos, tal conhecimento é requisito indispensável. Queremos, portanto, começar estes apontamentos mostrando aquela relação, em todos os sentidos, com os mundos: Absoluto, Arquétipo, Espiritual, Manásico, Psíquico, Astral e Elemental. Todavia, antes de que nos possamos ocupar dos mundos superiores — Arquétipo, Espiritual e Manásico —, devemos dominar as relações do sétimo, o mundo terrestre (o Pakriti inferior, ou Malkuth como é chamado na Cabala), com os mundos ou planos que imediatamente o seguem.

OM

"OM" — diz o Adepto ariano, o filho da Quinta Raça, que principia e termina com esta sílaba sua saudação ao ser humano, e sua invocação às PRESENÇAS não-humanas.

"OH-MANI" — murmura o Adepto turânio, o descendente da Quarta Raça, acrescentando depois de uma breve pausa: "PADME-HUM".

Os orientalistas têm erradamente traduzido essa famosa invocação por: "Oh! a Jóia no Lótus!" Porque, embora OM, literalmente, seja uma sílaba consagrada à Divindade, PADME significa "no Lótus", e MANI "pedra preciosa", ainda assim nem as palavras em si mesmas, nem o seu significado simbólico estão com a tradução correta.

Naquela fórmula, a mais sagrada de todas as do Oriente, não só cada sílaba encerra um poder oculto, capaz de produzir um resultado definido, mas toda a invocação tem sete significados diferentes, com outros tantos efeitos, distintos entre si.

Os sete significados e os seus efeitos correspondentes dependem da entonação que se dê à fórmula em conjunto e a cada uma de suas sílabas; e ainda o valor numérico das letras aumenta ou diminui conforme o ritmo que se empregue. Há de recordar o estudante que o número é subjacente à forma, e que o número rege o som. O número está na raiz do Universo manifestado: os números e as proporções harmônicas dirigem as primeiras diferenciações da substância homogênea em elementos heterogêneos; e o número e os números impõem limites à mão formadora da Natureza.

O conhecimento dos números correspondentes ao princípio fundamental de cada elemento e de seus subelementos; o de sua função e interação na ordem oculta da Natureza manifestada; e o da lei de correspondências ou analogia — vos conduzirão a descobrir os maiores mistérios da vida macrocósmica.

Mas para chegar ao macrocósmico deveis começar pelo microcósmico, vale dizer, é preciso que estudeis o HOMEM, o microcosmo; procedendo neste caso como a ciência física, indutivamente, isto é, do particular para o universal. Entretanto, porque seja necessária uma chave para analisar e compreender as combinações e diferenciações de sons, nunca devemos perder de vista o método platônico, que principia por um exame geral do conjunto, e desce do universal ao particular. É o método adotado em Matemática — a única ciência *exata* que atualmente se conhece.

Estudemos, portanto, o Homem; mas, se o separarmos um só instante do Todo Universal, se o considerarmos isoladamente, vendo um só aspecto, à parte do "Homem Celeste" (o Universo simbolizado por Adão-Kadmon ou seu equivalente nas diversas filosofias), cairemos na Magia Negra, ou falharemos ingloriamente em nossa tentativa.

Assim, a frase mística *"Om Mani Padme Hum"*, quando corretamente compreendida, em vez de traduzida por palavras quase vazias de sentido, como: "Oh! a Jóia do Lótus!", contém uma alusão a esta indissolúvel união entre o Homem e o Universo, interpretada de sete maneiras diferentes, com a possibilidade de sete distintas aplicações a outros tantos planos de pensamento e ação.

De qualquer ponto de vista que a examinemos, a frase quer dizer: "Eu sou o que sou", "Eu estou em ti e tu estás em mim." Nesta conjunção e nesta íntima união, o homem bom e puro se converte em um deus. De modo consciente ou inconsciente, ele provocará ou inocentemente causará resultados inevitáveis. No primeiro caso, se for um Iniciado [1], poderá orientar uma corrente benéfica ou protetora, e deste modo fazer o bem a indivíduos e até a nações inteiras, e ajudá-los. No segundo caso, embora sem o perceber, o homem bom passa a ser um escudo que dará proteção a todos os que estiverem a seu lado.

Esse é o fato; mas o como e o porquê devem ser explicados, e tal só é possível quando claramente demonstrada a presença real e o poder dos números nos sons, e, conseqüentemente, nas palavras e nas letras. Escolhemos como exemplo a fórmula *"Om Mani Padme Hum"* por causa do seu poder quase infinito nos lábios de um Adepto, e de sua potencialidade quando pronunciada por um homem qualquer. Sejam prudentes todos os que me estiverem lendo. Não usem tais palavras em vão, nem quando estejam dominados pela cólera: aquele que assim o fizer será a primeira vítima, ou, o que é pior, exporá a perigos as pessoas a quem ama.

O orientalista profano, que em toda a sua vida não fez mais que olhar à superfície das coisas, dirá, com a leveza habitual, e zombando do que lhe parece mera superstição, que a frase citada, com suas seis sílabas, é usada no Tibete como um poderoso feitiço, que foi ensinado aos povos da Ásia Central por Padmapâni, o Chenresi tibetano [2].

Mas quem realmente é Padmapâni? Cada um de nós deverá reconhecê-lo por si mesmo, quando estiver preparado. Cada um de nós traz dentro de si a "Jóia no Lótus", chame-se Padmapâni, Krishna, Buddha, Cristo ou qualquer outro nome que se possa dar ao nosso Eu Divino. Eis aqui a versão exotérica:

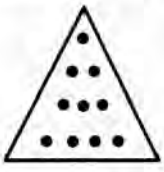
O supremo Buddha, ou Amithâbha, no momento da criação do homem, fez com que de seu olho direito emanasse um raio de luz rósea. O raio emitiu um som, e transformou-se em Padmapâni-Bodhisattva. Depois, a Di-

(1) Referimo-nos, como é óbvio, a um Adepto da Via da Direita.

(2) Veja-se o vol. III.

vindade fez surgir do olho esquerdo um raio de luz azul, que, encarnando nas duas virgens Dolma, adquiriu o poder de iluminar as mentes dos seres viventes. Então Amitâbha chamou à combinação, que em seguida tomou o homem por morada, *"Om Mani Padme Hum"*, "Eu sou a Jóia no Lótus e nele permanecerei". E logo Padmapâni, "O Uno no Lótus", fez o voto de trabalhar sem descanso até conseguir que a humanidade sentisse dentro de si a presença dele, e assim pudesse libertar-se da angústia do renascimento. Prometeu ainda que tal se realizaria antes do fim do Kalpa, acrescentando que, no caso de falhar, queria que a própria cabeça rebentasse em inumeráveis fragmentos. Terminou o Kalpa, mas a humanidade, em seu frio e egoísta coração, não sentiu aquela presença. Tocada pela compaixão, a Divindade reuniu os pedaços, e com eles formou *dez* cabeças, três brancas e sete de cores diversas. Desde esse dia, o homem se tornou um número perfeito, ou DEZ.

Esta alegoria mostra o poder do SOM, da COR e do NÚMERO a encobrir engenhosamente o verdadeiro significado esotérico. Ao profano soa como uma das muitas lendas referentes à criação, arquitetadas pela fantasia e desprovidas de fundamento. Mas a verdade é que a alegoria está impregnada de significação espiritual e divina, física e mágica. De Amitâbha — o *incolor,* ou a *glória branca* — dimanam as sete cores diferenciadas do prisma. Cada uma destas emite um som correspondente, e os sete sons formam a *escala musical.* Assim como a Geometria, entre as ciências matemáticas, está especialmente relacionada com a Arquitetura, e também (passando ao universal) com a Cosmogonia, assim os dez Jods da Tétrada pitagórica, ou Tetraktys, simbolizando o Macrocosmo, devem corresponder aos dez pontos em que se divide a sua imagem, o homem ou Microcosmo. A isto proveu a própria Natureza, conforme veremos.



Antes, porém, de comprovar essa afirmação, e ilustrar a perfeita correspondência entre o Macrocosmo e o Microcosmo, algumas palavras explicativas se fazem necessárias.

O estudo das Ciências Esotéricas tem um duplo objetivo: (*a*) provar que a essência espiritual e física do homem é idêntica ao Princípio Absoluto e a Deus na Natureza; e (*b*) demonstrar a presença no homem das mesmas virtualidades que existem nas forças criadoras da Natureza. Para tal, o conhecimento perfeito da correspondência entre as Cores, os Sons e os Números é o primeiro requisito. Conforme já dissemos, a sagrada fórmula do Extremo Oriente, *"On Mani Padme Hum"*, é a mais apropriada para evidenciar ao estudante estas correspondentes qualidades e funções.

Na alegoria de Padmâpani, a Jóia (ou Ego Espiritual) no Lótus, símbolo do homem andrógino, sobressaem, conforme já expusemos, os números 3, 4, 7, 10, que sintetizam a *Unidade,* o *Homem.* O adiantamento do estudante em Ocultismo depende do completo conhecimento e compreensão do significado e do poder desses números, em suas diversas e múltiplas combinações e em sua mútua correspondência com sons ou palavras e cores ou modos de movimento (que a ciência física representa como vibrações). De-

vemos, portanto, começar pela primeira palavra: OM ou AUM. OM é u véu. A frase *"Om Mani Padme Hum"* não é composta de seis, mas de set sílabas, porque a sílaba inicial é dupla, quando corretamente pronunciada, é tríplice em sua essência: A-UM. Ela representa a primordial e sempiternamente oculta diferenciação, trina e una, não *do* Absoluto, mas *no* Absoluto; e, por conseguinte, é simbolizada pelo número 4, ou Tetraktys, no mundo metafísico. É o Raio-Unidade, ou Âtman.

É Âtman, o Espírito Superior do homem. Em conjunção com Buddhi e Manas, forma-se a Tríade Superior, ou Trindade. Esta Tríade, com os quatro princípios humanos inferiores, está envolta por uma atmosfera áurica, assim como a gema do ovo (o futuro embrião) o está pela clara e a casca. Cada individualidade, para os seres superiores que a vêem de outros planos, é, portanto, uma esfera oval mais ou menos radiante.

Cumpre definir os conceitos com precisão e clareza para indicar ao estudante a perfeita correspondência entre os nascimentos do Cosmos, de um Mundo, de um Ser Planetário e de uma criatura terrena e pecadora. Compreenderão melhor os que conhecem fisiologia.

Aos que leram o *Vishnu Purâna*, ou outro livro dos *Purânas*, deve ser familiar a alegoria exotérica do nascimento de Brahmâ (masculino-feminino) no Ovo do Mundo, Hiranyagarbha, rodeado por suas sete zonas, ou melhor, seus sete planos, que no mundo da forma e da matéria constituem sete e quatorze Lokas. Os números sete e quatorze reaparecem sempre que a ocasião o requer.

Sem expor a análise secreta, têm os hindus comparado, desde tempos imemoriais, a matriz do Universo, e também a matriz solar, com o útero da mulher. Do Universo dizem:

"Sua matriz é tão vasta quanto Meru",

e mais:

"Em suas profundezas jazem adormecidos os grandes oceanos do futuro, os mares e as montanhas, as estrelas, os planetas, os deuses, os demônios e a humanidade."

O conjunto pode comparar-se a um coco, com a sua polpa interna, revestida pela casca ou envoltório externo. "Tão vasta quanto o Meru", reza o texto.

"Meru era seu âmnios, e as outras montanhas eram seu córion",

acrescenta um versículo do *Vishnu Purâna* [3].

Do mesmo modo nasce o homem na matriz de sua mãe. Assim como Brahmâ, segundo as tradições esotéricas, está rodeado por sete envoltórios internos e sete externos no Ovo do Mundo, assim também sucede com o embrião, o primeiro ou o sétimo envoltório (conforme se conte de dentro para fora ou vice-versa). A Cosmogonia esotérica enumera sete capas ou envoltórios internos e sete externos. A Fisiologia exotérica igualmente divide o conteúdo do útero em sete, ignorando, porém, que tal divisão é uma cópia do que ocorre na Matriz Universal. Eis o conteúdo:

(3) Tradução de Wilson, revista por Fitzedward Hall, vol. I, pág. 40.

1.º O *Embrião*. 2.º O *Líquido Amniótico*, que envolve imediatamente o embrião. 3.º O *Âmnio*, membrana derivada do feto, que contém o líquido amniótico. 4.º A *Vesícula Umbilical*, que serve para transportar originariamente os sucos nutritivos ao embrião. 5.º O *Alantóide*, uma proeminência do embrião em forma de saco, que se estende entre o âmnio e o córion, no espaço entre eles, e que, transformando-se em placenta, serve para alimentar o feto. 6.º O *Espaço* entre o âmnio e o córion, cheio de um líquido albuminoso. 7.º O *Córion*, ou envoltório externo.

Ora, cada um destes sete elementos corresponde a um antítipo, segundo o qual foi formado, em cada um dos sete planos da existência; os antítipos, por sua vez, estão em correspondência com os sete estados da matéria e todas as outras forças sensoriais ou funcionais da Natureza.

Daremos a seguir um quadro sinóptico da correspondência entre os sete elementos da matriz da Natureza e os da matriz da mulher:

PROCESSO CÓSMICO (Pólo superior)	PROCESSO HUMANO (Pólo inferior)
1. O Ponto matemático chamado "Semente Cósmica", a Mônada de Leibnitz, que contém todo o Universo, como a bolota contém o carvalho. É a primeira borbulha que se forma na ilimitada superfície da Substância homogênea ou Espaço, a borbulha da diferenciação em sua fase incipiente. É o germe do Ovo Órfico ou Ovo de Brahmâ. Em Astrologia e Astronomia corresponde ao Sol.	1. O embrião terrestre, que contém em si o futuro homem com todas as suas potencialidades. Na série dos princípios do sistema humano, é o Âtman, ou princípio superespiritual, análogo ao Sol no Sistema Solar físico.
2. A *vis vitæ* do nosso sistema solar promana do Sol.	2. O Líquido Amniótico flui do Embrião.
(*a*) Chama-se Akâsha quando se refere aos planos superiores.	(*a*) No plano da matéria tem o nome de Prâna [4].
(*b*) Procede das dez "divindades", os dez números do Sol, que em si mesmo é o "Número perfeito". Os dez números se chamam Dish (em realidade, o Espaço), ou as forças difundidas pelo Espaço, três das quais estão contidas no Âtman do Sol, ou sétimo princípio, e as outras sete nos raios emitidos pelo Sol.	(*b*) Tendo sua fonte na Vida Una e Universal, procede do coração e de Buddhi, a que presidem os Sete Raios Solares (Deuses).
3. O Éter do Espaço, que, em seu aspecto externo, se supõe envolver o Sol, sob a forma de uma crosta plástica. No plano superior é o conjunto do Universo, pois a terceira diferenciação da Substância evolutiva, Mulaprakriti, se converte em Prakriti.	3. O Âmnio, a membrana que contém o Líquido Amniótico e envolve o embrião. Depois do nascimento do homem, forma o terceiro envoltório, por assim dizer, de sua aura magneto-vital.
(*a*) Corresponde, misticamente, ao Mahat manifestado, a Inteligência ou Alma do Mundo.	(*a*) É Manas, o terceiro princípio (contando de cima) ou a Alma Humana no homem.

(4) Prâna é realmente o Princípio Universal da Vida.

4. Os conteúdos siderais (ou partes substancais do Éter), desconhecidos da Ciência moderna e representados:	4. A Vesícula Umbilical, que, segundo a Ciência, serve para a nutrição inicial do Embrião, mas que também, como afirma o Ocultismo, leva ao feto, por osmose, as influências cósmicas estranhas à mãe.
(*a*) Nos Mistérios Ocultos e Cabalísticos, pelos Elementais.	(*a*) No adulto, estas influências alimentam o Kâma, princípio ao qual presidem.
(*b*) Na Astronomia física, pelos meteoros, cometas e toda espécie de corpos cósmicos acidentais e fenomenais.	(*b*) No homem físico, são as suas paixões e emoções — os meteoros e cometas morais da natureza humana.
5. Correntes de vida que cruzam o Éter, procedentes do Sol. Os canais por onde circula o princípio vital deste Éter (o sangue do Corpo Cósmico) para nutrir tudo o que existe na Terra e nos demais planetas: desde os minerais, que assim crescem e se especializam, desde as plantas, que deste modo são nutridas, até o animal e o homem, que assim recebem a vida.	5. O Alantóide, proeminência do Embrião, que se estende entre o Âmnio e o Córion; supõe-se que conduz o alimento da mãe para o feto. Corresponde ao princípio vital, Prâna ou Jiva.
6. A dupla radiação psíquica e física, que é emitida pela Semente Cósmica e se difunde por todo o Cosmos, como pelo Sistema Solar e todos os planetas. Em Ocultismo, chama-se Luz Astral superior e divina, e Luz Astral inferior e material.	6. O Alantóide se divide em duas camadas. O espaço entre o Âmnio e o Córion contém o Alantóide, assim como um líquido albuminoso [5].
7. A Crosta de todos os Corpos Siderais, a Casca do Ovo do Mundo, ou a esfera do nosso Sistema Solar, da Terra e dos homens e animais. No espaço sideral, o Éter propriamente dito; no plano terrestre, o Ar, que por sua vez é composto de sete camadas.	7. O Córion ou *Zona Pelúcida*, o objeto globular chamado Vesícula Blastodérmica; das capas externas e interna de sua membrana será formado o homem físico. A capa externa ou exoderma forma a sua epiderme; a interna ou endoderma forma os músculos, ossos, etc. A pele humana também se compõe de sete camadas.
(*a*) A massa primordial e potencial do mundo se converte (durante o período do Manvantara) em um ou mais globos permanentes.	(*a*) O Córion "primitivo" se converte em "permanente".

Até a evolução das Raças obedece à mesma ordem observada na Natureza e no Homem [6]. Só com a separação dos sexos, na Terceira Raça-Raiz, é que o homem-animal se tornou placentário. Na evolução fisiológica, a placenta só vem a completar sua formação e principia a funcionar após o terceiro mês de vida uterina.

Deixemos de lado os conceitos humanos, tais como o de um Deus pessoal, e cuidemos do que é puramente divino, do que está subjacente a

(5) Todas as partes do útero têm uma relação espiritual direta com seus antítipos cósmicos; e são, portanto, no plano físico, instrumentos poderosos de magia negra. Daí o serem consideradas impuras.

(6) Veja-se o Vol. III, Parte I.

todas e a cada uma das coisas da ilimitada Natureza. Chamam-no os *Vedas* por seu nome esotérico sânscrito: TAT (ou AQUILO), termo que designa a Incognoscível Raiz sem Raiz.

Se o fizermos, poderemos assim responder às sete perguntas seguintes do *Catecismo Esotérico:*

1.ª — Que é o Eterno Absoluto?
— AQUILO.
2.ª — Como veio à existência o Cosmos?
— Por AQUILO.
3.ª — Onde estará quando suceder o Pralaya?
— Em AQUILO.
4.ª — De onde procedem a Natureza animada e a supostamente "inanimada"?
— De AQUILO.
5.ª — De que Substância ou Essência se formou o Universo?
— De AQUILO.
6.ª — Em que já se converteu, e voltará a converter-se outras vezes?
— Em AQUILO.
7.ª — Então é AQUILO, ao mesmo tempo, a causa instrumental e material do Universo?
— Que outro, senão AQUILO, é ou poderia sê-lo?

Se o Universo, o Macrocosmo e o Microcosmo [7] são *dez*, por que dividir o Homem em *sete* princípios?

É que o número perfeito "dez" se divide em duas partes. Em sua totalidade, isto é, física e superespiritualmente, as forças são DEZ: três no plano subjetivo e inconcebível, e sete no plano objetivo. Convém não perder de vista que estamos agora descrevendo os dois pólos opostos: 1.º o Triângulo primordial, que, uma vez refletido no "Homem Celeste", o princípio mais elevado do setenário inferior, desaparece e retorna ao "Silêncio e às Trevas"; 2.º o homem astral-paradigma, cuja Mônada (Âtmâ) é também representada por um triângulo, pois que se deve converter em um ternário durante os intervalos conscientes do Devachan.

O homem puramente terrestre se reflete no universo de Matéria, por assim dizer, de cima para baixo, e o Triângulo superior, onde residem a ideação criadora e a potencialidade subjetiva da faculdade formadora, se transfere para o homem de barro abaixo dos sete. Assim, três dos dez são realmente um só, porque no mundo-arquétipo encerram apenas uma potencialidade ideativa e paradigmal, isto é, existente como possibilidade e não

(7) O Sistema Solar ou a Terra, conforme o caso.

em ato. O poder de criação formadora reside no Logos, síntese das sete Forças ou Raios, que imediatamente se converte no Quaternário, a sagrada Tetraktys. Este processo se repete no homem, em quem o triângulo físico inferior vem a ser, em conjunção com o Uno feminino, o criador ou gerador macho-fêmea. Ocorre a mesma coisa em um plano ainda inferior, no mundo animal. Tanto em cima como em baixo, sempre o mistério!

Eis que o mais elevado, o supremo, e o inferior, o mais animal, estão em mútua correspondência.

DIAGRAMA I

Vemos neste diagrama que o homem físico (ou o seu corpo) não participa das ondas *diretas* e puras da Essência divina que fluem do *Uno em Três*, o Logos Não-Manifestado, por intermédio do Logos Manifestado (parte superior do diagrama).

Purusha, o Espírito primordial, roça a cabeça humana, e aí se detém. Mas o Homem Espiritual, a síntese dos sete princípios, está diretamente relacionado com ele. E aqui devemos dizer algumas palavras a respeito da usual enumeração exotérica dos princípios.

Deu-se, no começo, apenas uma classificação aproximada. Abre-a o *Budismo Esotérico*, de Sinnett, com *Âtmâ*, o sétimo, e termina com o Corpo Físico, o primeiro. Ora, nem Âtmâ nem o Corpo Físico, estritamente falando, podem ser considerados como "Princípios": o primeiro é uma emanação *do* Logos, e *uno com* ele; o segundo é mero invólucro ou concha material do Homem Espiritual. Demais, o "princípio" capital, que não tem sido mencionado até agora, é o "Ovo Luminoso" (Hiranyagarbha), ou a invisível esfera magnética que envolve o homem [8]. É a emanação direta do Raio Âtmico em seu tríplice aspecto de Criador, Conservador e Destruidor (Regenerador); e também de Buddhi-Manas. O *sétimo* aspecto desta Aura individual é a faculdade de assumir a forma do seu corpo e converter-se no "Radiante" e luminoso Augoeides. Este, em rigor, é o que às vezes aparece sob a forma chamada *Mâyâvi Rûpa*.

Assim, conforme explica a segunda parte do diagrama (em que se representa o homem astral), o Homem Espiritual compõe-se apenas de cinco princípios, de acordo com o ensinamento dos vedantinos [9], que implicitamente substituem pelo corpo físico o corpo áurico e fundem os dois Manas (a mente dual ou consciência) em um só. É por isso que eles se referem a cinco Koshas (invólucros ou princípios), e chamam Âtmâ ao sexto, que não é um princípio. Esta a razão da crítica feita por Subba Row à divisão exposta no *Budismo Esotérico*. Mas indiquemos agora ao estudante a verdadeira enumeração esotérica.

---

(8) O mesmo sucede com os animais, as plantas e os minerais. Reichenbach nunca entendeu o que lhe disseram os seus sensitivos e clarividentes. É o fluido ódico, ou melhor, o fluido áurico ou magnético que o homem irradia, mas é também algo mais

(9) Veja-se no Vol. I a enumeração vedantina exotérica.

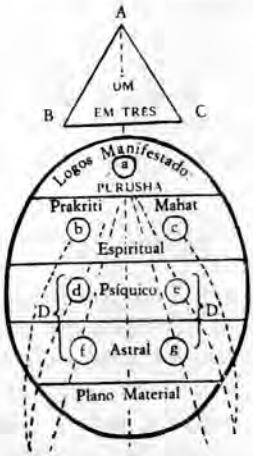
DIAGRAMA I

I — O MACROCOSMO E SEUS 3, 7 OU 10 CENTROS DE FORÇAS CRIADORAS

A. Logos Não-Manifestado, Sem Sexo
B. Sabedoria Potencial
C. Ideação Universal

a. Logos Criador
b. Substância Eterna
c) Espírito

D. As Forças Espirituais, que atuam na Matéria



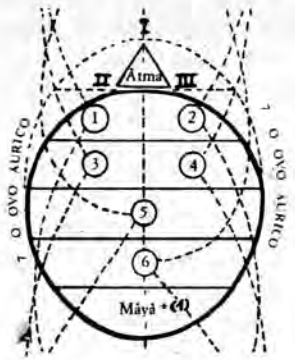
A. B. C. O Incognoscível

a. b. c. É Pradhâna, matéria não diferenciada, segundo a filosofia Sâkhya, ou o Bem, o Mal e as Trevas do Caos (Sattva, Rajas e Tamas), neutralizando-se mutuamente. Quando se diferenciam, são os sete Poderes Criadores: o Espírito, a Substância e o Fogo, que estimulam a Matéria a tomar forma

II — O MICROCOSMO (O HOMEM INTERNO) E SEUS 3, 7 OU 10 CENTROS DE FORÇAS POTENCIAIS

(Átman, embora considerado exotericamente o sétimo princípio, não é princípio individual: pertence à Alma Universal. O sétimo princípio é o **Ovo Áurico**, a esfera magnética que envolve o ser humano e o animal.)

1. Buddhi, veículo de Átmâ
2. Manas, veículo de Buddhi
3. Manas Inferior[11] e
4. Kâma Rûpa, seu veículo
5. Prâna, a Vida.
6. Linga Sharira, veículo de Prâna.



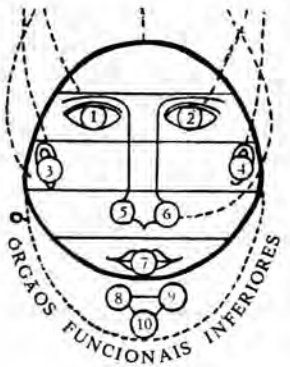
I, II, III: são as três hipóstases de Átman; seu contato com a Natureza e o homem é a quarta, formando o Quaternário ou Tetraktys, o Eu Superior.

1, 2, 3, 4, 5, 6. Estes seis princípios atuam em quatro planos distintos e com o seu Envoltório Áurico (v. abaixo) são os usados pelos Adeptos da Direita ou Magos Brancos.

7. O Corpo Físico não é um princípio, sendo de todo ignorado. Usa-se tão só na Magia Negra.

III — O MICROCOSMO (O HOMEM FÍSICO) E SEUS 3, 7 OU 10 CENTROS DE AÇÃO

1. (Buddhi) Olho Direito.
3. (Manas Inferior) Ouvido direito.
5. (Princípio Vital) Narina direita.
7. O órgão do Logos Criador, a Boca.
8, 9, 10. Como este Ternáculo inferior tem relação direta com a Tríade Átmica Superior e seus três aspectos (criador, conservador e destruidor, ou antes, regenerador), o abuso das funções correspondentes é o maior dos pecados kármicos — o pecado contra o Espírito Santo, segundo os cristãos.



2. (Manas) Olho esquerdo.
4. (Kâma Rûpa) Ouvido esquerdo.
6. (Veículo da Vida) Narina esquerda.
7. O Paradigma do 10.º orifício (criador) na Tríade Inferior.

Estes órgãos físicos são empregados somente pelos Dugpas na Magia Negra.

(11) O Manas Superior e o inferior são dois aspectos de um só Princípio.

Ainda não se havia permitido falar publicamente do Corpo Áurico em razão do seu caráter eminentemente sagrado.

Depois da morte, o Corpo Áurico assimila a essência de Buddhi e de Manas, passando a ser o veículo destes princípios espirituais, *que não são objetivos;* e então, impregnando-se da radiação de Âtmâ, se eleva ao estado devachânico como Manas-Taijasi. Eis por que é designado por muitos nomes. É o Sûtratmâ, o "fio" prateado que "encarna" desde o princípio até o fim do Manvantara, e que passa através das pérolas da existência humana, entrelaçando-as; ou, em outras palavras, é o aroma espiritual de todas as personalidades, que perdura ao longo da peregrinação da vida [10]. É também o material com que o Adepto forma seus corpos astrais, desde o Augoeides e o Mâyâvi Rûpa até os menos sutis. Após a morte do homem, quando suas partículas mais etéreas assimilaram os princípios espirituais de Buddhi e do Manas Superior, e se iluminaram com a radiação de Âtmâ, o Corpo Áurico permanece no estado de consciência devachânico, ou, no caso de um Adepto perfeito, prefere o estado de Nirmanakâya — aquele que de tal modo purificou todo o seu sistema que transcende até mesmo a divina ilusão de um Devachâni. Tal Adepto fica no plano astral (invisível) relacionado com a nossa Terra, e ali vive e se movimenta em plena posse de todos os seus princípios, menos o Kâma Rûpa e o Corpo Físico.

No caso do Devachâni, o Linga Sharira (o *alter ego* do corpo físico, no interior do qual permanece durante a vida, ao passo que a aura radiante o envolve externamente), robustecido pelas partículas materiais deixadas pela aura, fica junto ao corpo morto, mas fora dele, e não tarda a desintegrar-se.

No caso do Adepto perfeito, só o corpo físico se desagrega, enquanto que o centro de força sede dos desejos e paixões, desaparece com a sua causa — o corpo animal. Mas em vida do Adepto todos esses centros estão mais ou menos ativos e em constante correspondência com os seus protótipos, os centros cósmicos, e com o seu microcosmo, os princípios. Unicamente por intermédio destes centros cósmicos e espirituais podem receber oculta interação os centros físicos, ou seja, os sete orifícios superiores e a tríade inferior — porque tais orifícios ou aberturas são canais que conduzem ao corpo as influências que *a vontade do homem* atrai e utiliza isto é, as forças cósmicas.

Essa vontade, é natural, há de atuar primeiramente por intermédio dos princípios espirituais. Para maior clareza, vejamos um exemplo. Se queremos suprimir uma dor, digamos no olho direito, tereis que atrair para ele a poderosa força magnética do princípio cósmico que corresponde ao mesmo olho e também a Buddhi. Criai, por um grande esforço de vontade, uma linha imaginária de comunicação entre o olho direito e Buddhi, e colocai este último, como se fosse um *centro,* na mesma parte da cabeça. Essa linha, embora a considereis "imaginária", é tão válida quanto uma linha real, desde que vos seja possível vê-la com o olho mental, dando-lhe forma e cor. Uma corda, vista em sonho, *não é,* e contudo *é.* Por outra parte, segundo a cor

(10) Veja-se *Lucifer,* janeiro de 1889, pág. 408, "Dialogue upon the Mysteries of After-Life".

prismática que atribuirdes à linha, assim será a sua ativa influência. Ora, existe uma correspondência entre Buddhi e Mercúrio, e ambos são de um amarelo radiante e dourado. No sistema humano, o olho direito corresponde a Buddhi e a Mercúrio, e o olho esquerdo a Manas e a Vênus ou Lúcifer. Se, portanto, a vossa linha tiver cor de ouro ou de prata, aliviará a vossa dor; se for vermelha, a dor aumentará, porque o vermelho é a cor de Kâma e corresponde a Marte.

Os partidários da "Ciência Mental" e da "Ciência Cristã" depararam com os *efeitos*, mas não compreenderam as *causas*. Descobriram por acaso o segredo da obtenção daqueles resultados, e os atribuem à sua comunhão com Deus (se um Deus impessoal ou pessoal, só eles o sabem), quando não são mais que os efeitos produzidos por um ou por outro princípio. Em todo o caso, estão a caminho de descobrir alguma coisa, conquanto ainda tenham que divagar por muito tempo.

Que os estudantes de Ocultismo não incorram no mesmo erro. Temos várias vezes repetido que nem os planos cósmicos de substância nem os princípios humanos (com exceção do plano ou mundo ínfimo de matéria, e do corpo físico, que, conforme explicamos, não são "princípios") podem ser localizados ou imaginados no Espaço e no Tempo. Assim como os planos são sete em Um, também nós somos sete em UM — naquele Absoluto ou Alma do Mundo, que é ao mesmo tempo Matéria e Não-Matéria, Espírito e Não-Espírito, Ser e Não-Ser. Aqueles que desejem estudar os mistérios do EU devem compenetrar-se bem desta idéia.

Convém lembrar que dispondo apenas dos sentidos físicos nenhum de nós pode ter a esperança de perceber mais do que a matéria grosseira. Só poderemos ir além dela se contarmos com o auxílio de um ou outro dos nossos sete sentidos *espirituais*, seja por meio da educação e do exercício, seja porque já tenhamos nascido videntes. Contudo, até mesmo o clarividente, se não for um Adepto, estará sujeito, pelo desconhecimento das verdades ocultas, a tomar como Deus e Anjos os habitantes das esferas ocasionalmente vislumbradas em suas visões na Luz Astral, como sucedeu a Swedenborg e outros; e ele pode incidir nesse erro seja qual for o seu grau de sinceridade e honestidade.

Os nossos sete sentidos encontram correspondência com todos os demais setenários da Natureza e de nós mesmos. A Aura humana (o âmnio do homem físico, em qualquer idade de sua vida) tem sete capas (invisíveis), como as têm o Espaço Cósmico e a nossa pele física. É esta Aura que, conforme o nosso estado de pureza ou impureza mental, nos abre a perspectiva de outros mundos, ou deles nos separa inteiramente, deixando-nos tão somente a percepção deste mundo de matéria tridimensional.

Cada um dos nossos sete sentidos físicos (dois são ainda desconhecidos da ciência profana), e também cada um dos nossos sete estados de consciência [12], corresponde a um dos sete Planos Cósmicos, desenvolve e utiliza

(12) Estes sete sentidos são: 1.° Vigília; 2.° Sonho; 3.° Sono natural; 4.° Sono provocado ou hipnótico; 5.° Estado psíquico; 6.° Estado superfísico; 7.° Estado puramente espiritual.

um dos sete sentidos superiores, e está diretamente relacionado, no plano terreno-espiritual, com o centro de força cósmico e divino que lhe deu origem e é o seu criador. Cada sentido físico também se relaciona diretamente com um dos Sete Planetas sagrados [13], a cuja influência está submetido.

Tudo isso pertencia aos Mistérios Menores, cujos discípulos eram chamados *Mistai* (os velados), porque só lhes era permitido ver as coisas através de um véu ou como se estivessem de "olhos fechados", ao passo que os Iniciados ou "Videntes" dos Mistérios Maiores se chamavam *Epoptai,* ou os que vêem as coisas sem véu algum. Somente a estes últimos se ensinavam os verdadeiros Mistérios do Zodíaco e as relações e correspondências entre seus doze signos (sendo dois secretos) e os dez orifícios humanos. Atualmente, por questão de mera diferença externa, os orifícios são dez na mulher e nove no homem. No volume III de A DOUTRINA SECRETA dissemos que até o fim da Terceira Raça-Raiz (quando ocorreu a separação de sexos do homem andrógino) os dez orifícios existiam no hermafrodita, primeiro potencialmente e depois funcionalmente. Assim o indica a evolução do embrião humano. Por exemplo, a abertura que primeiro se forma é a cavidade bucal, uma espécie de "*cloaca* que se comunica com a extremidade anterior do intestino", transformando-se mais tarde na boca e no orifício posterior — o que, em linguagem oculta, corresponde ao Logos que se diferencia e dá origem à matéria grosseira no plano inferior.

A dificuldade que alguns estudantes sentirão para conciliar as correspondências entre o Zodíaco e os orifícios pode explicar-se facilmente. A Magia é contemporânea da Terceira Raça-Raiz, cujos indivíduos procriavam a princípio por Kriyâshakti e acabaram reproduzindo-se pelo processo atual [14]. A mulher, por ter conservado o número cósmico perfeito 10 (o número divino de Jehovah), foi considerada superior ao homem e mais espiritualizada que ele. No antigo Egito, as estipulações do casamento incluíam uma cláusula segundo a qual a mulher devia ser a "senhora do senhor" e realmente exercer autoridade sobre o marido. Este obrigava-se "a obedecer à sua esposa" para a produção de resultados alquímicos, tais como o Elixir da Vida e a Pedra Filosofal; pois a assistência *espiritual* da mulher era necessária ao alquimista do sexo masculino. Mas ai daquele alquimista que tomasse eses auxílio no sentido de união *física!* Semelhante sacrilégio o arrastaria à magia negra, e seria o seu irremediável malogro. Os verdadeiros alquimistas da antiguidade escolhiam como ajudantes mulheres *idosas,* evitando cuidadosamente as jovens; e, se acontecia que alguns deles fosse casado, tratava sua esposa como irmã desde vários meses antes de proceder aos trabalhos de alquimia e até que os houvesse terminado.

Em *Ísis sem Véu* [15] já retificamos o erro de atribuir-se aos antigos o conhecimento de apenas dez signos do Zodíaco. Eles conheciam os doze signos, mas os consideravam de um ponto de vista diferente do nosso. Resu-

(13) Veja-se o Vol. II.

(14) Vejam-se o Vol. I e os Vols. III e IV *passim.*

(15) *Op. cit.*, II, págs. 456, 461, 465 e seguintes.

miam a Virgem e o Escorpião em um signo somente, entendo que diziam respeito, direta e simbolicamente, ao primitivo homem dual e à sua separação em sexos. Por ocasião da reforma do Zodíaco, acrescentou-se o duodécimo signo, a Libra, embora simplesmente fosse um signo de equilíbrio no ponto de reversão — o mistério do homem separado.

É mister que o estudante adquira uma noção perfeita de tudo isso. Entrementes, vamos recapitular o que ficou exposto.

1.º Todo ser humano é uma encarnação do seu Deus, ou, por outras palavras, é uno com o seu "Pai no Céu", como disse o Iniciado Jesus. Tantos homens na Terra, quantos Deuses no Céu; e, contudo, esses Deuses em verdade são UM, porque ao terminar cada período de atividade eles se reconcentram, como os raios do Sol poente, na Luz Paterna, o Logos Não-Manifestado, que por sua vez se funde no Único Absoluto. Devemos dizer que estes nossos "Pais" sejam, individual ou coletivamente, e em qualquer circunstância, nosso *Deus pessoal?* O Ocultismo responde: *Nunca.* Tudo o que um homem comum pode saber de seu "Pai" é o que ele conhece de si mesmo, por si mesmo e em si mesmo. A Alma de seu "Pai Celeste" está encarnada nele. Esta Alma é ele mesmo, desde que possa assimilar-se à Individualidade Divina, enquanto está em seu invólucro físico, animal. Quanto a invocar este Espírito, é como esperar que sejamos ouvidos pelo Absoluto. Nossas orações e súplicas serão vãs, se à potencialidade das palavras não acrescentarmos a eficácia dos atos, e se não nos empenharmos em tornar a nossa aura tão pura e divina que o nosso Deus interno possa atuar fora de nós, chegando a ser como que uma Potestade externa. Foi assim que iniciados, santos e homens puros se fizeram capazes de ajudar ao próximo tanto quanto a si mesmos, nos momentos de necessidade, e de realizar o que impropriamente se chama de "milagre", contando cada um deles com a assistência de seu Deus interno, posto em condições de atuar no mundo externo.

2.º A palavra AUM ou OM, que corresponde ao Triângulo superior, se pronunciada por um homem puro e santo, atrairá e despertará não só as Potestades menos excelsas dos elementos e dos espaços interplanetários como também o próprio Eu Superior ou "Pai" interno. Articulada corretamente por um homem comum e bondoso, contribuirá para o seu fortalecimento moral, sobretudo se, entre um e outro "AUM", ele meditar intensamente no seu AUM interno e concentrar toda a sua atenção na inefável glória. Mas ai de quem profere a sagrada palavra depois de haver cometido um pecado capital! Porque só conseguirá atrair à sua impura fotosfera forças e presenças invisíveis, que de outro modo não poderiam abrir caminho através do Envoltório Divino.

AUM é o original de *Amen.* Esta última não é uma palavra hebraica; os judeus e os gregos tomaram-na dos caldeus, tal como sucedeu com a palavra *Aleluia,* que se pode ver repetida freqüentemente em certas inscrições mágicas gravadas sobre vasos e urnas das relíquias de Nínive e Babilônia. *Amen* não quer dizer "Assim seja" ou "Em verdade"; na remota antiguidade, o seu significado era o mesmo de AUM. Os judeus iniciados (Tanaim) a em-

pregavam com as mesmas razões, e idênticos resultados, que tiveram os iniciados árias para usar a palavra AUM. E o valor numérico de AMeN em caracteres hebraicos é 91, ou seja, igual à soma de YHVH [16] (= 26) e ADoNaY (= 65). As duas palavras implicam a afirmação do ser, ou a existência do assexual "Senhor" dentro de nós.

3.º Ensina a Ciência Esotérica que todo som produzido no mundo visível desperta um som correspondente nos planos invisíveis, e põe em ação alguma força oculta da Natureza. Além disso, cada som corresponde a uma cor, a um número (uma potência espiritual, psíquica ou física) e a uma sensação em algum plano. Todos os sons têm seu eco nos elementos superiores, e também no plano físico, e põem em ação as vidas que pululam na atmosfera terrestre.

Assim, a oração, a não ser que a pronunciemos *mentalmente* e seja dirigida ao nosso "Pai" no silêncio e na solidão do nosso "aposento privado", dará ensejo, na maioria dos casos, a resultados mais desastrosos que benéficos, porque as massas desconhecem completamente a natureza das forças que podem desencadear. Para que obtenha efeitos salutares, deve a oração ser pronunciada por "quem saiba fazer-se ouvir em silêncio", caso em que deixa de ser uma súplica para tornar-se uma determinação. Por que se diz que Jesus proibiu aos seus ouvintes que fossem às sinagogas públicas? Certamente nem todos os que oravam eram mentirosos e hipócritas, ou fariseus que gostavam de exibir sua devoção em público! Devemos supor que Jesus tinha algum motivo: o mesmo motivo pelo qual o ocultista experiente proíbe os seus discípulos de irem aos lugares em que haja aglomerações, entrarem nas igrejas e assistirem às sessões espíritas, etc., sem que estejam em sintonia com os circunstantes.

Aos principiantes que, por uma razão qualquer, não possam evitar as multidões, dar-se-á um conselho, que talvez pareça supersticioso, mas cuja eficácia se fará sentir, na ausência de conhecimento oculto. Como sabem os bons astrólogos, os dias da semana não se sucedem na ordem dos planetas que lhes dão os nomes. É que os egípcios e os hindus da antiguidade dividiam o dia em quatro partes, ficando cada parte sob a proteção de um astro, conforme o atestam as práticas da magia; e cada dia da semana recebeu o nome do planeta que governava e protegia sua primeira parte, segundo a correta informação do historiador Dion Cássio. Deve o estudante precaver-se contra os "Poderes do Ar" (Elementais), que enxameiam nos lugares públicos, e, com esse objetivo, usar um anel com uma pedra da cor do planeta correspondente ao dia, ou feito com o metal consagrado ao mesmo planeta. Contudo, a melhor proteção é uma consciência tranqüila e um firme desejo de ser útil à humanidade.

---

(16) *Jod-Hevah*, ou macho-fêmea no plano terrestre, que tal foi o conceito dos judeus, que depois lhe deram o significado de Jehovah. Mas na realidade o sentido literal é "que dá o ser" e "que recebe a vida".

Os PLANETAS E OS DIAS DA SEMANA; E AS CORES E METAIS CORRESPONDENTES

No Diagrama II os dias da semana não aparecem na ordem usual, mas figuram na exata seqüência das cores do espectro solar e dos planetas que os regem. Aos primeiros cristãos se deve a confusão introduzida na ordem dos dias da semana, porque, adotando os meses solares dos judeus, quiseram identificá-los com os planetas solares, daí resultando que a ordem destes não corresponde atualmente à dos dias.

Os antigos dispunham os planetas na seguinte ordem: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno, contando o Sol como um planeta para fins exotéricos. Por outra parte, os hindus e os egípcios, os dois povos mais antigos, dividiam o dia em quatro partes, cada uma das quais estava sob a proteção e regência de um planeta. Com o passar do tempo, cada dia recebeu o nome do planeta que lhe regia a primeira parte — a manhã. Ora, os cristãos, ao ajustarem a sua semana, quiseram que o dia do Sol, ou Domingo, fosse o sétimo, e assim foram dando a cada dia da semana, alternadamente, o nome do quarto planeta; por exemplo, começando pela Lua (segunda-feira), contaram deste modo: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, *Marte;* e terça-feira, o dia governado por Marte, passou a ser o segundo dia da semana, e assim sucessivamente. Cumpre lembrar que a Lua (da mesma forma que o Sol) aqui substitui um planeta secreto.

A divisão atual do ano solar foi adotada vários séculos depois do início da era cristã; e a nossa semana não é a mesma dos antigos e dos ocultistas. A divisão setenária das fases lunares é tão velha quanto o mundo, e teve origem entre os povos que calculavam o tempo por lunações. Nunca a usaram os hebreus (embora o segundo capítulo do *Gênesis* pareça referir-se a ela), pois só contavam o sétimo dia, ou o sábado. Até a época dos Césares não se nota vestígio algum de uma semana de sete dias em qualquer nação, exceto a Índia. Dos hindus passou aos árabes, e o Cristianismo a introduziu na Europa. A semana dos romanos constava de oito dias, e a dos atenienses de dez [17]. Assim, uma das inúmeras contradições e falácias do Cristianismo é a adoção da semana setenária dos hindus, baseada no cômputo lunar, conservando-se ao mesmo tempo os nomes mitológicos dos planetas.

Os astrólogos modernos tampouco nos dão corretamente as correspondências entre os dias e os planetas com suas respectivas cores. E enquanto os ocultistas se acham em condições de explicar de maneira plausível todos os pormenores de suas tábuas cromáticas, parece duvidoso que os astrólogos possam fazer outrotanto.

Para encerrar este primeiro Apontamento, diremos que os leitores devem estar agrupados em duas amplas categorias: (*a*) os que ainda não se desvencilharam inteiramente das dúvidas inspiradas pelo cepticismo habitual, mas que desejam conhecer o que de verdade existe nas afirmações dos ocultistas;

(17) Veja-se *Notice sur le Calendrier*, por J. H. Ragon.

Estas correspondências pertencem ao plano terrestre ou objetivo.

Átman não é um Número, nem corresponde a nenhum planeta visível, porque procede do Sol

ÂTMÂ

Espiritual; e não guarda relação alguma com o Som, a Cor, ou o que mais seja, pois a tudo abrange.

Como os Princípios Humanos não têm número **per se**, mas apenas correspondem aos Números, Sons, Cores, etc., deixamos de dar aqui sua ordem exotérica.

NÚMEROS	METAIS	PLANETAS	PRINCÍPIOS HUMANOS	DIAS DA SEMANA	CORES	SONS	
						Escala Musical	
						Sânscrita	Italiana
1 e 10 Tônica do Homem Físico	Ferro	Marte O Planeta da Geração	Kâma Rûpa O veículo ou sede dos instintos animais e paixões	Terça-Feira Dies Martis (ou de Tiw)	1. Vermelho	Sa	Dó
2 Vida Espiritual e Vida Física	Ouro	O Sol Dispensador da Vida Física. Espiritual e esotericamente, substitui o planeta inter-mecuriano (secreto e sagrado para os antigos).	Prâna ou Jiva A Vida	Domingo Dies Solis (ou do Sol)	2. Laranja	Ri	Ré
3 Porque Buddhi está (por assim dizer) entre Âtmâ e Manas, e forma com o sétimo (Envoltório Áurico) a Tríade Devachânica.	Mercúrio Une-se ao Enxofre como Buddhi à Chama do Espírito. (V. Definições Alquímicas.)	Mercúrio O Mensageiro e o Intérprete dos Deuses	Buddhi Alma Espiritual ou Raio Átmico; veículo de Âtmâ	Quarta-Feira Dies Mercurii (ou de Woden). Dia de Buddha no Sul e de Woden no Norte. Deuses da Sabedoria.	3. Amarelo	Ga	Mi
4 O princípio intermediário entre as tríades material e espiritual. A parte consciente do homem **animal**	Chumbo	Saturno	Kâma Manas A Mente Inferior ou Alma Animal.	Sábado Dies Saturni (ou de Saturno)	4. Verde	Ma	Fa
5	Estanho	Júpiter	Envoltório Áurico	Quinta-Feira Dies Jovis (ou de Thor)	5. Azul	Pa	Sol
6	Cobre Quando em liga, converte-se em Bronze (o princípio dual).	Vênus A Estrela da Tarde e da Manhã	Manas A Mente Superior ou Alma Humana.	Sexta-Feira Dies Veneris (ou de Frige)	6 Anil ou Azul Escuro	Da	Lá
7 Contém em si o reflexo do homem setenário	Prata	A Lua A Mãe da Terra	Linga Sharira O Duplo Astral do Homem; o Pai do Homem Físico.	Segunda-Feira Dies Lunæ (ou da Lua)	7 Violeta	Ni	Si

e (*b*) os que, já livres das travas do materialismo e da relatividade, sentem que a verdadeira felicidade há de buscar-se unicamente no conhecimento e na experiência pessoal do que a filosofia hindu chama Brahmavidyâ, e os Arhats budistas a realização de Âdi-buddha, a Sabedoria primordial.

Os leitores do primeiro grupo acolherão destes Apontamentos, para estudo, somente as explicações dos fenômenos da vida que a ciência profana seja incapaz de lhes dar. A despeito de tais limitações, verão eles, ao cabo de um ou dois anos, que terão aprendido mais do que lhes poderiam ensinar todos os seus colégios e universidades.

Quanto aos outros leitores, cuja crença for realmente sincera, terão sua recompensa ao ver a fé transformada em conhecimento.

O verdadeiro conhecimento pertence exclusivamente ao domínio do Espírito, e não pode ser adquirido senão através da região da mente superior, único plano de onde podemos sondar as profundezas do onipresente Absoluto. Aquele que só leva em conta as leis estabelecidas por mentes humanas, e pauta sua vida de acordo com o falível código dos mortais, toma por estrela-guia um farol que brilha sobre o oceano de Mâyâ, ou das ilusões temporárias, e que não dura mais que uma encarnação. Essas leis apenas são necessárias para a vida e o bem-estar do homem físico. Representam um piloto que o guia através dos baixios de uma existência, um timoneiro que dele se separa no umbral da morte. Muito mais feliz é o homem que, cumprindo estritamente no plano temporário e objetivo os deveres da vida diária, obedecendo às leis do seu país, em suma, dando a César o que é de César, vive na realidade uma existência espiritual e permanente, sem soluções de continuidade, sem hiatos, sem intervalos, inclusive naqueles períodos que são os pontos de repouso na longa peregrinação do Espírito. Todos os fenômenos da mente humana inferior desaparecem, como a cortina de um proscênio, permitindo-lhe viver na região transcendente, o plano numênico, o da realidade una.

Se o homem, libertando-se de seu egoísmo e de sua personalidade, ou destruindo-os, puder conhecer a si mesmo, tal qual é por trás do véu físico de Mâyâ, terá então superado todas as angústias e tribulações, todos os desgastes desta existência instável e transitória, que são a causa principal do sofrimento. Esse homem será fisicamente de matéria, agitar-se-á na matéria, e contudo viverá fora e além dela. Seu sopro estará sujeito a mutações, mas ele em si permanecerá imutável na eviternidade, ainda quando ocupe temporâneos corpos de curta duração.

Tudo isso será possível com o desenvolvimento de um amor universal à Humanidade, suprimindo-se a personalidade, ou *Egoísmo*, que é a raiz de todos os pecados e, conseqüentemente, de todas as aflições humanas.

Apontamento II

UMA EXPLICAÇÃO

Em virtude da natureza abstrata dos temas de que nos ocupamos, iniciaremos este Apontamento com a explicação de alguns pontos que o primeiro deixou obscuros, assim como de certas afirmações aparentemente contraditórias.

Os astrólogos (que os há muitos entre os esoteristas) é provável que estejam perplexos diante de alguns enunciados que lhes contrariam os ensinamentos; por outra parte, aqueles que desconhecem a matéria talvez fiquem, desde já, expostos à hostilidade dos que têm estudado os sistemas exotéricos da Cabala e da Astrologia. Porque — e é preciso deixar bem claro este ponto — nada do que se imprime para todo o mundo e do que pode o estudante ler e observar nas bibliotecas e museus públicos é realmente esotérico; mas tudo se encontra entressachado de "véus" intencionais, ou pelo menos não pode ser compreendido ou estudado proveitosamente sem um glossário completo de termos ocultos.

Os ensinamentos e explicações que se seguem podem ser, portanto, de utilidade para o estudante, ajudando-o a compreender melhor a matéria do Apontamento precedente.

No Diagrama I, quanto aos centros 3, 7 e 10, cabe observar que:

(*a*) Os 3 pertencem ao mundo espiritual do Absoluto, e, por isso, aos três princípios superiores do homem;

(*b*) Os 7 correspondem aos mundos espiritual, psíquico e físico, e ao corpo do homem. O físico, o metafísico e o hiperfísico constituem a tríade que simboliza o homem neste plano;

(*c*) Os 10, ou a soma dos anteriores, formam o conjunto do Universo, em todos os seus aspectos, e também o seu Microcosmo, ou seja, o Homem com seus dez orifícios.

Deixando de lado, por enquanto, a Década Superior (o Cosmos) e a Década Inferior (o Homem), esclarecemos que os três primeiros números do 7 se referem diretamente ao Espírito, à Alma e ao Envoltório Áurico do ser humano, assim como ao mundo supra-sensível superior. Os quatro números inferiores, ou os quatro aspectos, correspondem também ao Homem, assim como ao Cosmos Universal, e o conjunto é sintetizado pelo Absoluto.

Se imaginarmos dentro de um Ovo esses três graus distributivos do Ser, conforme a simbologia de todas as religiões orientais, o nome do Ovo será Svabhâvat, ou o SER INTEGRAL no plano manifestado. Em verdade, este Universo não possui centro nem periferia; mas só a mente humana é que assim o considera, como natural conseqüência das limitações do pensamento humano.

No Diagrama II, como ali se declara, não há necessidade de qualquer observação sobre os números constantes da coluna à esquerda, porque se referem somente à hierarquia das cores e dos sons no plano metafísico, e os números não são característicos dos princípios humanos ou dos planetas. Os princípios humanos prescindem de numeração, porque todos os homens diferem entre si, assim como não há na superfície da terra duas folhas de erva absolutamente idênticas.

A numeração é aqui uma questão de progresso espiritual e do natural predomínio de um princípio sobre outro. Em um homem, Buddhi pode ter o número um; ao passo que em outro, se dominado por uma sensualidade animal, caberá esse número ao Manas Inferior. O corpo físico, ou talvez Prâna, o princípio vital, predominará e ocupará o primeiro lugar, como no caso de um homem de perfeita saúde e transbordante vitalidade; em outros casos, estará em sexto ou até mesmo em sétimo lugar. Além disso, as cores e os metais correspondentes aos planetas e aos princípios humanos, como se pode observar, não são os que os modernos astrólogos e ocultistas ocidentais conhecem exotericamente.

Vejamos agora onde os astrólogos modernos adquiriram suas noções acerca da correspondência entre os planetas, os metais e as cores. E aqui nos acode à mente o caso de um orientalista que, julgando pelas aparências, atribuiu aos antigos acadianos (e também aos caldeus, hindus e egípcios) a crença grosseira de que o Universo tem o formato de um sino ou semelha uma taça invertida — o mesmo sucedendo com a Terra! Para o demonstrar, reportou-se ele às representações simbólicas de algumas inscrições acadianas e a certas esculturas assírias. Não cabe aqui, porém, explicarmos o quanto se equivocou o assiriólogo; pois todas essas representações são simplesmente símbolos do *Khargakkurra*, a Montanha do Mundo, ou Monte Meru, e se referem somente ao Pólo Norte, a Terra dos Deuses [1].

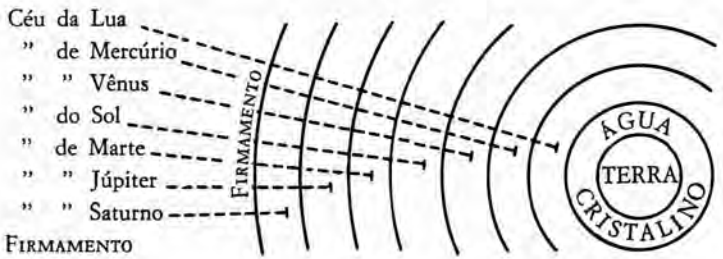
Os assírios expunham da seguinte maneira os seus ensinamentos com relação aos planetas e suas correspondências (exotericamente):

Essa é a ordem atualmente adotada pelos astrólogos cristãos, exceto quanto aos dias da semana, em que se verificou lamentável confusão, por terem associado os nomes dos planetas solares às semanas lunares, conforme dissemos no Apontamento I. É o sistema geocêntrico de Ptolomeu, que representa o Universo como se vê no seguinte diagrama, onde a Terra figura no centro e o Sol como um planeta no quarto lugar:

---

(1) Vejam-se o Vol. III e o Vol. I.

N.os	Planetas	Metais	Cores	Dias da semana
1	Saturno	Chumbo	Preto	Sábado (de onde o Sabá, em honra de Jehovah).
2	Júpiter	Estanho	Branco. Às vezes púrpura ou alaranjado.	Quinta-feira
3	Marte	Ferro	Vermelho	Terça-feira
4	Sol	Ouro	Amarelo ouro	Domingo
5	Vênus	Cobre	Verde ou amarelo	Sexta-feira
6	Mercúrio	Mercúrio	Azul	Quarta-feira
7	Lua	Prata	Branco de prata	Segunda-feira



E, se diariamente se argúi a cronologia cristã e a ordem dos dias da semana de estarem baseadas em um erro astronômico, já é mais do que tempo de se iniciar uma reforma da astrologia, que segue idênticas linhas e chegou até nós de fonte inteiramente exotérica — as massas incultas da Caldéia e da Assíria.

Mas as correspondências indicadas nestes Apontamentos são esotéricas; e, por isso, quando os planetas do sistema solar são nomeados ou simbolizados (como no Diagrama II), não se deve supor que tais nomes se refiram aos corpos planetários em si mesmos, senão aos tipos, em um plano puramente físico, da natureza setenária dos mundos psíquico e espiritual. Um planeta material pode corresponder somente a algo também material. Assim, quando se diz que Mercúrio corresponde ao olho direito, não significa que o planeta objetivo tenha alguma influência sobre aquele órgão visual, e sim que ambos se correspondem misticamente por intermédio de Buddhi. A Alma Espiritual do homem (Buddhi) deriva da essência dos Mânasa-Putras, os Filhos da Sabedoria, que são os Seres Divinos (ou Anjos) que regem e presidem o planeta Mercúrio.

Análoga é a indicação da correspondência entre Vênus, Manas e o olho esquerdo. Exotericamente, não há realmente nenhuma associação entre os olhos físicos e os planetas físicos; mas esotericamente existe tal relação: porque o olho direito é o "Olho da Sabedoria", ou seja, corresponde-se magneticamente com o centro oculto do cérebro, o chamado "Terceiro Olho" [2]; ao passo que o olho esquerdo se corresponde com o cérebro intelectual, isto é, com aquelas células que, no plano físico, são o órgão da faculdade do pensamento. É o que mostra o triângulo cabalístico de Kether, Chokmah e Binah. Chokmah e Binah, ou a Sabedoria e a Inteligência, o Pai e a Mãe, ou ainda o Pai e o Filho, estão no mesmo plano, e reagem mutuamente um sobre o outro.

Quando a consciência individual está voltada para o interior, dá-se a conjunção de Manas e Buddhi. No homem que alcançou a regeneração espiritual, essa conjunção é permanente: o Manas Superior adere a Buddhi além do umbral do Devachan, e então se diz que a Alma, ou melhor, o Espírito (que importa não confundir com Âtmâ, o Superespírito), entra na posse do "Olho Único". Em outras palavras, esotericamente, o "Terceiro Olho" é ativo.

Mercúrio é também chamado Hermes; e Vênus, Afrodite; assim, a conjunção dos dois no homem psicofísico dá a este o nome de Hermafrodita ou Andrógino. Entretanto, o homem absolutamente espiritual está de todo o ponto desligado do sexo. O Homem Espiritual tem direta correspondência com os "círculos coloridos" superiores, o *Prisma Divino* que promana do Círculo Branco Único e Infinito; enquanto que o homem físico procede dos Sephiroth, que são as Vozes ou Sons da filosofia oriental. Estas "Vozes" são inferiores às "Cores", porque equivalem aos sete Sephiroth menores, ou Sons objetivos, que se vêem mas não se ouvem, conforme se diz no *Zohar* [3] e também no *Antigo Testamento* [4].

Do mesmo modo, as narinas do homem, por onde penetra o "Sopro da Vida" [5], figuram como correspondentes ao Sol (a direita) e à Lua (a esquerda); porque Brâhmâ-Prajâpati e Vach, ou Osíris e Ísis, são os pais da vida natural.

O quaternário formado pelos olhos e as narinas (Mercúrio-Vênus e Sol-Lua) representa os Anjos Guardiães dos Quatro Cantos da Terra, para os cabalistas. Assim é também na filosofia esotérica oriental, que acrescenta não ser o Sol um planeta, mas a estrela central do nosso sistema, e que a Lua é um planeta morto, já se tendo desprendido todos os seus princípios. Para o esoterismo oriental, os nomes dos dois astros aparecem para substituir: o primeiro, a um planeta indivisível que se acha entre Mercúrio e o

(2) Veja-se o Vol. III, "As Raças com o 'Terceiro Olho' "

(3) *Op. cit.*, II, 81, 6.

(4) "E o povo viu as vozes." Esta é a tradução correta: "vozes", e não "trovões" como está na versão corrente da Bíblia (*Êxodo*, XX, 18). As Vozes (ou Sons) significam os Sephiroth. Veja-se a obra *Die Kabbala*, de Franck, págs. 152 e seguintes.

(5) *Gênesis*, II, 7.

Sol; o segundo, a outro planeta que parece haver agora desaparecido completamente da vista. São estes os quatro Mâhârajahs [6], os "Quatro Seres Santos", relacionados com o Karma e a Humanidade, com o Cosmos e o Homem, em todos os seus aspectos. São: o Sol (ou seu substituto Miguel); a Lua (ou seu substituto Gabriel); Mercúrio (Rafael); e Vênus (Uriel).

Não é preciso repetir que os corpos planetários são meros símbolos físicos, e portanto a eles raramente se refere o sistema esotérico, que com aqueles nomes simboliza as respectivas forças cósmicas, psíquicas, físicas e espirituais. Em resumo, os sete planetas físicos são os Sephiroth inferiores da Cabala; e o nosso Sol físico triplo, do qual vemos apenas o reflexo, está simbolizado, ou melhor, personificado pela Tríade Superior ou Coroa Sephirothal [7].

Convém ainda observar que os números atribuídos aos princípios no Diagrama I figuram em ordem inversa nos escritos exotéricos. A razão é que, nesta matéria, a numeração é puramente arbitrária, variando com as escolas. Algumas contam três, outras quatro, seis, e até mesmo sete (como os budistas esotéricos). Conforme dissemos alhures [8], a Escola Esotérica dividiu-se em dois ramos a partir do século XIV: um para os discípulos mais adiantados, ou Lanus internos, e a outra para os Chelas laicos, ou do círculo externo. O Sr. Sinnett foi claramente prevenido, em cartas que recebeu de um dos Gurus, de que lhe não podia ser ensinada a genuína Doutrina Esotérica, transmitida unicamente aos discípulos ajuramentados do círculo interno [9].

Os números e princípios não se superpõem uns aos outros, como as capas de uma cebola; mas os estudantes devem atinar por si mesmos o número adequado a cada um de seus princípios, quando for a hora de passarem aos estudos práticos. O que antecede servirá para fazê-los compreender a necessidade de conhecer os princípios por seus nomes e dificuldades próprias, independentemente de qualquer sistema numérico, e por sua relação com os correspondentes centros de ações, cores, sons, etc., até que estes se tornem inseparáveis.

O antigo e já familiar método de enumerar os princípios, exposto em *The Theosophist* e no *Esoteric Buddhism*, conduz a outra aparentemente embaraçosa contradição, que em verdade não existe. Os princípios com os números 3 e 2 (Linga Sharira e Prâna ou Jîva) ali aparecem em ordem inversa da consignada no Diagrama I. Mas um pouco de atenção bastará para explicar a aparente discrepância entre a numeração exotérica e a ordem esotérica constante do Diagrama. Neste o Linga Sharira é definido como o veículo de Prâna ou Jîva, o princípio vital, e portanto, deve ser necessaria-

(6) Veja-se o Vol. I.

(7) À guisa de confirmação, podemos citar as obras de Orígenes, onde ele diz que "os sete demônios governantes" (gênios ou gerentes planetários) são: Miguel, o Sol (em figura de Leão); Júpiter ou Soriel (o Touro)", etc.; e que todos eles são os Sephiroth, "os Sete da Presença". A Árvore Sephirothal é a Árvore dos Planetas Divinos, na definição de Porfírio, ou a Árvore de Porfírio, como é geralmente conhecida.

(8) Veja-se o Vol. I.

(9) Veja-se *The Mahatma Letters to A. P. Sinnett*, pág. 494.

mente inferior a Prâna, e não superior, como sugere a ordem exotérica. Os princípios não se superpõem uns aos outros, e assim não devem ser tomados em seqüência numérica; sua ordem depende da predominância de um ou de outro princípio, e difere, por conseguinte, em cada indivíduo.

O Linga Sharira é o antítipo protoplásmico, ou o duplo, do corpo físico, que é sua imagem. É neste sentido que o Diagrama II o menciona como o pai do corpo físico — melhor diríamos a mãe fecundada por Prâna, o pai. A mitologia egípcia representava esta idéia pelo nascimento de Hórus, filho de Osíris e Ísis; embora, como todos os mitos sagrados, tenha este uma tríplice significação espiritual, e uma sétupla significação psicofísica.

Para terminar, diremos que a rigor Prâna carece de número, porque sendo o princípio vital, impregna todos os outros princípios, ou o ser humano total. Cada um dos sete números pode aplicar-se, exotericamente, a Prâna-Jîva, assim como se aplica, esotericamente, ao Corpo Áurico.

Conforme ensinava Pitágoras, o Cosmos não foi formado *pelo* número ou *por meio do* número, senão geometricamente, ou seja, de acordo com as proporções numéricas.

* * *

Aos que porventura desconheçam as naturezas astrológicas exotéricas atribuídas na prática aos corpos planetários, poderá ser de utilidade o seguinte quadro, organizado nos moldes do Diagrama II, e onde se menciona a influência dos astros sobre o corpo humano, juntamente com as cores, os metais, etc. Explicaremos ao mesmo tempo por que a genuína filosofia esotérica difere das indicações astrológicas.

Planetas	Dias	Metais	Partes do corpo	Cores
Saturno	Sábado	Chumbo	Ouvido direito, joelhos e sistema ósseo	Preto [10]
Júpiter	5.ª-feira	Estanho	Ouvido esquerdo, coxas, pés e sistema arterial	Púrpura [11]
Marte	3.ª-feira	Ferro	Testa, nariz, crânio, funções sexuais e sistema muscular	Vermelho
Sol	Domingo	Ouro	Olho direito, coração e centros vitais	Alaranj. [12]
Vênus	6.ª-feira	Cobre	Queixo, faces, pescoço, veias e sistema nervoso	Amarelo [13]
Mercúrio	4.ª-feira	Mercúrio	Boca, mãos, vísceras abdominais e sistema nervoso	Creme [14]
Lua	2.ª-feira	Prata	Peito, olho esquerdo e sistema fluido (saliva, linfa, etc.)	Branco [15]

(10) Esotericamente, verde; pois não há preto nas cores do prisma.
(11) Esotericamente, azul claro. A cor púrpura se compõe de vermelho e azul,

Vemos, portanto, no quadro acima, que a influência do sistema solar, segundo a Astrologia cabalística exotérica, se estende a todo o corpo humano, aos metais primários e à escala cromática, desde o preto ao branco.

Mas o esoterismo não reconhece como cores nem o preto nem o branco, porque se atém rigorosamente às sete cores solares ou naturais do espectro. O preto e o branco são aspectos artificiais. Pertencem à Terra, e só os per-

---

e no Ocultismo oriental o azul é a essência espiritual da púrpura, enquanto que o vermelho é sua base material. Na realidade, o Ocultismo atribui a Júpiter a cor azul porque Saturno, seu pai, é verde, e o azul claro, como cor prismática, contém uma forte proporção de verde. Além disso, o Corpo Áurico contém muito da cor do Manas Inferior, se o homem é um materialista sensual, e muito do matiz escuro do Manas Superior, quando este predomina sobre aquele.

(12) Esotericamente, não pode o Sol corresponder ao olho, ao nariz ou a qualquer outro órgão, porque, como vimos, não é um planeta, e sim uma estrela. Foi considerado como planeta pelos astrólogos pós-cristãos, que não eram iniciados. Por outra parte, a verdadeira cor do Sol é o azul, e se nos parece amarelo é por causa da absorção de vapores (geralmente metálicos) por sua atmosfera. Tudo é Mâyâ em nossa Terra.

(13) Esotericamente, anil ou azul escuro, que é o complemento do amarelo no prisma. O amarelo é uma cor simples ou primária. Manas é de natureza dual, como o seu símbolo sidéreo, o planeta Vênus, a um tempo estrela matutina e vespertina; e, assim, a diferença entre o Manas Superior e o Manas inferior, cuja essência promana da Hierarquia que governa Vênus, é expressa pelo azul escuro e o verde. O verde do Manas Superior assemelha-se à cor do espectro solar que aparece entre o amarelo e o azul escuro, cor do Manas Superior. O anil é a intensificação da cor do céu ou firmamento, e denota a tendência ascendente do Manas para Buddhi (ou Alma Celeste Espiritual). Esta cor se obtém da planta *indigofera tinctoria,* cujas propriedades ocultas têm relação com o cobre, sendo muito empregada nas operações de Magia Branca na Índia. A afinidade com o cobre evidencia-se quando, ao ser friccionado o índigo com uma substância dura, adquire este o brilho daquele metal. Outra propriedade do índigo é ser insolúvel na água, e também no éter, sendo o seu peso inferior ao de qualquer outro líquido conhecido. No Oriente nunca se adotou um símbolo que não tivesse o seu fundamento em uma razão lógica e demonstrável. Por isso é que os simbologistas orientais, desde os tempos primitivos, associaram a mente espiritual do homem ao azul intenso (o índigo de Newton), ou o azul verdadeiro, sem mescla de verde, e a mente animal ao verde puro.

(14) Esotericamente, amarelo; porque a cor do Sol é alaranjada, e Mercúrio se acha tão próximo do Sol em distância como em cor. O planeta de que o Sol é substituto estava ainda mais próximo deste astro que Mercúrio atualmente, e era um dos mais elevados e secretos planetas. Diz-se que se tornou invisível no fim da Terceira Raça.

(15) Esotericamente, violeta; talvez porque seja a cor tomada por um raio de sol ao atravessar uma lâmina delgada de prata, e também porque a Lua reflete sobre a Terra uma luz emprestada pelo Sol, assim como no corpo humano resplandecem as qualidades tomadas ao seu duplo, o homem etérico. Do mesmo modo que a sombra astral inicia, no plano terrestre, a série dos princípios humanos que vão até o Manas Inferior, assim também o ultravioleta inicia a série das cores do prisma que vão até o verde. O astral é o mais refrangível dos princípios, e o violeta é a mais refrangível das cores. Além disso, todas estas correspondências de corpos celestiais e terrenos, de cores e sons, vinculam-se ao mesmo grande mistério do Ocultismo. Para dizer com mais clareza: existe a mesma lei de relação entre a Lua e a Terra, o corpo astral e o corpo físico do homem, como entre o ultravioleta do espectro e as cores anil e azul. Mas sobre isso aduziremos algo mais adiante.

cebemos em virtude da construção especial dos nossos órgãos físicos. O branco é a ausência de todas as cores, e portanto não é cor. O preto é a ausência de luz, e portanto o aspecto negativo do branco.

As sete cores do prisma são emanações diretas das Sete Hierarquias do Ser, cada uma das quais tem estreita relação com um dos princípios humanos e sobre ele exerce influência, pois cada Hierarquia é, na realidade, a fonte criadora do correspondente princípio humano. Em Ocultismo, cada cor do espectro é chamada o "Pai do Som" que lhe corresponde; e o Som é o Verbo, ou o Logos, do seu Pensamento-Raiz. Esta é a razão por que os sensitivos associam cada uma das cores a determinado som, fato admitido pela Ciência moderna [16]. Mas o preto e o branco são cores inteiramente negativas, e carecem de representação no mundo da existência subjetiva.

A Astrologia cabalística, definindo a influência predominante dos corpos planetários no cérebro humano, diz que há sete grupos primários de faculdades, das quais seis funcionam por meio do cérebro e a sétima pelo cerebelo. Está certo, esotericamente. Não o está, porém, quando se acrescenta que Saturno preside às faculdades devocionais, Mercúrio às intelectuais, Júpiter às de bondade, o Sol às de governar, Marte às egoísticas, Vênus às de perseverança, e a Lua às do instinto. Diremos que a explicação está incompleta, e pode induzir em erro. Em primeiro lugar, porque os planetas físicos não podem presidir senão ao corpo físico e às funções puramente físicas. Todas as faculdades mentais, emocionais, psíquicas e espirituais estão submetidas à influência das propriedades ocultas da escala de causas que dimanam das Hierarquias dos Regentes Espirituais dos planetas, e não à dos planetas em si. Essa escala, tal como é exposta no Diagrama II, leva o estudante a perceber: 1.º a cor; 2.º o som; 3.º que o som se materializa no espírito dos metais, ou seja, nos elementais metálicos; 4.º que estes, por sua vez, se materializam nos metais físicos; 5.º que a essência harmônica, radiante e vibratória passa depois para as plantas, dando-lhes cor e aroma, "propriedades" que dependem do grau de vibração desta energia por unidade de tempo; 6.º que das plantas a essência passa aos animais; 7.º que finalmente culmina nos "princípios" do homem.

Vemos, assim, que a Essência Divina de nossos Progenitores Celestes atravessa sete fases, que abrangem a transformação do Espírito em Matéria e a reconversão da Matéria em Espírito. Da mesma forma que há na Natureza sons inaudíveis, também há cores que são invisíveis, mas que se podem ouvir. A força criadora, em seu incessante trabalho de transformação, produz as cores, os sons e os números, sob a forma de gradações vibratórias que agregam e desagregam átomos e moléculas. Ainda que invisível e inaudível para nós em pormenor, podemos ouvir a síntese do conjunto no plano material. É o que os chineses denominam *Kung*, ou o "Grande Tom". É, inclusive por confissão da própria Ciência, a tônica real da Natureza, considerada pelos músicos como o Fá médio do teclado de um piano. Nós a ouvimos distintamente nas vozes da Natureza: no marulhar das ondas do oceano, no sussur-

[16] Veja-se, por exemplo, *Human Faculty*, de Francis Galton.

rar das folhas em uma floresta, no burício distante de uma grande cidade, no vento, na tempestade, na tormenta; numa palavra, em tudo o que neste mundo tem uma voz ou produz um som. Aos ouvidos de quem sabe escutar, todos estes sons culminam em um tom simples, definido, de um inapreciável diapasão, que corresponde, como dissemos, ao Fá da escala diatônica.

Tudo isso conduzirá o estudante de Ocultismo a descobrir a diferença que existe entre as nomenclaturas e simbolismos exotéricos e esotéricos.

Em resumo, a Astrologia cabalística, tal como se pratica na Europa, é a Ciência semi-esotérica adaptada ao círculo externo, e não ao círculo interno. Além disso, muitas vezes aparece incompleta, e não raro alterada intencionalmente para encobrir a verdade. Enquanto a Astrologia cabalística faz adaptar seus símbolos e correspondências ao aspecto aparente das coisas, a Filosofia esotérica, que se ocupa sobretudo da essência das coisas, aceita os símbolos com o fito exclusivo de abarcar o conjunto, dando-lhes significação a um tempo espiritual, psíquica e física. Nada obstante, a Astrologia ocidental tem realizado excelente trabalho, pois contribuiu para preservar uma Doutrina Secreta durante os perigos da Idade Média, entre o fanatismo e o obscurantismo que então imperavam, e a conservou até os nossos dias, quando já se desvaneceu todo perigo.

A prática exotérica enumera os planetas segundo a ordem de seus raios geocêntricos, ou seja, de sua distância da Terra, considerada como centro, a saber: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. Nos três primeiros vemos simbolizada a Tríade do supremo poder no Universo manifestado (Brahmâ, Vishnu e Shiva); ao passo que os outros quatro simbolizam o quaternário terreno, que preside às fases naturais e físicas das estações do ano, às quatro partes do dia, às idades da vida, aos pontos cardeais e aos elementos — como:

Primavera	Verão	Outono	Inverno
Manhã	Meio-dia	Tarde	Noite
Infância	Adolescência	Virilidade	Velhice
Oriente	Sul	Ocidente	Norte
Fogo	Ar	Água	Terra

Mas à Ciência esotérica não bastam analogias no plano puramente objetivo dos sentidos físicos: e é de absoluta necessidade que todo ensinamento ulterior sobre este ponto se faça preceder de uma explicação bem clara do real significado da palavra Magia.

O QUE É REALMENTE A MAGIA

A Ciência Esotérica é, acima de tudo, o conhecimento de nossas relações com a Magia Divina [17], inseparável de nossos *Eus* divinos (significando

(17) Em sentido espiritual e secreto, a palavra *Magia* quer dizer "a Grande Vida", ou a Vida divina *em espírito*. Sua raiz é *magh*, que se vê no sânscrito *mahat*, no zende *maz*, no grego *megas* e no latim *magnus*; todas estas palavras significam "grande".

esta última palavra algo mais do que o nosso próprio Espírito superior). Assim, antes de exemplificar a explicar essas relações, talvez seja conveniente dar ao estudante uma idéia exata do pleno significado da tão mal compreendida "Magia".

Muitos são os que ardentemente anseiam estudar o Ocultismo; são muito poucos, porém, os que têm uma noção, ainda que aproximada, da Ciência Oculta. Ora, bem reduzido é o número de estudantes europeus e americanos que podem tirar algum proveito das obras sânscritas, ou ainda de suas traduções, porque em sua maioria representam simplesmente "véus" para os não-iniciados. Proponho-me, por esse motivo, oferecer-lhes à atenção provas extraídas das obras neoplatônicas, cujas traduções são acessíveis; e, para esclarecer o que até agora permaneceu obscuro, bastará a indicação da respectiva chave. Desta maneira, poderão servir admiravelmente ao nosso objetivo as duas Gnoses, a pré-cristã e a pós-cristã.

Milhões de cristãos conhecem o nome de Simão, o Mago, e as escassas referências que lhe fazem os *Atos dos Apóstolos*; mas são poucos os que já ouviram falar das confusas, fantásticas e contraditórias minúcias que a tradição registra a respeito de sua vida. A história de suas pretensões e de sua morte pode ser encontrada somente nos relatos tendenciosos e meio quiméricos dos Padres da Igreja, tais como Irineu, Epifânio e São Justino, e especialmente no anônimo *Philosophumena*.

S'mão, o Mago, é contudo um personagem histórico, e a antonomásia "o Mago" lhe foi conferida pela unanimidade dos seus contemporâneos, inclusive os chefes da Igreja Cristã, para indicar os maravilhosos poderes taumatúrgicos de que era dotado, sem distinguir se era um Mago branco (divino) ou um Mago negro (diabólico). As opiniões num ou noutro sentido acompanharam sempre as tendências dos cronistas, conforme fossem para os gentios ou para os cristãos.

No sistema de Simão, o Mago, e de seu discípulo e sucessor Menandro descobriremos o que a palavra "Magia" significava para os iniciados daquele tempo.

Simão, como todos os demais gnósticos, ensinava que o nosso mundo foi criado pelos Anjos *inferiores*, aos quais deu o nome de Eões; e destes menciona apenas três graus, porque, conforme explicamos anteriormente, era e é inútil ensinar algo a respeito dos quatro graus superiores, razão por que ele começa no plano dos globos A e G. Sua doutrina se aproxima da Verdade Oculta; vamos, por isso, examiná-la, como também os seus conceitos e os de Menandro acerca da "Magia", a fim de ver o que ambos entendiam por esta palavra.

Segundo Simão, o ápice de toda a criação manifestada foi o *Fogo*. Era este para ele, como para nós, o Princípio Universal, a Infinita Potência, nascida da oculta Potencialidade. O Fogo era a causa primeva do mundo manifestado da existência, e tinha dois aspectos, um manifestado e outro oculto ou secreto.

"O aspecto secreto do Fogo está oculto em seu aspecto visível [ou objetivo], e o aspecto objetivo promana do secreto." [18]

Assim escreve Simão, e tanto vale dizer que o visível sempre está presente no invisível, e o invisível no visível. Era só uma nova forma de expor a idéia de Platão sobre o Inteligível (*Noeton*) e o Sensível (*Aistheton*), e o que Aristóteles ensinava sobre a Potência (*Dunamis*) e o Ato (*Energeia*). Para Simão, era inteligência perfeita tudo o que se pode pensar, assim como tudo aquilo sobre que se pode atuar. O Fogo continha *tudo*. E assim todas as partes do Fogo, estando dotadas de inteligência e razão, eram suscetíveis de desenvolvimento, por extensão e por emanação. Esta é precisamente a nossa doutrina do Logos Manifestado; e aquelas partes, em sua emanação primordial, são os nossos Dhyân-Chohans, os "Filhos da Chama e do Fogo" ou Eões superiores. Este "Fogo" é o símbolo do ativo e vivente aspecto da Natureza Divina. Por trás dele está a "infinita Potencialidade na Potencialidade", que Simão chamava "o que existiu, existe e existirá", ou a Estabilidade permanente e a Imutabilidade personificada.

Da Potência do Pensamento, a Divina Ideação se concretizava em Ação. E por isso a série de emanações primordiais por meio do Pensamento engendra o ato, cuja mãe é o aspecto objetivo do Fogo, e o pai o aspecto oculto. Simão chamava *Sizígias* (pares unidos ou casais) a essas emanações, porque surgiam de duas em duas, uma como Eon ativo e outra como Eon passivo. Assim emanaram três pares (seis Eões ao todo, sendo o Fogo a sétima emanação), aos quais deu Simão os nomes seguintes: "Mente e Pensamento; Voz e Nome; Razão e Reflexão" [19], masculino o primeiro de cada par, e feminino o segundo. Destes seis Eões primordiais emanaram os seis Eões do Mundo Intermédio. Mas vejamos o que diz o próprio Simão:

"Cada um destes seis primitivos seres trazia em si toda a infinita Potência [de seu progenitor]; mas ela estava ali somente em estado potencial, e não em ato. Essa Potência tinha que passar à atividade [ou tomar forma] por meio de uma *imagem*, para manifestar-se em toda a sua essência, grandeza, virtude e efeitos. Porque só então é que poderia a Potência emanada ser semelhante ao seu progenitor, a Potência eterna e infinita. Se, pelo contrário, ela permanecesse apenas em estado potencial nas seis Potências, não chegando a tomar forma por meio de uma imagem, então a Potência não se concretizaria em ato — perdendo-se." [20]

Mais claramente: ficaria atrofiada, conforme a expressão moderna.

Pois bem: que podem significar essas palavras, senão que, para igualar em tudo a infinita Potência, deviam os Eões imitá-la em sua ação e converter-se, por sua vez, em princípios emanadores, como o seu progenitor, dando vida a novos seres e passando eles próprios a Potências *in actu*? Produzir emanações, ou adquirir o dom de Kriyâshakti, efeito que depende de nossa própria ação, é a conseqüência direta desse poder — poder que é inerente

(18) Philosophumena, VI, 12.

(19) *Nous* e *Epinoia; Phône* e *Onoma; Logismos* e *Enthumêsis*.

(20) *Philosophumena*, VI, 12.

ao homem, do mesmo modo que aos Eões primordiais e também às emanações secundárias, porque tanto eles como nós descendemos do Princípio Uno Primordial, a Potência Infinita.

Vemos, portanto, no sistema de Simão, o Mago, que os seis primeiros Eões, sintetizados no sétimo, a Potência Progenitora, passaram ao Ato, e fizeram emanar, por sua vez, seis Eões secundários, sintetizados em seus respectivos progenitores. Lê-se em *Philosophumena* que Simão comparava os Eões com a "Árvore da Vida". E na *Revelação* [21] disse ele:

"Está escrito que há duas ramificações dos Eões universais, que não têm princípio nem fim, sendo ambas emanadas da mesma raiz, a Potencialidade invisível e incompreensível, Sigê [o Silêncio]. E uma destas [séries de Eões] procede do alto. É a grande Potência, a Mente Universal [a Ideação Divina ou Mahat dos hindus]. É masculina, e regula todas as coisas. A outra vem de baixo: é o grande Pensamento [manifestado], o Eon feminino, que gera todas as coisas. Estas [duas espécies de Eões] se correspondem [22] mutuamente, entram em conjunção e se manifestam à meia distância [na esfera ou plano intermédio] no Ar incompreensível, que não tem princípio nem fim." [23]

Este "Ar" feminino é o nosso Éter ou a Luz Astral dos cabalistas. Corresponde, assim, ao Segundo Mundo de Simão, nascido do Fogo, o princípio de todas as coisas. Nós o chamamos a Vida Una, a Chama Inteligente e Divina, infinita e onipresente. No sistema de Simão, o Segundo Mundo era governado por uma Potência, macho e fêmea ao mesmo tempo, ativa e passiva, boa e má. Este Ser-Progenitor, tal como a Potência primordial e infinita, é chamado "o que existiu, existe e existirá" enquanto durar o Cosmos manifestado. Quando ele produziu emanações *in actu* e se fez semelhante ao seu Progenitor, não era dual ou andrógino. O Pensamento (Sigê), que dele emanou, é que passou a ser como ele (o Progenitor), isto é, semelhante à sua imagem (ou antítipo); o segundo foi então, por sua vez, o primeiro (em seu plano ou esfera peculiar).

Como diz Simão:

"Ele [o Progenitor ou Pai] era uno; porque, trazendo-o [o Pensamento] em si mesmo, estava sozinho. Contudo, não era o primeiro, embora fosse preexistente; pois que, manifestando-se a si mesmo e de si mesmo, veio a ser o segundo (ou dual). E não foi chamado Pai antes que [o Pensamento] lhe desse esse nome. Portanto, assim como ele, ao desenvolver-se por si só, manifestou em si mesmo o seu próprio Pensamento, assim também o Pensamento manifestado não se concretizou em ato; mas, ao ver o Pai, o ocultou em si mesmo, isto é, [ocultou] esta Potência em si mesmo. E a Potência *[Dunamis* ou *Nous]* e o Pensamento *[Epinoia]* são macho-fêmea. Por este motivo eles se correspondem mutuamente (uma vez que a Potência em nada difere do Pensamento) e são um só. Assim, nas coisas de cima está a Potência e nas de baixo o Pensamento. Acontece, portanto, que o por eles manifestado, ainda que seja um só, passa a ser duplo: o andrógino que traz em si o elemento feminino. De modo que a Mente está no Pensamento, sendo inseparáveis os dois. Apesar de serem um só, aparecem como dualidade." [24]

---

(21) *A Grande Revelação* (*He Megalê Apophasis*), cuja autoria se atribui a Simão.

(22) Literalmente: que se opõem em pares ou filas.

(23) *Philosophumena*, VI, 18.

"Ele [Simão] dá os nomes de Nous e Epinoia, Céu e Terra, à primeira Sizigia das seis Potências e da sétima que sintetiza o par: de cima, o elemento masculino olha para baixo, e dirige o Pensamento à sua Sizigia [ou esposa], para que a Terra em baixo receba aqueles frutos intelectuais que descem do Céu e são cognatos da Terra." [25]

O Terceiro Mundo de Simão, com sua terceira série de seis Eões, mais o sétimo, o Progenitor, emana de modo análogo. Todos os sistemas gnósticos vibram esta mesma nota: a descida gradual na Matéria, por similitude. É uma lei, cujo conhecimento remonta aos tempos do primitivo Ocultismo ou Magia. Para os gnósticos, como para nós, aquela sétima Potência, que sintetiza as seis, é o Espírito que plana sobre as águas sombrias do Espaço não-diferenciado: Nârâyana ou Vishnu, na Índia; o Espírito Santo, no Cristianismo. Mas, enquanto este último condiciona e submete o conceito a limitações que requerem a fé e a graça, a Filosofia oriental sustenta que o Espírito interpenetra todos os átomos, conscientes ou inconscientes.

Irineu complementa a informação sobre o ulterior desenvolvimento dos seis Eões. Segundo ele, o Pensamento, separando-se do seu progenitor, e sabendo tudo o que devia saber, em virtude de sua identidade de Essência com este último, tratou de criar, no segundo plano do Mundo intermédio [26], Hierarquias inferiores, Anjos e Potestades, Dominações e Legiões de todas as categorias, que, por sua vez, criaram, ou melhor, fizeram emanar de sua própria Essência o nosso mundo, com os homens e demais seres, sobre os quais eles velam.

Segue-se, portanto, que toda criatura racional (chamada homem no planeta Terra) é da mesma essência dos Eões superiores, os Sete primordiais, e dotada potencialmente de todos os seus atributos. A ele cabe desenvolver *in actu*, por imitação da "imagem do Supremo que tem diante de si", aquela Potência existente em seu primário Progenitor. Aqui podemos ainda citar, por oportuna, a seguinte passagem do *Philosophumena*:

"Deste modo, segundo Simão, o [princípio] glorioso e imperecível está oculto em todas as coisas potencialmente (e não em ato). Este [princípio] é 'o que existiu, existe e existirá', ou seja: o que existiu em cima na Potência não-gerada; o que existe em baixo na corrente das águas, gerado em uma imagem; o que existirá em cima junto à Potência infinita e gloriosa, quando se fizer semelhante a esta imagem. Porque, diz Simão, há três Eões permanentes, sem os quais o que foi gerado sobre as águas e formado segundo a semelhança, não poderá ser um Eon perfeito e celestial, em nada inferior à Potência não-gerada. Eis o que dizem [os simonianos]: 'eu e tu [somos] um; antes de mim [estavas] tu; o que está depois de ti [sou] eu'. Significa, segundo Simão, que é a Potência, dividida em acima e abaixo, gerando-se, nutrindo-se e buscando-se a si mesma — sendo a um tempo mãe, pai, irmão, esposa, filha e filho de si mesma: *una*, porque é a Raiz de todas as coisas." [27]

Com relação a esse triplo Eon, sabemos que o primeiro é o Poder incriado ou Âtman, que "existiu, existe e existirá": o segundo é gerado, nas

(24) *Op. cit.*, VI, 18.
(25) *Op. cit.*, I, 13.
(26) Cada mundo se compõe de dois planos, o superior e o inferior (masculino e feminino). O último por fim reúne em si ambas as Potências, tornando-se andrógino.
(27) *Op. cit.*, VI, 17

águas tenebrosas do Espaço (o Caos ou substância não-diferenciad , ou Buddhi), da imagem ou pela imagem do primeiro refletida nas mesmas águas, a imagem de "Ele" ou de "Aquilo" que se move sobre elas; o terceiro Mundo (no homem, Manas) ficará com todos os poderes dessa eterna e onipresente Imagem, se com ela se identificar. Porque:

"Tudo o que é eterno, puro e incorruptível jaz oculto em todas as coisas",

se não em ato, potencialmente.

E mais:

"Tudo o que existe é essa imagem, contanto que a imagem inferior (o homem) se eleve em espírito e pensamento àquela Fonte e Raiz."

A Matéria, em seu conceito de Substância, é incriada e eterna. Por isso, Simão, o Mago, como todos os grandes mestres gnósticos e os filósofos orientais, nunca falam de sua origem. A "Matéria Eterna" recebe suas várias formas no Eon inferior por obra dos Anjos Criadores, ou Construtores (como nós chamamos). Por que então o homem, herdeiro direto do supremo Eon, não haveria de fazer outrotanto, pelo poder do seu pensamento, nascido do Espírito? Isto é o que se chama Kriyâshakti, ou o poder de produzir formas no plano objetivo, com a força da Ideação e da Vontade, da Matéria invisível e indestrutível.

O profeta Jeremias disse uma verdade, citando as palavras do Senhor:

"Antes que se formasse no ventre, eu te conheci; e antes que saísses da matriz, eu te santifiquei." [28]

Pois aqui Jeremias se refere ao homem quando ainda era um Eon, ou Homem Divino, conforme a idéia de Simão, o Mago, e da filosofia oriental.

Os três primeiros capítulos do *Gênesis* são tão esotéricos quanto o que se expõe no Apontamento I. Porque o Paraíso terrestre, como declara Simão [29], é a matriz; e o Éden é a região circunjacente. O rio que nascia no Éden e regava o jardim é o Cordão Umbilical, dividido em quatro ductos ou correntes, que servem para alimentar o Feto, isto é, as duas artérias e as duas veias por onde circula o sangue e que proporcionam o ar respirável; pois o Feto, estando inteiramente envolto pelo âmnio, se nutre por meio do Cordão Umbilical e recebe o ar através da aorta (segundo Simão)[30].

---

(28) *Jeremias*, I, 5.

(29) *Philosophumena*, VI, 14.

(30) No começo há os vasos onfalomesentéricos, duas artérias e duas veias, que desaparecem mais tarde, assim como a "área vascular" da vesícula umbilical, de onde procedem. Quanto aos "vasos umbilicais" propriamente ditos, o cordão enlaça em si, da direita para a esquerda, a única veia umbilical que leva ao feto o sangue *oxigenado* da mãe, e duas artérias umbilicais ou hipogástricas que recebem o sangue impuro do feto e o conduzem à placenta. A função dos vasos é, assim, inversa da que prevalece depois do nascimento. Deste modo, a Ciência corrobora os conhecimentos do Ocultismo antigo, já que no tempo de Simão, o Mago, nenhum homem (com exceção dos iniciados) absolutamente nada sabia de Fisiologia ou da circulação do sangue. Quando se achava no pleno este Apontamento, a autora recebeu do Dr. Jerome A. Anderson dois folhetos,

O que acabamos de expor servirá para elucidar o que se segue.

Os discípulos de Simão, o Mago, eram numerosos. Com o mestre aprenderam a Magia. Empregavam "exorcismos" (como os chama o *Novo Testamento*), os encantamentos e os filtros; acreditavam em sonhos e visões, que provocavam à vontade; e finalmente submetiam à obediência os espíritos inferiores. Diziam que Simão, o Mago, era o "Grande Poder de Deus", ou, literalmente, "a Potência da Divindade que é chamada Grande". Dava-se o nome de Magia naquele tempo ao que hoje designamos por Teosofia, Sabedoria, Poder e Ciência Divina.

Menandro, o discípulo dileto de Simão, foi também um mago insigne. Diz Irineu, entre outros autores:

"O sucessor de Simão foi o samaritano Menandro, que alcançou o pináculo da Ciência da Magia."

Temos, portanto, que assim do mestre como do discípulo se afirma que alcançaram os mais altos poderes na arte dos encantamentos, poderes que, no entender dos cristãos, só com a "ajuda do demônio" podem ser obtidos. No entanto, as "obras" de ambos eram idênticas às que o *Novo Testamento* relata como milagres divinos e que se crêem e aceitam como vindas de Deus e por Deus. Mas então cabe perguntar se os chamados "milagres" de "Cristo" e dos apóstolos tiveram alguma vez melhor explicação que as proezas mágicas dos indigitados magos e feiticeiros. A minha resposta é que nunca a tiveram. Os ocultistas não acreditamos em fenômenos sobrenaturais; e os Mestres sorriem quando se pronuncia a palavra "milagre". Vejamos, pois, qual é o verdadeiro significado da palavra Magia.

A fonte e a base da Magia estão no Espírito e no Pensamento, seja no plano puramente divino, seja no plano terrestre. Os que conhecem a história de Simão podem escolher entre as duas versões, a da Magia Branca e a da Magia Negra, que se atribuem à sua união com Helena, a quem ele chamava a sua Epinoia (Pensamento). Os que, como os cristãos, tinham interesse em desacreditar um perigoso rival disseram que Helena era uma formosa mulher de carne e osso, que Simão havia encontrado em uma casa de má fama da cidade de Tiro, e que, segundo os seus biógrafos, passava por ser a reencarnação da Helena de Tróia. Como, então, podia ser ela o "Pensamento Divino"?

No *Philosophumena* se atribui a Simão a declaração de que nos Anjos inferiores, ou terceiros Eões, existiam elementos do mal por causa de sua materialidade, e que o homem, por eles criado ou deles procedente, padecia desse vício de origem. Que significava isso? Que os terceiros Eões, quando

---

publicados em 1884 e 1888, em que se demonstra cientificamente o mecanismo da nutrição do feto, tal como exposto no Apontamento I. Em resumo: o feto alimenta-se por osmose com o líquido amniótico, e respira por meio da placenta. Pouco ou nada sabe a Ciência acerca do líquido amniótico e de suas funções. Se alguém quiser prosseguir no estudo deste assunto, recomendamos-lhe o opúsculo do Dr. Anderson — *Remarks on the Nutrition of the Foetus* (Wood & Co., Nova York).

foram por sua vez dotados com o Pensamento Divino, ao ser-lhes transmitido o Fogo, em lugar de fazerem do homem um ser completo, de acordo com o plano universal, não lhe comunicaram desde logo a Centelha Divina (o Pensamento, ou Manas na Terra); e por isso o homem, desprovido de mente, cometeu o pecado original, como já o haviam cometido os Anjos, muitos evos atrás, recusando-se a procriar. Finalmente, depois de reter e aprisionar Epinoia entre eles, e de infligir ao Pensamento Divino toda sorte de agravos e profanações, resolveram os Eões encerrá-la no corpo já corrompido do homem. Em seguida, conforme a interpretação dos inimigos de Simão, Epinoia passou de um a outro corpo de mulher, ao longo dos séculos e das gerações, até o dia em que Simão a reconheceu no corpo da "prostituta" Helena, a "ovelha desgarrada" da parábola. Dizem que Simão pretendia ser o Salvador que baixou à Terra para resgatar esta "ovelha" e os homens nos quais Epinoia ainda se acha sob o domínio dos Anjos inferiores. Imputam, assim, os grandes feitos mágicos de Simão a suas relações sexuais com Helena, e por conseguinte à Magia Negra. Certamente, os principais ritos de semelhante espécie de Magia se baseiam nessa interpretação literal dos mitos, no mau sentido, inclusive dos mais nobres, como o ideado por Simão para simbolizar seus ensinamentos. Aqueles que tiveram a exata compreensão de tais ensinamentos sabiam que "Helena" significava o matrimônio de Nous (Âtmâ-Buddhi) com Manas, a união pela qual a Vontade e o Pensamento se unificam e são dotados de poderes divinos.

Sim, porque no homem a essência pura de Âtman, o primordial, eterno e universal Fogo Divino, que "existiu, existe e existirá", pertence a todos os planos. Buddhi é o seu veículo ou Pensamento, que foi gerado pelo Pai, e que por sua vez o gera; e também a Vontade. "Existiu, existe e existirá", e em conjunção com Manas se converte em masculino-feminino, mas tão somente nesta esfera. Por isso, quando Simão afirma de si mesmo que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e diz que Helena é a sua Epinoia ou Pensamento Divino, significa assim a união de Buddhi com Manas. Helena representava a Shakti do homem interno, ou a potência feminina.

E que diz Menandro? Ensina que os Anjos inferiores eram as emanações de ENNOIA (o Pensamento Planejador). Foi Ennoia que lhe ensinou a Ciência da Magia, juntamente com a arte de dominar os anjos criadores do mundo inferior, ou seja, as paixões da natureza inferior. Contava-se que os discípulos de Menandro, depois de terem dele recebido o batismo (isto é, a Iniciação), eram como "ressuscitados de entre os mortos", e "não mais envelheciam", adquirindo a "imortalidade" [31].

A ressurreição prometida por Menandro significava nada mais nada menos que a passagem das trevas da ignorância para a luz da verdade, o despertar do Espírito imortal do homem para a vida interna e eterna. É a Ciência da Râja-Yoga — a Magia.

Todos quantos já leram algo sobre a filosofia neoplatônica devem saber que seus principais representantes, como Plotino e sobretudo Porfírio, com-

(31) Veja-se Eusébio, *Hist. Eccles.*, liv. III, cap. 26.

bateram a teurgia de fenômenos. Entre eles foi, porém, Jâmblico, o autor de *De Mysteriis,* quem desvendou e explicou o verdadeiro conceito da palavra Teurgia, mostrando-nos que nela se contém a Ciência Divina da Râja-Yoga.

A Magia, diz ele, é uma divina e sublime Ciência, que excede a todas as outras.

"É o grande remédio para tudo... Não tem sua fonte no corpo, não se limita a suas paixões nem ao composto humano ou sua constituição; mas por meio dela tudo vem de nossos Deuses superiores",

de nossos divinos Egos, que, como um fio de prata, prendem a nossa Centelha interna ao Fogo divino primordial [32].

Jâmblico abomina os fenômenos físicos, que, diz ele, são produzidos pelos maus demônios que iludem os homens (são os fantasmas das sessões espíritas), ao passo que exalta a Teurgia divina. Mas ensina que para o exercício desta Teurgia é indispensável que o homem "tenha alma pura e casta, e a mais elevada moralidade". A outra espécie de Magia só é praticada pelos homens impuros e egoístas, e nada tem de divina. Os falsos profetas nunca poderão ter em suas comunicações algo que provenha de nossos Deuses superiores. Assim, uma (a Teurgia) é o conhecimento de nosso Pai (o Eu Superior); a outra, a submissão à nossa natureza inferior. A primeira requer a santidade da alma, uma santidade que rejeita e exclui tudo o que é corporal; a segunda é a profanação da alma. Aquela é a união com os Deuses (o Deus de cada um), a fonte de todo o Bem; esta é o comércio com os demônios (Elementais), que, se não os dominamos, acabam por subjugar-nos e arrastar-nos pouco a pouco à ruína moral (mediunidade).

Em suma:

"A Teurgia nos une mais fortemente com a natureza divina. Esta natureza se forma por si mesma, atua por meio de seus próprios poderes, é o suporte de tudo e é inteligente. Sendo o ornamento do Universo, ela nos convida à verdade inteligível, a aperfeiçoar-nos e a compartir esta perfeição com os outros. Tão intimamente nos une a todos os atos criadores dos deuses, segundo a capacidade de cada qual, que a alma, depois de cumprir os sagrados ritos, se consolida em suas ações e inteligências [as dos deuses], até que se identifica com elas e é absorvida pela essência primordial e divina. Tal é a finalidade das sagradas iniciações egípcias." [33]

Depois, Jâmblico nos mostra como se há de realizar a união de nossa Alma Superior com a Alma Universal — com os Deuses. Ele nos fala de Manteia, que é o êxtase supremo [34], o Samâdhi. E se refere também ao sonho, que vem a ser uma visão divina quando o homem novamente se converte em Deus.

Pela Teurgia (ou Râja-Yoga) o homem alcança: 1.° o Discernimento Profético, por intermédio do Deus interno (o Ego Superior), que lhe revela

(32) *De Mysteriis,* pág. 100, linhas 10 a 19; pág. 109, fol. 1.
(33) *De Mysteriis,* pág. 290, linhas 15 a 18 *et seq.,* caps. V e VII.

as verdades do plano em que estiver atuando; 2.º o Êxtase e a Iluminação; 3.º a Ação em Espírito (no corpo astral ou mediante a Vontade); 4.º o Domínio sobre os demônios inferiores desprovidos de razão (os Elementais), domínio que é devido à natureza mesma do Eu purificado. Mas para tudo isso é requisito indispensável a purificação do Ego. E, assim, para Jâmblico a Magia não é nem mais nem menos que a iniciação na Teurgia.

Entretanto, primeiro é necessário educar os sentidos e conhecer o Eu humano em relação com o EU Divino. Enquanto não dominar completamente esse estudo preliminar, será inútil ao homem querer antropomorfizar o que não tem forma. Entendemos por "sem forma" os Deuses superiores e inferiores, os Espíritos ou Seres supramundanos e mundanos, que aos principiantes só é dado conhecer em Cores e Sons. Porque apenas os grandes Adeptos podem perceber um "Deus" em sua verdadeira e transcendente forma, da qual somente a aura é visível ao intelecto não-educado do discípulo (chela).

As visões de figuras completas, ocasionalmente percebidas pelos médiuns e sensitivos correspondem a uma ou outra das três categorias seguintes, as únicas que eles podem ver: 1.º Corpos astrais de homens vivos; 2.º Nirmanakâyas [35]; 3.º Fantasmas, Elementários e Elementais, revestidos de formas geralmente tomadas da Luz Astral ou de figuras que se acham no "olho da mente" dos assistentes ou do médium, e que se refletem imediatamente em suas respectivas auras.

Após a leitura do que antecedeu, compreenderão agora muito melhor os estudantes a necessidade de conhecer previamente as correspondências entre os nossos "princípios" (que são os diversos aspectos do homem trino — físico e espiritual) e o nosso paradigma, que é sua raiz no Universo.

Isso posto, resumiremos o nosso ensinamento acerca das Hierarquias, que têm relação direta e perpétua com o homem.

Já dissemos o suficiente para mostrar que, enquanto os orientalistas e os profanos vêem na frase *"Om Mani Padme Hum"* simplesmente as palavras: "Oh! a Jóia no Lótus", esotericamente ela significa: "Oh! meu Deus, que estás em mim." Sim: há um Deus em cada ser humano, pois o homem foi e voltará a ser um Deus. A frase alude à indissolúvel união entre o Homem e o Universo. Porque o Lótus é o símbolo universal do Cosmos em sua totalidade absoluta, e a Jóia é o Homem Espiritual, ou Deus.

No Apontamento anterior indicamos as correspondências entre as Cores, os Sons e os "Princípios"; e os que leram os Volumes III e IV desta obra devem recordar-se de que estes sete princípios dimanam das sete grandes Hierarquias de Anjos, ou Dhyân-Chohans, que estão, por sua vez, associados às Cores e aos Sons, e formam coletivamente o Logos Manifestado.

---

(34) *De Mysteriis,* seção III, cap. III.

(35) Adeptos, da direita ou da esquerda, cujos corpos pereceram, mas que aprenderam a viver no espaço invisível, em suas personalidades etéreas.

Na eterna música das esferas deparamos a escala perfeita que corresponde às cores; e no número determinado pelas vibrações da cor e do som, e que "é subjacente a todas as formas e rege todos os sons", vemos o pináculo do Universo Manifestado.

Podemos ilustrar essas correspondências indicando a relação entre a cor e o som e as figuras geométricas que exprimem as fases progressivas da manifestação do Cosmos [36].

Mas o estudante ficará certamente exposto a confusão se, ao examinar os Diagramas, não atentar em duas coisas: 1.º que, por estarmos em um plano de reflexo, e portanto ilusório, *as diversas notações estão invertidas, e devem contar-se de baixo para cima*; a escala musical principia por baixo, partindo do Dó grave e terminando com o Si agudíssimo; 2.º que o Kâma Rûpa (correspondente ao Dó da escala musical) contém todas as potencialidades da Matéria, e é necessariamente o ponto de partida em nosso plano. Além disso, por ele começa a notação em todos os planos, em correspondência com a "matéria" de cada um.

Deve ainda recordar-se o estudante de que as notas têm de ser dispostas em círculo, indicando que o Fá é o tom médio da Natureza.

Resumindo: as notas musicais, ou os sons, as cores e os números, vão de um a sete, e não de sete a um, como erroneamente se ensina ao contar o vermelho como a primeira cor do prisma. Tivemos necessidade, por esse motivo, de dispor arbitrariamente os princípios e os dias da semana no Diagrama II. A escala musical e as cores, de acordo com o número de vibrações, vão do grosseiro mundo da matéria ao mundo do Espírito na seguinte ordem:

Princípios	Cores	Notas	N.os	Estado de Matéria
Chhâyâ, Sombra ou Duplo	Violeta	Si	7	Éter
Manas Superior, Inteligência Espiritual	Anil	Lá	6	Estado crítico, chamado Ar em Ocultismo
Envoltório Áurico	Azul	Sol	5	Vapor
Manas Inferior, ou Alma animal	Verde	Fá	4	Estado crítico
Buddhi, ou Alma Espiritual	Amarelo	Mi	3	Água
Prâna, ou Princípio Vital	Alaranjado	Ré	2	Estado crítico
Kâma Rûpa, sede da vida animal	Vermelho	Dó	1	Gelo

(36) Vejam-se os Vols. I, III e IV.

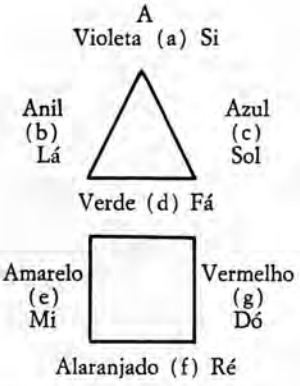
De novo pedimos ao estudante que, pelas razões já expostas, afaste da mente a idéia de correspondência entre "princípios" e números. A enumeração esotérica não pode coincidir com a numeração exotérica convencional. A primeira condiz com a realidade; a segunda inspira-se em aparências ilusórias. No *Esoteric Buddhism,* de Sinnett, a classificação está meio velada, a fim de não confundir os estudantes.

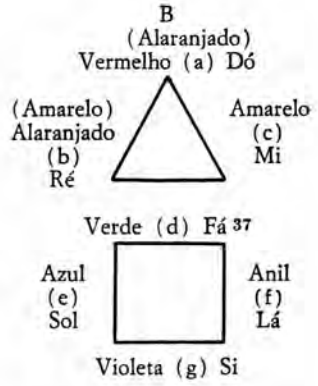
CORES, SONS E FORMAS

Prossigamos.

O Ponto no Círculo é o Logos Não-Manifestado, correspondente à Vida Absoluta e ao Som Absoluto.

A primeira figura geométrica depois do Círculo ou Esferóide é o Triângulo: corresponde ao Movimento, à Cor e ao Som. Assim, o Ponto no Triângulo representa o Segundo Logos, o "Pai-Mãe", o Raio Branco, que não é cor, porque contém potencialmente todas as cores: aparece como irradiação do Logos Não-Manifestado, ou Verbo Não-Articulado. Ao redor se forma o Primeiro Triângulo no plano da Substância Primordial, nesta ordem (*inversa* quanto ao nosso plano):





(37) A Chave-Mestra ou a Tônica da Natureza Manifestada.

A

(*a*) O Duplo Astral da Natureza, ou o Paradigma de todas as Formas.

(*b*) A Ideação Divina, ou Mente Universal.

(*c*) A Síntese da Natureza Oculta, o Ovo de Brahmâ que tudo contém e de onde tudo procede.

(*d*) A Alma Animal ou Material da Natureza, fonte da Inteligência e do instinto dos animais e dos vegetais.

(*e*) O agregado das Inteligências Dhyân-Chohans, Fohat.

(*f*) O Princípio Vital da Natureza.

(*g*) O Princípio Vital Procriador da Natureza. O Princípio que, no plano espiritual, corresponde à afinidade sexual no plano inferior.

Refletido no plano da Natureza Grosseira, o Mundo da Realidade fica invertido, e toma o aspecto terreno do nosso plano.

B

(*a*) O Vermelho é a cor da dualidade manifestada, ou do macho e fêmea. Aparece no homem em sua forma animal ínfima.

(*b*) O Alaranjado é a cor das vestes dos Yogis e dos sacerdotes budistas, a cor do Sol e da Vitalidade Espiritual, e também do Princípio Vital.

(*c*) O Amarelo-ouro é a cor do Raio Divino e Espiritual em todos os átomos. No homem é a cor de Buddhi.

(*d*) O Verde e o Vermelho são, por assim dizer, cores intercambiáveis, pois o Verde absorve o Vermelho, em virtude de ter vibrações três vezes mais fortes que a deste último. O verde é a cor complementar do infravermelho. Esta a razão por que o Manas Inferior e o Kâma Rûpa são indicados, respectivamente, como Verde e Vermelho.

(*e*) O Plano Astral, ou Envoltório Áurico da Natureza e do Homem.

(*f*) A Mente, ou elemento racional no Homem e na Natureza.

(*g*) A contrapartida mais etérea do Corpo do homem, o pólo oposto; existindo entre ambos, no tocante à vibração e à sensibilidade, a mesma relação que há entre o Violeta e o Vermelho.

Tudo isso diz respeito ao plano manifestado; vêm depois os sete e o Prisma Manifestado, isto é, o Homem na Terra. Unicamente por este último se interessa o Mago Negro.

No Cosmos, são infinitas as gradações e correlações de Cores e Sons, e, portanto, de Números. A Física, aliás, já o suspeita: sabe-se que existem vibrações mais lentas que as do vermelho, e mais rápidas que as do violeta, os dois extremos até onde vai a percepção dos sentidos humanos. Mas na Terra, em nosso mundo físico, é limitado o campo de vibrações ao nosso alcance. Os nossos sentidos físicos não podem tomar conhecimento de vibrações acima e abaixo das gradações limitadas e *setenárias* das cores prismá-

ticas: vibrações que tais são incapazes de produzir em nós uma sensação de cor ou de som. Só o setenário graduado nos impressiona, e nada mais, a não ser que aprendamos a paralisar nosso Quaternário e a discernir as vibrações tanto superiores como inferiores por meio de nossos sentidos espirituais, que têm sede no Triângulo superior.

Neste plano de ilusão, há três cores fundamentais, conforme o demonstra a Ciência física: o vermelho, o azul e o amarelo (ou antes, o amarelo alaranjado), que correspondem aos seguintes princípios humanos: 1.º o Kâma Rûpa, sede das sensações animais, associado à Alma Animal, ou Manas Inferior, e seu veículo (são intercambiáveis o vermelho e o verde, já o vimos); 2.º o Envoltório Áurico, ou a essência do homem; 3.º Prâna, ou o Princípio Vital.

Mas, se deixarmos o reino da ilusão, ou o do homem tal qual vive na Terra, adstrito a suas percepções sensoriais exclusivamente, e passarmos à esfera da semi-ilusão; se observarmos as próprias cores naturais que correspondem aos princípios, isto é, as cores que no homem perfeito absorvem todas as outras, perceberemos que as cores se correspondem e se complementam assim:

Violeta

1. Vermelho ..... Verde
2. Alaranjado ..... Azul
3. Amarelo ..... Anil

Violeta

O homem astral aparece como uma forma nebulosa, de cor violeta pálida, dentro de um círculo ovóide azulado, no qual resplandecem as cores do prisma em incessantes vibrações, predominando a cor correspondente ao princípio mais ativo de cada personalidade no momento da observação do clarividente. Assim é o homem no estado de vigília; e é pela preponderância de uma ou de outra cor, e pela intensidade de suas vibrações, que o clarividente (*se* é conhecedor das preponderâncias) pode inferir o estado íntimo ou o caráter da pessoa, que deste modo é um livro aberto para o ocultista prático.

No estado de êxtase, a Aura se modifica inteiramente, não se podendo discernir as sete cores do prisma. Durante o sono também não se observa a presença de todas elas, e quase não se distinguem, ou mesmo desaparecem, as cores correspondentes aos elementos espirituais do homem, a saber: o amarelo (Buddhi), o anil (Manas Superior) e o azul (Envoltório Áurico). O Homem Espiritual está livre durante o sono, embora não haja lembrança em sua memória física, e, revestido de sua essência mais elevada, vive em outros planos, em regiões que são o domínio do real — que tem o nome de sonho em nosso plano de ilusão.

De outra parte, um bom clarividente, que tivesse a oportunidade de observar, lado a lado, um Yogi em êxtase e uma pessoa hipnotizada, apren-

deria uma importante lição de Ocultismo. Aprenderia a conhecer a diferença entre o êxtase determinado por vontade própria e o estado hipnótico resultante de uma influência estranha. No Yogi desaparecem inteiramente os "princípios" do Quaternário inferior: não se vêem as cores vermelho, verde, vermelho-violeta, nem o azul áurico do corpo; pois apenas se notam as vibrações quase imperceptíveis do dourado matiz do Prâna, e uma chama violácea, estriada de ouro, que sai da região do Terceiro Olho e se eleva sobre a cabeça, culminando em um ponto. Se o estudante se lembrar de que o verdadeiro violeta, ou o extremo do espectro, não é uma cor composta de vermelho e azul, mas uma cor homogênea, com vibrações sete vezes mais rápidas que as do vermelho [38], e de que o matiz dourado é a essência dos três matizes do amarelo (vermelho alaranjado, amarelo alaranjado e amarelo), compreenderá que o Yogi vive em seu Corpo Áurico, que então passa a ser o veículo de Buddhi-Manas. Pelo contrário, em uma pessoa no estado de transe hipnótico ou mesmérico, artificialmente provocado por efeito de magia negra consciente ou inconsciente (salvo se o hipnotizador for um elevado Adepto), todos os princípios estarão presentes, com o Manas Superior paralisado, o Buddhi, por isso mesmo, dele separado, e o Corpo Astral vermelho-violeta inteiramente submetido ao verde Manas Inferior e ao vermelho Kâma Rûpa (os dois monstros animais que existem dentro de nós).

(38) CORES	Comprimento das ondas em milímetros	Número de vibrações em trilhões
Ultravioleta	406	759
Violeta	423	709
Violeta-anil	439	683
Anil	449	668
Anil-azul	459	654
Azul	479	631
Azul-verde	492	610
Verde	512	586
Verde-amarelo	532	564
Amarelo	551	544
Amarelo-alaranjado	571	525
Alaranjado	583	514
Alaranjado-vermelho	596	503
Vermelho	620	484
Infravermelho	645	465

Quem apreender bem as explicações acima perceberá facilmente quanto é importante para o estudante (quer o seu objetivo seja tão somente a aquisição de poderes ocultos práticos, quer vise aos dons psíquicos e espirituais

da clarividência e do conhecimento metafísico) dominar inteiramente as correspondências entre os princípios humanos e os do Cosmos.

Por ignorância, nega a Ciência materialista a existência do homem interno e de seus divinos poderes. Pelo conhecimento e a experiência pessoal, podem os ocultistas afirmar que tais poderes são tão naturais no homem como é natural o nadar dos peixes. Comportam-se os materialistas como um lapão que negasse com toda a sinceridade que alguns fios, retesados sobre a caixa de ressonância de um violino, sejam capazes de produzir sons agradáveis ou melodiosos. Verdadeiramente, os princípios humanos são as sete cordas da lira de Apolo. Em nossa época, quando o esquecimento obliterou a ciência dos antigos, as faculdades do homem são como as cordas do violino para o lapão. Mas o ocultista que saiba ajustá-las, e pôr o seu violino em sintonia com as vibrações cromáticas e sonoras, delas arrancará divinas harmonias. A combinação destas faculdades e a afinação entre o Microcosmo e o Macrocosmo darão a equivalência geométrica da invocação: *"Om Mani Padme Hum"*.

E aí está a razão por que o prévio conhecimento da música e da geometria era obrigatório na Escola de Pitágoras.

AS RAÍZES DA COR E DO SOM

Cada um dos Sete Raios primordiais, que constituem o Logos Manifestado, é por sua vez sétuplo. Assim como as sete cores do espectro solar correspondem aos sete Raios, ou Hierarquias, assim também cada Raio ou Hierarquia tem sete divisões, correspondentes à mesma série de cores. Mas neste caso uma cor, a saber, a que caracteriza a Hierarquia particular como um todo, predomina em intensidade sobre as outras.

Estas Hierarquias somente podem simbolizar-se como círculos concêntricos de cores prismáticas, sendo cada Hierarquia representada por uma série de sete círculos concêntricos e correspondendo cada círculo a uma das cores em sua ordem natural. Em cada uma destas "rodas", porém, haverá um círculo cuja cor é mais brilhante e mais intensa que a dos outros seis; e a roda terá, portanto, uma aura (uma franja, como dizem os físicos) dessa mesma cor, predominante e característica da Hierarquia.

Cada uma das Hierarquias proporciona a essência (a Alma); e é a "Construtora" de um dos sete reinos da Natureza: os três reinos elementais, o mineral, o vegetal, o animal e o do homem espiritual [39]. Além disso, cada Hierarquia proporciona a aura de um dos sete princípios do homem, com sua cor específica. E como cada Hierarquia rege um dos Planetas Sagrados, compreende-se facilmente como se originou a Astrologia, que tem fundamento estritamente científico quando merece este nome.

(39) Veja-se: *Five Years of Theosophy*, págs. 273 a 278 (edição de 1885; págs. 175-8 na edição revista de 1894).

Na Escola oriental, as Sete Hierarquias de Potestades criadoras são representadas por uma roda de sete círculos concêntricos, tendo cada um deles uma das sete cores do prisma. Podereis chamá-los Anjos, se o quiserdes; ou Espíritos Planetários, ou ainda Regentes dos sete Planetas Sagrados do nosso sistema, como o estamos fazendo. Seja como for, os círculos concêntricos simbolizam, para alguns cabalistas e ocultistas ocidentais, as Rodas de Ezequiel, e, para nós, os "Construtores" ou Prajâpatis.

Diagrama III

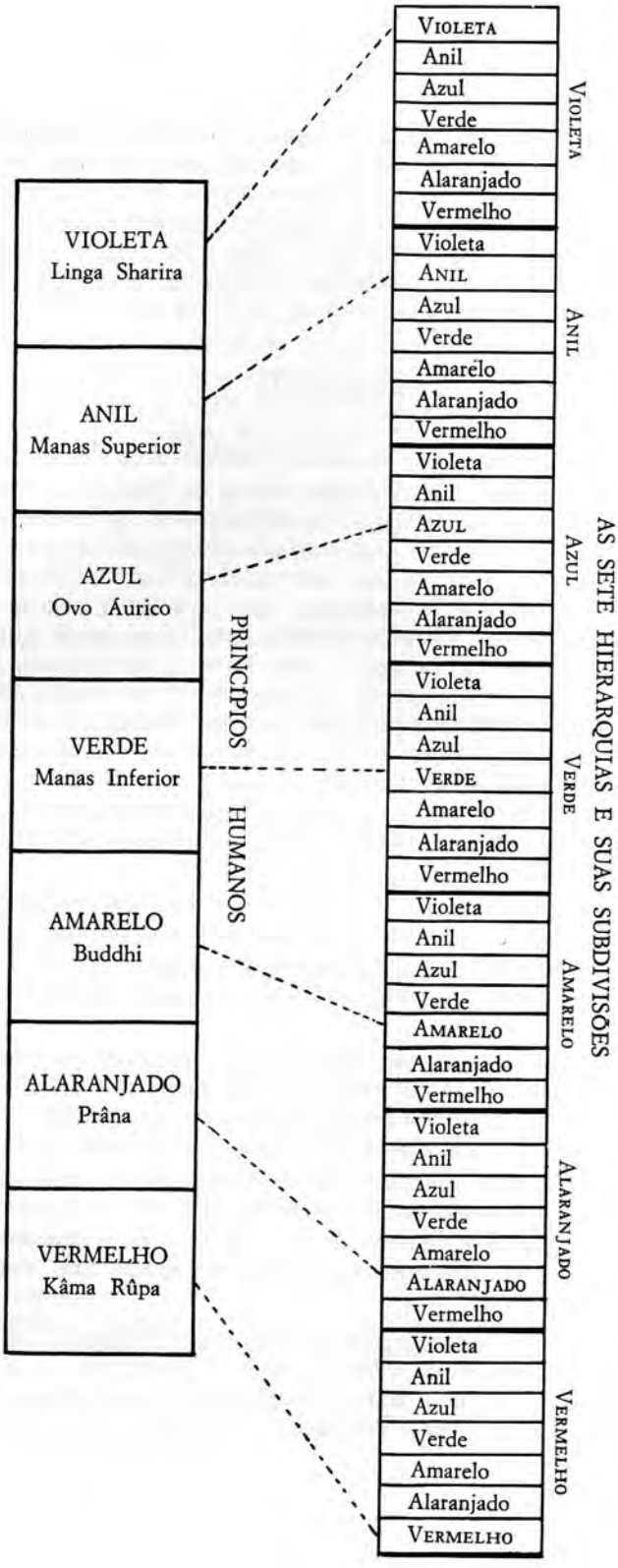
Deve o estudante examinar com todo o cuidado este diagrama.

O Linga Sharira deriva do sub-raio violeta da Hierarquia Violeta; o Manas Superior deriva, analogamente, do sub-raio anil da Hierarquia Anil; e assim por diante. Cada homem nasce sob a influência de determinado planeta, e deste modo predomina em sua constituição a cor peculiar ao mesmo planeta, porque nele sobressai o "princípio" que tem sua origem na Hierarquia dessa cor. Em sua aura haverá também cores derivadas de outros planetas, mas a do planeta regente será a mais forte. E um homem, no qual predomine, por exemplo, o princípio correspondente ao planeta Mercúrio, poderá, atuando sobre o mesmo princípio de outra pessoa, submetê-la inteiramente ao seu domínio. Porque, sendo o princípio de Mercúrio mais forte no primeiro, prevalecerá sobre idêntico elemento mais fraco no segundo. Mas, se ambos tiverem nascido sob a influência do mesmo planeta, pouca ou nenhuma será a ascendência daquele sobre este. Eis a chave das ciências ocultas do magnetismo e do hipnotismo.

Notará o estudante que as Hierarquias são aqui designadas por suas correspondentes cores, evitando-se o emprego de números, que dariam ensejo a confusão no tocante aos princípios humanos, pois estes não têm numeração própria. Os verdadeiros nomes ocultos dessas Hierarquias não podem ser revelados agora.

Deve, porém, o estudante ter em mente que as cores que vemos com os nossos olhos físicos não são as cores reais da Natureza Oculta, mas simplesmente os efeitos produzidos no mecanismo de nosso órgão visual por determinadas gradações vibratórias. Clerk Maxwell demonstrou que a impressão causada na retina por uma cor pode ser reproduzida mediante a combinação adequada de três outras cores. Infere-se, portanto, que a nossa retina tem somente três sensações distintas de cor, e que o nosso organismo físico não percebe as sete cores realmente existentes, mas apenas suas "imitações", se assim podemos dizer.

Deste modo, o vermelho-laranja do primeiro "Triângulo", por exemplo, não é uma combinação do vermelho com o laranja, mas o verdadeiro vermelho "espiritual", se nos é lícito o qualificativo; ao passo que o vermelho sangüíneo do espectro é a cor do Kâma, ou do desejo animal, inseparável do plano físico.


VIOLETA
Linga Sharira
ANIL
Manas Superior
AZUL
Ovo Áurico
VERDE
Manas Inferior
AMARELO
Buddhi
ALARANJADO
Prâna
VERMELHO
Kâma Rûpa
PRINCÍPIOS
HUMANOS
AS SETE HIERARQUIAS E SUAS SUBDIVISÕES
VIOLETA
Violeta
Anil
Azul
Verde
Amarelo
Alaranjado
Vermelho
ANIL
Violeta
Anil
Azul
Verde
Amarelo
Alaranjado
Vermelho
AZUL
Violeta
Anil
Azul
Verde
Amarelo
Alaranjado
Vermelho
VERDE
Violeta
Anil
Azul
Verde
Amarelo
Alaranjado
Vermelho
AMARELO
Violeta
Anil
Azul
Verde
Amarelo
Alaranjado
Vermelho
ALARANJADO
Violeta
Anil
Azul
Verde
Amarelo
Alaranjado
Vermelho
VERMELHO

A UNIDADE DA DIVINDADE

O Esoterismo puro e simples não se refere a nenhum Deus pessoal; daí o sermos acoimados de ateus. Na realidade, porém, a Filosofia Oculta integral se baseia na ubiqüidade de Deus (a Divindade Absoluta); e, se não especulamos sobre ELE, porque a sua Unidade é por demais sagrada e inacessível à inteligência finita, toda a Filosofia Esotérica assenta nos seus Poderes Divinos, como fonte de tudo o que vive, respira e existe.

As religiões antigas demonstravam o UNO por meio do múltiplo. No Egito e na Índia, na Caldéia e na Fenícia, e por último na Grécia, as idéias concernentes à Divindade eram expressas por múltiplos de três, cinco e sete; e também por oito, nove e doze Deuses maiores, que simbolizavam os poderes e os atributos da Divindade Única. Relacionava-se isso com aquela infinita subdivisão por números irregulares e ímpares a que os metafísicos desses povos submetiam a sua DIVINDADE ÚNICA. Assim constituído, o ciclo dos Deuses tinha todas as qualidades e atributos do ÚNICO SUPREMO E INCOGNOSCÍVEL; porque neste conjunto de personalidades divinas, ou melhor, de símbolos personificados, reside o DEUS ÚNICO, o UNO, o Deus que não tem segundo, conforme dizem os hindus.

"Ó Deus Ani [Sol Espiritual]! Tu resides na aglomeração de duas divinas personificações." [40]

Tais palavras mostram a crença dos antigos de que toda manifestação procede de uma só e mesma Fonte; que tudo emana do Princípio único, que não pode desenvolver-se completamente senão pela agregação coletiva e total de suas emanações.

O Pleroma de Valentino corresponde, rigorosamente, ao Espaço da Filosofia Oculta; porque Pleroma significa "plenitude", as regiões superiores. É a soma de todas as manifestações e emanações divinas, que exprimem o *plenum* ou totalidade dos Raios que, procedentes do UNO, se diferenciam em todos os planos e se transformam em Potestades Divinas, chamadas Anjos e Espíritos Planetários pelos filósofos de todas as nações.

Os Eões e as Potestades do Pleroma dos gnósticos equivalem aos Devas e Siddhas dos *Purânas*. A Epinóia, a primeira manifestação feminina de Deus, o "Princípio" de Simão, o Mago, e de Saturnino, apresenta os mesmos característicos do Logos de Basílides; e tem sua fonte na esotérica Aletheia, a VERDADE dos MISTÉRIOS. Todos estes conceitos entoam, em diferentes épocas e em diversos idiomas, o sublime cântico dos papiros egípcios de milhares de anos atrás:

"Os Deuses te adoram e te saúdam, ó Tu, única e inescrutável Verdade!"

E os sacerdotes acrescentam, dirigindo-se a Ra:

---

(40) *Apud*: *Grébaut Papyrus Orbiney*, pág. 101.

"Os Deuses se prosternam diante de tua Majestade e exaltam as Almas daqueles que os engendraram... e dizem: Paz a todas as emanações do Inconsciente Pai dos Conscientes Pais dos Deuses... Tu produzes os seres, nós adoramos as almas que emanam de Ti. Tu nos puseste no mundo, ó Desconhecido! e nós te louvamos e adoramos as almas-deuses que de Ti descendem e vivem em nós."

Daí as palavras do apóstolo:

"Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" [41]

Tudo isso está assinalado no artigo "Origens do Ritualismo da Igreja e da Maçonaria", na revista *Lucifer* de março de 1889. Pois, como em verdade se disse há dezessete séculos: "O homem nunca possuirá a Verdade (Aletheia) se não participar da Gnose." De modo que podemos agora dizer: Nenhum homem pode conhecer a Verdade sem estudar os segredos do Pleroma do Ocultismo; e tais segredos se encontram todos na Teogonia da antiga Religião-Sabedoria, que é a Aletheia da Ciência Oculta.

(41) São Paulo, *I Coríntios*, III, 16.

Apontamento III

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OS PRIMEIROS ESTUDOS

De muitos leitores tenho recebido cartas em que se queixam de não haver compreendido bem a aplicação prática de alguns dos diagramas incluídos nos apontamentos anteriores. Outros dizem que os diagramas são demasiado abstratos.

Alguns esclarecimentos, portanto, se fazem necessários.

Na maioria dos casos, a dificuldade de compreensão foi motivado por se terem adotado errôneos pontos de vista: confundiu-se o puramente abstrato e metafísico com o concreto e o físico. Por exemplo, os diagramas da página 119 do Apontamento II são inteiramente macrocósmicos e ideais. Convém recordar que o Ocultismo procede, em seus estudos, do universal para o particular, e não em sentido inverso, como a Ciência profana. Platão seguia o primeiro método, porque era um iniciado; mas Aristóteles, que nunca o foi, motejava os ensinamentos do seu mestre e elaborou um sistema próprio, que Bacon depois melhorou e modificou.

Em verdade, a todo ensinamento esotérico se pode aplicar aquele aforismo da Sabedoria Hermética: "O que está em baixo é como o que está em cima." Mas nós devemos começar por cima; devemos aprender a fórmula antes de integrar as séries.

As duas figuras não representam, portanto, dois planos particulares quaisquer: são a abstração de um par de planos, para explicar a lei de reflexão, assim como o Manas Inferior é um reflexo do Manas Superior. É preciso interpretá-las em seu mais elevado sentido metafísico.

Os diagramas não têm outro objetivo senão o de familiarizar os estudantes com as idéias-mestras das correspondências ocultas, pois a própria índole do Ocultismo metafísico, macrocósmico e espiritual contra-indica o emprego de figuras, e até de símbolos, a não ser como um auxílio provisório. Se se define uma idéia com palavras, ela perde sua realidade; se se plasma um conceito metafísico, fica materializado seu espírito. As figuras só devem ser usadas como degraus para escalar a muralha, degraus que de nada servem quando se põem os pés nas ameias.

Cumpre dar um sentido espiritual ao estudo destes Apontamentos, evitando materializá-lo; cumpre-lhe buscar sempre o mais excelso significado que for possível, capacitando-se de que quanto mais se aproximar do material e visível tanto mais se estará distanciando, em suas especulações, da verdadeira compreensão. É o que sucede principalmente em relação aos primeiros Apontamentos e aos primeiros diagramas, porque, como em todas as artes genuínas, devemos em Ocultismo aprender a teoria antes que nos seja ensinada a prática.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIGILO

Perguntam os estudantes: Por que o sigilo acerca dos pormenores de uma doutrina cujas linhas gerais foram já publicamente reveladas no *Budismo Esotérico* e em *A Doutrina Secreta*?

Respondem os ocultistas com duas razões:

1.° A verdade integral é por demais sagrada para que seja exposta a todo o mundo.

2.° O conhecimento de todas as minúcias e dos elos que faltam nos ensinamentos exotéricos seria demasiado perigoso se ficasse ao alcance de mãos profanas.

As verdades reveladas pelos "Espíritos Planetários" (os Kumâras superiores, que já não se encarnam no Universo durante este Mahâmanvantara) — Seres que só aparecem na Terra como Avataras no início de cada nova Raça humana e nas junções ou proximidades de dois extremos dos ciclos menor e maior — foram-se pouco a pouco apagando da memória do homem, à medida que ele descaía para a animalidade. Entretanto, apesar de tais Instrutores não permanecerem juntos aos homens mais do que o tempo necessário para imprimir na mente plástica da humanidade ainda na infância as verdades eternas que ensinam, Seu Espírito continua vívido, ainda que latente, entre o gênero humano. E o pleno conhecimento da primitiva revelação foi sempre conservado por alguns poucos eleitos, que o têm transmitido de uma a outra geração de Adeptos. Dizem os Mestres na Cartilha de Ocultismo:

"Assim acontece para evitar que elas [as verdades eternas] se percam inteiramente ou fiquem esquecidas, no decorrer dos séculos, pelas gerações vindouras."

A missão do Espírito Planetário consiste em vibrar a NOTA FUNDAMENTAL DA VERDADE. E, tendo dirigido as vibrações de modo que se propaguem ininterruptamente ao longo do encadeamento da raça, Ele desaparece da Terra, para somente voltar no seguinte Manvantara planetário [1]. Todo instrutor de verdades esotéricas tem precisamente a mesma missão, quer esteja no alto ou ao pé da escala do conhecimento. No que me diz

(1) Veja-se: *The Mahâtmâ Letters to A. P. Sinnett*, pág. 41.

respeito, somente recebi ordem para dar a nota fundamental de vários ensinamentos esotéricos entre os que estudam em conjunto. Aqueles de vós que na "Senda" se destacarem de seus condiscípulos, em sua esfera esotérica, receberão, como os "Eleitos" nas Fraternidades originárias, os últimos pormenores explicativos e a chave definitiva do que lhes ensinam. Que ninguém espere, porém, obter esse privilégio antes que os MESTRES (não a minha humilde pessoa) o considerem digno dele.

Se quereis conhecer a razão de ser de tal orientação, eu vo-la dou agora. Não é necessário repetir e explicar o que todos vós sabeis tão bem quanto eu; porque desde o começo a experiência demonstrou que nenhuma precaução pode ser negligenciada.

Em nosso grupo, que se compõe de centenas de homens e mulheres, parece que muitos não perceberam a extraordinária santidade do juramento (que alguns prestam apenas com o bico da pena), nem que é preciso descartarem-se da *personalidade* em face do EU SUPERIOR; ou ainda, que de nada valem todas as suas palavras e promessas, se não as confirmam os atos. Por ser coisa da natureza humana, os MESTRES olharam com indulgência o fato, e concederam nova oportunidade.

Mas, afora isso, um perigo nos espreita, decorrente da índole mesma do ciclo atual. A humanidade civilizada, apesar da cuidadosa proteção de seus invisíveis guardiães, os Nirmânakâyas, que velam sobre as raças e nações, está sujeita, em virtude da lei do Karma coletivo, à terrível influência dos "Irmãos da Sombra", encarnados e desencarnados, que são os tradicionais adversários dos Nirmânakâyas. E esta situação, conforme já dissemos, deve perdurar até o fim do primeiro ciclo do Kali Yuga (1897), e alguns anos mais, porque o círculo menor obscuro invade o maior. E assim, apesar de todas as precauções, segredos terríveis são muitas vezes revelados a pessoas indignas, por obra dos "Irmãos da Sombra" e sua atuação nos cérebros humanos. Tal acontece porque, em certos organismos privilegiados, as vibrações da verdade primordial, postas em ação pelos Seres Planetários, abrem caminho e dão lugar ao que a filosofia ocidental chamaria idéias inatas, e o Ocultismo "clarões de gênio". Tudo o que às vigilantes Potestades cabe fazer quando se desperta uma ou outra idéia baseada na verdade eterna é evitar-lhe a revelação completa.

Dois aspectos possuem as coisas deste Universo de matéria diferenciada: o luminoso e o obscuro, que nos conduzem, em sua aplicação prática, ao uso e ao abuso, respectivamente. Todo homem pode chegar a ser um botânico sem perigo aparente para o próximo; e muitos químicos versados em essências sabem que elas tanto podem curar como matar. Aplicação dupla têm todos os ingredientes e todos os venenos, desde a inofensiva cera ao mortífero ácido prússico, e desde a saliva de uma criança até a de uma cobra. Sabem-no, pelo menos teoricamente, até mesmo os calouros de medicina. Mas onde está o químico moderno que tenha porventura descoberto o "aspecto tenebroso" das propriedades de alguma substância, nos três reinos da Ciência, para não falar nos sete do Ocultismo? Quem já pôde penetrar os

arcanos da essência íntima das coisas e de suas primárias correlações? É esse conhecimento que confere ao ocultista a categoria de um Iniciado prático, quer ele venha a ser um Irmão da Luz ou um Irmão das Trevas.

Aquela sutil e imperceptível essência, sumamente ativa, que entrava na composição dos famosos venenos dos Bórgias ou dos Medicis, tem o poder de curar ou matar qualquer pessoa, se empregada por quem conheça a escala setenária de sua potencialidade em cada um dos planos acessíveis ao homem terreno; e o resultado dependerá, naturalmente, de que seja o operador um Irmão da Luz ou um Irmão das Trevas. O Karma individual e o coletivo impedem que o primeiro realize todo o bem que deseja; e os esforços conjugados das "Pedras" da "Muralha Protetora" da humanidade não deixam que o segundo consume a sua obra nefasta [2].

É um erro pensar que existe um "pó de projeção" especial, uma "pedra filosofal" ou um "elixir da vida". Este último se esconde em cada flor, em cada pedra, em cada mineral, por toda a extensão do globo: é a essência última de *todas as coisas em sua marcha para uma evolução cada vez mais alta*. Assim como não há bem nem mal *per se*, também não há "elixir da vida", "elixir da morte", nem veneno *per se*; mas tudo se contém na mesma e única Essência universal, cujos efeitos contrários dependem do seu grau de diferenciação e de suas diversas correlações. O *aspecto luminoso* desta Essência produz vida, saúde, bem-aventurança, paz divina; o *aspecto sombrio* traz morte, doença, sofrimento, luta. Assim o demonstra o conhecimento da natureza dos mais ativos venenos: alguns, quando ingeridos em doses elevadas, não ocasionam efeito nocivo ao organismo; enquanto que um miligrama do mesmo veneno pode matar com a rapidez de um raio. Por outra parte, igual dose será benéfica à saúde, se combinada com outra substância. Sete são os graus diferenciais, como sete são os planos de sua ação; e cada grau terá efeitos benignos ou maléficos, conforme o sistema em que opera.

Os que são versados nessas gradações se encontram já no caminho do Adeptado prático. Mas os que atuam ao acaso, como a grande maioria dos "mentalistas", "curandeiros" e "cientistas cristãos", expõem-se a deploráveis resultados, tanto para eles próprios como para os outros. Estimuladas pelo exemplo dos Yogis indiano, cujos feitos são descritos quase sempre incorretamente e lidos por alto, sem o necessário estudo, estas seitas se precipitam, de olhos fechados, temerariamente, e sem nenhum guia, na prática de *negar* e *afirmar*. E assim o mal que produzem é maior que o bem desejado. Os que conseguem algum êxito devem-no a suas inatas faculdades magnéticas e curativas, que reagem freqüentemente em sentido contrário aos efeitos de natureza maléfica.

Eu vos digo: Cuidado. Satã e o Arcanjo são mais do que gêmeos: formam um só corpo e uma só mente. *Deus est Demon inversus*.

---

(2). Veja-se *Voice of the Silence*, pág. 87, vers. 293.

É BENÉFICA A PRÁTICA DA CONCENTRAÇÃO?

Esta é outra pergunta que se ouve com freqüência. Eis a minha resposta:

Excelente coisa é a verdadeira concentração ou meditação, *consciente* e *próvida,* que tem por objeto o Eu inferior sob a inspiração dos Pâramitâs e do Eu interno e divino. Mas "dedicar-se alguém à Yoga" apenas com um conhecimento superficial e não raro inexato de sua prática genuína é quase sempre fatal. Porque nove vezes em dez o estudante ou desenvolverá em si faculdades mediúnicas ou perderá o seu tempo e se desgostará não só da prática mas também da teoria.

Antes de se dar a experiências tão arriscadas e de tentar ir além de uma introspecção minuciosa de seu Eu inferior e de *sua* maneira de comportar-se na vida, ou, como se diz na terminologia ocultista, além de um exame do "Livro da Vida diária do Chela", cumpre ao estudante aprender, pelo menos, a diferença entre os dois aspectos da Magia, a Magia Branca ou Divina e a Magia Negra ou Diabólica. Cumpre-lhe assegurar-se de que, ao dispor-se à prática da Yoga, sem a mínima experiência e sem ter quem lhe mostre os perigos, não estará transpondo, em cada dia e em cada hora, os limites do divino para cair no satânico. Há, no entanto, um meio fácil de conhecer a diferença: basta lembrar-se de que *nenhuma verdade esotérica inteiramente sem véu pode jamais vir a público em livros ou periódicos impressos.*

Recomendo aos estudantes que consultem *The Theosophist* de novembro de 1887, em cuja página 98 encontrarão o início de um excelente artigo do Sr. Râma Prasâd: "As Forças Sutis da Natureza." [3] O valor deste trabalho não consiste tanto em seu mérito literário, embora houvesse o seu autor obtido a medalha de ouro de *The Theosophist,* mas na exposição de ensinamentos até então ocultos em uma rara e antiga obra de Ocultismo. E Râma Prasâd não é um ocultista: apenas um doutor universitário de muito talento e um notável sanscritista, cujos ensaios estão baseados quase exclusivamente em livros tântricos, que, lidos sem discernimento por algum novato em Ocultismo, o conduzirão à prática da magia negra caracterizada. Ora, a diferença essencial entre a magia branca e a magia negra está nos objetivos da prática, sendo de importância secundária os agentes empregados para a obtenção de resultados fenomenais; donde se vê que é *extremamente* tênue

---

(3) As alusões que fazemos às "Forças Sutis da Natureza" entendem com uma série de oito artigos que saiu publicada na revista *The Theosophist* [1887-1888], e não com os quinze ensaios e a tradução de um capítulo do *Shivâgama,* incluídos no livro *Nature's Finer Forces.* O *Shivâgama* é puramente tântrico, em seus pormenores, e a observação prática de seus preceitos só pode trazer inconvenientes. Por mim, eu dissuadiria os estudantes, o mais possível, de tentarem qualquer uma dessas prticas de *Hatha Yoga,* porque ou estariam cavando a própria ruína, ou retrocederiam de tal modo que lhes seria quase impossível recuperar o tempo perdido nesta encarnação. A referida tradução foi consideravelmente expurgada; mas nem assim devia recomendar-se a sua publicação, pois é um incentivo à magia negra da pior espécie; verdadeiramente, o polo oposto da Raja Yoga espiritual. Eu vos repito: Cuidado!

a linha divisória entre as duas. Contudo, não é tão grave o perigo porque os livros rotulados de *ocultos* somente o são em certo sentido; ou seja, porque o texto só é oculto em razão de seus véus. Antes que o leitor possa apreender o significado correto do ensinamento, deverá compreender todo o simbolismo. Além do mais, nunca estão completos esses livros; e suas diversas seções trazem títulos diferentes, e em cada uma delas se insere parte de outra obra, de sorte que sem uma chave não é possível obter a verdade inteira. Até mesmo o famoso *Shivâgama,* que serve de base a *Forças Sutis da Natureza,* "não é encontrado em parte alguma com o seu texto integral", segundo nos diz o autor. Assim é que, como todos os outros livros, trata unicamente de cinco Tattvas, em vez dos sete a que se refere o ensinamento esotérico.

Por que, se os Tattvas são apenas o substrato das sete forças da Natureza? Há sete formas de Prakriti — ensinam o Sankhya de Kapila, o *Vishnu Purâna* e outras obras. Prakriti é a Natureza, a Matéria (primordial e elemental); e portanto é lógico que também sejam sete os Tattvas. Pois tanto faz que, conforme ensina o Ocultismo, os Tattvas signifiquem "forças da natureza", ou que, segundo explica o erudito Râma Prâsad, sejam "a substância de que está formado o Universo" e "a força que o mantém": são a *Força* (Purusha) e a *Matéria* (Prakriti). E, se são em número de sete as *formas* ou planos da matéria, também hão de ser sete as suas forças. Por outras palavras, os graus de densidade da matéria e os graus da força que a anima devem corresponder-se paralelamente.

"O Universo formou-se pelo Tattva, mantém-se pelo Tattva e desaparecerá no Tattva." [4]

Assim diz Shiva, no *Shivâgama,* segundo a citação de *Nature's Finer Forces.* Isto dirime a questão: se Prakriti é sétuplo, então os Tattvas devem ser sete, porque, como se explicou, são eles Substância e Força, ou a Matéria atômica e o Espírito que a anima.

Damos aqui estas explicações a fim de permitir que o estudante leia nas entrelinhas dos chamados artigos ocultos da filosofia sânscrita, que, de outro modo, poderiam induzi-lo em erro. Os antigos brâmanes mantiveram em grande sigilo a sagrada doutrina dos sete Tattvas — os princípios do Universo e do homem. Mas o ensinamento está hoje quase esquecido, exceto nas escolas trans-himalaias, e na Índia só alguns raros iniciados se referem à doutrina. Apesar de tudo, a política oculta vem-se modificando gradualmente neste ponto, e os chelas já começam a aprender os lineamentos da doutrina; e eu mesma, por ocasião da transferência da Sociedade Teosófica para a Índia, em 1879, recebi instruções para ensiná-la em sua forma exotérica a uma ou duas pessoas. Agora a exponho esotericamente.

---

(4) ["O Universo proveio do Tattva (ou dos Tattvas); mantém-se por meio dos Tattvas; desaparecerá nos Tattvas. Graças aos Tattvas conhecemos a natureza do Universo." — *Nature's Finer Forces,* pág. 186, 3.ª edição.]

Sabendo que alguns estudantes procuram seguir um método de Yoga à sua maneira, sem outro guia que as escassas alusões que lêem nos livros e publicações teosóficas, alusões naturalmente incompletas, escolhi uma das melhores exposições das antigas obras ocultas, *As Forças Sutis da Natureza* (*Nature's Finer Forces*), a fim de mostrar como os seus véus podem facilmente extraviar o leitor.

Parece que o próprio autor do livro se deixou equivocar. Os Tantras, se interpretados esotericamente, são um manancial de sabedoria, como as mais nobres obras ocultas. Estudados e postos em prática sem guia, podem determinar vários resultados fenomenais nos planos moral e fisiológico. Mas estará perdido quem aceitar à letra suas regras e práticas e pretender exercitá-las com propósitos egoístas. Seguidas por uma pessoa de coração puro e intenções isentas de egoísmo, sem outra finalidade que a de fazer a experiência, não darão resultados, ou, se os houver, decepcionarão inteiramente o operador. Mas ai do egoísta que busque a obtenção de poderes ocultos com o único fito de granjear benefícios materiais ou satisfazer vinganças e ambições! A separação entre os princípios superiores e os inferiores — apartando-se Buddhi-Manas da personalidade tântrica — eis a rápida e terrível conseqüência kármica para o imprudente que se aventurar no reino da Magia.

No Oriente, na Índia e na China, homens e mulheres *sem alma* são tão freqüentes como no Ocidente, embora o mal esteja ali menos desenvolvido que aqui.

O que os leva até aquele ponto é a Magia Negra e o esquecimento da sabedoria dos antepassados. Mas disso me ocuparei mais adiante, limitando-me por enquanto a acrescentar: Deveis estar prevenidos e conhecer o perigo.

Neste interim, convém examinar atentamente, com vistas ao que se segue, a verdadeira divisão oculta dos Princípios em sua correspondência com os Tattvas e outras forças menores.

SOBRE OS "PRINCÍPIOS" E OS "ASPECTOS"

Metafísica e filosoficamente, e em estrito sentido esotérico, o homem, como unidade completa, se compõe dos Quatro Princípios básicos e de seus Três Aspectos na Terra. Nos ensinamentos semi-esotéricos são todos resumidos em Sete Princípios, para facilitar a compreensão vulgar.

Princípios Eternos e fundamentais	Aspectos transitórios produzidos pelos princípios
1. *Átmâ* ou Jiva, "a Vida Una", que impregna o *Trio Monádico* (Um em três e três em Um).	1. *Prâna*, o Sopro da Vida, o mesmo que *Nephesh*. Com a morte do ser vivo, Prâna volta a ser Jiva [5]

(5) Recorde-se que os Egos que se reencarnam são chamados Mânasapûtras. "Filhos de Manas" (ou Mahat, a Inteligência ou Sabedoria)

2. *Envoltório Áurico;* porque o substrato da Aura que circunda o homem é o Akâsha puro e primordial, difundido universalmente, a primeira película formada na expansão ilimitada de Jiva, a imutável Raiz de tudo.

3. *Buddhi;* porque é um raio da Alma Espiritual e Universal (ÂLAYA).

4. *Manas* (o Eu Superior); porque procede de Mahat, o primeiro produto ou emanação de Pradhâna, que contém *potencialmente* todos os Gunas (atributos). Mahat é a Inteligência Cósmica, denominada o "Grande Princípio" [6].

2. *Linga Sharira,* a Forma Astral, emanação transitória do Ovo Áurico. Esta forma precede à formação do corpo vivo, e permanecerá aderida ao corpo morto, somente se desvanecendo depois que se desintegrar o último átomo (com exceção do esqueleto).

3. *Manas Inferior,* a Alma Animal, o reflexo ou sombra de Buddhi-Manas, com as potencialidades de ambos, mas dominado geralmente por sua associação com os elementos do Kâma.

Como o homem inferior é o produto da combinação de dois aspectos, o físico de sua Forma Astral e o psicofísico de Kâma-Manas, não chega a ser considerado um aspecto, mas uma ilusão.

O Ovo Áurico, por causa de sua natureza e da multiplicidade de suas funções, deve ser bem estudado. Assim como Hiranyagarbha, a Matriz ou Ovo Áureo, contém Brahmâ, o símbolo coletivo das Sete Forças Universais, também o Ovo Áurico contém a um tempo o homem divino e o homem físico, e está diretamente com ambos relacionado. Como já se disse, em sua essência o Ovo Áurico é eterno; e em suas constantes correlações e transformações, durante o progresso das reencarnações do Ego na Terra, é como uma máquina de movimento perpétuo.

Conforme expusemos no terceiro volume desta obra, os Egos ou Kumâras que tomaram carne humana ao fim da Terceira Raça-Raiz, não eram Egos humanos da Terra ou deste plano, e somente vieram a sê-lo a partir do momento em que animaram o Homem-Animal, conferindo-lhe assim a Mente Superior. Cada um desses Egos é um "Sopro", ou Princípio, chamado a Alma Humana, ou Manas, a Mente. Eis o que dizem os ensinamentos:

"Cada um deles é uma coluna de luz. Tendo escolhido o seu veículo, dilatou-se, para rodear o homem-animal de uma Aura Akáshica, enquanto o Princípio divino (Manásico) se instalava dentro dessa forma humana."

Por outra parte, ensina a Sabedoria Antiga que, desde essa primeira encarnação, os Pitris Lunares, que haviam formado o homem com os seus

---

(6) Prâna, pelo menos na Terra, é apenas uma forma da vida, um constante movimento cíclico de dentro para fora e de fora para dentro, uma inspiração e uma expiração da VIDA UNA, ou Jiva, sinônimo da Divindade Absoluta e Incognoscível. Prâna não é a Vida absoluta, ou Jiva, mas o seu aspecto no mundo da ilusão. Em *The Theosophist* (maio de 1888, pág. 478) se diz que Prâna pertence a "um estado mais sútil que o da matéria densa da Terra".

Chhayâs ou Sombras, são absorvidos por aquela essência áurica, e cada Ego, ao reencarnar-se, toma uma Forma Astral distinta para cada nova personalidade da série de reencarnações.

Assim, o Ovo Áurico, que reflete todos os pensamentos, palavras e atos do homem, é:

1.° o conservador dos anais kármicos;

2.° O repositório dos poderes bons e maus do homem, que, por sua vontade, ou antes, com o seu pensamento, admite ou rechaça essas potencialidades, que, uma vez acolhidas, logo se convertem em poderes ativos. A Aura é o espelho em que os sensitivos e os clarividentes sentem e percebem o homem real, vendo-o *tal qual é*, e não como parece ser;

3.° Provê o homem com a Forma Astral, sobre a qual se modela o corpo físico, primeiro como feto e depois como menino e homem; de modo que a Forma Astral vai crescendo paralelamente com a forma física. Do mesmo modo provê o Adepto com o seu Mâyâvi-Rûpa, ou *Corpo de Ilusão*, que não é o seu Corpo Astral-*Vital*. Depois da morte, confere ao homem o seu Kâma-Rûpa, ou Corpo de Desejos (o Fantasma) [7], e também a Entidade Devachânica.

No caso da Entidade Devachânica, deve o Ego revestir-se (metaforicamente falando) dos elementos espirituais das idéias, aspirações e pensamentos de sua personalidade imediatamente anterior, para que possa entrar em um estado de bem-aventurança; de outro modo, que é que gozaria de felicidade e recompensa? Certamente que não o Ego impessoal, a Individualidade Divina. Deve ser, portanto, o bom Karma do falecido, impresso na substância áurica, que proporciona à Alma Humana os suficientes elementos espirituais da ex-personalidade, que fazem com que ela se sinta ainda no corpo do qual acabou de separar-se, e experimente aquele gozo durante um período mais ou menos prolongado de "gestação espiritual". Porque o Devachan é uma "gestação espiritual" em uma ideal matriz, um ideal e subjetivo nascimento do Ego no mundo dos efeitos, nascimento que precede sua próxima encarnação terrena, determinada por seu mau Karma, no mundo das causas [8].

No caso dos Fantasmas, o Kâma-Rûpa se forma com as escórias animalescas do Envoltório Áurico, com suas impressões diárias da vida carnal, tão inçada de baixos desejos e aspirações egoístas [9]

(7) É um erro chamar o quarto princípio humano de "Kâma-Rûpa". Não é, absolutamente, um Rûpa ou forma depois da morte, senão que representa os elementos kármicos do homem, seus desejos e paixões animais, como a cólera, a luxúria, a inveja, a vingança, etc., que são a progênie do egoísmo e da materialidade

(8) Aqui o mundo dos efeitos significa o estado devachânico, e o mundo das causas é a vida terrena.

(9) É só este Kâma-Rûpa que se pode *materializar* nas sessões espíritas, o que ocasionalmente acontece, quando não é o Duplo Astral ou Linga Sharira do próprio médium o que então aparece. Assim, como é possível considerar como "anjo" ou espírito desencarnado esse vil feixe de paixões e concupiscências terrenas, galvanizado e feito consciente tão só pelo organismo do médium? Valeria dizer que são anjos bons os micróbios da peste que invadem o corpo humano.

O Linga Sharira fica junto ao corpo físico, e com ele se desintegra. É preciso então que se forme uma entidade astral, um novo e apropriado Linga Sharira, que seja o portador de todos os Tanhâs passados e do Karma futuro. Como se realiza isso? O Fantasma mediúnico, o "anjo que partiu", também se desvitaliza e se desintegra por sua vez [10] como imagem completa da personalidade que existiu, deixando no mundo Kâma-Loka dos efeitos só a lembrança de suas más ações e de seus pensamentos e idéias pecaminosas, que a terminologia ocultista designa por Elementais humanos ou Tânhicos. Estes Elementais constituem a forma astral do novo corpo em que, por decreto kármico, deve entrar o Ego ao sair do estado devachânico; e a nova entidade astral se forma no Envoltório Áurico. A ela se refere o enunciado que diz:

"O Karma espera no limiar do Devachan com o seu exército de Skandhas." [11]

Porque mal termina o estado devachânico de recompensa e já o Ego se vê indissoluvelmente unido, ou melhor, impelido à nova forma astral. E ambos são karmicamente dirigidos para a mulher de cujo seio há de nascer a *criatura animal* escolhida como o veículo do Ego que acaba de sair do estado Devachânico. Então é precipitada na mulher a *nova* Forma Astral, composta em parte da pura Essência Akáshica do Ovo áurico, e em parte dos elementos terrenos dos pecados e más ações puníveis da última personalidade. Uma vez ali, a Natureza modela o feto de carne de acordo com a Forma Astral valendo-se dos materiais em desenvolvimento da semente masculina no terreno feminino. Assim, da essência de uma semente que se decompõe brota o fruto ou *eidolon* [12] da semente morta; e o fruto físico, por sua vez, produz dentro de si outras sementes, que se destinam a futuros rebentos.

Podemos agora retomar os Tattvas, para ver o que significam na Natureza e no homem, e mostrar o grave perigo a que se expõe quem pratica a Yoga como amador e sem conhecimento de causa.

AS CORRELAÇÕES E O SIGNIFICADO DOS TATTVAS

Vemos, portanto, que há Sete Forças ou Sete Centros de Força na Natureza, e tudo, em nosso sistema, parece responder ao número sete, como, por exemplo, a escala musical ou dos sons e o espectro das cores. Nos volumes anteriores não esgotamos a nomenclatura e as provas dos setenários; mas

(10) Esta desintegração ocorre em tempo mais ou menos demorado, segundo o grau espiritual ou material da personalidade (cujos resíduos formam o fantasma). Se predomina a espiritualidade, o fantasma (ou larva) se desvanece rapidamente; mas, se a personalidade foi muito apegada às coisas materiais, o Kâma-Rûpa pode subsistir durante séculos, e casos há, embora raros, em que sobrevive com a ajuda de seus Skandhas esparsos, transformando-se com o tempo em Elementais. Veja-se *A Chave da Teosofia* (*Key to Theosophy*, págs. 141 e segs.), obra em que não foi possível descer a pormenores, mas onde se alude aos Skandhas como germes de efeitos kármicos.

(11) *Key to Theosophy*, pág. 141, ed. inglesa.

(12) *Eidolon*, palavra grega que significa imagem, figura, sombra. — N. do T.

dissemos o suficiente para mostrar a todo pensador que os fatos aduzidos não são coincidências, senão que representam valiosos testemunhos de muito peso.

Várias são as razões por que se mencionam apenas cinco Tattvas nos sistemas hindus. Já declinamos uma delas, e eis aqui outra.

Como só agora chegamos à Quinta Raça, e não possuímos mais que cinco sentidos (tanto quanto pode a Ciência afirmar), a existência de outros dois sentidos, ainda latentes no homem, só é acusada por testemunhos de ordem fenomenal, que os materialistas absolutamente não aceitam como provas. Declara-se então que os cinco sentidos físicos correspondem aos cinco Tattvas inferiores; e os outros dois, ainda não desenvolvidos no homem, com as duas forças respectivas, ou os Tattvas omitidos pelos brâmanes, e que a Ciência não reconhece, são tão subjetivos e sagrados que não podem ser verificados senão por meio dos mais altos conhecimentos ocultos.

Facilmente se compreende que esses dois sentidos e o sexto e o sétimo Tattvas correspondem aos dois mais elevados princípios humanos: Buddhi e o Envoltório Áurico, impregnados com a luz de Âtmâ.

A não ser que o exercício oculto nos abra os sentidos sexto e sétimo, jamais perceberemos os seus tipos correspondentes.

Assim, do ponto de vista esotérico não está correta a afirmação contida em *Forças Sutis da Natureza* de que o Tattva superior é o Akâsha [13] (seguindo-se [apenas] outros quatro, cada um dos quais de maior densidade que o anterior). Pois que, se se considera como Éter o Akâsha, princípio quase homogêneo e sem dúvida universal, fica ele diminuído e limitado ao nosso Universo visível, uma vez que decerto não se trata do Éter do espaço. O Éter, diga o que disser a Ciência moderna, é substância diferenciada. O Akâsha, que carece de atributos, com exceção de um — o SOM, *do qual é o substrato,* não é substância, nem mesmo exotericamente, nem tampouco na opinião de alguns orientalistas [14]; e deve antes considerar-se como o Grande Vazio Espacial [15]. Esotericamente, Akâsha é o Espaço *Divino,* e só no último e mais baixo dos planos, ou seja, em nosso Universo visível ou na Terra, é que se converte em Éter. Neste caso, o véu consiste em dizer que o Som é "atributo" do Akâsha, quando em realidade não o é, mas apenas sua correlação primária, sua manifestação primordial do LOGOS, ou a Ideação Divina feita VERBO, e este "VERBO" feito "Carne". Não se pode considerar o Som como um atributo do Akâsha sem antropomorfizar este último. Não é uma característica do Akâsha, embora certamente seja tão inato a ele quanto a idéia de "Eu sou Eu" é inata aos nossos pensamentos.

---

(13) Acompanhando o *Shivâgama,* o autor da citada obra enumera os Tattvas e suas correspondências na seguinte ordem: Akâsha — éter; Vâyugás; Tejas — calor; Âpas — líquido; e Prithivi — sólido.

(14) Vejam-se as Notas de Fitzedward Hall sobre o *Vishnu Purâna.*

(15) O par de opostos, a que nos referimos ao falar da Vida Una (a Raiz de tudo) e do Akâsha em sua fase de pré-diferenciação, corresponde ao Brahmâ (neutro) e ao Âditi de alguns hindus, e há entre eles a mesma relação que entre o Parabrahman e o Mulaprakriti dos vedantinos.

Ensina o Ocultismo que o Akâsha inclui e compreende os sete Centros de Força, e portanto os seis Tattvas, sendo ele próprio o sétimo, ou melhor, a síntese deles. Mas, se adotado o conceito exotérico, como parece que o faz o autor da obra aludida, então estará certo; porque, vendo que o Akâsha é universalmente onipresente, e seguindo a limitação purânica, *para melhor compreensão de nosso intelecto finito,* ele coloca o começo do Akâsha somente depois dos quatro planos de nossa cadeia terrestre [16], ficando os dois Tattvas superiores tão ocultos ao homem comum quanto o sexto e o sétimo sentidos o estão para a mente materialista.

Por conseguinte, enquanto a filosofia sânscrita e a indiana geralmente só aludem a cinco Tattvas, os ocultistas enumeram sete, em correspondência com os demais setenários da Natureza. Os Tattvas se apresentam na mesma ordem que as sete Forças macrocósmicas e microcósmicas. Eis a ordem:

1. ÂDI TATTVA, a Força primária universal, que surge, no início da manifestação (ou período "criador"), do eterno e imutável SAT, o substrato de TUDO. Corresponde ao Envoltório Áurico ou Ovo de Brahmâ, que circunda cada globo, assim como cada homem, animal, vegetal ou mineral. É o veículo que potencialmente contém todas as coisas: Espírito e Substância, Força e Matéria. Âdi Tattva é, na Cosmogonia esotérica, a Força dimanante do Primeiro LOGOS, ou LOGOS Não-Manifestado.

2. ANUPÂDAKA TATTVA [17], a primeira diferenciação no plano do ser (pois a primeira é ideal), ou a que nasce por transformação de algo superior. Para os ocultistas, esta Força procede do Segundo LOGOS.

3. AKÂSHA TATTVA, que é o ponto de partida de todas as filosofias e religiões *exotéricas*. Elas o definem como Força Etérica, o Éter. Por isso é que Júpiter, o "supremo" Deus, era chamado Pater AEther. Na Índia, o deus Indra, que era antigamente a suprema Divindade, representa a expansão etérica ou celeste. E o mesmo se diz de Urano, etc. Também se menciona o Deus bíblico dos cristãos como o Espírito Santo, Pneuma, o vento ou o ar rarefeito. A este Tattva os ocultistas chamam a Força do Terceiro LOGOS, a Força Criadora no Universo já manifestado.

4. VÂYU TATTVA, o plano aéreo, onde a substância é gasosa.

5. TAIJAS TATTVA, o plano de nossa atmosfera. De *tejas,* luminoso.

6. ÂPAS TATTVA, substância aquosa ou líquida, e sua força.

7. PRITHIVI TATTVA, substância terrestre sólida, a força ou espírito terrestre. É a força ínfima.

Todos esses Tattvas estão em correspondência com os nossos princípios e com os sete sentidos e forças do homem. Segundo o Tattva ou Força gerada ou induzida em nós, assim atuará o nosso corpo.

---

(16) Veja-se o Vol. I, Diagrama III.

(17) Anupâdaka (em pali: Opapatika) significa "o sem pais", o nascido de *si mesmo* por transformação. Exemplo: o Deus Brahmâ, que surge do Lótus (símbolo do Universo), tendo este brotado do umbigo de Vishnu. Aqui, Vishnu representa o Espaço eterno e ilimitado; e Brahmâ o Universo e o Logos. O Buddha mítico nasce também de um Lótus.

Pois bem: o que agora vamos dizer se destina especialmente àqueles que estão ansiosos por desenvolver poderes mediante "a prática da Yoga".

Vê-se, pelo que já foi exposto, que nenhuma das obras ao alcance do público, referentes a Râja-Yoga, são geralmente úteis; tais livros, quando muito, contêm noções de Hatha-Yoga, algo que, na melhor hipótese, poderá desenvolver a mediunidade, e, na pior, levar à consumação. Se os que praticam a "meditação" e buscam aprender a "ciência da respiração" lerem atentamente *Forças Sutis da Natureza,* verão que tão perigosa ciência só pode ser adquirida mediante a utilização dos cinco Tattvas. Porque na filosofia da Yoga exotérica, e na prática da Hatha-Yoga, situa-se o Akâsha Tattva na cabeça (ou cérebro físico) do homem; o Tejas Tattva nos ombros; o Vâyu Tattva no umbigo (sede de todos os deuses fálicos, "criadores" do Universo e do homem); o Âpas Tattva nos joelhos; e o Prithivi Tattva nos pés. Mas omitem-se e ignoram-se os dois Tattvas superiores e suas correspondências; e, como são estes os fatores principais da Râja-Yoga, não pode haver fenômeno espiritual ou intelectual de natureza elevada. Os melhores resultados que se podem obter são de ordem puramente física, e nada mais. Sendo os "Cinco Sopros", ou melhor, os estados da respiração humana, correspondentes, na Hatha-Yoga, aos planos e cores *terrestres* acima indicados, quais os benefícios espirituais que se podem alcançar? Pelo contrário, os resultados são a verdadeira antítese do plano do Espírito, ou plano macrocósmico superior, refletido às avessas na Luz Astral. Assim o prova o próprio livro tântrico *Shivâgama.* Comparemos.

Primeiro que tudo, insta recordar que, para os ocultistas, o setenário da Natureza, assim visível como invisível, consiste em *três* (mais quatro) Fogos, que se desdobram nos quarenta e nove Fogos. Donde se infere que, assim como o Macrocosmo se divide em sete grandes planos de várias diferenciações — desde a espiritual ou subjetiva até a material ou inteiramente objetiva, desde o Akâsha até a atmosfera viciada de nossa Terra —, assim também cada um destes sete planos apresenta três aspectos, baseados em quatro princípios, conforme já indicamos. É muito natural que assim seja, pois que a própria Ciência moderna tem os seus três estados de matéria e mais os chamados estados "críticos" ou intermediários entre o sólido, o líquido e o gasoso.

Ora, a Luz Astral não é uma substância universalmente difundida, mas pertence tão somente à nossa Terra e aos demais corpos do sistema que se acham no mesmo plano de matéria que ela. Nossa Luz Astral é, por assim dizer, o corpo etéreo ou Linga Sharira da Terra; com a diferença de que, em vez de lhe ser o protótipo, como no caso do Chhâyâ ou duplo humano, é precisamente o reverso. Os corpos do homem e do animal crescem e se desenvolvem de acordo com o modelo de seus duplos antitípicos; ao passo que a Luz Astral provém das emanações terrenas, cresce e se desenvolve segundo o seu progenitor prototípico, e suas traiçoeiras ondas refletem *invertidas* todas as coisas, não só dos planos superiores como do plano sólido inferior, a Terra. Daí a confusão de cores e de sons para os sensitivos videntes

e auditivos, quer se trate de médiuns, quer de Hatha-Yogis, quando se fiam nas impressões da Luz Astral.

A esse respeito, pedimos a atenção do leitor para o quadro que vem logo adiante, e onde apresentamos um paralelo entre a Tábua Esotérica e a Tábua Tântrica dos Tattvas em relação aos Sons e às Cores.

Tal é, portanto, a ciência oculta em que os modernos ascetas e Yogis da Índia baseiam o desenvolvimento de seus poderes psíquicos. São eles conhecidos pelo nome de Hatha-Yogis. Ora, a ciência da Hatha-Yoga tem como ponto de partida a "supressão da respiração", ou Prânâyâma, exercício que os nossos Mestres são unânimes em contra-indicar. Que é Prânâyâma? Em sua tradução literal a palavra significa "morte do sopro (vital)". E, conforme já dissemos, Prâna não é Jiva, a eterna fonte da vida imortal; nem tem relação alguma com Pranava, como há quem suponha, porque Pranava é sinônimo de AUM em sentido místico. Em *Forças Sutis da Natureza* se encontra tudo o que já se ensinou pública e claramente sobre este assunto. Mas tais práticas só podem conduzir à magia negra e à mediunidade. Vários chelas, que conhecemos pessoalmente na Índia, se dedicaram à Hatha-Yoga, apesar de nossas advertências. Dois deles ficaram tuberculosos, e um morreu; alguns quase chegaram a ficar idiotas; outro suicidou-se; e outro, ainda, se tornou um tantrista, ou mago negro; mas este, felizmente, teve sua carreira logo interrompida pela morte.

A ciência dos Cinco Sopros — o úmido, o ardente, o aéreo, etc. — tem um duplo significado e duas aplicações. Consideram-na os tantristas literalmente, como o processo de regular o sopro vital pulmonar; enquanto que os antigos Râja-Yogis a entendem como relacionada com o sopro mental ou da "vontade", o único que conduz às superiores faculdades de clarividência, ao funcionamento do "terceiro olho" e à aquisição dos poderes ocultos da verdadeira Râja-Yoga. Enorme é a diferença entre os dois métodos. O primeiro emprega os cinco Tattvas inferiores, como já dissemos; o segundo principia usando apenas os três superiores, para o desenvolvimento da mente e da vontade, reservando os demais para quando forem dominados esses três. Assim, o Râja-Yogi emprega só um dos cinco Tattvas tântricos (o Akâsha Tattva).

Como muito bem disse a obra citada, "os Tattvas são modificações de Svara". Mas Svara é a raiz de todos os sons, o substrato da música das esferas pitagóricas, o que está *além* do Espírito, na moderna acepção da palavra, o Espírito *no* Espírito, ou, segundo uma tradução muito sugestiva, a "corrente da onda da vida", a emanação da Vida Una.

O Grande Sopro, a que nos referimos no primeiro volume desta obra, é ÂTMÃ, palavra que etimologicamente significa: *"o eterno movimento"*. Ora, enquanto o chela asceta de nossa escola segue o método próprio da evolução do Universo, ou seja, do universal ao particular, o Hatha-Yogi inverte os termos, esforçando-se inicialmente por obter a supressão do seu sopro (vital). E se, conforme ensina a filosofia hinduísta, "Svara assume a forma de Akâsha" no começo da evolução cósmica, e depois vai sucessivamente

tomando as formas de Vâyu (ar), Agni (fogo), Âpas (água) e Prithivi (matéria sólida) [18], então a lógica e a razão indicam que devemos principiar pelos Tattvas superiores *supra-sensíveis*, para o nosso desenvolvimento mental.

O Râja-Yogi não desce, nos planos da substância, aquém de Sûkshma (a matéria sutil), enquanto que o Hatha-Yogi desenvolve e usa os seus poderes só no plano material. Alguns tantristas localizam os três Nadis — Sushumnâ, Idâ e Pingalâ — na medula alongada, designando sua linha central pelo nome de Sushumnâ, e as divisões direita e esquerda pelos de Pingalâ e Idâ, respectivamente. Também situam os três Nadis no coração, a cujas divisões dão idênticos nomes. A escola trans-himalaica dos antigos Râja-Yogis hindus, com os quais convém não confundir os modernos Yogis da Índia, coloca o Sushumnâ, sede principal dos três Nadis, no conduto central da medula espinhal, e Idâ e Pingalâ dos lados esquerdo e direito. Sushumnâ é o Brahmadanda, o canal (do cordão espinhal), cuja função a Fisiologia desconhece, como desconhece a do baço e a da glândula pineal. São Idâ e Pingalâ simplesmente os sustenidos e bemóis daquele *Fá* da natureza humana, a tônica e a nota média da escala harmônica setenária dos Princípios, que, vibrando adequadamente, despertam as sentinelas de ambos os lados, o Manas espiritual e o Kâma físico, e subjugam o inferior por meio do superior. Mas este efeito há que resultar do exercício do poder da vontade, e não da supressão da função respiratória, por qualquer método que seja, científico ou não. Examinando-se uma seção transversal da espinha dorsal, ver-se-á que existem três colunas, uma das quais transmite as ordens volitivas, e outra uma corrente vital de Jiva — não do Prâna que anima o corpo físico do homem — durante o estado de Samâdhi e outros análogos.

Quem quer que estude os dois sistemas, Hatha e Râja-Yoga, observará que existe uma grande diferença entre eles: o primeiro é puramente psicofisiológico, o segundo é puramente psicoespiritual. Parece que os tantristas não vão além dos seis plexos conhecidos e visíveis, a cada um dos quais associam os Tattvas; e a grande importância que atribuem ao plexo principal, o Mûlâdhâra Chakra (o plexo sagrado) denuncia a tendência material e egoísta de seus esforços pela aquisição de poderes. Os cinco Sopros e os cinco Tattvas dos tantristas se relacionam principalmente com os plexos prostático, epigástrico, cardíaco e laríngeo. Quase nada sabendo sobre o Âjna, desconhecem eles inteiramente o plexo sintetizante faríngico. Mas com os discípulos da velha escola o caso é diferente. Começam por dominar o órgão que os anatomistas ocidentais chamam corpo pituitário, situado na base do cérebro, sobre a faringe. Na série dos órgãos objetivos cranianos, correspondentes aos princípios subjetivos tântricos, esse órgão está para o terceiro olho (a glândula pineal) assim como o Manas está para Buddhi. O despertar e o desenvolvimento do terceiro olho dár-se-ão por meio do pequeno e insignificante órgão vascular, que é o corpo pituitário, acerca do qual, voltamos a repetir, nada sabe a fisiologia. Um é o ativador energético da vontade; o outro, o da percepção clarividente.

---

(18) Veja-se *The Theosophist* de fevereiro de 1888, pág. 276.

TÁBUAS ESOTÉRICA E TÂNTRICA DOS TATTVAS

Princípios esotéricos, Tattvas ou Forças, e suas correspondências com o corpo humano, estados de matéria e cores					Tattvas Tântricos e suas correspondências com o corpo humano, estados de matéria e cores			
Tattvas	Princípios	Estados de matéria	Partes do corpo	Cores	Tattvas	Estados de matéria	Partes do corpo	Cores
a. Âdi	Ovo Áurico	Substância Espiritual Primordial; Akâsha; Substrato do Espírito do Éter	Envolve e penetra todo o corpo. emanação recíproca endosmótica e exosmótica	Síntese de todas as cores. Azul	*a.* Ignorado	Ignorado	Ignoradas	Ignorada
b. Anupadâka	Buddhi	Essência Espiritual ou Espírito; Águas Primordiais do Abismo	Terceiro Olho, ou Glândula Pineal	Amarelo	*b.* Ignorado	Ignorado	Ignoradas	Ignorada
c. Âlaya ou Akâsha	Manas, EGO	Éter do Espaço, ou terceira diferenciação do Akâsha. Estado crítico do vapor	Cabeça	Anil	*c.* Akâsha	Éter	Cabeça	Preto ou sem cor
d. Vâyu	Kâma Manas	Estado crítico da matéria	Da garganta ao umbigo	Verde	*d.* Vâyu	Gás	Umbigo	Azul
e. Tejas	Kâma (Rûpa)	Essência da matéria densa; corresponde ao *gelo*	Ombros e braços, até as coxas	Vermelho	*e.* Tejas	Calor (?)	Ombros	Vermelho
f. Âpas	Linga Sharira	Éter denso ou ar *líquido*	Das coxas aos joelhos	Violeta	*f.* Âpas	Líquido	Joelhos	Branco
g. Prithivi	Corpo vivo em Prâna ou vida animal	Estado sólido e crítico	Dos joelhos aos pés	Vermelho-laranja [19]	*g.* Prithivi	Sólido	Pés	Amarelo [20]

(19) É de ver como as cores dos Tattvas ficam invertidas ao refletirem-se na Luz Astral, pois o anil passa a ser preto; o verde, azul; o violeta, branco; e o laranja, amarelo.

Os que sejam médicos, fisiologistas, anatomistas, etc., compreenderão melhor que os demais leitores as explicações que se seguem.

No que respeita à glândula pineal, ou Conarium, não encontramos explicação alguma que tenha a homologação de autoridades universitárias. Perlustrando as obras dos maiores especialistas, é curioso observar a confusão e a ignorância, abertamente confessadas, sobre a economia vital humana, tanto na ordem fisiológica como na psicológica. Vejamos o que se pode respigar das autoridades científicas com relação a esses dois importantes órgãos.

1.º A Glândula Pineal ou Conarium é um corpo oblongo arredondado, de três a quatro linhas [21] de comprimento, de cor cinzento-avermelhada escura, ligado à parte posterior do terceiro ventrículo do cérebro. Está preso em sua base por dois finos cordões medulares, que se dirigem, em sentido divergente, para os tálamos óticos. Convém não esquecer que os tálamos óticos são, de acordo com os mais eminentes fisiologistas, os órgãos de recepção e concentração dos mais sensitivos e sensoriais impulsos procedentes da periferia do corpo (segundo o Ocultismo, da periferia do Ovo Áurico, que é o nosso meio de comunicação com os planos superiores do Universo). Dizem-nos ainda que as duas bandas dos tálamos óticos, que se infletem para encontrar-se uma com a outra, se unem sobre a linha mediana, onde se transformam nos dois pedúnculos da glândula pineal.

2.º O Corpo Pituitário, ou hipófise cerebral, é um órgão pequeno e duro, com cerca de seis linhas de largura, três de comprimento e três de altura. É formado de um lóbulo anterior em forma de feijão, e outro posterior mais arredondado — uniformemente unidos. Dizem-nos que suas partes constitutivas são quase idênticas às da glândula pineal; não se pode observar, contudo, a mais leve relação entre os dois, inclusive anatômica e fisicamente. Por outro lado, os dissecadores operam sobre cadáveres, e são os próprios a reconhecer que, de todos os tecidos e órgãos, a substância cerebral é a que mais depressa se contrai e muda de forma, efetivamente alguns minutos depois da morte. Assim, quando as pulsações da vida, que faziam expandir a massa do cérebro, penetravam todas as suas cavidades e comunicavam energia a todos os seus órgãos, cessam de existir, esta massa cerebral se encolhe e toma um aspecto pastoso, e todas as passagens, anteriormente abertas, ficam obstruídas. Mas a contração, e mesmo a comistura de partes durante este processo de encolhimento, e a pastosidade do cérebro não provam que antes da morte não haja conexão entre o corpo pituitário e a glândula pineal. Porque, conforme demonstrou o Professor Owen, uma conexão, tão objetiva como um sulco ou um canal, existe nos crânios dos fetos humanos e nos de certos peixes. No homem em estado normal um Adepto pode ver as pulsações da aura dourada nos dois centros, semelhantes às do coração, que nunca cessam durante a vida toda. Esse movimento intensifica-se, porém, sob as condições anormais do esforço para desenvolver a faculdade da clarividência, tornando-se mais forte a ação vibratória ou oscilante da aura. O arco da pulsação do corpo pituitário sobe cada vez mais, até que a corrente alcança

(21) Medida linear inglesa equivalente a 1/12 de polegada ou 2,12 mm. — N. do T.

finalmente a glândula pineal — à semelhança de uma corrente elétrica quando embate em um corpo sólido — e o adormecimeneto do órgão desperta e se inflama com o puro Fogo Akâshico.

Tal é a descrição psicofisiológica dos dois órgãos que, no plano físico, são os símbolos concretos dos conceitos metafísicos chamados Manas e Buddhi. Para que Buddhi seja mais consciente no plano físico, necessita do fogo mais diferenciado de Manas; *uma vez, porém, que o sexto sentido tenha despertado o sétimo*, a luz que se irradia deste sétimo sentido ilumina os campos do infinito. Por um breve espaço de tempo, o homem se torna onisciente; desaparecem o Passado e o Futuro, o Espaço e o Tempo: tudo se transmuta no Presente. Se é um Adepto, armazenará em sua memória física o conhecimento assim adquirido; e nada, exceto o crime de se entregar à magia negra, poderá apagar essa lembrança. Se é apenas um chela, somente parcelas da verdade total ficarão impressas em sua memória, sendo-lhe preciso renovar o processo durante anos, sem jamais permitir que o tisne um átimo de impureza, mental ou fisicamente, antes que possa chegar à iniciação final e completa e ser um Adepto.

Parecerá estranho e quase incompreensível que o êxito principal da Gupta Vidyâ, ou Conhecimento Oculto, dependa de semelhantes relâmpagos de clarividência, e que estes, por sua vez dependam, no homem, de duas insignificantes excrescências da cavidade craniana, "duas *verrugas* córneas cobertas de areia cinzenta (acervulus cerebri)", segundo a expressão de Bichat em sua *Anatomie Descriptive*. Contudo, assim é. Essa areia, porém, não deve ser desprezada; pois é precisamente o que indica a atividade interna e independente do Conarium e impede os fisiologistas de classificá-lo entre os órgãos atrofiados e inúteis, remanescentes de uma anatomia humana anterior (hoje completamente modificada), durante algum período de ignorada evolução do homem. A "areia" é sobremodo misteriosa, e tem burlado todas as investigações dos materialistas. Na cavidade da superfície anterior desta glândula, nas pessoas jovens, ou em sua substância, nos velhos, se encontra uma espécie de

"matéria semitransparente, brilhante e dura, amarelada, cujo diâmetro não excede meia linha" [22].

Tal é o "acervulus cerebri".

A "areia" brilhante é uma concreção da própria glândula, no dizer dos fisiologistas. Talvez não o seja, respondemos nós. A glândula pineal é o que os ocultistas orientais chamam Devâksha, o "Olho Divino". É o órgão principal da espiritualidade no cérebro humano, a sede do gênio, o mágico Sésamo pronunciado pela vontade purificada do místico, que abre as avenidas da verdade a todos os que sabem como utilizá-la.

Ensina a Ciência Esotérica que Manas, o Ego Mental, não realiza sua completa união com a criança antes da idade de seis ou sete anos; até então,

(22) Sœmmerring, *De Acervulo Cerebri*, vol. II, pág. 322

inclusive segundo o cânone da Igreja e de acordo com as leis, a criança não é considerada responsável [23]. Só nessa idade é que o corpo aprisiona o Manas. O famoso anatomista alemão Wengel observou em milhares de casos uma estranha particularidade: com raríssimas exceções, aquela "areia", ou concreção de cor dourada, está presente só em crianças de mais de sete anos. Nos loucos, esses cálculos são em número muito diminuto e nos idiotas estão de todo ausentes. Morgagni [24], Grading [25] e Grum [26] foram sábios em seu tempo, e ainda o são, pois foram os únicos fisiólogos que apontaram a existência de relação entre a "areia" e a mente. E esta relação parece fora de dúvida, uma vez que as crianças de pouca idade, os velhos decrépitos e os idiotas não possuem esses cálculos.

Ora, se todos os átomos, de matéria orgânica ou inorgânica, são concreções do Espírito cristalizado, ou Âkâsha, a Alma Universal, por que — pergunta o Ocultismo — há de haver objeção a que as concreções da glândula pineal resultem de ação da eletricidade mental sobre a substância circunjacente, só por serem tais concreções, segundo a análise, compostas de matéria animal, fosfato e carbonato de cálcio?

Os nossos sete Chakras se acham todos situados na cabeça; e são estes Chakras-mestres que governam e dirigem os sete (porque há sete) principais plexos do corpo, sem falar nos quarenta e dois plexos menores aos quais recusa a Fisiologia este nome. Não importa que tais centros sejam inacessíveis no plano objetivo ao microscópio. Também este não descobriu, e jamais descobrirá, a diferença entre os nervos motores e os sensoriais, que transmitem todas as nossas sensações corporais e psíquicas, quando a lógica, por si só, basta para demonstrar que tal diferença existe. E se, no caso presente, a palavra plexo não comunica às mentes ocidentais a idéia convencional do termo anatômico, chamemos então esses centros de Chakras, Padmas, Rodas, Coração e Pétalas de Lótus. Consideremos que a Fisiologia, apesar de sua imperfeição, admite existirem grupos setenários tanto no exterior como no interior do corpo: os sete orifícios da cabeça, os sete "órgãos' da base do cérebro, os sete plexos — faríngico, laríngeo, cavernoso, cardíaco, epigástrico, prostático e sacro; etc.

Em tempo oportuno serão ensinados aos estudantes vários pormenores a respeito dos Chakras-mestres e os seus respectivos usos. Antes, porém, devem aprender coisas menos difíceis. Se me perguntarem se os sete plexos ou centros táttvicos de ação representam os centros de vibração dos sete Raios do Logos, responderei afirmativamente, observando apenas que os Raios do Logos vibram em cada átomo de matéria.

Nestes volumes temos quase revelado que os "Filhos de Fohat" personificam as forças geralmente conhecidas sob os nomes de Movimento, Som,

---

(23) Na Igreja grega ortodoxa não é permitida a confissão da criança antes dos sete anos, porque só depois dessa idade é que se acredita que alcançou o uso da razão.
(24) *De Caus. Ep.*, vol. XII.
(25) *Advers. Med.*, II, pág. 322.
(26) *De Lapillis Glandulæ Pinealis in Quinque Ment. Alien.*, 1753.

Calor, Luz, Coesão, Eletricidade ou Fluido Elétrico, e Força Nervosa ou Magnetismo. Esta verdade não pode, contudo, ensinar o estudante a ajustar e moderar o Kundalini do plano cósmico segundo o Kundalini *vital,* o Fluido Elétrico segundo a Força Nervosa; e, se não souber harmonizá-los, provocará certamente a própria morte, porque uma dessas forças tem a velocidade de 90 pés e a outra a de 115.000 léguas por segundo.

Os sete Shaktis, chamados Para-Shakti, Jnâna-Shakti, etc., são equivalentes aos "Filhos de Fohat" e os seus aspectos femininos. Como, porém, os seus nomes só poderiam trazer, neste momento, confusão à mente do estudante ocidental, é preferível dar os nomes usuais que lhes correspondem, já mencionados acima. Sendo setenária cada uma das Forças, o seu número é, por conseguinte, quarenta e nove.

Há séculos que o Ocultismo resolveu a questão, atualmente suscitada pela Ciência, sobre se o som é capaz de acrescentar sensações de luz e cor a suas naturais sensações sonoras. Todo impulso ou percussão de um objeto físico comunica no ar uma vibração determinada, produzindo a colisão de partículas físicas; e o som que assim impressiona o ouvido ocasiona ao mesmo tempo um traço luminoso, que assume uma cor particular. Porque no domínio das forças ocultas um som *audível* não é senão uma cor subjetiva, e uma cor perceptível não passa de um som *inaudível.* Ambos procedem da mesma substância potencial, que os físicos costumavam chamar Éter e hoje designam por vários nomes; mas que para nós é o ESPAÇO plástico, embora invisível.

Parecerá uma hipótese paradoxal; e no entanto os fatos aí estão para o comprovar. A surdez absoluta, por exemplo, não exclui a possibilidade de distinguir os sons; a ciência médica registra vários casos que provam serem os sons recebidos e transmitidos pela mente ao órgão visual sob a forma de impressões cromáticas. A própria circunstância de que antigamente foram escritos em cores os tons intermediários da escala musical mostra uma inconsciente reminiscência do antigo ensinamento oculto, segundo o qual a cor e o som, *em nosso plano,* são dois dos sete aspectos correlativos de uma só e mesma coisa, a primeira Substância diferenciada da Natureza.

Eis aqui um exemplo, que bem merece a atenção dos ocultistas, da relação entre a cor e a vibração. Não só os Adeptos e os chelas adiantados, como também os psíquicos de inferior categoria, entre os quais os videntes e os psicômetros, podem perceber em torno de cada indivíduo uma aura psíquica de cores variadas, correspondentes ao temperamento dessa pessoa. Em outras palavras, os misteriosos registros no interior do Ovo Áurico não estão reservados unicamente à percepção de Adeptos evolucionados, mas, às vezes, também à de psíquicos naturais. Todas as paixões, pensamentos e qualidades humanas se encontram assinalados na aura por suas correspondentes cores e matizes, que às vezes se deixam mais sentir que perceber. Os psíquicos mais sensíveis, conforme o demonstrou Galton, podem ainda ver as cores produzidas pelas vibrações de instrumentos musicais, cada nota sugerindo uma cor diferente. Assim como as cordas vibram e emitem notas

audíveis, assim também os nervos do corpo humano vibram e tremulam em correspondência com as diversas emoções, sob o impulso geral da circulante vitalidade de Prâna, determinando ondulações com efeitos cromáticos na aura do indivíduo.

Podemos, portanto, considerar o sistema nervoso do homem como uma harpa eólia, que responde ao impulso da força vital, não sendo esta uma abstração, mas uma realidade dinâmica, que manifesta em colorações os mais sutis matizes do caráter individual. Se tais vibrações nervosas se intensificam o suficiente e se põem em relação com um elemento astral, o resultado é — um som. Como duvidar, então, da relação entre as forças microcósmicas e as macrocósmicas?

E agora, depois de ter mostrado que as operações tântricas (tais como se descrevem no tratado de Râma Prâsad e em outros do mesmo caráter, publicados de vez em quando na imprensa teosófica)[27] tendem para a magia negra, sendo ainda mais perigosas quando usadas como processo de autodesenvolvimento, espero que os estudantes tomem as suas precauções.

Advirta-se que até o presente não há duas autoridades que estejam de acordo quanto à localização real dos Chakras e Padmas no corpo humano, e que as cores dos Tattvas, tais como são apresentadas, aparecem invertidas, a saber:

(*a*) Âkâsha: dá-se-lhe a cor negra, ou o deixam sem cor — quando, em correspondência com Manas, é anil.

(*b*) Vâyu: figura como azul, quando, por corresponder ao Manas inferior, é de cor verde.

(*c*) Âpas: dá-se-lhe a cor branca; mas, correspondendo ao corpo astral, sua cor é o violeta, com um substrato prateado semelhante ao branco lunar.

Somente a Tejas atribuem a cor certa: vermelho.

É fácil ver, por tudo isso, como são véus perigosos essas discrepâncias.

Ademais, a prática dos Cinco Sopros, conforme salientamos, é capaz de provocar desordens fisiológicas e psíquicas, e até mesmo a morte. É realmente o Prânâyâma, ou a supressão do sopro, que acarreta a morte de quem o pratica — a morte moral sempre, e com muita freqüência a morte física.

SOBRE OS "VÉUS" EXOTÉRICOS E A "MORTE DA ALMA"

Como corolário do que ficou exposto, e antes de passar a explicações de índole ainda mais abstrata, devemos cumprir nossa promessa, esclarecendo, à luz de ensinamentos que já conheceis, a terrível doutrina da aniquilação pessoal.

---

(27) Note-se que jamais foram publicadas as práticas da verdadeira Râja-Yoga.

Afastai de vossa mente tudo o que até agora lestes em livros como o *Budismo Esotérico*, e tudo quanto julgastes compreender de hipóteses tais como a da oitava esfera e a da Lua, e mais a de que o homem e o símio têm um antepassado comum. Até o que escrevi em *The Theosophist* e em *Lucifer* não deveis aceitar como verdade completa, senão como idéias amplas e gerais, em que apenas se esboçam os pormenores. Certas passagens, no entanto, e especialmente as notas à margem dos artigos traduzidos das *Cartas sobre a Magia*, de Eliphas Lévi [28], oferecem alguns vislumbres.

Apesar de tudo, é condicional a imortalidade pessoal, pois há o que se chama "homens sem alma", segundo certos ensinamentos raramente mencionados, mas a que também nos referimos em *Ísis sem Véu* [29]. Existe ainda um Avitchi, que em rigor pode ser chamado Inferno, embora não tenha relação alguma, nem semelhança, com o bom Inferno dos cristãos, tanto geográfica como psiquicamente. A verdade, conhecida pelos Ocultistas e Adeptos de todos os tempos, não podia ser comunicada ao público indiscriminadamente; e por isso, se bem que os mistérios da Filosofia Oculta estejam quase todos semi-encobertos em *Ísis sem Véu* e nos quatro primeiros volumes de *A Doutrina Secreta*, não me assistia o direito de ampliar ou corrigir as minúcias de outros. Pode o leitor agora comparar o que se contém nesses seis volumes e no *Budismo Esotérico* com os diagramas e as explicações dos presentes Apontamentos, e julgar por si mesmo.

Paramâtmâ, o Sol Espiritual, pode ser considerado como fora do Ovo Áurico humano, do mesmo modo como está fora do Ovo Macrocósmico ou Ovo de Brahmâ. Por quê? Porque, embora todos os átomos e partículas estejam, por assim dizer, cimentados por aquela essência Paramátmica, e dela impregnados, é impróprio chamar o Paramâtmâ de "Princípio humano", ou ainda de "Princípio Universal", porque tais expressões poderiam sugerir uma falsa idéia do conceito filosófico e puramente metafísico. Não é um princípio, senão a causa de todos os princípios; e este termo só é empregado pelos ocultistas para designar a sombra de Paramâtmâ: o Espírito Universal que anima o ilimitado Cosmos, dentro ou além do Espaço e do Tempo.

Buddhi serve de veículo a essa sombra de Paramâtmâ. Buddhi é universal, como o é também o Âtmâ humano. No Ovo Áurico está o pentáculo macrocósmico da VIDA, Prâna, que encerra em si o pentagrama representativo do homem. O pentáculo universal deve ser traçado com a ponta voltada para cima — o signo da Magia branca. No pentáculo humano são as pernas que se voltam para cima, formando o que os cabalistas cristãos chamam os "Cornos de Satã"; é o símbolo da matéria, do homem pessoal, o emblema do mago negro. Porque este pentáculo invertido não é somente a representação de Kâma, o quarto Princípio na ordem exotérica, mas tam-

---

(28) Veja-se: "Stray Thoughts ou Death and Satan" ("Pensamentos Esparsos a respeito da Morte e de Satã"), em *The Theosophist* de outubro de 1881; e também: "Fragments of Occult Truth" ("Fragmentos de uma Verdade Oculta"), vols. III e IV.

(29) *Op. cit.*, II, págs. 388 e segs.

bém a do homem físico, o animal de carne, com todos os seus desejos e paixões.

Para a boa compreensão do que se segue, convém atentar em que se pode representar o Manas por um triângulo superior ligado ao Manas inferior por uma linha tênue. Esta linha é o Antahkarana, a via ou ponto de comunicação que serve de elo entre a personalidade, cujo cérebro físico está sob o domínio da mente animal, e a individualidade que se reencarna, o Ego espiritual, Manas, Manu, o "Homem Divino". As duas mentes (a espiritual e a física ou animal) são, em rigor, uma coisa só, que se biparte durante a reencarnação. Porque, enquanto aquela parcela do Divino, que vai animar a personalidade, separando-se conscientemente do Ego Divino [30], como um sombra densa, mas pura, e se infiltra no cérebro e nos sentidos do feto [31] quando este completa seu sétimo mês, o Manas Superior não se une à criatura senão ao fim dos sete primeiros anos de vida. E esta essência, ou melhor, este reflexo ou sombra do Manas Superior, virá a ser, à medida que se desenvolve a criança, um Princípio pensante distinto no homem e cujo instrumento primordial é o cérebro físico. Não é de admirar que os materialistas, que só tomam conhecimento *desta* "alma racional" ou mente, se recusem a separá-la do cérebro e da matéria.

Mas a Filosofia Oculta há séculos que solucionou o problema da mente, e descobriu a dualidade de Manas. O Ego Divino tem o seu vértice voltado para cima, isto é, propende para Buddhi; e o Ego humano gravita para baixo, imergindo na matéria, ligado à sua metade superior e subjetiva pelo Antakharana, único laço de união durante a vida entre a consciência superior do Ego e a inteligência humana da mente inferior.

Para que o estudante possa compreender cabal e corretamente esta abstrusa doutrina metafísica, é preciso que esteja de todo convencido de uma idéia que em vão me tenho esforçado por incutir aos teosofistas em geral: a grande verdade axiomática de que a única Realidade eterna e vivente

---

(30) A essência do Ego Divino é uma "chama pura", entidade à qual nada se pode acrescentar, e da qual nada se pode tirar. Portanto, não sofre diminuição ainda que dela se destaque um número incalculável de mentes inferiores, como chispas que se desprendem de uma chama. Tal é a resposta à objeção de um esoterista, que perguntou de onde vem aquela inexaurível essência da mesma e única Individualidade, capaz de prover com intelecto humano cada uma das novas personalidades em que se encarna.

(31) O cérebro, ou máquina de pensar, não se limita à cabeça; mas, como pode explicar qualquer fisiólogo que não seja materialista, todos os órgãos do corpo humano, o coração, o fígado, os pulmões, etc., assim como os nervos e os músculos, têm, por assim dizer, seu próprio cérebro ou aparelho pensante. Como o nosso cérebro não intervém nas operações coletivas e individuais de cada um dos órgãos, cabe perguntar: Que é que os guia com tanta segurança em suas incessantes funções? Que é que os faz trabalhar, e lutar, inclusive, contra as enfermidades — não como peças de um relógio (segundo pretendem alguns materialistas), que param ao menor desarranjo, mas como entidades dotadas de instinto próprio? Dizer que é a Natureza equivale a nada dizer; ou é enunciar uma falácia. Porque a Natureza, no fim de contas, não é nem mais nem menos que um nome dado ao conjunto dessas mesmas funções; à soma das qualidades e atributos físicos, mentais, etc., no Universo e no homem — à totalidade de agentes e forças guiadas por leis inteligentes.

é o que os hindus chamam Paramâtmâ e Parabrahman. Esta é a única Essência-Raiz, que existe por todo o sempre, imutável e inacessível aos nossos sentidos físicos, mas clara e manifestamente perceptível aos nossos sentidos espirituais. Uma vez capacitados dessa idéia básica, e cônscios de que a Essência-Raiz é universal, eterna e onipresente, como o próprio Espaço abstrato, então necessariamente havemos de concluir que somos emanações dessa mesma Essência, e que algum dia a ela retornaremos. E, admitido isso, tudo o mais será fácil.

Se assim é, temos que a vida e a morte, o bem e o mal, o passado e o futuro são palavras sem sentido ou, quando muito, figuras de retórica. Se o Universo objetivo é, em si mesmo, uma ilusão transitória, porque teve princípio e há de ter fim, também a vida e a morte devem ser meros aspectos e ilusões. Não passam, em verdade, de mudanças de estado, e nada mais.

A verdadeira vida reside na consciência espiritual, ou seja, *em uma existência consciente no Espírito, e não na matéria;* e a morte real está na percepção limitada da vida, na impossibilidade de sentir a existência consciente, ou mesmo individual, fora da forma, ou pelo menos de uma forma de matéria. Os que negam sinceramente a possibilidade de uma vida consciente separada da matéria e da substância cerebral são *unidades mortas*. Agora se compreendem as palavras do iniciado Paulo: "Porque estais mortos, e a vossa *vida* está oculta com Cristo em Deus." [32] Significam: Vós, pessoalmente, sois matéria morta, inconsciente de sua própria essência espiritual; e a vossa vida real está oculta com o vosso Ego divino (Christos) em Deus (Âtmâ) ou n'Ele imersa; se ela de vós se apartou, sois homens sem alma. Falando em termos esotéricos: Todo materialista irredutível é *um homem morto,* um autômato vivo, ainda que seja dotado de grande poder cerebral. Ouçamos o que diz Âryâsangha ao tratar deste assunto:

"Aquilo que não é espírito nem matéria, nem luz nem trevas, mas em verdade o continente e a raiz de tudo isso, eis o que tu és. Em cada aurora a raiz projeta sua sombra em SI MESMA — e a esta sombra tu chamas Luz e Vida, ó pobre forma mortal! (Esta) Vida-Luz flui para baixo através da escada dos sete mundos, na qual cada degrau se apresenta sucessivamente mais denso e mais escuro. E desta escada graduada de sete por sete tu mesmo és o escalador e o espelho, ó homem pequenino! Tu és isso, mas não o sabes."

Esta é a primeira lição que se tem de aprender. A segunda consiste no estudo dos Princípios, tanto os do Cosmos como os do homem, classificando-os em permanentes e transitórios, em superiores ou imortais e inferiores ou mortais; pois só assim poderemos dominar e dirigir, primeiro, os princípios cósmicos inferiores e pessoais, e, depois, os cósmicos superiores e impessoais.

Quando o conseguirmos, teremos assegurada a nossa imortalidade. Mas alguém pode observar: "Quão poucos são capazes de fazê-lo! Só os grandes

(32) *Epistola aos Colossenses*, III, 3.

Adeptos, e ninguém pode alcançar o Adeptado em uma tão curta vida." Verdade; mas há uma alternativa. "Se não podes ser o Sol, sê então o humilde planeta", diz o *Livro dos Preceitos de Ouro*. E se isso ainda estiver fora do nosso alcance, procuremos ao menos manter-nos dentro do raio de alguma estrela menor, de modo que a sua luz argentina possa chegar até à profunda escuridão que acompanha a estrada pedregosa da vida; pois sem essa divina radiação nos arriscamos a perder mais do que supomos.

Com relação aos "homens sem alma" e à "segunda morte" da "alma", a que se referiu o volume segundo de *Ísis sem Véu*, observar-se-á que ali me ocupei dessas pessoas desalmadas e também do Avitchi, embora não houvesse declinado este nome [33].

A tríade superior, Âtmâ-Buddhi-Manas, pode ser identificada logo às primeiras linhas de uma citação do papiro egípcio. No *Ritual*, chamado agora o *Livro dos Mortos*, a alma purificada, o Manas dual, aparece como "a vítima da tenebrosa influência do dragão Apophis", isto é, a personalidade física do homem Kâma-rûpico, com suas paixões. "Se alcançou o conhecimento final dos Mistérios celestes e infernais, a Gnose" (os Mistérios divinos e terrenos da Magia branca e negra), a personalidade do defunto "triunfará sobre o seu inimigo" (a morte). Alude-se ao caso em que, finda a existência terrena, o Manas inferior, apercebido na "seara da vida", volta a unir-se com o seu Ego. Mas se é Apophis o vencedor, então a alma "não pode escapar a uma *segunda* morte".

Estas poucas linhas de um papiro, cuja antiguidade remonta a milênios, contêm toda uma revelação, que naqueles tempos só os Hierofantes e os Iniciados conheciam. A colheita na "seara da vida" consiste nos mais elevados pensamentos espirituais da personalidade, na lembrança de suas mais nobres a altruístas ações e na constante presença, durante o seu período de bem-aventurança depois da morte, de todos aqueles a quem amou com divina e espiritual devoção [34].

Recordemos que, segundo os ensinamentos, a alma humana, o Manas inferior, é o *único* e direto mediador entre a personalidade e o Ego divino. O que na terra constitui a *personalidade*, que a maioria confunde com *individualidade*, é a soma de todas as características mentais, físicas e espirituais que, impressas na alma humana, produzem o *homem*. Ora, de todas estas características só os pensamentos purificados podem ficar impressos no Ego Superior e imortal, mediante a reimersão da Alma humana em sua essência, em sua fonte original, ao identificar-se com o Ego Divino durante a vida, para se reunificarem depois da morte do homem físico. Por isso, a menos que Kâma-Manas transmita a Buddhi-Manas semelhantes ideações pessoais e a consciência de seu "eu" ou personalidade, de modo que as possa assimilar o Ego Divino, desse "eu" nada sobreviverá no eterno. Somente poderá sobreviver o que for digno do nosso imortal deus interno, idêntico por

---

(33) Leia-se desde o último parágrafo da pág. 367 até o fim do primeiro parágrafo da pág. 370, e compare-se o que então dissemos com o que está escrito acima.

(34) Veja-se *Key to Theosophy*, págs. 147, 148 e seguintes.

sua natureza à quintessência divina, porque, neste caso, as mesmas "sombras" ou emanações do Ego Divino são as que sobem até Ele, que as reintegra em sua Essência. Nenhum pensamento nobre, nenhuma aspiração elevada, nenhum desejo puro, nenhum amor imortal e divino pode aninhar-se no cérebro do homem carnal, a não ser como emanação direta do Eu superior, mediante o inferior. Tudo o mais, ainda que pareça intelectual, procede da "sombra", da *mente inferior*, associada e mesclada com Kâma, acabando por fenecer e aniquilar-se para sempre. Ao invés, as ideações mentais e espirituais do "eu" pessoal retornam a ele, como partes da essência do Ego, e nunca murcham. Assim é que da personalidade sobrevivem e se imortalizam tão só suas experiências espirituais, a lembrança de tudo que de nobre e bom houve com a consciência do seu "eu" mesclada com a dos outros "eus" pessoais que a precederam. Não há imortalidade para o homem terreno, fora do Ego que o caracteriza, e é o seu único representante no estado mental chamado Devachan. Entretanto, como a personalidade encarnada por último tem direito a seu peculiar estado de felicidade, livre da lembrança das personalidades anteriores, *só se desfrutam, plena e realmente, os resultados felizes da última existência.* O Devachan amiúde é comparado ao dia mais ditoso entre os milhares de "dias" de uma vida. A intensidade de sua felicidade faz o homem esquecer-se de todos os demais dias, a ponto de apagarem-se as recordações do passado.

Isso é o que chamamos estado Devachânico, o prêmio da personalidade. Neste vetusto ensinamento é que se baseia a idéia confusa do céu cristão, haurida aliás, como outras muitas, dos mistérios egípcios. Tal é o significado da passagem transcrita em *Ísis sem Véu.* A alma triunfa de Apophis, o dragão da carne. Daí em diante, a personalidade viverá eternamente, com seus mais nobres e superiores elementos, com a lembrança de suas ações passadas, ao passo que as "características" do "dragão" se extinguem em Kâma-Loka. Cabe aqui perguntar como vai poder viver eternamente, se o período Devachânico não dura mais do que mil ou dois mil anos. Nossa resposta é que ela viverá eternamente, da mesma maneira que o conjunto de recordações cotidianas vive na memória de cada um de nós. Sirvam de exemplo os dias de qualquer vida pessoal, e compare-se tal vida com a do Ego Divino.

Para se encontrar a chave de muitos mistérios psicológicos, será suficiente compreender e recordar o que estamos explicando. Alguns espíritas indignaram-se contra a idéia de que a imortalidade seja *condicional*, mas esta é a verdade lógica e filosófica. Muito se falou já sobre este assunto, porém parece que ninguém até hoje compreendeu convenientemente tal ensinamento. Admais, não será suficiente expor ou apresentar um fato; o ocultista, ou quem tenciona sê-lo, deve também conhecer o *porquê*, pois dessa forma estará apto a refutar as especulações errôneas que possam surgir de outros, e — o que mais importa — oferecer-se-ão oportunidades de salvar muita gente de uma calamidade que, acabrunha-nos dizê-lo, é muito freqüente em nossos dias, e da qual vamos tratar detidamente.

Quase total seria o desconhecimento da fraseologia oriental para não advertir na passagem citada do *Livro dos Mortos* e nas páginas de *Ísis sem Véu*: (*a*) uma alegoria do nosso ensinamento esotérico, com vistas aos não-iniciados; e (*b*) "véus" no sentido das palavras "alma" e "segunda morte". "Alma" refere-se indiferentemente a Buddhi-Manas e a Kâma-Manas. E na expressão "segunda morte" o numeral "segunda" denota que os "Princípios" devem passar por várias mortes em sua encarnação; só os ocultistas compreendem o verdadeiro sentido de tal afirmação. Porque temos: 1.º a morte do corpo físico; 2.º a morte da alma-animal no Kâma-Loka; 3.º a morte do Linga Sharira astral, que segue a do corpo físico; 4.º a morte metafísica do *imortal* Ego Superior quando "cai na matéria" ou se encarna em nova personalidade.

A alma animal, ou Manas inferior, esta sombra do Ego Divino, que deste se separa para animar a personalidade, não pode de modo algum *escapar à morte* no Kâma-Loka, pelo menos aquela parte que, ficando como resíduo terrestre, é inassimilável ao Ego. Assim, o segredo principal, o segredo mais importante, quanto à "segunda morte", no ensinamento esotérico, foi e ainda é a possibilidade da *morte* da alma, isto é, sua terrível separação do Ego durante a vida terrena. Trata-se de morte *real* (embora com probabilidades de ressurreição), que não deixa nenhum vestígio na pessoa, mas que a converte moralmente em um cadáver vivo.

Difícil explicar por que tal ensinamento se manteve até agora em tão rigoroso sigilo, quando, se divulgado entre o público, pelo menos entre os que acreditam na reencarnação, tanto bem teria causado. Contudo, assim foi, e não me assiste o direito de discutir a sabedoria da proibição: limitei-me a expor a matéria tal como me fora recomendado, *sob o compromisso* de a não revelar ao público em geral. Hoje, porém, estou autorizada a transmiti-la integralmente, revelando o ensinamento em primeiro lugar aos esoteristas; correndo a estes, uma vez tenham assimilado o seu contexto integral, o dever de comunicar a outros esta doutrina da "segunda morte" e advertir os teósofos de seus perigos.

Para melhor esclarecimento do assunto, terei que seguir aparentemente por caminhos já trilhados. Mas na realidade o estarei expondo sob uma nova luz e com outros pormenores. Em *The Theosophist* e em *Ísis* fiz algumas insinuações, que não foram entendidas. Vou agora explicar melhor cada um dos pontos.

EXAME RACIONAL E FILOSÓFICO DA DOUTRINA

1.º Imaginemos, para ilustrar a explicação, a única, homogênea, absoluta e onipresente Essência no degrau superior da "escada dos sete planos de mundos", pronta para iniciar sua peregrinação evolucionária. À medida que desce o seu correlativo reflexo, ela se diferencia e se transforma, primeiro em matéria subjetiva e por último em matéria objetiva. Chamemos Luz Absoluta ao seu Pólo Norte, e Vida Única e Universal ao seu Pólo Sul, que para nós seria o quarto degrau ou plano médio, começando a contar tanto

de cima como de baixo. Assinalemos agora a diferença: em cima, a LUZ; em baixo, a VIDA. A primeira é sempre imutável; a segunda se manifesta em inumeráveis aspectos e diferenciações. De acordo com a lei oculta, todas as potencialidades existentes no superior se transmutam em reflexos diferenciados no inferior; e nada do que é diferenciado pode mesclar-se com o homogêneo.

Por outra parte, é efêmero tudo quanto vive e respira e tem o seu ser nas vagas procelosas do mundo ou plano da diferenciação. E Buddhi e Manas, porque são os raios primordiais da Chama Única, Buddhi o veículo, upâdhi ou vâhana da Essência una e eterna, Manas o veículo de Mahat ou Ideação Divina [35], a Alma Inteligente Universal, nenhum dos dois pode extinguir-se ou aniquilar-se, nem como essência nem como consciência. Mas a personalidade física, com o seu Linga Sharira, e a alma animal, com o seu Kâma [36], podem ser aniquilados. Nascem ambas no reino da ilusão, e têm a vida evanescente dos brancos flocos de nuvens no azul do eterno firmamento.

Quem tenha lido estes volumes com alguma dose de atenção deve conhecer a origem dos Egos humanos, chamados genericamente Mônadas, e saber o que eram antes de serem forçados a encarnar-se no homem animal. Os seres divinos, a quem o Karma obrigou a desempenhar um papel no drama da vida manvantárica, são entidades procedentes de mundos e planetas superiores e mais antigos; seu Karma ainda não se havia esgotado quando entrou em "pralaya" o seu mundo. Tal é o ensinamento; mas, fosse ou não assim, os Egos Superiores, em comparação com as transitórias formas de barro terrestre que nós somos, possuem natureza divina, são Deuses imortais durante o Mahâmavantara, ou período de 311.040.000.000.000 de anos que forma a Idade de Brahmâ.

Assim como os Egos Divinos, para que possam reintegrar-se na Essência Una, ou ser reabsorvidos no AUM, devem purificar-se no fogo do sofrimento e da experiência individual, assim também os Egos terrestres, as personalidades, devem fazer outrotanto, se querem partilhar da imortalidade dos Egos Superiores. Ser-lhes-á possível alcançar este objetivo mediante a repressão de tudo o que unicamente lisonjeie a natureza inferior do "eu" pessoal, e pelo anelo de transfundir o Princípio Kâmico pensante no do Ego Superior. Nós (isto é, as nossas personalidades) nos tornamos imortais com a aderência de nossa natureza moral pensante em nossa trinitária Mônada Divina, Âtmâ-Buddhi-Manas — três em um, e um em três (aspectos). Porque a Mônada, manifestada na terra pelo Ego que encarna, é a Árvore da Vida Eterna, que só pode ser alcançada por quem come o fruto do conhecimento, o Conhecimento do Bem e do Mal, ou GNOSE, a Sabedoria Divina.

Nos ensinamentos esotéricos, este Ego é o quinto Princípio do homem. Mas o estudante que haja lido os dois primeiros Apontamentos sabe algo mais. Sabe que o sétimo não é um Princípio humano, mas um Princípio

(35) Mahâ-Buddhi, nos *Purânas*.

(36) Diz-se que Kâma-Rûpa, veículo do Manas inferior, reside no cérebro, nos cinco sentidos físicos e em todos os órgãos sensoriais do corpo humano.

Universal, de que o homem participa, assim como participam todos os átomos, físicos ou subjetivos, as folhas das ervas, tudo o que vive ou existe no espaço, tenha ou não consciência disso. Sabe ainda que, se o homem está mais intimamente associado com esse Princípio e o assimila com um poder cem vezes maior, é tão somente por ser a criatura de mais elevado grau de consciência na terra; em suma, porque o homem pode chegar a ser um Espírito, um Deva ou um Deus em sua próxima transformação; ao passo que os minerais, vegetais e animais não o poderão, sem que primeiro transitem pelo estágio humano.

2.º Quais são as funções de Buddhi? Aqui no plano físico, nenhuma, a menos que esteja unido a Manas, o Ego consciente. A relação entre Buddhi e a Divina Essência-Raiz é a mesma que há entre Mûlaprakriti e Parabrahman, segundo a escola vedantina; ou entre Alaya, a Alma Universal, e o Espírito Uno e Eterno, que transcende o espírito. É o veículo humano e um transunto do Absoluto, pois este não pode ter nenhuma relação com o que é finito e condicionado.

3.º E que é Manas, e quais as suas funções? Em seu aspecto metafísico, Manas está a um escalão de Buddhi no plano descendente; mas ainda é tão incomensuravelmente superior ao homem físico que não pode entrar em relação direta com a personalidade, necessitando da mediação de seu reflexo, a mente inferior. Manas, em si mesmo, é a *Consciência Espiritual,* e, quando unido a Buddhi, a Consciência Divina; sendo Buddhi o verdadeiro "fator" desta "produção" (vikâra, ou Consciência Própria) por intermédio de Mahat. Buddhi-Manas, portanto, só se pode manifestar durante suas encarnações periódicas por meio da mente humana, o Manas inferior. Ambos estão entrelaçados e são inseparáveis; e entre eles e os Tanmâtras inferiores [37] a relação é tão tênue como a do homogêneo com o heterogêneo. Assim, a função do Manas inferior, ou personalidade pensante, a fim de poder unir-se com o seu Deus ou Ego Divino, é paralisar e dissipar os Tanmâtras, ou propriedades da forma material. É por isso que Manas aparece como dual: o Ego e a mente do homem. O Kâma-Manas, ou Eu inferior, deixando-se iludir pela falsa noção de existência independente, e crendo-se o "produtor" e o soberano dos cinco Tanmâtras, descai para o *Ego-ísmo* (o Eu egoísta), caso em que se há de considerá-lo como Mahâbhûtico e finito, por estar associado à faculdade pessoal "egocêntrica" (Ahankâra).

"Por isso, Manas [deve ser considerado como] ... eterno e não-eterno. Eterno em sua natureza atômica (*paramanu rûpa*) como substância eterna (*dravya*); finito (*kârya rûpa*) quando, constituindo uma díade, está associado a Kâma (desejo animal ou volição humana *egoística*), um produto inferior [em suma]." [38]

(37) Tanmâtra quer dizer: átomos elementares, forma sútil e rudimental, o tipo grosseiro dos elementos mais refinados. Os cinco Tanmâtras são realmente as propriedades ou qualidades características da matéria e de todos os elementos. Correspondem, em um de seus aspectos, ao olfato, gosto, tato, vista e ouvido. O verdadeiro espírito da palavra é "algo", ou "simplesmente transcendental", no sentido de propriedades ou qualidades.

(38) Veja-se *The Theosophist,* agosto de 1883, pág. 268, "The Real and the Unreal".

Deste modo, enquanto o Ego individual, por sua essência e natureza, é imortal na eternidade, com uma forma (*rûpa*) que persiste durante os ciclos de vida da Quarta Ronda, o seu *Sósia,* reflexo ou imagem, o Ego pessoal, terá de conquistar, por si mesmo, a imortalidade.

4.º Antahkarana é o nome daquela ponte ideal, daquela *via* de comunicação entre o Ego Divino e o Ego humano — *dois* Egos durante a vida terrena, mas que se fundem em *um* Ego no Devachan ou no Nirvana. Pode parecer difícil de compreender; tornar-se-á fácil, porém, se recorrermos a um exemplo familiar, embora criado pela imaginação. Figuremos uma lâmpada brilhante colocada no centro de um quarto e que projeta sua luz sobre as paredes. Suponhamos que a lâmpada seja o Ego Divino, e a luz projetada o Manas inferior; a parede em que se reflete, o corpo físico. A parte da atmosfera que transmite os raios da lâmpada à parede será o Antahkarana. Suponhamos ainda que a luz assim refletida seja dotada de razão e inteligência, possuindo mais a faculdade de dissipar todas as sombras más que se cruzem na parede, e atrair a si, como impressões indeléveis, todos os resplendores. Pois bem. O Ego humano tem o poder de expulsar as sombras ou pecados, e o de multiplicar os resplendores, ou as boas ações, que ocasionam tais impressões, assegurando assim, por meio do Antahkarana, sua permanente relação e sua reunião final com o Ego Divino. Recordemos que isto não pode ocorrer enquanto subsistir o mais tênue vestígio terreno ou de matéria que possa embaçar a pureza dessa luz. Por outra parte, o nexo não poderá sofrer ruptura definitiva, nem ser impedida a adjunção, enquanto houver um só ato ou potencialidade espiritual capaz de servir como traço de união. Mas, ao extinguir-se a última centelha, ao desvanecer-se a derradeira esperança de espiritualização, então sobrevirá a separação. Em uma parábola oriental, o Ego Divino é comparado ao proprietário da terra que a manda cultivar por seus colonos, recolhendo estes os frutos da lavoura, e que se contenta em conservar a posse do campo enquanto lhe proporciona alguma retribuição, por mínima que seja. Mas, quando a terra fica de todo estéril, não somente é abandonada, como ainda o próprio dono (Manas inferior) perece.

Voltando, porém, ao nosso símil: quando a luz projetada sobre a parede, ou o Ego humano racional, chega ao ponto de esgotar seu conteúdo espiritual, desaparece o Antahkarana, deixa de ser transmitida a luz, e a lâmpada já não emite raios. A luz absorvida some-se gradualmente, e sobrevém o "eclipse da alma"; o ser vive na terra e passa depois ao Kâma-Loka como um mero conglomerado de qualidades materiais que sobreviveram. Não pode entrar no Devachan, mas renasce imediatamente como um animal em forma humana — uma verdadeira maldição.

O símil, por fantástico que pareça, nos facilitará a exata compreensão da idéia. A não ser pela fusão da natureza moral com o Ego Divino, não há imortalidade para o Ego pessoal. Sobrevivem unicamente as emanações mais espirituais da alma humana pessoal. Imbuída durante a vida na idéia e no sentimento do "Eu sou eu" da personalidade, a alma humana, portadora da essência das ações kármicas do homem físico, passa a ser, após a morte deste

último, uma partícula da Chama Divina, o Ego. Faz-se imortal em virtude de sua integração na Mônada, que é a "Árvore da Vida Eterna".

Digamos agora algo sobre a doutrina da "segunda morte". Que sucede à Alma Humana Kâmica, que é sempre a do homem corrompido e mau ou a de uma pessoa "desalmada"? Vamos explicar este mistério.

Quando um homem nunca teve um pensamento que não fosse associado ao "eu" animal, nada tendo para transmitir à Alma Superior ou acrescentar à soma das experiências recolhidas em encarnações pretéritas, e cuja memória o devesse acompanhar na eternidade, a Alma pessoal separa-se do Ego. Não pode dar nenhuma contribuição sua àquele tronco imarcessível cuja seiva circula através de milhões de personalidades — semelhantes às folhas que amarelecem nos ramos de uma árvore e caem mortas no fim da estação. Estas personalidades brotam, florescem e morrem; umas sem deixar vestígios, e outras depois de transfundirem a própria vida no tronco paterno. As primeiras, as almas que não deixam sinal de sua existência, são votadas à aniquilação, ou ao Avitchi (estado que é tão mal compreendido, e descrito de forma ainda pior, por alguns escritores teosóficos), que não somente está na Terra, senão que é a própria Terra.

Desse modo, vemos que o Antahkarana se desfaz antes que o "eu" inferior pudesse identificar-se com o superior, unindo-se a ele; e que, portanto, a "alma" kâmica se torna uma entidade separada, para viver daí em diante, por um período mais ou menos longo (de acordo com o seu Karma), como criatura "sem alma".

Mas, antes de examinar a fundo este assunto, devo explicar com maior clareza o significado e as funções do Antahkarana, que, conforme já dissemos, pode ser comparado a uma estreita ponte ligando o Manas Superior ao Manas Inferior. Se se consultar o Glossário da *Voz do Silêncio,* págs. 88 e 89, ver-se-á que é uma projeção do Manas Inferior, ou melhor, o liame entre ele e o Ego Superior, ou entre a Alma Humana e a Alma Espiritual ou Divina [39].

"Com a morte [o Antahkarana] desaparece como via ou meio de comunicação, e seus restos sobrevivem como Kâma-Rûpa."

Este Kâma-Rûpa é o "cascão" ou concha astral que os espíritas vêem algumas vezes aparecer em suas sessões como "formas" materializadas, que ingenuamente tomam por "espíritos dos mortos" [40]. Tão longe está de ser assim que, nos sonhos, apesar de Antahkarana estar presente, a personalidade fica apenas meio desperta, e daí o dizer-se que Antahkarana se

(39) O autor do *Budismo Esotérico* e do *Mundo Oculto* deu o nome de Alma Humana a Manas, e o de Alma Espiritual a Buddhi; resolvi então não alterar essas denominações na *Voz do Silêncio,* considerando ser um livro destinado ao público.

(40) Nos ensinamentos exotéricos da Râja-Yoga se diz que Antahkarana é o órgão interno da percepção, dividindo-se em quatro partes: Manas (inferior), Buddhi (razão), Ahankâra (personalidade) e Chitta (faculdade pensante); e que também faz parte, com vários outros órgãos, de Jiva, a Alma, chamada ainda Lingadeha. Que os esoteristas, porém, não se deixem induzir em erro em face dessa versão popular.

acha *ébrio* ou *louco* durante o sono normal. Se tal sucede nesta morte periódica, ou sono, da pessoa viva, pode-se imaginar o que será a consciência do Antahkarana quando estiver transformado em Kâma-Rûpa depois do "sono eterno".

Retornemos ao nosso assunto.

A fim de não perturbar a mente do estudante ocidental com as abstrusas dificuldades da metafísica hindu, deixemo-lo considerar o Manas inferior, ou mente, como o Ego pessoal durante o estado de vigília; e como Antahkarana tão somente nos momentos de aspiração para o Ego Superior, quando se converte na via de comunicação entre os dois Egos. Por esse motivo, dá-se também a Antahkarana o nome de "Caminho". Do mesmo modo que um órgão físico se debilita e acaba por atrofiar-se à falta de uso, assim também sucede com as faculdades mentais; e daí a atrofia da função mental inferior, chamada Antahkarana, naquelas pessoas completamente materializadas ou corrompidas.

Contudo, é o seguinte o ensinamento da Filosofia Esotérica.

A função do Antahkarana é um meio de comunicação tão necessário como o ouvido para ouvir e o olho para ver. Assim, enquanto no homem não for totalmente erradicado o sentimento de Ahamkâra, ou seja, do "eu" pessoal ou egoísmo, e a mente inferior não estiver identificada ou una com Buddhi-Manas, é lógico que destruir Antahkarana será como destruir uma ponte sobre um abismo de outro modo intransponível: *nunca poderá o viajante alcançar a margem oposta.* E aqui está a diferença entre o ensinamento exotérico e o esotérico. No primeiro, diz a filosofia Vedanta que, enquanto a mente (inferior) buscar o Espírito (Buddhi-Manas) através de Antahkarana, lhe será impossível adquirir a verdadeira Sabedoria Espiritual, Jnyâna, que somente pode ser alcançada mediante *uma relação* com a Alma Universal (Âtmâ). E que não se pode chegar à Râja-Yoga senão fazendo caso omisso da Mente Superior.

Nós dizemos que não é assim. Não é possível saltar um só que seja dos degraus da escada que conduz ao conhecimento. Nenhuma personalidade poderá jamais ir ao Âtmâ ou entrar em comunicação com o Âtmâ a não ser por intermédio de Buddhi-Manas. Pretender chegar a Jivanmukta ou Mahâtma antes de ser um Adepto, ou ainda um Narjol (homem sem pecado) é como querer ir da Índia para Ceilão sem atravessar o mar. Daí o afirmar-se que, se destruímos o Antahkarana antes de estar o Ego pessoal sob o inteiro domínio do Ego impessoal, nos expomos a perder este último, dele nos separando para sempre, a menos que nos apressemos em restabelecer a comunicação por um supremo e decisivo esforço.

Só devemos destruir o Antahkarana quando nos acharmos indissoluvelmente unidos à essência da Mente Divina.

"Assim como um guerreiro isolado, perseguido por um exército, busca refúgio em uma fortaleza, cuidando primeiro em destruir a ponte levadiça, a fim de se proteger contra a investida inimiga, para só depois começar a combater os perseguidores, assim também deve proceder o Strotâpatti antes de destruir o Antahkarana".

Ou como reza um axioma oculto:

A Unidade se converte em Três, e o Três gera o Quatro. Pelo Quatro [o Quaternário] retornamos ao Três, e pelo divino Três nos expandimos no Um Absoluto.

As Mônadas, que passam a Díadas no plano diferenciado, para depois desdobrar-se em Tríades durante o ciclo das encarnações, não conhecem o espaço nem o tempo, mesmo quando estão encarnadas; mas se difundem por todos os Princípios inferiores do Quaternário, e são por natureza oniscientes e onipresentes. Mas esta onisciência é inata, e unicamente pode manifestar sua luz reflexa, através de algo que seja pelo menos semimaterial e semiterrestre, como o cérebro físico, que por sua vez é o veículo do Manas inferior, entronizado no Kâma-Rûpa. E é este que se vai aniquilando gradualmente nos casos de "segunda morte".

Entretanto, esse aniquilamento [41] não significa a simples descontinuidade da vida humana na Terra, pois a Terra já é o Avitchi, e o pior de todos os Avitchis possíveis. Se expulso para sempre da consciência da Individualidade o Ego reencarnante, os átomos físicos e as vibrações psíquicas da personalidade então separada se encarnam imediatamente na própria Terra, em uma criatura inferior e ainda mais abjeta, que só tem de humana a forma, e que é condenada a tormentos kármicos durante toda a sua nova vida. E se persistir em seu comportamento criminoso e dissoluto terá de sofrer uma longa série de reencarnações imediatas.

Aqui duas questões se apresentam: 1.º Em tal caso, que sucede com o Ego Superior? 2.º Que espécie de animal é uma criatura humana nascida sem alma?

Antes de dar resposta a essas perguntas, ambas perfeitamente naturais, quero advertir os leitores nascidos em países cristãos de que a história da missão redentora de Jesus, tal como hoje corre mundo, foi elaborada por alguns iniciados excessivamente liberais com base na misteriosa e estranha doutrina da experiência terrena do Ego reencarnante. Em verdade, este é a vítima propiciatória do seu próprio Karma gerado em Manvantaras precedentes; e contrai voluntariamente o dever de salvar o que sem ele seria um homem ou personalidade sem alma. A verdade oriental é, portanto, mais filosófica e mais lógica do que a ficção ocidental.

O Christos ou Buddhi-Manas de cada homem não é um Deus inteiramente inocente e sem pecado, ainda que em certo sentido seja o "Pai", essencialmente idêntico ao Espírito Universal, e ao mesmo tempo o "Filho", por estar Manas no escalão que se segue ao "Pai". Pela encarnação, o Filho Divino toma sobre si os pecados de todas as personalidades que vai animar; e não o pode fazer senão por intermédio do seu delegado ou reflexo, o Manas inferior. O caso único em que o Ego Divino pode subtrair-se à responsabilidade individual e à punição, como Princípio-guia, é quando se separa da personalidade; porque então a matéria, com suas vibrações psíquicas e

(41) Aniquilação é aqui a ausência na MEMÓRIA eterna de todo e qualquer vestígio da alma condenada; e, portanto, significa aniquilação na eternidade.

astrais, e pela própria intensidade de suas combinações, se emancipa do domínio do Ego. O dragão Apophis é o vencedor, e o Manas reencarnante se separa pouco a pouco do seu tabernáculo, até desprender-se definitivamente da alma psicoanimal.

Respondo, assim, à primeira pergunta:

1.º O Ego Divino ou reinicia imediatamente, sob o impulso do próprio Karma, uma nova série de encarnações, ou busca e encontra refúgio no seio de sua Mãe. Alaya ou Alma Universal, cujo aspecto manvantárico é Mahat. Livre das impressões da personalidade, submerge em uma espécie de interlúdio nirvânico, onde não há senão um eterno presente, que absorve o passado e o futuro. Por falta do "lavrador", perdem-se o campo e a colheita; e o dono, na infinidade de seu pensamento, não guarda nenhuma lembrança daquela ilusão fugaz e finita que foi a sua última personalidade. É então que esta verdadeiramente se aniquila.

2.º O futuro do Manas inferior é mais terrível, e ainda muito mais terrível para a humanidade que para o agora homem animal. Sucede algumas vezes que, depois da separação, a Alma, esvaziada, tendo atingido o máximo de animalidade, se extingue no Kâma-Loka, como todas as outras almas animais. Mas, quanto mais material a mente humana, maior a sua duração; e por este motivo, mesmo no período intermédio, ocorre amiúde que, depois de terminada a vida do homem sem alma, torna ele a reencarnar várias vezes em novas personalidades, qual a qual mais abjetas. O impulso da *vida animal* é demasiado forte, e não pode esgotar-se apenas em uma ou duas existências. Em casos muito raros, todavia, quando o Manas inferior está condenado a perecer por *inanição,* quando já não há a mais leve esperança de que sequer uma tênue réstia de luz, sob favoráveis condições (como, por exemplo, um breve período de aspiração espiritual e de sincero arrependimento), consiga atrair a ele o Ego paterno, e o Karma conduza o Ego Superior a novas encarnações, então algo infinitamente mais terrível pode acontecer. O fantasma kâma-manásico pode transformar-se no que o Ocultismo chama o "Morador do Umbral".

Esse Morador em nada se parece com aquele tão pitorescamente descrito em *Zanoni*; é um fato real da Natureza, não uma ficção romântica, em que pese ao seu possível encanto. Bulwer, contudo, deve ter-se inspirado na idéia de algum iniciado oriental.

O "Morador do Umbral", conduzido pela afinidade e a atração, força a entrada na corrente astral, através do novo tabernáculo habitado pelo Ego paterno, e declara guerra à luz inferior que o substituiu. É claro que isto somente pode ocorrer em caso de debilidade moral da personalidade assim obsidiada. O homem de conduta reta e virtuosa não corre esse risco, e nada tem a temer; mas tão só aqueles de coração envilecido. Roberto Luís Stevenson visionou algo nesse sentido, quando escreveu *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde,* romance que é uma verdadeira alegoria. Todo chela reconhecerá nele um fundo de verdade, e em Mr. Hyde um Morador do Umbral, um obsessor da personalidade, do tabernáculo do Espírito-Pai.

"E um conto de pavor!", disse-me certa vez uma pessoa que já se não encontra em nossas fileiras e que sofria a obsessão de um iniludível "Morador", um "Mr. Hyde" que o acompanhava quase sempre. "Como pode alguém ser vítima de semelhante coisa, sem o saber?" Sim, pode sê-lo, e assim acontece; e já tive ocasião de dizer algo sobre este assunto em *The Theosophist*:

"A alma, a mente inferior, se converte em um princípio semi-animal, quase paralisado em virtude dos vícios quotidianos, e gradualmente perde a consciência de sua metade subjetiva, o Senhor que faz parte da poderosa Legião; [e] em proporção com o rápido desenvolvimento sensorial do cérebro e dos nervos ela [a alma pessoal] acaba, mais cedo ou mais tarde, por perder definitivamente de vista sua missão divina na Terra."

Em verdade:

"Como o vampiro, o cérebro alimenta-se e vive e cresce às expensas de seu pai espiritual... e a alma pessoal, semi-inconsciente, torna-se irracional, sem esperança de redimir-se, porque impotente para discernir a voz do seu Deus. Sua aspiração limita-se a compreender com mais amplitude a vida natural e terrena; e assim pode apenas descobrir os mistérios da natureza física... começa por morrer virtualmente durante a vida do corpo; e acaba morrendo completamente — isto é, sendo *aniquilada como alma inteiramente imortal*. Semelhante catástrofe não raro ocorre muitos anos antes da morte física: 'Na vida nós esbarramos a cada passo com homens e mulheres sem alma.' E quando chega a morte... já não há uma alma (o Eu Espiritual reencarnante) a libertar... porque *anos antes ela se apartou*."

Em suma: Privada de seus Princípios-guias, mas fortalecida pelos elementos materiais, Kâma-Manas deixa de ser uma "luz derivada", convertendo-se em Entidade autônoma. Depois de afundar-se cada vez mais no plano animal, e havendo soado a hora da morte do corpo terrestre, sucede uma destas duas coisas: Kâma-Manas ou renasce imediatamente em Myalba, que é o estado de Avitchi na Terra [42], ou, se desenvolveu a extremos o poder de sua maldade (fazendo-se "imortal em Satã", conforme a expressão oculta), pode às vezes ficar, para fins kármicos, em um ativo estado de Avitchi na aura terrestre. Então, perdida toda a esperança, assume ele um caráter semelhante ao do "diabo" mítico com sua ilimitada maldade; e persiste em seus elementos, que são cada vez mais impregnados com a essência da Matéria, porque o Mal é inerente à matéria separada do Espírito. E quando o seu Ego Superior se reencarnar novamente, para evolucionar outro reflexo, ou Kâma-Manas, o Ego inferior condenado, qual monstro de Frankenstein, se sentirá atraído para o Pai que o repudiará, e se transformará em um verdadeiro "Morador do Umbral" da vida terrena.

As linhas gerais dessa doutrina já foram por mim expostas há algum tempo [43], mas sem descer a pormenores, que então não me era possível dar;

(42) A vida terrestre é o único Avitchi (inferno) que existe para os seres humanos que habitam este planeta. Avitchi não é um lugar, senão um estado, que é o oposto do Devachan. Esse estado acompanha a alma aonde quer que vá, seja como espectro semiconsciente no Kâma-Loka, seja quando renasce em um corpo humano para sofrer o Avitchi. Outro inferno não no reconhece a nossa filosofia.

(43) Veja-se *The Theosophist*, outubro de 1881 e novembro de 1882.

e por isso fiquei em certa dificuldade quando me solicitaram explicações. Mas escrevi o suficiente a respeito dos "zangões inúteis" que se negam a colaborar com a Natureza e perecem aos milhões durante o ciclo de vida manvantárico; daqueles que, como no caso de que ora nos ocupamos, preferem continuar sofrendo no Avitchi sob o império da lei kármica a renunciar ao "mal", e finalmente dos que só colaboram com a Natureza quando se trata de destruir. São homens profundamente malvados e corrompidos; mas tão altamente intelectuais e *espirituais* no sentido do mal como os que o são no sentido do bem.

"Os Egos (inferiores) desses homens podem escapar à destruição ou aniquilamento final durante ainda muitas idades."

Assim, temos na Terra duas espécies de seres sem alma: os que perderam o Ego Superior na presente encarnação, e os que já nasceram sem alma, por se terem separado da Alma Espiritual na vida precedente. São candidatos ao Avitchi os primeiros; os outros são "Mr. Hydes", que atuam *dentro* do corpo humano ou *fora* dele, ou seja, ora encarnados, ora invisíveis, como poderosos fantasmas. Tais criaturas chegam a desenvolver um grau incrível de astúcia; e ninguém, salvo os que estejam familiarizados com o ensinamento oculto, suspeitaria de que são seres sem alma, pois nem a religião nem a ciência têm a menor idéia de que fatos semelhantes podem realmente existir na Natureza.

Entretanto, para a personalidade a quem os seus vícios fizeram perder a Alma Superior, resta ainda uma esperança, enquanto estiver ocupando o corpo físico. Poderá redimir-se mediante a conversão de sua natureza material. Porque um intenso sentimento de contrição, um sincero arrependimento, ou um apelo ardente ao Ego que se separou, e, acima de tudo, um esforço deliberado e ativo para corrigir-se, bastam para trazer de volta o Ego Superior. O elo ainda não se rompeu de todo, mas o Ego já não é fácil de alcançar, porque "o Antahkarana está destruído" e a Entidade pessoal tem um pé em Myalba [44]; sem embargo, um veemente e sincero apelo espiritual pode ser ouvido.

Em *Ísis sem Véu* [45] fizemos outra afirmação sobre este assunto. Dissemos que tão terrível morte pode ser algumas vezes evitada pelo conhecimento do NOME misterioso, da "PALAVRA" [46]. O que é esta "PALAVRA", que não é uma "Palavra", mas um SOM, todos vós o sabeis. Sua força está no ritmo ou entonação. Quer isto dizer simplesmente que até uma pessoa má pode, com o estudo da Ciência Sagrada, conseguir sua redenção e deter-se no caminho da perdição. Mas, se não estiver em uníssono com o Ego Superior,

(44) Veja-se *Voice of the Silence*, pág. 97.

(45) *Loc. cit.*

(46) Leia-se a última nota da pág. 368 do vol. II de *Ísis sem Véu*, e ver-se-á que até egiptólogos profanos e homens que, como Bunsen, ignoravam a Iniciação ficaram surpreendidos com o próprio descobrimento ao darem com a "Palavra" mencionada em velhos papiros

de nada lhe valerá a "Palavra", ainda que venha a repeti-la dez mil vezes por dia, como um papagaio. Ao contrário, os efeitos nesse caso serão inteiramente o inverso, porque os "Irmãos da Sombra" a empregam freqüentemente com propósitos malignos, sendo então despertados e postos em atividade somente os elementos materiais e nocivos da Natureza. Se, porém, tiver uma natureza voltada para o bem, e invocar com sinceridade o EU SUPERIOR, que outro não é senão o AUM, por mediação do Ego Divino que corresponde à terceira letra, assim como Buddhi à segunda, rechaçará todos os ataques do dragão Apophis. Muito se espera daqueles a quem muito se deu. Ao que bate à porta do Santuário, com pleno conhecimento do seu caráter sagrado, e que, depois de admitido, se retira do limiar e retrocede sobre os seus passos, dizendo: "Oh! não há nada ali", e assim perdendo a oportunidade de aprender toda a verdade — a esse não cabe senão aguardar o seu Karma.

Tais são as explicações esotéricas acerca de um tema que causou perplexidade a tanta gente, que acreditou ver contradições em vários escritos teosóficos, inclusive no artigo "Fragmentos de uma Verdade Oculta", publicado nos vols. III e IV de *The Theosophist*.

Contudo, antes de dar por encerrado o assunto devo acrescentar um conselho de precaução, que vos peço jamais esquecer.

É de todo natural, para aqueles de vós que são esoteristas, esperar que nenhum esteja incluído naquela fração da humanidade que não possui alma, achando-se todos, assim, inteiramente tranqüilos com respeito ao Avitchi, tal como o bom cidadão que nada tem a recear do código penal. Ainda que vos encontreis precisamente na Senda, já vos aproximais de suas lindes, e muitos de vós seguem a direção certa. Entre os pecados veniais, inevitáveis em nosso meio social, e a espantosa maldade descrita em uma nota do editor da obra *Satã* de Eliphas Lévi [47], medeia um abismo. Se não estamos "imortalizados no bem por identificação com (o nosso) Deus" ou AUM (Âtmâ-Buddhi-Manas), certamente que não nos temos feito "imortais no mal" pela união com Satã (o Eu inferior).

Esqueceis, porém, que há um começo para tudo; que o primeiro passo na ladeira escorregadia da montanha é o antecedente necessário da queda no despenhadeiro e nos braços da morte. Longe de mim a suspeita de que algum estudante de esoterismo tenha chegado a ponto de tal modo ínfimo em seu plano espiritual descendente. Em todo o caso, a todos aconselho que evitem dar o primeiro passo. Talvez não chegásseis ao fundo do abismo nesta existência ou na próxima; poderíeis, no entanto, engendrar agora as causas de vossa segura ruína espiritual em subseqüentes encarnações — a terceira, a quarta, a quinta ou outras. Na grande epopéia hindu se lê que uma mãe, cujos filhos haviam todos perecido na guerra, se queixava a Krishna de que, apesar de ter suficiente visão espiritual para esquadrinhar até cinqüenta de seus anteriores nascimentos, não via em seu passado nenhum pe-

(47) Veja-se: *The Theosophist*, de outubro de 1881, págs. 14 e seguintes.

cado capaz de gerar tão terrível Karma. Respondeu-lhe Krishna: "Se tu pudesses retroceder à tua qüinqüagésima primeira vida, como eu o posso, ver-te-ias matando com inaudita crueldade, por mero divertimento, tantas formigas quantos foram os filhos que acabas de perder." Naturalmente que é um exagero poético; mas a imagem mostra, com inusitado vigor, como causas aparentemente insignificantes podem ter enormes conseqüências.

O bem e o mal são relativos; e se agravam ou se atenuam conforme as condições ambientes. Aquele que pertence à chamada "massa anônima da humanidade", isto é, à maioria ignara, é irresponsável em grande número de casos. Os crimes cometidos por ignorância (Avidyâ) acarretam responsabilidades (Karma) físicas, mas não morais. Temos os exemplos dos idiotas, das crianças, dos selvagens e das pessoas rudes que não sabem discernir as coisas. Mas caso muito diferente é o dos que contraíram um compromisso com o EU SUPERIOR. *Não se pode invocar impunemente essa Divina Testemunha*; pois, uma vez que nos colocamos sob a sua tutela, pedimos à Radiante Luz que iluminasse os sombrios recantos do nosso ser. Com isso invocamos conscientemente a Justiça Divina do Karma, para que anotasse os nossos motivos, espreitasse as nossas ações e inscrevesse tudo em nossa conta. O passo que então demos é tão irreversível como o da criança que nasce. Nunca mais podemos devolver-nos à matriz de Avidyâ e da irresponsabilidade. Ainda que fugíssemos para as mais longínquas regiões da Terra, a fim de ocultar-nos da vista dos homens, ou buscássemos o esquecimento no tumulto do torvelinho mundano, ali nos descobriria a Luz do Ego Divino e deixaria em plena claridade os nossos pensamentos, palavras e ações.

Tudo o que H. P. B. pode fazer é enviar a todos os leitores a expressão de sua mais sincera e fraternal simpatia, com os votos para que seus esforços sejam coroados de êxito.

Que a coragem jamais vos abandone; perseverai no vosso intento [48], pois vinte malogros não são irremediáveis, se os fizerdes seguir de outros tantos esforços decididos para escalar as alturas. Não é assim que se chega aos cumes das montanhas? E, por outra parte, deveis ter presente que, se o Karma registra inflexivelmente na conta de um esoterista culpas que deixaria passar por alto na de um ignorante, também é verdade que cada boa ação do esoterista é cem vezes mais intensa e poderosa no sentido do bem, devido à sua associação com o Eu Superior.

Finalmente, lembrai-vos de que, apesar de não verdes o Mestre à vossa cabeceira, nem ouvirdes o mais leve rumor no silêncio da noite tranqüila, ao vosso lado está a Santa Potestade, a Sagrada Luz que resplandece nas horas de vossas necessidades e aspirações espirituais; e não será por culpa dos MESTRES, nem de sua humilde serva e porta-voz, que algum de vós, por maldade ou fraqueza moral, irá divorciar-se dessas potências superiores e deixar-se arrastar no declive que conduz ao Avitchi.

(48) Leia-se: *Voice of the Silence*, págs. 40 e 63.

APÊNDICE

NOTAS SOBRE OS APONTAMENTOS I, II E III

Página 77

Os estudantes ocidentais têm uma idéia vaga, ou não fazem a menor idéia, das forças que existem latentes no Som — as vibrações akâshicas que podem ser postas em ação por quem saiba como se pronunciam certas palavras. O *"Om"* e o *"Om manipadme hum"* estão em afinidade espiritual com as forças cósmicas; mas sem o conhecimento da ordenação natural ou do modo como são dispostas as sílabas não é possível obter senão um efeito incompleto. "Om" equivale sem dúvida a "Aum", que se pode pronunciar como duas, três ou sete sílabas, provocando vibrações diferentes.

Ora, as letras, como signos fonéticos, não deixam de corresponder a notas musicais, e portanto a números, cores, Forças e Tattvas. Quem se lembrar de que o Universo é formado de Tattvas compreenderá algo do poder inerente aos signos fonéticos. Cada letra do alfabeto, quer se divida este em três, quatro ou sete setenários, tem sua própria cor ou matiz especial. Quem conhecer as cores das letras do alfabeto, e os números que correspondem às sete cores e aos quarenta e nove matizes da escala de planos e forças, e conhecer ao mesmo tempo sua respectiva ordem nos sete planos, facilmente dominará a arte de pô-los em afinidade ou interação. Mas aqui surge uma dificuldade. Os alfabetos senzar e sânscrito, assim como os de outras línguas ocultas, têm (além de outras propriedades) número, cor e sílaba distintos para cada letra; e o mesmo sucedia com o antigo hebraico de Moisés. Mas — quantos estudantes conhecem algum desses idiomas? Quando chegar a oportunidade, bastará ensinar-lhes os números e as cores correspondentes ao alfabeto latino (tal como são as letras pronunciadas em latim, e não nas línguas anglo-saxônicas, escocesa ou irlandesa), o que, por enquanto, é prematuro.

É necessário saber a cor e o número, não só dos planetas, senão também das constelações zodiacais, que correspondem a cada letra do alfabeto, para tornar *operativa* [1] uma sílaba especial, e até mesmo uma letra. Se, por exem-

(1) Veja-se: *Voice of the Silence*, pág. VIII

plo, quiser um estudante que Buddhi se torne operativo, terá que ajustar as primeiras palavras do mantra ao tom da nota *mi*. Além disso, acentuar bem o *mi*, e produzir mentalmente a cor amarela desta nota, em todos os *emes* de *"Om mani padme hum"*. Não porque a nota *mi* tenha igual nome em sânscrito ou em senzar (o que não acontece), mas porque o *M* segue a primeira letra e é ainda, nesta fórmula sagrada, a sétima e a quarta letra. Como Buddhi, é a segunda: como Buddhi-Manas, é a segunda combinada com a terceira.

H. P. B.

Página 84 [2]

O Quatro pitagórico, ou Tetraktys, era o símbolo do Cosmos, por conter dentro de si o ponto, a linha, a superfície e o volume; em outras palavras, o essencial de todas as formas. Sua representação mística é o ponto dentro do triângulo. A Década, ou número perfeito, está contido no Quatro; assim: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$.

Página 97

	Domingo	2.ª-feira	3.ª-feira	4.ª-feira	5.ª-feira	6.ª-feira	Sábado
1.º Quarto	☉	☽	♂	☿	♃	♀	♄
2.º Quarto	♂		♃	♀	♄	☉	☽
3.º Quarto	♃	♀	♄	☉	☽	♂	☿
4.º Quarto	♄	☉	☽	♂	♀	♃	♀

Página 88

A passagem obscura: "Convém não perder de vista . . . como em baixo, sempre o mistério!" [3] far-se-á mais clara ao estudante se for um pouco ampliada.

O "Triângulo Primordial" é o Segundo Logos, que se reflete como Triângulo no Terceiro Logos, ou Homem Celeste, e depois desaparece. O Terceiro Logos, que contém a "potência da criação formativa", desenvolve o Triângulo em Tetraktys, e deste modo se converte no Sete, a Força Criadora, perfazendo uma Década com o Triângulo Primordial de que se originou.

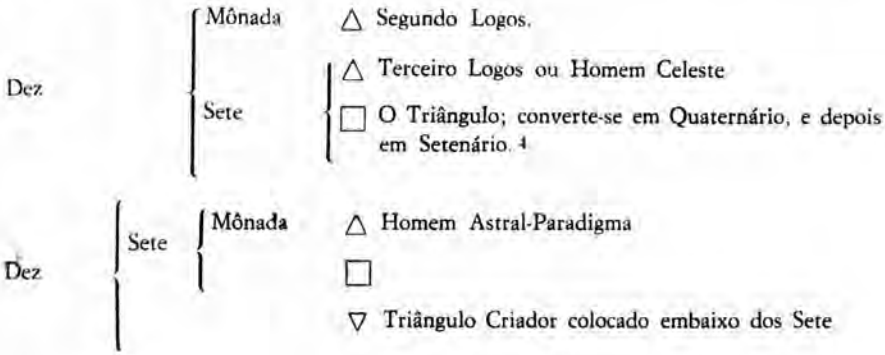
(2) As notas a seguir foram preparadas pelos estudantes e aprovadas por H. P. B.

(3) Pág. 88.

Quando este Triângulo celeste e o Tetraktys se refletem no Universo da Matéria como o homem astral-paradigma, ficam invertidos; e o Triângulo, ou potência formativa, se transfere para baixo do Quaternário, com o seu vértice voltado para baixo: a Mônada deste homem astral-paradigma é igualmente um Triângulo, que tem com aquele outro a mesma relação que existe entre o Triângulo Primordial e o Homem Celeste. Daí a frase: "o Triângulo Superior . . . se transfere para o homem de barro abaixo *dos sete*". E ainda: o Ponto, ampliando-se em Triângulo, e a Mônada, convertendo-se em Ternário, vão formar, com o Quaternário e o triângulo inferior criador, a Década, o número perfeito. "Como é em cima, assim é em baixo."

Deve agora o estudante relacionar estas explicações com o exposto na pág. 119 deste volume. Ali o Triângulo superior apresenta as cores violeta, anil e azul, associando-se o violeta, paradigma de todas as formas, ao anil como Mahat, e ao azul como Aura Âtmica. No Quaternário, o amarelo, como substância, é associado ao amarelo-alaranjado, a Vida, e ao vermelho-alaranjado, a potência criadora. O verde é o plano intermediário.

A fase imediata não está explicada. O verde passa a violeta, anil, azul, abrindo-se o Triângulo para recebê-lo e formando-se assim o Quadrado violeta-anil-azul-verde. Separa-se o verde do vermelho-alaranjado, amarelo-alaranjado e amarelo, e deste modo perdem estes três o seu quarto companheiro, passando a formar um triângulo. O triângulo gira de modo que o seu vértice fica apontado para baixo, a fim de descer na matéria, e, "refletindo-se no plano da natureza densa, aparece invertido", como no diagrama seguinte:



No Homem Perfeito, o vermelho fica absorvido pelo verde; o amarelo identifica-se com o anil; o amarelo-alaranjado é absorvido pelo azul; e o violeta permanece fora do Homem Verdadeiro, embora com ele relacionado. Ou, interpretando as cores: Kâma é absorvido pelo Manas Inferior; Buddhi

(4) Veja-se o Vol. I.

e Manas se unificam; Prâna é absorvido no Ovo Áurico; ficando o corpo físico fora da vida real, ainda que a ela associado.

A. B.

Página 123

Aos cinco sentidos que o homem atualmente possui, mais dois serão acrescentados neste planeta. O sexto sentido é o da percepção psíquica da cor, e o sétimo o da percepção espiritual do som. Do Apontamento II constam as ordens de vibrações das sete cores primárias e suas modulações. Observando-as, vê-se que cada cor se distingue da precedente por uma diferença de 42, ou 6 x 7.

462	Vermelho	+ 42 =	504	
504	Laranja	+ 42 =	546	
546	Amarelo	+ 42 =	588	
588	Verde	+ 42 =	630	Terceira oitava da percepção psíquica das cores
630	Azul	+ 42 =	672	
672	Anil	+ 42 =	714	
714	Violeta	+ 42 =	756	
756	Vermelho			

Procedendo agora de maneira inversa, subtraindo 42, vemos que a primeira cor, ou a cor-base, para o nosso globo, é o verde.

—	Verde	
42	Azul	Primeira semi-oitava
84	Anil	
126	Violeta	
168	Vermelho	
210	Laranja	
252	Amarelo	
294	Verde	Segunda oitava
336	Azul	
378	Anil	
420	Violeta	
462	Vermelho	

A segunda e a quarta oitavas seriam os raios caloríficos e actínicos, invisíveis para os nossos atuais meios de percepção.

O sétimo sentido é o da percepção espiritual do som. Assim como as vibrações do sexto crescem à razão de 6 x 7, as do sétimo aumentam à razão de 7 x 7, de acordo com a seguinte tabela:

—	Fá	Som Verde	Primeira semi-oitava
49	Sol	" Azul	
98	Lá	" Anil	
147	Si	" Violeta	
196	Dó	" Vermelho	Segunda oitava
245	Ré	" Laranja	
294	Mi	" Amarelo	
343	Fá	" Verde	
392	Sol	" Azul	
441	Lá	" Anil	
490	Si	" Violeta	
539	Dó	" Vermelho	
	Etc., etc.		

O quinto sentido, já o possuímos; possivelmente é o da forma geométrica, e a razão de sua progressão seria de 5 x 7, ou 35.

O quarto sentido é o da audição física (música), sendo de 4 x 7 a razão, ou 28. Este fato se acha confirmado pelas teorias científicas referentes às vibrações das notas musicais. Nossa escala é a seguinte:

—, 28, 56, 84, 112, 140, 168, 196, 224, 252, 280, 308, 336, 364, 392, 420, 448, 476, 504, 532, 560, 588, 616, 644, 672, 700.

Segundo a ciência musical, as notas C, E, G [5] são proporcionais, em suas vibrações, aos números 4, 5, 6. A mesma proporcionalidade se observa entre as notas das tresquiálteras G, B, D, e F, A, C. Isto dá a escala; e, reduzindo as vibrações a C=1, as razões das sete notas em relação a C ficam sendo:

1	9/8	5/4	4/3	3/2	5/3	15/8	2
C	D	E	F	G	A	B	C'

Convertendo em números inteiros, obtemos para uma oitava:

24	27	30	32	36	40	45	48
C'	D	E	F	G	A	B	C"

Analogamente, podemos colocar uma oitava debaixo de C' e outra acima de C". Alinhando estas três oitavas, e operando a multiplicação por sete, teremos uma correspondência quase exata com a nossa tábua de vibrações do quarto sentido.

---

(5) [O texto passa a empregar a notação musical inglesa. Para facilitar a compreensão do leitor, eis aqui o seu equivalente: A = Lá; B = Si; C = Dó; D = Ré; E = Mi; F = Fá; G = Sol.]

TÁBUA MUSICAL

Quarto sentido	Escala de relações	Produto	
28	4 × 7 =	28	E
56	8 × 7 =	56	F
84	12 × 7 =	84	G
112	16 × 7 =	112	A
140	20 × 7 =	140	B
168	24 × 7 =	168	C
196	27 × 7 =	189	D
...	30 × 7 =	210)	E
224	32 × 7 =	224	F
252	36 × 7 =	252	G
280	40 × 7 =	280	A
308	45 × 7 =	315	B
336	48 × 7 =	336	C
364	54 × 7 =	378	D
392			
420	60 × 7 =	420	E
448	64 × 7 =	448	F
476			
504	72 × 7 =	504	G
532			
560	80 × 7 =	560	A
588			
616	90 × 7 =	630	B
644			
672	96 × 7 =	672	C

H. C

NOTAS SOBRE ALGUNS ENSINAMENTOS ORAIS

OS TRÊS ARES VITAIS

O Akâsha puro circula por Sushumnâ: seus dois aspectos fluem por Idâ e Pingalâ. São os três ares vitais, simbolizados pelo cordão bramânico. A Vontade e o Desejo são, respectivamente, o aspecto superior e o inferior de uma coisa só. Daí a importância de se manterem puros os canais; porque, se houver contaminação dos ares vitais, avigorados pela Vontade, o resultado será magia negra. Esta a razão por que se proíbe todo comércio sexual na prática do Ocultismo.

De Sushumnâ, Idâ e Pingalâ parte uma corrente que, desde o canal central, circula por todo o corpo. (O Homem é uma árvore; em si contém o macrocosmo e o microcosmo. Explica-se, portanto, o emprego da árvore como símbolo; a corporação dos Dhyân-Chohans é assim representada.)

O OVO ÁURICO

O Ovo Áurico é constituído por curvas, semelhantes às que se formam na areia quando posta sobre um disco em vibração. Como o corpo, também o átomo tem um Ovo Áurico: todo centro forma o seu. Esse Ovo Áurico, provido dos materiais adequados, é uma defesa. Nenhum animal selvagem, por mais feroz que seja, se aproximará do Yogi assim protegido; pois o seu ovo áurico repulsa todas as influências malignas. Nenhum poder da vontade se manifesta através do Ovo Áurico.

P. — *Que relação há entre a circulação dos ares vitais e o poder que tem o Yogi de fazer do seu Ovo Áurico um meio de defesa contra a agressão?*

R. — É impossível responder a esta pergunta. O conhecimento é a última palavra da Magia. Está relacionado com Kundalini, que tão facilmente pode destruir como preservar. O noviço ignorante poderia matar-se.

P. — *É o Ovo Áurico da criança uma diferenciação do Akâsha em que o Adepto pode enxertar os materiais de que necessita para um determinado objetivo, como por exemplo a formação do Mâyâvi Rûpa?* [1]

(1) [A pergunta foi formulada em termos um tanto obscuros. É evidente que o seu autor desejava saber se o Ovo Áurico é uma diferenciação akâshica na qual a criança, ao tornar-se adulto, e se fosse um Adepto, poderia entretecer os materiais necessários à consecução de algum objetivo especial.]

R. — Se a pergunta se refere à hipótese de poder um Adepto introduzir algo no Ovo Áurico de uma criança, ou sobre ele atuar, respondo que não: tal coisa é impossível, porque o Ovo Áurico está associado ao Karma, e nem mesmo os Adeptos podem intervir nos registros kármicos. Se um Adepto pudesse alterar o Ovo Áurico de uma pessoa com algo de que esta não fosse responsável, ou que não proviesse do Eu Superior da mesma personalidade, como poderia cumprir-se a justiça kármica?

O Adepto, conforme o seu grau, pode utilizar em seu próprio Ovo Áurico elementos da Aura do seu planeta ou do Universo. Esse envoltório é o receptáculo de todas as causas kármicas, e nele ficam fotografadas todas as coisas, como numa placa sensível.

A criança tem um Ovo Áurico muito pequeno, cuja cor se aproxima de um branco imaculado. Quando ela nasce, o Ovo Áurico consiste em Akâsha quase puro, com adição dos Tanhâs, que permanecem latentes ou em estado potencial até o sétimo ano de vida.

O Ovo Áurico de um idiota pode-se dizer que não é humano, por lhe faltar o colorido de Manas. Trata-se mais de vibrações akâshicas do que propriamente de um Ovo Áurico. É uma envoltura material, semelhante à da planta, do mineral ou de um objeto qualquer.

O Ovo Áurico é o agente que transmite as vidas periódicas à Vida eterna, ou seja, de Prâna a Jiva. Desaparece, mas não se desvanece.

A confissão auricular da Igreja Católica romana e da Igrega grega é nociva e perigosa, porque o confessor influi no Ovo Áurico do confitente com o poder de sua vontade, nele enxertando artificialmente emanações de seu próprio Ovo Aurico, como sementes que depois irão ali germinar — tal como sucede com a sugestão hipnótica.

As observações acima se aplicam igualmente ao hipnotismo, embora seja este uma força psicofísica — e é nisto que reside um de seus mais graves perigos. Por outra parte, "uma coisa boa pode servir-se de um canal impuro como veículo", sendo este o caso da sugestão hipnótica empregada para curar os alcoólatras e viciados em entorpecentes. O ocultista pode recorrer ao mesmerismo para extirpar os maus hábitos, se a intenção for perfeitamente pura; porque no plano superior a intenção é tudo, e uma boa intenção há de contribuir para o bem.

P. — *É o Ovo Áurico a expansão da "Coluna de Luz" ou Princípio Manásico, e, portanto, não envolve a criança antes dos sete anos de idade?*

R. — Assim é. No momento em que a criança nasce, o Ovo Áurico é puro, mas a questão está em saber se é o Manas Superior ou o Manas Inferior que lhe vai dar o colorido quando chegar à idade de sete anos. A expansão manásica é Akâsha puro. O raio de Manas desce no vórtice dos Princípios inferiores, e, assim desmaiado e limitado pelos Tanhâs kármicos e pelas deficiências do organismo corporal, forma a personalidade. O Karma hereditário pode alcançar a criança antes dos sete anos; mas o Karma individual só começa a atuar após a descida de Manas.

O Ovo Áurico está para o Homem:

— assim como a Luz Astral está para a Terra;

— o Éter para a Luz Astral;

— e o Akâsha para o Éter.

Omitem-se aqui os estados críticos. São os Centros "Layas", ou os elos que faltam em nossa consciência e que separam aqueles quatro planos um do outro.

O MORADOR

O "Morador do Umbral" existe em dois casos: 1.º Quando o Triângulo se separa do Quaternário; 2.º Quando os desejos e paixões kâmicas são de tal modo intensos que o Kâma-Rûpa persiste no Kâma-Loka até depois do período devachânico do Ego, sobrevivendo assim à reencarnação da Entidade Devachânica (por exemplo, se esta se reencarna dentro de dois ou três séculos). O "Morador" é atraído, por afinidade, ao Ego reencarnado ao qual pertenceu; mas, sendo incapaz de alcançá-lo, adere ao Kâma da nova personalidade, e fica sendo o "Morador do Umbral", que fortalece o elemento kâmico, emprestando-lhe deste modo uma força perigosa. Algumas pessoas enlouquecem por esse motivo.

O INTELECTO

Nem sempre o Adepto branco dispõe inicialmente de poderoso intelecto. H. P. B. conheceu Adeptos cujas faculdades intelectuais eram originariamente abaixo da média. O que confere ao Adepto os seus poderes é a sua pureza, o seu amor a todos os seres, a sua colaboração com a Natureza, com o Karma e com o seu "Deus Interno". O intelecto, só por si, conduzirá à magia negra, porque o acompanham o orgulho e o egoísmo. O que eleva o homem é a intelectualidade *unida* à espiritualidade; porque esta última exclui o orgulho e a vaidade.

A metafísica pertence ao domínio do Manas Superior, e a física ao do Kâma-Manas, que preside ao trabalho mental nas ciências físicas e nas atividades materiais. Como os demais princípios, Kâma-Manas tem sete graus. O matemático sem espiritualidade, por mais sábio que seja, não compreenderá a metafísica; mas o metafísico dominará os mais elevados conceitos da matemática, e saberá como aplicá-los, ainda que não tenha estudado esta última ciência. Para um metafísico nato, carece de muita importância o plano psíquico, cujos erros perceberá logo que entre em contato com ele — pois não está ali o objeto de suas indagações. Quanto à Música e às outras Artes, são filhas do Princípio Manasico ou do Princípio Kâma-Manásico, conforme nelas predomine a alma ou simplesmente o aspecto técnico.

KARMA

Depois de cada encarnação, quando o Raio Manásico retorna ao Pai (o Ego), alguns de seus átomos subsistem dispersos. Estes átomos manásicos, "causas" "tânhicas" ou de outra natureza, são da mesma essência do Manas, sendo atraídos estes, infalivelmente, por ocasião da nova encarnação do Ego, a fim de constituírem o seu Karma. Enquanto não voltarem a reunir-se esses átomos dispersos, a individualidade não estará livre do renascimento. O Manas Superior é responsável pelo raio que emite. Se o raio não estiver maculado, nenhum mau Karma se produzirá.

O ESTADO TURÎYA

Convém lembrar que, para deixar de ter Karma, é preciso que o homem esgote assim o mau como o bom Karma; e que os Nidanas [2] gerados para a aquisição de bom Karma prendem o homem tanto quanto os que são ocasionados por um motivo oposto. São Karma em ambos os casos.

Os Yogis não podem alcançar o estado de Turîya a não ser quando o Triângulo se separe do Quaternário.

MAHAT

Mahat é a Mente Parabrâhmica universal (durante um Manvantara) no Terceiro Plano [do Cosmos]. É a Lei que faz a Luz cair de plano em plano e diferenciar-se. São suas emanações os Mânasaputras.

Somente o Homem é capaz de conceber o Universo neste plano de existência.

A existência *é*; mas, quando a entidade não a sente, a existência deixa de ser para essa entidade. A dor de uma operação cirúrgica existe, embora o paciente não a sinta; para ele, portanto, é como se a dor não existisse.

COMO PROGREDIR

P. — *Qual a pronúncia correta de AUM?*

R. — Primeiro é preciso praticar oralmente, sempre com a mesma entonação, que deve ser descoberta do mesmo modo como o estudante descobre sua cor particular — pois cada um de nós possui um tom que lhe é peculiar.

AUM compõe-se de duas vogais e uma semivogal, devendo esta ser prolongada. Assim como a Natureza tem o seu tom, que é o Fá, assim também cada homem tem o seu; porque o homem é uma diferenciação da Natureza. O corpo deve ser comparado a um instrumento; quem o toca é o Ego. Começamos por produzir efeitos em nós mesmos; e depois aprendemos, pouco a pouco, a pôr em ação os Tattvas e os Princípios. Aprendemos em primeiro

(2) [*Nidanas*, as doze causas da existência, ou uma cadeia de causação.]

lugar as notas, depois os acordes, e por último as melodias. Quando o estudante domina todos os acordes, pode começar a colaborar com a Natureza em benefício dos outros. Pode então, com a experiência adquirida de sua própria natureza, e pelo conhecimento dos acordes, produzir vibrações benéficas ao próximo; e servirá assim de tônica para a obtenção de bons resultados.

Devemos esforçar-nos para ter uma representação bem clara do triângulo geométrico, de sorte que o conceito se torne cada vez mais abstrato e metafísico, até chegar ao Triângulo subjetivo: Âtmâ-Buddhi-Manas. Só pelo conhecimento deste Triângulo em todas as suas formas é que podemos, por exemplo, abranger no presente o futuro e o passado. Lembremo-nos de que é necessário fundir o Quaternário no Triângulo. O Manas Inferior há de ser impelido para cima, juntamente com o Kâma, o Prâna e o Linga, de modo que o inferior reforce o superior; não deixando atrás senão o corpo físico.

Pode-se alcançar progresso em Ocultismo, inclusive no Devachan, se a mente e a alma são orientadas nesse sentido. Mas no estado devachânico será como em um sonho, e o conhecimento se desvanecerá como se desvanece a lembrança de um sonho, a menos que seja conservado vivo por meio do estudo consciente.

O TEMOR E O ÓDIO

O temor e o ódio são, em essência, a mesma coisa. Quem nada teme nunca odeia; e quem não odeia nunca teme.

O TRIÂNGULO

P. — *Que significa a frase: "Devemos ter uma representação bem clara do Triângulo em cada plano?" Por exemplo: como devemos representar o triângulo no plano astral?* [3]

R. — Somente no estado de Turîya, o quarto dos sete graus da Râja-Yoga, é que o Yogi pode ter uma representação do abstrato. Abaixo desse estado, a faculdade perceptiva se acha condicionada, e não pode alcançar o que é *arûpa*; o objeto da contemplação há de ter, portanto, alguma forma.

No estado Turîya, o Triângulo está em nós mesmos, e é percebido. Mas abaixo do estado Turîya é necessário um símbolo para representar Âtmâ-Buddhi-Manas. Não é um simples triângulo geométrico, mas a Tríade, que se traduz por uma imagem para tornar possível o pensamento. E do Manas, integrante desta Tríade, podemos ter alguma representação, ainda que indistinta; mas do Âtmâ não é possível formar nenhuma imagem.

Devemos tentar a representação do Triângulo em planos cada vez mais elevados. Devemos figurar Manas como acostado à sombra de Buddhi, e

(3) [H. P. B. quis saber se a pergunta se referia ao significado do Triângulo ou à maneira de o representar sobre a "tela de luz". O autor da pergunta esclareceu ser esta última a interpretação, e H. P. B. então deu a resposta que se vê no texto.]

imerso em Âtmâ. Unicamente Manas, o Ego Superior, é suscetível de representação; e podemos imaginá-lo como o *Augoeides*, a radiante figura a que se alude em *Zanoni*. Um bom sensitivo consegue vê-lo.

A VISÃO PSÍQUICA

Não é aconselhável, todavia, desejar a visão psíquica: Psyche é terrena e maligna. À medida que a Ciência progredir, far-se-ão conhecer e compreender os aspectos psíquicos. O psiquismo em si nada tem de espiritual. Em sua própria esfera, e do ponto de vista em que se situa, tem razão a Ciência. Consoante a lei de conservação da energia, o fenômeno psíquico é gerado pelo movimento. E como o movimento psíquico só é movimento no plano psíquico, que é um plano material, estão certos os psicólogos que não vêem ali outra coisa senão matéria. Os animais carecem de espírito; mas têm visão psíquica, e são sensíveis às condições psíquicas, que influem na sua saúde e em seu estado físico, como se pode observar.

O Movimento é a Divindade abstrata; no plano superior é *arûpa*, absoluto; mas no plano inferior, o nosso, é puramente mecânico. A ação psíquica se inclui na esfera do movimento físico. Antes que se possa desenvolver no cérebro e nos nervos, é preciso haver nestes órgãos uma atividade consentânea que a faça gerar no plano físico. O animal paralítico, que é incapaz de determinar uma ação no corpo físico, não pode pensar. Os psíquicos vêem simplesmente em um plano de densidade material diferente; e, se às vezes têm alguma percepção espiritual, esta lhes chega de planos superiores. A visão psíquica é comparável à do homem que, ao entrar em uma sala iluminada, vê tudo o que ali existe, graças a essa luz artificial; mas que já nada verá quando apagada a luz. Na visão espiritual, o homem vê com a luz interna, a luz oculta debaixo do alqueire do corpo [4], que lhe permite ver claramente e sem depender das coisas externas. Como o psíquico vê por meio de uma luz externa, sua visão é colorida pela natureza desta luz.

A uma senhora que lhe declarou ter a impressão de ver em três planos, H. P. B. respondeu que todo plano é sétuplo, o plano astral como os demais. E deu como exemplo no plano físico o fato de que uma mesa, que se vê com o sentido visual, continua a ser vista com os olhos fechados, devido à impressão produzida na retina; sua imagem perdura no cérebro; a memória a reproduz; pode ser vista em sonho; e também como um aglomerado de átomos, ou, ainda, desintegrando-se. E tudo isso se passa no plano físico. Podem-se recomeçar as coisas no plano astral e obter outro setenário. Cumpre aproveitar a sugestão e ampliá-la.

O TRIÂNGULO E O QUATERNÁRIO

P. — *Por que o violeta, a cor do Linga Sharira, é colocado no ápice do* △, *quando o Macrocosmo é figurado como* △, *passando o amarelo, que é a cor de Buddhi, para o Quaternário inferior* □?

(4) [Alusão à parábola da candeia no Evangelho de São Marcos, IV, 21, e no de São Lucas, XI, 33. — N. do Trad.]

R. — Não é correto falar de "Quaternário inferior" no Macrocosmo. É o Tetraktys, o mais excelso e sagrado de todos os símbolos. Chega o momento em que, na mais prefunda meditação, o Manas inferior é absorvido pela Tríade, deste modo convertida no Quaternário ou Tetraktys pitagórico; e o que era o Quaternário se reduz à Tríade inferior, já então invertida. A Tríade se reflete no Manas inferior. O Manas Superior não pode refletir-se; mas o verde, ao trasladar-se para cima, fica sendo o seu espelho, e então se transmuta, deixando de ser o verde, por haver transcendido suas associações. A Psyche espiritualiza-se, o Ternário reflete-se no Quarto, e o Tetraktys então se forma. Durante a vida é preciso haver algo para refletir a Tríade Superior; porque deve existir algo que transmita à consciência em vigília as experiências adquiridas no plano superior. O Manas inferior é como uma placa que retém as impressões recebidas durante o êxtase.

É na Quarta Senda que se entra no estado de Turîya; ver-se-á este representado no diagrama da página 119 do Apontamento II.

P. — *Que significa um triângulo formado de linhas de luz e que se destaca no meio de um azul de intensas vibrações?*

R. — O Triângulo visto do exterior não é nada; apenas um reflexo da Tríade no Envoltório Áurico — prova de que o vidente está fora do Triângulo. É de maneira completamente diversa que se há de vê-lo. Devemos tentar a nossa fusão com ele, identificar-nos com ele. Estamos simplesmente vendo as coisas no plano astral. Mas "quando em nós estiver aberto o terceiro olho, teremos algo muito diferente para contar".

P. — *Com referência à "Coluna de Luz" mencionada em pergunta anterior, é o Envoltório Áurico o Eu Superior, e corresponde ao Anel Que Não Se Deve Transpor?*

[Esta pergunta ficou sem resposta, porque ia demasiado longe. O "Anel Que Não Se Deve Transpor" é a circunferência do Universo manifestado.]

NIDÂNAS

P. — *A raiz dos Nidânas é Avidyâ. Qual é a diferença em relação a Mâyâ? Quantos são, esotericamente, os Nidânas?*

R. — Também aqui é perguntar demasiado. Os Nidânas, encadeamentos de causas e efeitos (não no sentido que lhes atribuem os orientalistas), não provêm da ignorância, mas dos Dhyân-Chohans e dos Devas, de quem não se pode dizer que atuam por ignorância. Nós produzimos Nidânas por ignorância. Toda causa gerada no plano físico repercute eternamente em todos os planos. São os efeitos permanentes, que se refletem de plano em plano na "tela da eternidade".

MANAS

P. — *Qual é a classificação setenária de Manas? Há sete graus no Manas Inferior, e é de presumir que também haja sete graus no Manas Su-*

perior. Há, portanto, quatorze graus de Manas, ou Manas, considerado como um todo, se divide em quarenta e nove fogos Manásicos?

R. — Certamente que há quatorze graus. Mas estais querendo correr antes de saber andar. É preciso conhecer os três, e depois os quarenta e nove. Há três Filhos de Agni, que se desdobram em sete, e estes por sua vez em quarenta e nove. Mas ainda ignorais como se originam os três. Aprendei primeiro a produzir o "Fogo Sagrado", de que nos falam os *Purânas*. Todos os quarenta e nove fogos são estados de Kundalini, que devem ser produzidos em nós mesmos pelo atrito da Tríade. Aprendei primeiro o setenário do corpo, e depois o de cada Princípio. Antes de tudo, porém, deveis conhecer a primeira Tríade (os três ares vitais).

A COLUNA ESPINHAL

P. — *Que é o sistema nervoso simpático, e qual a sua função em Ocultismo? Ele só aparece em certa fase da vida animal, e em sua complexidade apresenta indícios de evolucionar para a formação de uma segunda coluna espinhal.*

R. — No fim da próxima Ronda, a humanidade voltará à condição de macho-fêmea, ou andrógina. Cada indivíduo terá então duas colunas espinhais, que na sétima raça se fundirão em uma. A evolução está em correspondência com as raças; e com a evolução das raças o simpático se transformará em uma verdadeira coluna espinhal. Retornaremos pelo arco ascendente, tendo por acréscimo somente a consciência do Eu.

O homem da sexta raça será como "um saco de textura compacta" [5], mas unirá a perfeição da forma à mais elevada inteligência e espiritualidade

Começam os anatomistas a descobrir novas ramificações e diversificações no corpo humano. Erram, porém, em muitos pontos, como, por exemplo, em relação ao baço, que dizem ser o centro de formação dos glóbulos brancos do sangue, quando é realmente o veículo do Linga Sharira. Os ocultistas conhecem cada uma das mínimas partes do coração, às quais dão nomes relacionados com os Deuses, como: vestíbulo de Brahmâ, vestíbulo de Vishnu, etc. Estão em correspondência com determinadas partes do cérebro. Os próprios átomos do corpo são os trinta e três "crores" [6] de Deuses.

O sistema simpático é posto em ação pelos tantristas, que o chamam a Vinâ [7] de Shiva.

PRÂNA

P. — *Que relação há entre o homem e Prâna, a vida periódica?*

R. — Jiva somente se converte em Prana quando a criança nasce e começa a respirar. Prâna é o sopro da vida, o Nephesh. No plano astral não há Prâna.

---

(5) ["Pudding bags" no texto inglês. — Nota do tradutor.]

(6) [*Crore*, palavra que em bengali quer dizer *dez milhões*.]

(7) [*Vinâ*, espécie de lira usada na Índia e no Tibete, e cuja invenção se atribui a Shiva, a Narada ou a outros.]

ANTAHKARANA

P. — *O Antahkarana é o laço entre o Ego Superior e o Ego Inferior. Corresponde ao cordão umbilical em perspectiva?*

R. — Não. O cordão umbilical que une o corpo astral ao corpo físico é uma coisa real. O Antahkarana é imaginário: uma figura de retórica e apenas o elo entre o Manas Superior e o Manas Inferior. O antahkarana só aparece quando começamos a "dirigir os nossos pensamentos para cima e para baixo". O Mâyâvi-Rûpa, ou corpo Manásico, não tem conexão alguma de ordem material com o corpo físico, nem tampouco possui cordão umbilical. É espiritual e etéreo, e passa por toda a parte sem dificuldade ou impedimento. Difere inteiramente do corpo astral, que reproduz no físico, por repercussão, o dano porventura recebido. A entidade Devachânica, mesmo antes do seu renascimento, pode ser influenciada pelos Skandhas; mas estes nada têm com o Antahkarana. Impressiona-a, por exemplo, o desejo de reencarnação.

P. — *Diz a "Voz do Silêncio" que nos devemos converter no "próprio caminho"; e, em outra passagem, que o Antahkarana é esse caminho. Significa isso algo mais além de que a nós mesmos cabe estender uma ponte sobre o vazio que separa a consciência do Ego Superior da do Ego inferior?*

R. — Isso é tudo.

P. — *Dizem-nos que há sete portais no Caminho. Existe, portanto, uma divisão setenária do Antahkarana? E é Antahkarana o campo de batalha?*

R. — É o campo de batalha. Há sete divisões no Antahkarana. À medida que passamos de cada uma delas para a imediata, estamo-nos aproximando do Manas Superior. Quando tivermos transposto a quarta divisão, poderemos considerar-nos felizes.

DIVERSOS

P. — *Ensina-se que AUM "deve ser exercitado fisicamente". Significa isto que, por ser a cor mais diferenciada que o som, é tão somente pela cor que chegaremos a descobrir o verdadeiro som de cada um de nós? E que AUM não pode revelar o seu significado espiritual e oculto senão quando é dirigido para o Âtmâ-Buddhi-Manas de cada pessoa?*

R. — AUM quer dizer reto procedimento, e não um mero som que os lábios pronunciam. Devemos traduzi-lo em atos.

P. — *Com referência ao △, não é o Âtmâ-Buddhi-Manas diferente em cada entidade, segundo o plano em que se encontre?*

R. — Cada Princípio está em um plano diferente. O discípulo deve elevar-se até ele, um após outro, assimilando-os sucessivamente, de modo que os três sejam um só. Este o verdadeiro fundamento da Trindade.

P. — *Diz A DOUTRINA SECRETA que Akâsha é o Ovo Áurico da Terra, e é ainda Mahat. Qual é então a conexão entre Manas e o Ovo Áurico?*

R. — Mûlaprakriti é o mesmo que Akâsha (em seus sete graus). Mahat é o aspecto positivo de Akâsha, e é o Manas do Corpo Cósmico. Mahat é para o Akâsha o que Manas é para Buddhi; e Pradhâna é apenas outro nome de Mûlaprakriti.

O Ovo Áurico é Akâsha, e tem sete graus. É substância pura e abstrata, e reflete idéias abstratas; mas também reflete coisas concretas e inferiores.

O Terceiro Logos é o mesmo que Mahat, assim como Âlâya, a Mente Universal.

O Tetraktys é o Chatur Vidyâ, ou o quádruplo conhecimento unificado, o Brahmâ de quatro faces.

NÂDIS

P. — *Têm os Nâdis alguma relação definida com as vértebras? Podem ser localizados defronte das vértebras ou entre elas? E pode considerar-se cada um deles como ocupando determinado ponto da coluna espinhal? Correspondem às divisões desta coluna admitidas pelos anatomistas?*

R. — H. P. B. acreditava que os Nâdis correspondiam a regiões da coluna vertebral conhecidas dos anatomistas. Haveria, assim, seis ou sete Nâdis ou plexos ao longo da coluna. Não é, contudo, um termo técnico, mas um termo geral que se aplica a todos os nós, centros, gânglios, etc. Os Nâdis sagrados são os que se estendem ao longo ou por cima de Sushumnâ. A Ciência conhece seis, mas ignora o outro, que fica perto do atlas. Os próprios Yogis da escola Târaka-Râja falam apenas de seis, e nunca mencionam o sétimo.

Idâ e Pingalâ funcionam em toda a extensão da parede curva da coluna em que se acha Shushumnâ. São semimateriais, positivo e negativo, sol e lua, e põem em ação a corrente livre e espiritual de Sushumnâ. Seguem caminhos distintos, que lhes são peculiares; pois de outra forma se ramificariam por todo o corpo. É pela concentração em Idâ e Pingalâ que se gera o "fogo sagrado".

Ao sistema simpático se dá, além do nome de Vinâ de Shiva, o de Vinâ de Kâli.

Os cordões simpáticos, assim como Idâ e Pingalâ, surgem de um ponto sagrado, acima da medula espinhal alongada, chamado Triveni. É um dos centros sagrados, outro dos quais é Brahmarandra, ou, se preferem, a matéria cinzenta do cérebro. É também a fontanela anterior na criança recém-nascida.

A coluna vertebral é denominada Brahmadanda, ou bastão de Brahmâ, e tem como símbolo a vareta de bambu usada pelos ascetas. Os Yogis de além-Himalaia, que se reúnem periodicamente junto ao lago Mânsarovara, carregam uma bengala de bambu com três nós, e são chamados Tridantinos. O simbolismo é idêntico ao do cordão bramânico, que tem muitos outros significados, afora o dos três ares vitais: simboliza, por exemplo, as três iniciações do brâmane, que ocorrem: (*a*) no ato do nascimento, quando o

astrólogo da família lhe dá o nome secreto, que se supõe ditado pelos Devas (dizendo-se por isso que ele foi iniciado pelos Devas); o hindu prefere morrer a revelar esse nome; (*b*) ao completar sete anos, quando recebe o cordão; e (*c*) aos onze ou doze anos, quando se inicia em sua casta.

P. — *Se é conveniente estudar o corpo e seus órgãos, com suas correspondências, podeis dar-nos os principais perfis destas correspondências em relação com os Nâdis e com o diagrama dos orifícios?*

R. Correspondem:

O Baço	ao Linga Sharira
O Fígado	a Kâma
O Coração	a Prâna
Os Tubérculos Quadrigêmeos	a Kâma-Manas
O Corpo Pituitário	a Manas-Antahkarana
A Glânlula Pineal	a Manas

Esta última, a Glândula Pineal, depois de impressionada pela vibrante luz de Kundalini, procedente de Buddhi, passa a corresponder a Buddhi-Manas.

A Glândula Pineal está em correlação com o Pensamento Divino. O Corpo Pituitário é o órgão do plano psíquico. A visão psíquica é causada pelo movimento molecular do corpo pituitário, que está diretamente relacionado com o nervo ótico, influindo assim no órgão visual e dando origem às alucinações. Seu movimento pode facilmente provocar manifestações luminosas, análogas às que resultam de uma pressão sobre o globo ocular. A embriaguez e a febre ocasionam ilusões óticas e auditivas pela ação do Corpo Pituitário. Este chega às vezes a ficar paralisado por efeito da embriaguez. Se há uma influência desta espécie no nervo ótico, a corrente se inverte, e ver-se-á provavelmente a cor complementar

SETE

P. — *Se o corpo físico não faz parte do verdadeiro setenário humano, é o mundo físico material um dos sete planos do Setenário Cósmico?*

R. — Sim. O corpo físico não é um Princípio, esotericamente falando, porque pertence ao mesmo plano que o Linga. O Ovo Áurico é, portanto, o sétimo. O corpo físico é antes um Upâdhi, ou veículo, que um Princípio. A Terra é o Upâdhi da Luz Astral, e se acham tão estreitamente relacionados entre si como o corpo físico e o seu Linga. A divisão inferior do nosso plano é a Terra; a divisão superior o Astral. Convém, todavia, não confundir a luz astral terrestre com a Luz Astral universal.

P. — *Dizem-nos que podemos tomar conhecimento de um objeto físico por sete maneiras distintas: 1. Em contato direto com ele. 2. Por sua reprodução na retina. 3. Por sua retenção na memória. 4. Pelo sonho. 5. Considerando-o atomicamente. 6. Considerando-o em desintegração. — Qual é*

a sétima? Há sete meios de vê-lo; se é assim, são todas as coisas objetivamente setenárias?

R. — As sete pontes cruzam de um a outro plano. O extremo é a idéia, a privação de matéria, e nos leva ao plano imediato. A parte mais alta de um plano toca a parte mais baixa do plano seguinte. O sete é um fator na Natureza, como o é nas cores e nos sons. Em um pedaço de madeira há sete graus, e cada sentido percebe um grau. Na madeira, o odor é o grau mais material, enquanto que em outras substâncias pode ser o sexto grau. As Substâncias são setenárias independentemente da consciência do observador.

Um psicômetra, por exemplo, ao ver um fragmento de madeira, pode dizer a que mesa pertenceu mil anos atrás, porque cada átomo reflete o corpo inteiro de que fez parte, exatamente como as mônadas de Leibnitz.

Às sete subdivisões do plano físico, sucedem as sete do plano astral, seu segundo princípio. A matéria desintegrada, a mais elevada subdivisão física, corresponde à privação da idéia de matéria — o quarto.

O número quatorze é o primeiro degrau entre sete e quarenta e nove. Cada setenário é na realidade um quatorzeno, pois cada um dos sete tem seus dois aspectos. Assim, o quatorzeno significa por sua vez a inter-relação de dois planos. O setenário aparece com toda a clareza nos meses lunares, nas febres, na gestação, etc. Nele se baseiam a semana dos judeus e as Hierarquias do Senhor das Legiões.

SONS

P. — *O Som é um atributo do Akâsha. Mas, se não podemos perceber coisa alguma no plano Akâshico, em que plano identificaremos o som? Em que plano se produz o som pelo contato físico dos corpos? Há som em sete planos, e é um deles o plano físico?*

R. — Sim, o plano físico é um deles. Não podemos ver o Akâsha, mas o sentimos a partir da Quarta Senda. Podemos não ter plena consciência dele, e contudo senti-lo. O Akâsha é a raiz da manifestação de todos os sons. O Som é a expressão ou manifestação de algo que se acha por trás dele, algo que é a origem de muitas correlações. A Natureza toda é uma caixa de ressonância, ou melhor, o Akâsha é a caixa de ressonância da Natureza. É a Divindade, a Vida Una, a Existência Una. (O ouvido depende da vibração das partículas moleculares; a ordem perceptiva está indicada nesta frase: "O discípulo sente, ouve e vê".)

O som pode não ter fim. Dizia H. P. B. que um golpe dado com um lápis sobre a mesa "repercute em todo o Universo; que a partícula danificada destrói algo, que logo se transmuta em outro algo; mas que o efeito é eterno nos Nidânas que produz". Não poderia existir nenhum som se primeiro não fosse produzido no plano astral, e anteriormente no plano akâshico. Akâsha é a ponte entre as células nervosas e as faculdades mentais.

P. — *Se "a cor é psíquica e o som é espiritual", e supondo que sejam vibrações correspondentes à vista e ao ouvido, qual é a ordem sucessiva dos outros sentidos?*

R. — Essa frase não deve ser isolada do seu contexto, para evitar confusões. Os sentidos estão em todos os planos. Na Primeira Raça predominou o sentido do tato, como caixa de ressonância. O tato se diferenciou nos demais sentidos, que se foram desenvolvendo com as raças. O "sentido" da Primeira Raça era o tato, ou seja, a faculdade que os átomos do corpo tinham de vibrar em uníssono com os átomos do exterior. O "tato" significava quase o mesmo que a simpatia.

Os sentidos ocupavam plano diferente em cada Raça. A Quarta Raça, por exemplo, possuía sentidos muito mais desenvolvidos que os nossos, mas em outro plano, e foi uma raça muito materializada. O sexto e o sétimo sentidos se fundirão no som akâshico. "O nome que damos ao sentido do tato está em função do grau de matéria ao qual esteja relacionado."

PRÂNA

P. — *É Prâna o produto das inumeráveis "vidas" do corpo humano, e portanto, até certo ponto, do conjunto de átomos e células do corpo?*

R. — Não. Prâna é o fator destas "vidas". Se, por exemplo, imergirmos uma esponja no oceano, a água que a esponja absorve pode ser comparada a Prâna, e a água do oceano é Jiva. Prâna é o princípio motor da vida. As "vidas" deixam Prâna; Prâna não deixa as "vidas". Se retirarmos a esponja do oceano e a espremermos, ela ficará seca ou sem água, isto é, sem Prâna, sem vida — o símbolo da morte. Todos os Princípios são diferenciações de Jiva; mas o movimento vital em cada Princípio é Prâna, o "sopro da vida". Kâma depende de Prâna; sem este não haveria Kâma. Prâna vivifica todos os desejos, e chama à vida os germes kâmicos.

A SEGUNDA COLUNA VERTEBRAL

P. — *Com referência à resposta sobre a segunda coluna vertebral, como se processará o seu aparecimento na Sexta Raça? Idá e Pingalá terão ductos separados?*

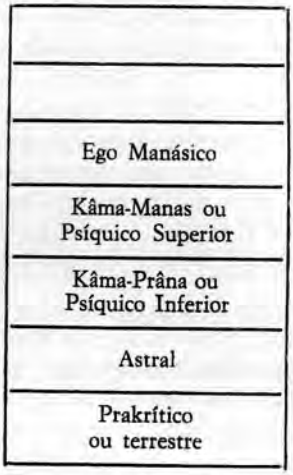
R. — Juntar-se-ão os cordões simpáticos e, desenvolvendo-se, formarão outra coluna vertebral. Idâ e Pingalâ estarão unidos e incorporados a Sushumnâ. Idâ fica à esquerda e Pingalâ à direita da coluna.

INICIADOS

Pitágoras foi um iniciado e um dos maiores homens de ciência. Seu discípulo Arquitas era dotado de excepcional capacidade para a ciência aplicada. Platão e Euclides também eram iniciados; mas Sócrates não o foi. Euclides aprendeu sua Geometria nos Mistérios. Os cientistas modernos apenas redescobrem verdades antigas.

A CONSCIÊNCIA CÓSMICA

H. P. B. passou a referir-se à Consciência Cósmica, e disse que, como todas as demais consciências, atua em sete planos, dos quais três são inconcebíveis e quatro estão ao alcance dos Adeptos superiores. E tracejou esses planos no seguinte diagrama:



Considerado isoladamente, o último plano, o terrestre (que depois se convencionou chamar de Plano Prakrítico) se divide em sete planos, e cada um destes ainda em sete, o que perfaz o total de quarenta e nove.

O PLANO TERRESTRE

Em seguida H. P. B. apresentou as divisões do plano de Prakriti, o inferior ou o verdadeiro plano terrestre, a saber:

Planos terrestres verdadeiros, ou Sétimo Plano (o Prakrítico)	7	Para-Ego ou Âtmico
	6	Ego Interno ou Búddhico
	5	Ego Manásico
	4	Kâma-Manas ou Manas Inferior
	3	Prâna-Manas ou Psíquico
	2	Astral
	1	Objetivo

O plano objetivo ou sensorial é o que é perceptível pelos cinco sentidos físicos.

No segundo plano as coisas aparecem invertidas.

O terceiro plano é psíquico. A este plano corresponde o instinto, que, por exemplo, impede um gato recém-nascido de entrar na água, onde se afogaria.

Eis a escala da consciência objetiva e terrestre, conforme a expôs H. P. B.:

1. Sensorial
2. Instintiva
3. Fisiológico-emocional
4. Passional "
5. Mental "
6. Espiritual emocional
7. *x*

O PLANO ASTRAL

As três divisões inferiores do Plano Prakrítico estão em correlação com as três divisões inferiores do Plano Astral, que lhe é imediato.

7	
6	Buddhi Astral
5	Manas Astral
4	Kâma-Manas Astral
3	Astral Prânico ou psíquico
2	Astral Astral
1	Astral Objetivo

Quanto à primeira divisão do segundo plano, recordou H. P. B. que tudo o que ali se vê, ao transportar-se para o plano físico, deve ser invertido. Os números, por exemplo, são vistos às avessas. O plano objetivo astral corresponde em tudo ao objetivo terrestre.

A segunda divisão corresponde à segunda do plano físico, mas os objetos são de extrema tenuidade, como que de um astral astralizado. Este plano, para os médiuns comuns, é o limite que eles não podem ultrapassar. Para uma pessoa que não seja médium chegar a este plano, será preciso que se encontre adormecida, em transe ou sob a influência do gás hilariante [8]. O delírio opera idêntica transferência.

A terceira divisão, a Prânica, é de natureza vívida e intensa. O delírio agudo transporta o enfermo para este plano, e o *delirium tremens* faz com que ele chegue até o plano imediato (Kâma-Manas astral). Aos lunáticos, amiúde conscientes neste terceiro plano, se deparam terríveis visões.

(8) [O gás hilariante é o protóxido de nitrogênio, também chamado óxido nitroso. — Nota do Trad.]

Segue-se a quarta divisão, a pior, a mais horrível do plano astral — a Kâmica. Daí procedem as imagens tentadoras; sombras de ébrios que vagueiam pelo Kâma-Loka e que incitam à bebida os seres encarnados; imagens de todos os vícios, que inoculam desejos criminosos nos homens. Os fracos caem sob sua influência, e as imitam grotescamente, como se fossem monos. Aí se acham também as causas dos atos degradantes, e dos desastres e acidentes em série que afligem o homem. O *delirium tremens* em seu paroxismo corresponde a este plano.

A quinta divisão é a dos sonhos premonitórios, dos reflexos da mentalidade inferior, dos vislumbres do passado e do futuro; é o plano das coisas mentais mas não espirituais. O clarividente hipnotizado pode alcançar este plano, e até o seguinte, se é um homem bom e reto.

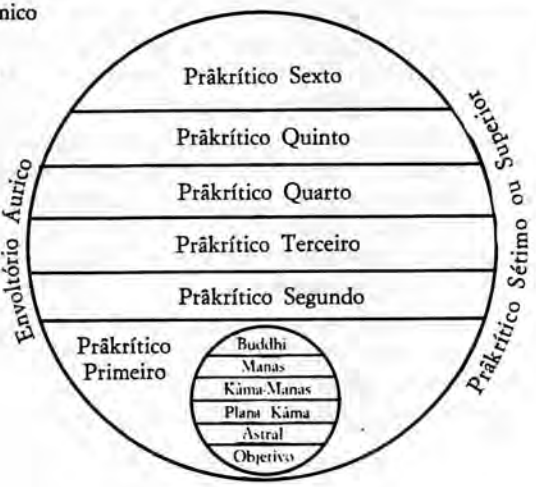
O sexto é o plano de onde promanam todas as belas inspirações da arte, a poesia e a música; os sonhos de natureza elevada, os relâmpagos do gênio. A este plano correspondem os vislumbres de passadas encarnações, embora não seja possível localizá-las ou analisá-las.

Ao sétimo plano nos elevamos no momento da morte, ou durante visões excepcionais. Nele está o homem que, ao afogar-se, repassa na memória todos os episódios de sua vida. A lembrança dos acontecimentos deste plano está centralizada no coração, "a sede de Buddha". E aí devem permanecer tais reminiscências; mas as impressões deste plano não se gravam no cérebro físico.

4.° Plano Cósmico	Fohat	Kâma-Manas Cósmico
3.° Plano Cósmico	Jiva-Fohat — Kâma Prânico	Vida Cósmica
2.° Plano Cósmico		Astral Cósmico

1.° Plano Cósmico

Prakrítico



Corpo Cósmico

[Neste diagrama todos os Planos Cósmicos deveriam figurar com um só tamanho — o do Plano Cósmico inferior, ou Prakrítico. Assim também quanto aos Planos Prakríticos dentro do círculo, que deveriam ser todos iguais ao primeiro plano — o inferior. Mas para tal seria preciso um diagrama muito grande, que o espaço não comporta. — N. do Editor (ed. de 1897.]

NOTAS GERAIS

Os dois planos acima referidos são os únicos em que opera a Hatha-Yoga.

Prâna e o Envoltório Áurico são essencialmente a mesma coisa; e como Jiva se identificam com a Divindade Universal, cujo Quinto Princípio é Mahat e o sexto Âlaya. (A Vida Universal tem sete Princípios também.) Mahat é a *Entidade* suprema do Cosmos. Não há entidade mais divina que Mahat; a matéria mais sutil, Sukshumnâ, é a de sua constituição. Em nós é Manas, e os próprios Logos são menos elevados, porque não adquiriram experiência. A Entidade Manásica não perecerá, nem mesmo ao fim do Mahâmanvantara, quando todos os Deuses serão reabsorvidos: ressurgirá da potencialidade Parabrahmânica.

A Consciência é a semente Cósmica da onisciência supercósmica, e encerra latente o poder de germinar na Consciência Divina.

A saúde física débil é uma desvantagem para a clarividência. Foi o caso de Swedenborg.

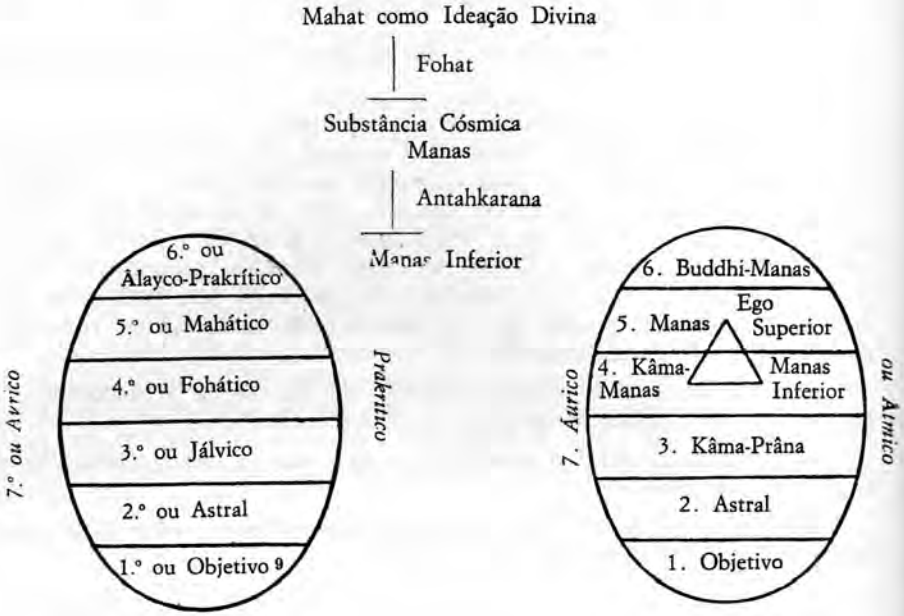
Fohat está em toda a parte. Estende-se como um fio através de todas as coisas, e tem suas sete divisões próprias.

Os Seis Planos Cósmicos, com o Ovo Áurico como sétimo.

No Envoltório Áurico do Cosmos está contido todo o Karma do Universo em manifestação. Este Envoltório é o Hiranyagarbha. Jiva está em toda a parte, e assim também os demais princípios.

O diagrama supra corresponde ao tipo de todos os sistemas solares.

Mahat, que é simples antes de informar o Universo, se diferencia quando passa a animá-lo, como sucede a Manas no homem.



Considerando esta figura como representativa dos Princípios humanos e dos planos de consciência, então 7, 6 e 5 correspondem a Shiva, Vishnu e Brahmâ, respectivamente, sendo Brahmâ o inferior.

Shiva é o Brahmâ de quatro faces: Criador, Conservador, Destruidor e Regenerador.

Entre 5 e 4 vem o Antahkarana. O △ representa o Christos, a Vítima Sacrifical, crucificada entre os ladrões. Essa é a entidade de face dupla. Os vedantinos lhe dão veladamente a forma quaternária: Antahkarana, Chit, Buddhi e Manas.

A vida perceptiva começa com o Astral: não são os nossos átomos físicos que vêem, etc.

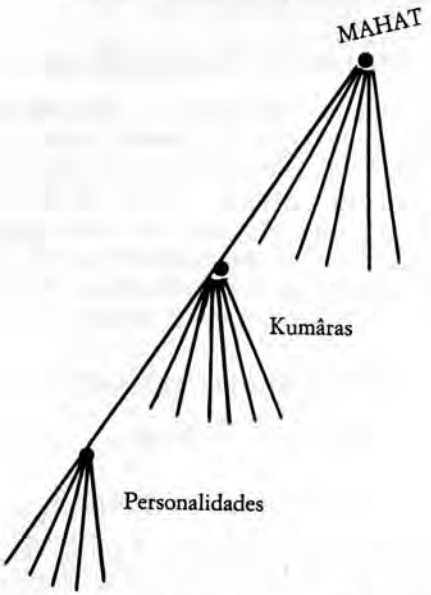
A consciência propriamente dita começa entre Kâma e Manas. Âtmâ-Buddhi atua mais sobre os átomos do corpo, os bacilos micróbios, etc., do que sobre o homem mesmo.

(9) O Quarto Globo de cada Cadeia Planetária.

CONSCIÊNCIA OBJETIVA

A consciência objetiva sensorial abrange tudo o que se relaciona com os cinco sentidos físicos do homem, e predomina nos quadrúpedes, nas aves, nos peixes e em alguns insetos. Ali estão as "Vidas"; sua consciência está em Âtmâ-Buddhi, pois lhe falta inteiramente o Manas.

ASPECTO MANVANTÁRICO DE PARABRAHMAN E DE MÛLAPRAKRITI



Atributos, Mâyâvi-Rûpas, etc.

NOTA — O número de raios é arbitrário, e carece de significação.

CONSCIÊNCIA ASTRAL

Possuem-na algumas plantas (a sensitiva, por exemplo), e as formigas, aranhas e certas moscas noturnas da Índia; mas não as abelhas.

Aos animais vertebrados em geral falta esta consciência; contudo, os mamíferos placentários têm todas as potencialidades da consciência humana, ainda adormecidas.

Os idiotas situam-se neste plano. A expressão muito usada: "ele perdeu a razão" encerra uma verdade oculta; pois, quando a mente fica paralisada pelo terror ou por outro motivo, está a consciência no plano Astral. O estudo da loucura projetará muita luz sobre estes pontos. Poderia chamar-se ao plano Astral "plano dos nervos", porque o seu conhecimento nos vem através dos "centros nervosos", que os fisiologistas ignoram completamente.

Ao clarividente, por exemplo, é possível ler com os olhos vendados, com a ponta dos dedos, com a boca do estômago, etc. O sentido astral se apresenta muito desenvolvido nos surdos-mudos.

CONSCIÊNCIA KÂMA-PRÂNICA

É a consciência geral da vida que pertence a todo o mundo objetivo, inclusive as pedras; porque, se as pedras não possuíssem vida, não poderiam desgastar-se, emitir centelhas, etc. A afinidade entre elementos químicos é uma manifestação desta consciência Kâmica.

CONSCIÊNCIA KÂMA-MANÁSICA

É a consciência instintiva dos animais e dos idiotas no último grau; corresponde aos planos da sensação. No homem, estes planos estão racionalizados. Por exemplo, um cão encerrado em um quarto tem o instinto de escapar; mas não o pode fazer, porque o seu instinto não se encontra suficientemente racionalizado para recorrer aos meios necessários; ao passo que um homem, analisando a situação, sabe como resolvê-la. O grau psíquico é o mais elevado da consciência Kâma-Manásica. Há sete graus, desde o instintivo animal até o instintivo racional e psíquico.

CONSCIÊNCIA MANÁSICA

Deste plano Manas se estende até Mahat.

CONSCIÊNCIA BÚDDHICA

É o plano de Buddhi e do Envoltório Áurico. Vai até o Pai celestial, Âtmâ, e reflete tudo o que está no Envoltório Áurico. 5 e 6 abrangem, portanto, os planos desde o psíquico ao divino.

ASSUNTOS DIVERSOS

A razão oscila entre o certo e o errado. Mas a Inteligência (a Intuição) lhe é superior. É a clara percepção.

Para que nos libertemos de Kâma, cumpre-nos destruir todos os nossos instintos materiais — "destruir a matéria". A carne guia-se pelo hábito, e tende a reproduzir mecanicamente assim os bons como os maus impulsos. Nem sempre provém da carne a tentação; nove vezes em dez, é o Manas inferior, com suas imagens, que induz a carne em tentação.

O Adepto superior principia o seu Samâdhi no Quarto Plano Solar; mas não pode ir além do sistema planetário. Quando começa o Samâdhi ele está no mesmo nível dos Dhyân-Chohans; transcende-os, porém, ao elevar-se até o sétimo plano (Nirvana).

O Vigilante Silencioso está no Quarto Plano Cósmico.

A Mente Superior dirige a Vontade para o caminho reto; a Mente inferior a desvia para o Desejo egoísta.

A cabeça não deve ser coberta durante a meditação. Deve-se cobri-la no Samâdhi.

Os Dhyân-Chohans não têm paixões; são puros e sem mente. Não têm que lutar, não há paixões que devam destruir.

Os Dhyân-Chohans foram formados para passar pela Escola da Vida. "Deus vai à escola."

Os melhores dentre nós serão Mânasaputras em tempos futuros. Os inferiores serão Pitris. Somos aqui sete Hierarquias intelectuais. A nossa Terra será a Lua da futura Terra.

Os "Pitris", sombreados por Âtmâ-Buddhi, caem na matéria. Os que semelham "sacos de textura compacta" [10] tinham vida e Âtmâ-Buddhi, mas sem o Manas. Faltava-lhes, portanto, a mente. O motivo de toda evolução é a aquisição de experiência.

Na Quinta Ronda todos nós representaremos o papel de Pitris. Teremos que projetar os nossos Chhâyas em outra humanidade, e aguardar até que essa humanidade esteja aperfeiçoada. Os Pitris concluíram sua missão nesta Ronda, e entraram no Nirvana; mas voltarão para cumprir idêntica tarefa no ponto médio da Quinta Ronda. A Quarta Hierarquia de Pitris, ou Hierarquia Kâmica, se converte no "homem de carne".

O corpo astral é o que está em primeiro lugar na matriz. Depois vem o germe que o frutifica, e então se reveste de matéria, como fizeram os Pitris.

O Chhâya é realmente o Manas inferior, a sombra do Manas Superior. O Chhâya forma o Mâyâvi Rûpa. É no subplano mais elevado do plano Astral que se dá o revestimento do Raio. O Mâyâvi Rûpa se compõe do corpo astral, como Upâdhi, da inteligência guiadora procedente do coração, e dos atributos e qualidades do Envoltório Áurico.

O Envoltório Áurico recebe a luz de Âtmâ, e forma a auréola que circunda a cabeça.

O Fluido Aurico é uma combinação dos Princípios da Vida e da Vontade, sendo vida e vontade uma e a mesma coisa no Cosmos. O Fluido Áurico emana dos olhos e das mãos, quando o dirige a vontade do operador.

A Luz Áurica rodeia todos os corpos. É a "aura" que deles emana, sejam animais, vegetais ou minerais. É a luz que se vê ao redor dos ímãs, por exemplo.

Âtmâ-Buddhi-Manas corresponde, no homem, aos três Logos do Cosmos. Não somente correspondem, mas cada um deles é uma irradiação do Cosmos para o Microcosmo. O terceiro Logos, Mahat, vem a ser Manas

(10) No texto inglês: "pudding bag", que a Enciclopédia britânica assim define: "saco de textura compacta, em que se cozinha um pudim".

no homem, pois Manas não é senão Mahat individualizado, à semelhança dos raios do Sol, que se individualizam nos corpos que os absorvem. Os raios solares dão a vida, fertilizam o que já existe, e assim o indivíduo se forma. Mahat fecunda, por assim dizer; e Manas é o resultado.

Buddhi-Manas é o Kshetrajna.

Há sete planos de Mahat, como de tudo o mais.

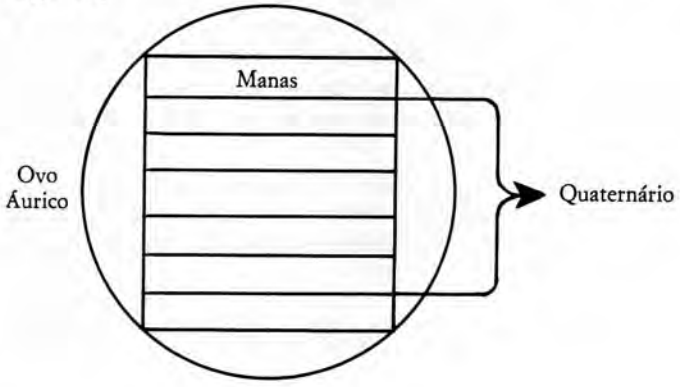
OS PRINCÍPIOS HUMANOS

Aqui H.P.B. traçou dois diagramas, para ilustrar as diversas maneiras de representar os princípios humanos.

No primeiro,

não são considerados os dois planos inferiores, que ficam de fora, se desintegram, não se levam em conta. Restam cinco, sob a radiação de Âtmâ.

No segundo,



o Quaternário inferior é considerado como simples matéria, ilusão objetiva, e permanecem Manas e o Ovo Áurico, com os Princípios superiores refletidos neste último. Em todos estes sistemas devemos ter presente o conceito dominante, que é o do descenso e reascensão do Espírito, no homem como no Cosmos. O Espírito é atraído para baixo, como que por uma força de gravitação espiritual.

Como os estudantes indagassem a causa disso, H. P. B. os deteve, limitando-se a não mais que uma sugestão a respeito dos três Logos:

1. Potencialidade da Mente (Pensamento Absoluto).
2. Pensamento em Germe.
3. Ideação em Atividade.

NOTAS

H. P. B. explicou que o fenômeno da adaptação protetora, que faz com que certos insetos, por exemplo, tomem a cor daquilo de que se alimentam, é obra dos elementais ou espíritos da Natureza.

A forma existe em planos diferentes, e as formas de um plano podem não aparecer como tais aos habitantes de outro plano. Os Cosmocratas constróem em planos da Mente Divina, que são visíveis para eles, embora o não sejam para nós. O Princípio da limitação — *principium individuationis* — é a Forma: este princípio é a Lei Divina manifestada na Matéria Cósmica, que é ilimitada em sua essência. O Ovo Áurico é o limite do homem, assim como Hiranyagarbha é o limite do Cosmos.

O primeiro passo para a realização de Kriyâshakti é o exercício da imaginação. Imaginar uma coisa é criar firmemente um modelo do que se deseja, perfeito em todos os seus pormenores. A Vontade então se converte em ato, e transfere a forma para o mundo objetivo. É o que se chama criar por Kriyâshakti.

SÓIS E PLANETAS

O cometa se condensa gradualmente até fixar-se como um Sol. Então vai atraindo planetas que não se acham ainda vinculados a nenhum centro, e deste modo se forma um Sistema Solar, ao cabo de milhões de anos. Os planetas que já se desgastaram passam a ser luas de planetas de outro sistema.

O Sol que vemos é um reflexo do verdadeiro Sol, do qual constitui o concreto e externo Kâma-Rûpa. O conjunto dos sóis forma o Kâma-Rûpa do Cosmos. Em seu próprio sistema, o Sol é Buddhi — reflexo e veículo do Sol verdadeiro, que é Âtmâ, invisível neste plano. Todas as forças Foháticas (a eletricidade, etc.) pertencem a esse reflexo.

A LUA

No início da evolução do nosso globo, a Lua estava muito mais perto da Terra, e era maior em tamanho. (A Lua transmitiu todos os seus Princípios à Terra, enquanto que os Pitris deram somente os seus Chhâyâs ao homem.)

As influências da Lua são inteiramente psicofisiológicas. Está morta, e desprende emanações nocivas, como um cadáver. Vampiriza a Terra e os habitantes deste planeta, a tal ponto que, se alguém dorme sob a luz de seus raios, perde algo da força vital. Um pano branco pode servir de proteção, pois que os raios não o atravessam; e a cabeça, principalmente, deve ser assim preservada. A influência máxima da Lua ocorre no plenilúnio. As partículas que emite são por nós absorvidas. A Lua vai-se desintegrando lentamente. Nas regiões cobertas de neve, toma o aspecto de um cadáver, porque não pode exercer a sua ação de vampiro através da camada branca de neve. As montanhas nevadas estão, assim, livres de suas influências nocivas.

A Lua é fosforescente.

Diz-se que os Râkshakas de Lanka e os atlantes subjugaram a Lua. Com eles os habitantes da Tessália aprenderam sua Magia.

Esotericamente, a Lua é o símbolo do Manas Inferior. Também é o do Astral.

Há plantas que, benéficas sob a ação dos raios do Sol, se fazem maléficas sob a dos raios da Lua. As ervas venenosas são muito mais ativas quando colhidas em noite de lua cheia.

Durante a Sétima Ronda aparecerá uma nova Lua; e a Lua atual chegará ao fim do seu processo de desintegração, deixando de existir. Atualmente há, por trás da Lua, um "planeta misterioso", que está morrendo gradualmente.

Há de chegar o dia em que, finalmente, ele transmitirá os seus Princípios a um novo Centro Laya, formando-se ali mais um planeta, que pertencerá a outro Sistema Solar, passando o atual "planeta misterioso" a ser a lua do novo globo. Esta lua nada terá a ver com a nossa Terra, apesar de situar-se dentro do nosso campo visual.

O SISTEMA SOLAR

Todos os planetas visíveis que os astrônomos incluem em nosso Sistema Solar pertencem realmente a ele, com exceção de Netuno. Há outros mais, que a Ciência desconhece, e que também fazem parte do mesmo Sistema; assim como "todas as luas que não são visíveis para as coisas próximas".

Os planetas somente se movem em nossa consciência. Os Regentes dos Sete Planetas Secretos não têm influência sobre a Terra, mas a Terra a exerce sobre outros planetas. O Sol e a Lua produzem não só um efeito

mental, senão também um efeito físico. O efeito do Sol sobre a humanidade está relacionado com Kâma-Prâna, isto é, com os elementos kâmicos mais físicos que se acham em nós; é o princípio vital que coopera no desenvolvimento. O efeito da Lua é sobretudo Kâma-Manásico, ou psicofisiológico; ela atua no cérebro fisiológico, na inteligência cerebral.

PEDRAS PRECIOSAS

Em resposta a uma pergunta, disse H. P. B. que o diamante e o rubi estão sob a influência do Sol, e a safira sob a da Lua. E acrescentou: "Mas em que isso vos interessa?"

O TEMPO

Quando nos desprendemos do corpo e não estamos sujeitos aos hábitos de consciência formados por outros, não existe o tempo.

Os ciclos e as épocas dependem da consciência. Nós não estamos aqui pela primeira vez. Os ciclos se repetem porque retornamos à existência consciente. Os ciclos são medidos pela consciência da humanidade, e não pela Natureza. É porque somos as mesmas pessoas de épocas passadas que para nós existem os acontecimento.

A MORTE

Os hindus têm a morte como impura, por causa da desintegração do corpo e da passagem de um plano para outro. "Eu creio na transformação, e não na morte."

ÁTOMOS

O átomo é a alma da molécula. Representa os seis Princípios, dos quais a molécula é o corpo. O átomo é o Âtman do Cosmos objetivo, vale dizer, está no sétimo plano do Prakriti inferior.

TERMOS

Disse H. P. B. que os estudantes deviam conhecer o verdadeiro significado dos termos sânscritos empregados em Ocultismo, bem como aprender a Simbologia Oculta. Para principiar, convém aprender a genuína classificação esotérica e os nomes dos quatorze (7 x 2) e dos sete (Sapta) lokas mencionados nos textos esotéricos. São eles aí expostos de maneira muito confusa e com numerosos "véus". Como ilustração, vejamos as três classificações que se seguem.

LOKAS

1. Classificação geral exotérica, ortodoxa e tântrica:

Bhûr-loka
Bhuvar-loka
Svar-loka
Mahar-loka — Os segundos 7 estão refletidos
Janar-loka
Tapar-loka
Satya-loka

2. Classificação Sânkhya e de alguns vedantinos:

Brahmâ-loka
Pitri-loka
Soma-loka
Indra-loka
Gandharva-loka
Râkshasa-loka
Yaksha-loka
E mais um oitavo loka.

3. Classificação vedantina, a que mais se aproxima da esotérica:

Atala
Vitala
Sutala
Talâtala (ou Karatala)
Rasâtala
Mahâtala
Pâtâla

Todos esses lokas estão, esotericamente, em correspondência com as Hierarquias Cósmicas ou Dhyân-Chohânicas, e com os Estados de Consciência humanos e suas quarenta e nove subdivisões. Para entendê-lo é preciso aprender primeiramente os significados dos termos da classificação vedantina.

Tala	quer dizer *lugar*.
Atala	ausência de lugar.
Vitala	mudança para melhor; isto é: melhor para a matéria por haver um acréscimo de matéria, ou, em outras palavras, porque se torna mais diferenciada. Vitala é um antigo termo de ocultismo.
Sutala	lugar bom, excelente.
Karatala	significa algo que se pode segurar ou tocar (de Kara, mão); isto é: o estado em que a matéria se faz tangível.
Rasâtala	significa lugar do gosto; isto é: um lugar no qual se pode sentir com um dos órgãos da sensação.

Mahâtala — exotericamente, "grande lugar"; mas esotericamente, o lugar que inclui de modo subjetivo todos os outros, e de modo potencial tudo quanto o precede.

Pâtâla — quer dizer algo sob os pés (de *pada*, pé); o upâdhi ou base de seja, o que for; os antípodas, o continente da América, etc.

Cada loka, lugar, mundo, estado ou que outro nome se dê, transforma-se em cinco (exotericamente) ou sete (esotericamente) Tattvas correspondentes, para os quais não há nomes definidos. Formam eles, nas principais divisões abaixo, os quarenta e nove Fogos:

5 e 7 *Tanmâtras,* ou sentidos externos e internos.

5 e 7 *Bhûtas,* ou elementos.

5 e 7 *Jnyânendryas,* ou órgãos de sensação.

5 e 7 *Kârmendryas,* ou órgãos de ação.

Estes correspondem, em geral, aos Estados de Consciência, às Hierarquias de Dhyân-Chohans, aos Tattvas, etc. Os Tattvas se transformam no conjunto do Universo. Os quatorze Lokas são constituídos por sete, com sete reflexos: em cima, em baixo; dentro, fora; subjetivo, objetivo; puro, impuro; positivo, negativo; etc.

EXPLICAÇÃO DOS ESTADOS DE CONSCIÊNCIA QUE CORRESPONDEM À CLASSIFICAÇÃO VEDANTINA DOS LOKAS

7. *Atala.* Estado ou lugar Âtmico ou Áurico. Emana diretamente do ABSOLUTO, e é o primeiro "algo" no Universo. Está em correspondência com a Hierarquia de Seres Primordiais Não-Substanciais, em um lugar que (para nós) não é lugar, um estado que não é estado. Esta Hierarquia contém o plano primordial, tudo o que foi, é e será, desde o princípio ao fim do Mahâmanvantara; tudo ali está. Mas não se deve supor que tal asserto implica a idéia de fatalismo, ou Kismet, que é contrária aos ensinamentos de Ocultismo.

A este loka pertencem as Hierarquias de Dhyâni-Buddhas, cujo estado é o de Parasamâdhi ou Dharmakâya, em que já não se pode cogitar de nenhum progresso. Admite-se que neste estado as entidades se cristalizaram em pureza, em homogeneidade.

6. *Vitala.* Estão neste loka as Hierarquias dos Buddhas celestes ou Bodhisattvas, que se diz emanados dos sete Dhyâni-Buddhas. Corresponde na Terra ao Samâdhi, à consciência búdhica no homem. Não há Adepto (salvo um) que possa elevar-se acima desse estado e continuar a viver: se ele transcende a consciência búddhica e passa ao estado Átmico ou de Dharmakâya (Alâya), não mais pode retornar à Terra. Os dois estados são hipermetafísicos.

5. *Sutala.* Estado diferencial, que corresponde na Terra ao Manas Superior, e, portanto, a Shabda (Som), o Logos, nosso Ego Superior. Também é o estado de Manushi Buddha, como o de Gautama em nosso mundo. É a terceira fase do Samâdhi (que é setenário). Aqui se incluem as Hierarquias dos Kumâras — os Agnishvattas, etc.

4. *Karatala.* Corresponde a Sparsha (tato) e às Hierarquias dos etéreos e semi-objetivos Dhyân-Chohans da matéria astral do Manasa-Manas, ou o puro raio de Manas, que é o Manas Inferior antes de combinar-se com o Kâma (como na criança de pouca idade). São os chamados Devas Sparsha, ou Devas providos de tato. Estas Hierarquias de Devas são progressivas: a primeira tem um sentido; a segunda, dois; e assim por diante, até a sétima; mas cada qual tem potencialmente, ainda não desenvolvidos, todos os outros sentidos que lhe faltam. Poder-se-ia melhor traduzir Sparsha por afinidade, contato.

3. *Rasâtala,* ou Rûpatala. Corresponde às Hierarquias dos Rûpa-Devas ou Devas da Vista, dotados de três sentidos: vista, ouvido e tato. Compreendem as entidades Kama-Manásicas e os Elementais superiores. Os Rosa-cruzes deram-lhes os nomes de Sílfides e Ondinas. É um estado de consciência que corresponde, na Terra, ao produzido artificialmente pelo hipnotismo e por algumas drogas (morfina, etc.).

2. *Mahâtala.* Aqui se acham as Hierarquias dos Rasa-Devas ou Devas do Gosto; inclui um estado de consciência que abarca os cinco sentidos inferiores e as emanações da vida e da existência. Corresponde a Kâma e a Prâna no homem, e aos Gnomos e Salamandras na Natureza.

1. *Pâtâla.* Corresponde às Hierarquias dos Gandha-Devas ou Devas do Olfato, e também a Myalba, o mundo dos antípodas. É a esfera dos animais irracionais, cujo único sentimento é o da autoconservação e da satisfação dos sentidos físicos. É ainda a dos seres humanos que se caracterizam por um profundo egoísmo, seja em estado de vigília ou quando dormem. Daí o dizer-se que Nârada teve de ir ao Pâtâla quando foi condenado a renascer. Nârada relatou que a vida ali era muito agradável para "os que nunca haviam saído do seu lugar de nascimento"; eram estes sumamente felizés. É o estado terreno, e tem correspondência com o sentido do olfato. Pertencem a Pâtâla os Dugpas animais, os Elementais de animais e os Espíritos da Natureza.

OUTROS ESCLARECIMENTOS SOBRE A MESMA CLASSIFICAÇÃO

7. Âtmico, Áurico, Âláyco: o sentido ou estado de plena potencialidade, mas não de atividade.

6. Búddhico: estado de consciência em que se sente a unidade com o Universo, sendo impossível qualquer sentimento de separatividade.

(Perguntou-se por que o qualificativo Aláyco era aplicado ao estado Âtmico e não ao Búddhico. Resposta: Porque tais classificações não são

divisões fechadas e rígidas. Um termo pode mudar de lugar, conforme seja a classificação exotérica, esotérica ou de ordem prática. Aos estudantes cumpre esforçarem-se para reduzir todas as coisas a estados de consciência. Buddhi é realmente uno e indivisível. É um sentimento íntimo que é absolutamente impossível traduzir em palavras. Toda catalogação é inútil para explicá-lo.)

5. Shâbdico: sentido do ouvido.

4. Spárshico: sentido do tato.

3. Rûpico: estado de consciência em que o ser se identifica com o próprio corpo (Rûpa quer dizer forma).

2. Rásico: sentido do gosto.

1. Gândhico: sentido do olfato.

Todos os estados e sentidos cósmicos e antrópicos têm correspondência com os nossos órgãos de sensação, Jnyânendryas — órgãos rudimentares que nos permitem apreender o conhecimento por meio do contato direto, da vista, etc. São as faculdades de Sharira, tendo por instrumentos Netra (os olhos), o nariz, a palavra, etc., como também os órgãos de ação, Karmendryas, as mãos, os pés, etc.

Os estados de consciência compreendem, exotericamente, cinco grupos de cinco, o que perfaz vinte e cinco. Destes, vinte dizem respeito às faculdades, sendo búddhicos os cinco restantes. A doutrina exotérica atribui a Buddhi a percepção; mas, segundo o ensinamento esotérico, Buddhi só percebe por intermédio do Manas Superior. Cada uma destas vinte faculdades é ao mesmo tempo positiva e negativa, de modo que se desdobram em quarenta. Há dois estados subjetivos correspondentes a cada um dos quatro grupos de cinco, ou seja, oito estados ao todo. Como tais estados são subjetivos, não podem ser duplicados. E assim temos 40 + 8 = 48 "cognições de Buddhi", as quais, incluindo Mâyâ (que a todos abrange), se elevam a 49. (Aquele que alcança a cognição de Mâyâ torna-se um Adepto.)

TABUA

5	+ 5	Tanmâtras	2	subjetivos
5	+ 5	Bhûtas	2	"
5	+ 5	Jnyânendryas	2	"
5	+ 5	Karmendryas	2	"
20	+ 20		8	

20 + 20 + 8 + Mâyâ = 49

OS LOKAS

Em seus velados textos esotéricos, contam os brâmanes quatorze Lokas, inclusive a Terra, sete dos quais são objetivos, embora não aparentes, e sete subjetivos, mas inteiramente demonstráveis para o Homem Interno. Há sete Lokas Divinos e sete Lokas infernais ou terrestres.

LOKAS DIVINOS	LOKAS INFERNAIS (TERRESTRES)
1. Bhûrloka (a Terra)	1. Pâtâla (a Terra)
2. Bhuvarloka (entre a Terra e o Sol [Munis])	2. Mahâtala
3. Svarloka (entre o Sol e a Estrela Polar [Yogis])	3. Rasâtala
4. Maharloka (entre a Terra e o limite extremo do Sistema Solar)[11]	4. Talâtala (ou Karatala)
5. Janarloka (além do Sistema Solar; a morada dos Kumaras que não pertencem a este plano)	5. Sutala
6. Saparloka (ainda além da região Mahâtmica; a morada dos deuses Vairâjas)	6. Vitala
7. Satyaloka (a morada dos Nirvânis)	7. Atala

Os brâmanes iniciam a leitura pelo fim.

Pois bem: todos os quatorze Lokas acima são planos de fora para dentro, e os sete Estados de Consciência Divinos pelos quais o homem pode e *deve* passar, uma vez que se decida a percorrer os sete caminhos e cruzar os portais de Dhyâni. Para isso, não é de mister que esteja desencarnado: tudo pode ser alcançado na Terra, em uma ou muitas encarnações.

Observe-se a ordem: os quatro Lokas inferiores (1, 2, 3, 4) são *rûpa*; isto é, são alcançados pelo Homem Interno com a plena cooperação dos elementos mais divinos do Manas Inferior, e de modo consciente pelo homem pessoal. Este último não pode chegar aos três estados superiores, a menos que seja um Adepto e iniciado completo. Um Hatha-Yogi nunca irá além do Maharloka, psiquicamente, e do Talâtala (lugar duplo ou dual), físico-mentalmente. Para ser Râja-Yogi, é preciso subir até o sétimo portal, ou Satyaloka. Porque, dizem os Mestres Yogis, esse é o fruto do sacrifício (Yajna). Quando os estados de Bhûr, Bhuvar e Svarga forem transpostos, e a consciência do Yogi estiver concentrada no Maharloka, ele se encontrará no último plano e estado, entre a completa identificação do Manas Pessoal com o Manas Superior.

Convém atentar para o seguinte. Se os estados infernais (ou terrestres) são também as sete divisões da Terra, quanto a planos e estados, assim como são divisões cósmicas, os Saptalokas divinos são puramente subjetivos e principiam no plano da Luz Astral psíquica para terminar no estado Satya ou de Jivanmukta. Os quatorze Lokas ou esferas formam a extensão de todo o Brahmânda (mundo). Os quatro inferiores são transitórios, assim como os seus habitantes, e os três superiores são eternos; isto é, aqueles duram apenas um Dia de Brahmâ, mudando em cada Kalpa, e estes duram uma Idade de Brahmâ.

---

(11) Todos estes "espaços" denotam as correntes magnéticas especiais, os planos de substância e os graus de aproximação que a consciência do Yogi ou do Chela pode alcançar para a assimilação com os habitantes dos Lokas.

No Diagrama V só aparecem o corpo físico, o corpo astral, Kâma, Manas Inferior, Manas Superior, Buddhi e o Âtmâ Áurico. A vida é um Princípio Cósmico Universal, e, do mesmo modo que Ãtmâ, não se limita ao indivíduo.

Em resposta a perguntas sobre o diagrama, H. P. B. declarou que o fato e o gosto não seguem uma ordem. Os Elementos observam uma ordem regular; mas o Fogo permeia todos eles. Os sentidos se interpenetram uns aos outros. Não há uma ordem universal; o primeiro é o que se acha mais desenvolvido em cada um.

Primeiro devem os estudantes aprender as correspondências, e depois concentrar-se nos órgãos a fim de atingir os respectivos estados de consciência. Necessário é começar pelo inferior, e prosseguir com firmeza, pela ordem. Poderá um médium ter vislumbres irregulares de estados superiores, mas não conseguirá assim um desenvolvimento metódico e ordenado.

Com o toque do dedo mínimo e concentrando-se a atenção, podem ser produzidos os maiores fenômenos.

Os Lokas e os Talas são reflexos uns dos outros. Assim também as Hierarquias, em cada um deles, têm seus pares de opostos, nos dois pólos da esfera. Estes opostos se encontram em toda a parte: o bem e o mal, a luz e as trevas, o macho e a fêmea.

H. P. B. não pôde dizer por que o azul é a cor da Terra. O azul é uma cor primária. Também o anil é uma cor; não um matiz do azul, como é o violeta.

Os Vairâjas são Egos de outros Manvantaras e já purificados no fogo das paixões. Foram eles que se recusaram a criar. Alcançaram o Sétimo Portal, e renunciaram ao Nirvana para atuar nos sucessivos Manvantaras.

Os sete graus de Antahkarana estão em correspondência com os Lokas.

Samâdhi é o mais alto estado de consciência a que se pode chegar sobre a Terra, no corpo físico. O Adepto, se transcende o Samâdhi, passa a ser um Nirmanakâya.

A pureza da mente é de maior importância que a pureza do corpo. Se o upâdhi não está completamente puro, não pode conservar reminiscência de um estado superior. Quando uma ação é praticada com pouca ou nenhuma atenção, o resultado é relativamente de pouca importância. Mas, se a mente se concentra na ação, o efeito é mil vezes maior. Devemos manter puros os pensamentos.

Convém lembrar que o Kâma, conquanto encerre paixões más, não deixa de contribuir para a nossa evolução, participando também do impulso necessário ao aperfeiçoamento.

O corpo, a carne, a parte material do ser humano, eis a coisa mais difícil de subjugar neste plano físico. O mais graduado Adepto, quando encarna em um novo corpo, tem que lutar contra ele, e dominá-lo; e vê que não é fácil a vitória.

Sentidos	Cores	Consciência	Órgãos de sensação	Órgãos de ação	Órgãos espirituais correspondentes e centros sensoriais
Tanmâtras		Jnyânendriyas		Kârmendriyas	
1. Gandha (Olfato)	1. Azul	1. Por meio das percepções objetivas: Odor	1. Nariz	1. Upastha. Órgão da geração.	1. *Raiz do Nariz*, em supercílios. Muito volvido em alguns a como o cão e outros.
2. Rasa (Gosto)	2. Violeta	2. Por meio das percepções instintivas: Gosto	2. Língua	2. Pâni Mãos	2. *Baço e Fígado*: A ção do primeiro é m piritual; o segundo mais no plano mater Baço está em corr dência com o dedo m da mão esquerda; o do com o da mão d
3. Rûpa (Vista)	3. Vermelho	3. Por meio das percepções magnéticas: Vista	3. Olhos	3. Pâda Pés	3. *Estômago*: corres à espinha dorsal e a mínimo em ambos o
4. Sparsha (Tato)	4. Verde	4. Por meio das percepções psico-fisiológicas: Tato, Contato	4. Corpo (Epiderme)	4. Payu Órgão de evacuação, excreção.	4. *Região do Cor bilical*: corresponde para a expulsão do tismo estranho.
5. Shabda	5. Anil	5. Por meio das percepções mentais puras.	5. Ouvidos	5. Vâk Órgão da fala — Kârmendriyas	5. *Coração* (espiri *Garganta* (físico
6. Compreensão espiritual (Jnyâna)	6. Amarelo	6. Por meio das percepções da alma.	6. Corpo Astral e Coração	6. Alma	6. *Glândula Pine*
7. O sentido superior e sintético que abrange todos.	7. Todo o setenário do prisma: quando áurico, Azul	7. Espiritual, por meio das percepções áuricas sintéticas — Jnyânendriyas	7. A Luz de Kundalini	7. Espírito	7. O *Akâsha*, que crânio, e para o q o conteúdo deste bro, glândulas, et não-existente.

Sentidos	Cores	Consciência	Órgãos de sensação	Órgãos de ação	Órgãos espirituais correspondentes e centros sensoriais
Tanmâtras		Jnyânendriyas		Kârmendriyas	
1. Gandha (Olfato)	1. Azul	1. Por meio das percepções objetivas: Odor	1. Nariz	1. Upastha. Órgão da geração.	1. *Raiz do Nariz*, ent supercílios. Muito d volvido em alguns ani como o cão e outros.
2. Rasa (Gosto)	2. Violeta	2. Por meio das percepções instintivas: Gosto	2. Língua	2. Pâni Mãos	2. *Baço e Fígado*: A ção do primeiro é ma piritual; o segundo mais no plano materi Baço está em corre dência com o dedo mi da mão esquerda; o do com o da mão di
3. Rûpa (Vista)	3. Vermelho	3. Por meio das percepções magnéticas: Vista	3. Olhos	3. Pâda Pés	3. *Estômago*: corresp à espinha dorsal e ao mínimo em ambos os
4. Sparsha (Tato)	4. Verde	4. Por meio das percepções psico-fisiológicas: Tato, Contato	4. Corpo (Epiderme)	4. Payu Órgão de evacuação, excreção.	4. *Região do Cordão bilical*: corresponde a para a expulsão do m tismo estranho.
5. Shabda	5. Anil	5. Por meio das percepções mentais puras.	5. Ouvidos	5. Vâk Órgão da fala — Kârmendriyas	5. *Coração* (espiritua *Garganta* (físico).
6. Compreensão espiritual (Jnyâna)	6. Amarelo	6. Por meio das percepções da alma.	6. Corpo Astral e Coração	6. Alma	6. *Glândula Pineal*.
7. O sentido superior e sintético que abrange todos.	7. Todo o setenário do prisma: quando áurico, Azul	7. Espiritual, por meio das percepções áuricas sintéticas — Jnyânendriyas	7. A Luz de Kundalini	7. Espírito	7. O *Akâsha*, que e crânio, e para o qua o conteúdo deste — bro, glândulas, etc. não-existente.

entos	Lokas ou Estados Divinos	Talas ou Estados Infernais (Terrestres)	Planos de Hierarquias correspondentes	Princípios
ìtas		Rûpa		
ra ìmi	1. *Bhûrloka.* O habitat dos homens pensadores e bons. Estado Psíquico.	1. *Pâtâla.* Morada do corpo denso animal do homem e da personalidade.	1. Morada de homens e animais, estado de infância. Em um pólo, inocência; no outro, egoísmo instintivo.	1. Corpo
ıa as	2. *Bhuvarloka.* Estado em que o homem pensa mais em sua condição interna que em sua personalidade. Seu Astral passa para esta esfera, e também sua substância. Estado Psíquico superior.	2. *Mahâtala.* Morada do Astral do homem, sombra do corpo denso, que toma as características desta esfera	2. Região da Luz Astral e do Kâma Loka. Morada dos elementais, espíritos da natureza e elementares. No pólo oposto os Rûpa-Devas, ou guardiães do mundo animal. Plano do instinto.	2. Imagem Astral
ru	3. *Svarloka.* Em que o Yogi transcendeu todos os seus desejos, e caminha para a Reunião. Estado de santificação.	3. *Rasâtala.* Onde Kâma aspira ao gozo (Rasa) de todas as coisas.	3. Estado Devachânico. Morada ou plano de inefável felicidade e beatitude, de puras aspirações e realizações; de Kâma-Manas e dos elementais superiores.	3. Kâma
ço ìtas	4. *Maharloka.* Onde O Manas Inferior perdeu toda afinidade Kâmica. Estado de supersantificação.	4. *Talâtala.* Onde o Manas Inferior adere à vida senciente e objetiva. Estado Kâmico.	4. Plano em que Mâyâ se vai enfraquecendo e dissipando. Morada dos mais santos. Rûpa-Devas. Esfera de compaixão em um dos pólos, e de egoísmo intenso no outro.	4. Manas Inferior
âncias entais r	5. *Janarloka.* Manas está completamente livre de Kâma, identificando-se com o Ego. Estado de Kumâra.	5. *Sutala.* Aqui Manas se escravizou inteiramente a Kâma, unindo-se -com o homem animal.	5. Morada dos Kumâras, Filhos de Mahat, ou de Brahmâ. Onisciência em tudo quanto pertence ao reino de Mâyâ e está sob a sua influência.	Arûpa 5. Manas Superior
ıma ina	6. *Taparloka.* Ainda que renasça, é agora invulnerável, inconsumível. Estado inato de Christos.	6. *Vitala.* Estado em que o Ego Superior se separa inteiramente do Ego Inferior. Rompe-se o cordão.	6. Plano da substância eterna, inextinguível, do Fogo dos Vairajas, os Pitris-Devas do Sol.	6. Buddhi
âsha) âncias entais	7. *Satyaloka.* Onde o Yogi alcança o Samâdhi em seu mais alto grau. Está no limiar da grande opção.	7. *Atala.* O homem morre só para renascer em seguida, não passando pelo Devachan. Morte espiritual, aniquilação.	7. Plano do *consumatum est* no Universo manifestado: o Numênico.	7. Aura Âtmica

No organismo físico, o fígado é como um general, e o baço seu ajudante de campo. Tudo o que o fígado deixa de fazer é retomado e concluído pelo baço.

Perguntaram a H. P. B. se todos nós temos que passar pelos quatorze estados. Respondeu que os Talas e os Lokas são planos por alguns dos quais a humanidade em geral deve passar; cumprindo aos discípulos transitar por todos eles em seu caminho para o Adeptado. Todos os homens hão de percorrer os Lokas inferiores; mas não necessariamente os Talas correspondentes.

Todas as coisas têm dois pólos; e em cada estado há sete estados.

Vitala corresponde tanto a um estado sublime como a um estado infernal. O estado que para um mortal é a completa separação entre a personalidade e o Ego não significa, para um Buddha, senão uma separação temporária. Para o Buddha, é o Vitala um estado cósmico.

Os brâmanes e os budistas consideram os Talas como infernos; mas na realidade esta designação é simbólica. Onde haja infortúnio e miséria, ali estará o inferno.

FORMAS NA LUZ ASTRAL

Os Elementais são reflexos na Luz Astral. Todas as coisas da Terra ali se refletem. São de Elementais as fotografias que se obtêm algumas vezes por intermédio das sessões espíritas. Os médiuns produzem tais formas inconscientemente. Os Adeptos produzem-nas de modo consciente, pelo poder de Kriyâshakti, mediante um procedimento comparável à concentração dos raios solares através de uma lente convexa.

ESTADOS DE CONSCIÊNCIA

Bhûrloka é o estado de vigília em que transcorre a nossa vida normal; e é também o estado próprio da vida instintiva dos animais, quando sentem fome, temor, etc.

Estar em Svarloka é estar inteiramente abstraído do plano físico, deixando que atue somente o instinto, de modo que, no plano material, o comportamento humano é idêntico ao do animal. É o que acontece com alguns Yogis, que se cristalizam em Svarloka ao ponto de ser necessário que mãos alheias lhe dêem o alimento. Perto de Allahabad havia um Yogi que esteve sentado em uma pedra durante cinqüenta e três anos. Seus discípulos o mergulhavam todas as noites no rio, e depois o recolocavam na pedra. De dia sua consciência retornava ao Bhûrloka, e ele então proferia suas lições. Em uma ilha próxima de Calcutá, houve outro Yogi que permaneceu de tal modo imóvel que ao redor de suas pernas cresceram as raízes das árvores. Quando as cortaram para libertá-lo, e tentaram despertá-lo, ele não pôde resistir ao abalo, e morreu.

P. — *É possível permanecer em mais de um estado de consciência simultaneamente?*

R. — A consciência não pode funcionar plenamente em dois planos ao mesmo tempo. Não é que sejam incompatíveis os estados superior e inferior; mas a consciência no superior estará distraída pelo inferior. Para que haja reminiscência do estado superior quando se regressa ao inferior, é necessário elevar a memória até ali. O Adepto pode ter uma consciência aparentemente dual, por ser capaz de abstrair-se quando não deseja ver; pode atuar em um plano superior e, não obstante, responder a perguntas que lhe dirijam. Mas, neste caso, ele momentaneamente retorna ao plano material, para de novo elevar-se ao plano superior. Vale-se desta faculdade nas condições adversas, como único recurso.

Quanto mais descermos nos Talas, tanto mais nos faremos intelectuais e tanto menos espirituais. A moralidade não acompanha necessariamente a espiritualidade. O intelecto pode continuar estreitamente vinculado a Kâma. É possível a um homem estar em um Loka e visitar todos os Talas, dependendo sua situação do Loka a que pertence. Assim, um homem de Bhûrloka ao passar para os Talas não pode senão perverter-se. O que mora em Bhurvaloka não pode degenerar-se dessa forma. Mas, se alcançou o estado Satya, pode ir sem perigo a qualquer Tala: sua própria pureza o protegerá, impedindo que soçobre. Os Talas são estados intelectuais do cérebro, ao passo que os Lokas (ou mais exatamente, os três Lokas superiores) são espirituais.

Manas absorve a luz de Buddhi. Mas Buddhi é "arûpa", e nada pode absorver. Quando o Ego toma toda a luz de Buddhi, recebe a de Âtmâ, de que Buddhi é o veículo, e assim os três se fundem em um. Com esta união, o Adepto *completo* é uma unidade espiritual, embora tenha um corpo. A Quádrupla Via foi percorrida, e ele é uno. Os corpos dos Mestres são, em si mesmos, ilusórios, e por isso não envelhecem nem se desgastam.

O estudante que não seja psíquico de nascimento deve enfocar a consciência quádrupla em um plano superior, e ali fixá-la; isto é, formar um feixe com os quatro estados inferiores e fincá-lo no plano superior. Deve concentrar-se neste estado superior, esforçando-se por evitar que o corpo e o intelecto lhe atraiam a consciência e a empuxem para baixo. Sem prejuízo de exercitar todas as funções orgânicas necessárias à nutrição e subsistência do corpo físico, poderá viver constantemente no mundo dos ideais.

O AMOR MATERNO

O amor materno é um instinto, assim no ser humano como no animal, e não raro mais acentuado neste último.

A persistência do amor materno nos seres humanos tem por causas o espírito de associação, o magnetismo do sangue e a afinidade psíquica. As famílias são às vezes constituídas por seres que conviveram em existências anteriores, embora nem sempre ocorra esta circunstância. Os fatores de influência são muito complexos, e devem equilibrar-se. Algumas vezes, quando tem que nascer uma criança portadora de um Karma ruim, são escolhidos pais de sentimentos embotados, ou podem os pais morrer antes que se

manifestem os efeitos kármicos. Ou o sofrimento por meio da criança pode ser o Karma dos próprios pais. O amor materno como instinto está entre Rasâtala e Talâtala.

Os Lipikas têm a seu cargo os registros kármicos do homem, e os imprimem na Luz Astral.

As pessoas vacilantes e versáteis passam de um a outro estado de consciência.

O pensamento precede o desejo. O pensamento atua no cérebro, o cérebro no órgão, e então se desperta o desejo. Não é o estímulo externo que aviventa o órgão. Para extinguir o desejo, é preciso, portanto, suprimir o pensamento.

O estudante deve vigiar os próprios pensamentos. Em cinco minutos pode um pensamento destruir uma obra de cinco anos; e, ainda, que para refazer esta obra menos de cinco anos sejam necessários, houve sempre uma perda de tempo.

A CONSCIÊNCIA

H. P. B. declarou não concordar com as idéias ocidentais a respeito da consciência, e criticou as definições incompletas por parte das principais filosofias, onde não se faz distinção alguma entre consciência e autoconsciência, que é precisamente o que separa o homem do animal. O animal é apenas consciente; não é autoconsciente, não conhece o Ego como sujeito, ao contrário do que se passa com o homem. Há, deste modo, enorme diferença entre a consciência do pássaro, do inseto, do quadrúpede, e a do homem.

Mas a plena consciência do homem é a autoconsciência — é o que nos faz dizer: "*Eu* faço isto." Se existe o prazer, há de haver alguém que o sinta. Ora, a diferença entre a consciência do homem e a do animal, está em que, embora exista um Eu no animal, não tem ele consciência do Eu.

Spencer disserta racionalmente sobre a consciência; mas, quando se lhe depara uma dificuldade, ele simplesmente passa sobre ela. E com Hume acontece a mesma coisa; ao dizer que na introspecção vê apenas sentimentos, e nunca um Eu, esquece que sem um "Eu" não lhe seria possível observar os sentimentos. Que é o que analisa os sentimentos? O animal carece do sentimento do "Eu sou eu". Possui o instinto; mas o instinto não é autoconsciência. A autoconsciência é um atributo da mente, e não da alma, a *anima* (donde deriva o próprio nome *animal*).

A humanidade não possuía autoconsciência até o advento dos Mânasaputras, na Terceira Raça. A consciência, a consciência cerebral, é o campo iluminado pela luz do Ego, do Ovo Áurico, do Manas Superior. As células da perna, por exemplo, são conscientes, mas escravas da idéia; não são autoconscientes, não podem dar nascimento a uma idéia, embora possam, quando estão cansadas, sugerir ao cérebro uma sensação de mal-estar, despertando assim a idéia de fadiga. O instinto é o grau inferior da consciên-

cia. A consciência do homem passa pelas quatro chaves de sua consciência setenária; há sete graus de consciência em sua consciência, que, entretanto, não deixa de ser essencialmente una, isto é, uma unidade. Há milhões e milhões de estados de consciência, como há milhões e milhões de folhas nas árvores; mas, assim como não se podem encontrar duas folhas idênticas, também não existem dois estados de consciência iguais. Um estado de consciência nunca se repete exatamente.

É a memória algo que, existente em nós, possa dar nascimento ao Ego? Conhecimento, sentimento e volição não são faculdades da mente, mas seus acompanhantes. A memória é uma coisa artificial, uma adjunção de relatividades; pode ser aguçada ou embotada, e depende do estado das células cerebrais que armazenam todas as impressões. O conhecimento, o sentimento e a volição não podem ser postos em correlação, por mais que se queira. Não se derivam uns dos outros, nem são produtos da mente: são princípios, co-associados. Não é possível adquirir o conhecimento sem a memória, porque a memória armazena, dispõe e provê todas as coisas. Se à criança nada for ensinado, ela nada saberá. A consciência cerebral depende da intensidade da luz refletida pelo Manas Superior no Inferior, e do grau de afinidade entre o cérebro e essa luz. A mente cerebral está condicionada à receptividade do cérebro em relação à mesma luz; é o campo de consciência do Manas. A Mônada e o Manas existem latentes no animal; mas o cérebro deste não é receptivo. Todas as potencialidades aí estão, adormecidas. No Ocidente há certos erros aceitos que lhe viciam todas as teorias.

Quantas impressões pode o homem receber e registrar, simultaneamente, em sua consciência e em sua memória? Os ocidentais dizem que uma; os ocultistas afirmam que normalmente sete, e anormalmente quatorze, dezessete, dezenove, vinte e uma, e até mesmo quarenta e nove impressões podem ser recebidas ao mesmo tempo. Ensina o Ocultismo que a consciência capta sempre impressões sétuplas, retendo-as na memória. A prova disso temos em que, fazendo soar ao mesmo tempo as sete notas musicais, os sete sons chegam simultaneamente à consciência, ainda que o ouvido não educado só os perceba um depois de outro; e, se quisermos, poderemos medir os intervalos. O ouvido exercitado percebe as sete notas de uma vez, simultaneamente. E a experiência demonstrou que um homem pode exercitar-se em duas ou três semanas para receber dezessete ou dezoito impressões cromáticas, cujos intervalos irão crescendo com a prática.

A memória é adquirida para esta vida, e pode desenvolver-se. O gênio consiste na maior receptibilidade do cérebro físico e da memória cerebral ao Manas Superior. As impressões recebidas por qualquer um dos sentidos são armazenadas na memória.

Antes de aparecer e definir-se um sentido físico, há um sentimento mental que lhe é precursor. Os peixes cegos que vivem nas profundezas do mar, ou em águas subterrâneas, criam olhos ao cabo de algumas gerações, se colocados em um tanque. Mas em seu estado anterior de cegueira

são dotados de um *sentimento* visual, embora não possuam o *sentido* da vista. De outra forma, como poderiam mover-se nas trevas, evitar os perigos, etc.?

A mente recolhe e armazena de maneira inconsciente e mecânica toda espécie de coisas, e depois as projeta na memória como percepções inconscientes. Se a atenção está demasiado absorvida em algum objeto, não notamos imediatamente as sensações dolorosas; mas depois de algum tempo a dor se faz sentir em nossa consciência.

Assim, e retornando ao nosso exemplo das sete notas que soam ao mesmo tempo, temos uma só impressão, mas o ouvido capta as notas, uma após outra, de modo que se imprimem sucessivamente na mente cerebral, pois à consciência não exercitada é impossível registrá-las em ato simultâneo. Tudo depende do exercício e da atenção. Nestas condições, a transferência de sensação de um órgão para a consciência é quase instantânea, se a nossa atenção está concentrada no caso; mas, se qualquer ruído nos distrai, então se passará uma fração de segundo antes que a sensação alcance a consciência. Deve o ocultista exercitar-se em receber e transmitir, simultaneamente, todas as impressões nas sete escalas de sua consciência. Será tanto maior o progresso quanto menores forem os intervalos de tempo físico.

OS SETE GRAUS DA CONSCIÊNCIA

Há sete graus ou matizes da consciência como unidade; quatro inferiores e três superiores. Manifestam-se, por exemplo, em qualquer momento de prazer ou de dor.

1. Percepção sensória física:	Percepção da célula (se paralisada, ainda assim existe na célula a sensação, embora o não sintamos).
2. Autopercepção ou apercepção:	Ou seja: autopercepção da célula.
3. Apercepção psíquica:	Do duplo astral, *Doppel-ganger,* que conduz à
4. Percepção vital:	Sensibilidade física, sensações de prazer e dor, de qualidade.

Tais são os quatro graus inferiores, que dizem respeito ao homem psicofisiológico.

5. Autopercepção Manásica:	Discernimento do Manas Inferior.
6. Percepção da vontade:	Percepção volitiva, a aceitação voluntária de uma idéia; tenha-se ou não em conta a dor física.
7. Apercepção espiritual, inteiramente consciente:	Porque alcança o Manas Superior, autoconsciente.

[Apercepção quer dizer autopercepção, ação consciente, não segundo o conceito de Leibnitz, mas quando a atenção se fixa na percepção.]

Estes graus podem manifestar-se em qualquer plano; por exemplo, uma notícia má passa pelos quatro graus inferiores antes de chegar ao coração.

Consideremos o som:

1. Percussão no ouvido.
2. Autopercepção do ouvido.
3. Percepção psíquica ou mental, que o conduz até a
4. Percepção vital (som áspero, suave; forte, débil; etc.).

O EGO

Uma das melhores provas de que existe o Ego, o verdadeiro campo de consciência, é que jamais se reproduz exatamente o mesmo estado, conforme dissemos; ainda que vivêssemos cem anos e experimentássemos milhares e milhares de estados. Em um dia de atividade, são tantos os estados e subestados, que não seria possível haver células bastantes para todos eles. Isso ajudará a compreender por que alguns estados mentais e algumas coisas abstratas acompanham o Ego no Devachan, enquanto outros simplesmente se dissipam no espaço. Tudo o que vibra em consonância com o Ego, como por exemplo uma boa ação, guarda afinidade com ele e o segue ao Devachan, fazendo parte integrante da biografia da personalidade que se está desintegrando. Os sentimentos elevados percorrem os sete graus e alcançam o Ego, e a mente põe em vibração as células mentais.

Podemos analisar e descrever a operação da consciência; mas não podemos definir a consciência sem supor um sujeito consciente.

BHÛRLOKA

O Bhûrloka começa com o Manas Inferior. Os animais não sentem como o homem. O cão se preocupa mais com a cólera do seu dono que com a dor causada pelo chicote. O animal não sofre na memória e na imaginação, e sente a dor passada e a futura tanto quanto a dor presente.

GLÂNDULA PINEAL

O cérebro é o órgão próprio da percepção física, e a percepção está localizada na aura da glândula pineal. Esta aura vibra em resposta a quaisquer impressões, mas no homem vivo isto pode ser apenas sentido, e não percebido. Durante o processo do pensamento que se opera na consciência, está em constante vibração a luz [illegible] aura; e o clarividente que examinasse o cérebro de um homem vivo poderia quase contar, e vem com o olho espiritual, os sete graus, os sete matizes de luz, que vão do mais escuro ao mais brilhante. Quando vamos tocar em nossa mão, a aura da glândula pineal entra desde logo em vibração, com o seu matiz correspondente. A aura é o que determina o desgaste e a destruição do órgão, pelas vibrações que

produz. O cérebro, ao vibrar, transmite as vibrações ao cordão espinhal, e assim ao resto do corpo. Tanto a felicidade como a desgraça ocasionam fortes vibrações, que desgastam o corpo. E vibrações violentas de alegria ou de tristeza podem matar.

O CORAÇÃO

A vibração setenária da luz que circunda a glândula pineal reflete-se no coração, ou antes, na aura do coração, a qual ilumina e faz vibrar os sete centros cardíacos, de maneira análoga à atuação da aura ao redor daquela glândula. Tal é o Saptaparna, o lótus, exotericamente de quatro folhas, mas esotericamente sete, ou a caverna de Buddha com suas sete câmaras.

O ASTRAL E O EGO

O Corpo Astral e o Ego diferem em natureza e essência. O Corpo Astral é molecular, por etéreo que possa ser. O Ego é atômico, espiritual. Os átomos são espirituais, e nunca visíveis neste plano; as moléculas se formam ao redor dos átomos, que permanecem invisíveis como princípios superiores das moléculas.

Os olhos são os órgãos sensórios de caráter mais oculto. Ao fechá-los, passamos ao plano mental.

Se detivermos o funcionamento de todos os sentidos, estaremos em outro plano.

A INDIVIDUALIDADE

Se doze pessoas estão fumando juntas ao mesmo tempo, as fumaças dos cigarros se misturam; mas as moléculas de cada uma têm afinidade entre si, e permanecem distintas, apesar da mistura. Do mesmo modo, uma gota d'água, caindo no oceano, conserva sua individualidade; porque, como gota que foi, tem vida própria, como o homem, e não pode aniquilar-se. Uma simples reunião de pessoas aparecerá, na Luz Astral, como um grupo sem caráter permanente; mas um grupo de homens, formado para estudar em comum o Ocultismo, apresentará uma coesão duradoura. Quanto mais elevada e espiritual a afinidade, tanto mais permanente será a coesão.

O MANAS INFERIOR

O Manas Inferior é uma emanação do Manas Superior e da mesma natureza que este. A natureza manásica pode não receber nem causar nenhuma impressão neste plano: um Arcanjo, carecendo de experiência, seria insensível no plano físico, sem poder dar nem receber impressões. O Manas Inferior reveste-se, assim, com a essência da Luz Astral, e este envoltório o aparta de seu Pai, com o qual unicamente se comunica por meio do Antahkarana. Se tal comunicação desaparece, fica o homem convertido em animal.

KÂMA

Kâma é a vida e a essência do sangue. Quando Kâma o abandona, o sangue se coagula. Prâna é universal neste plano. Em nós, melhor diremos Princípio Vital, Princípio Prânico.

O CARÁTER INDIVIDUAL

As qualidades determinam a índole do "caráter individual" [12]. Por exemplo, dois lobos colocados no mesmo ambiente não se comportariam de maneira diferente, segundo todas as probabilidades.

O campo de consciência do Ego Superior nunca se reflete na Luz Astral. O Envoltório Áurico recebe tanto as impressões do Manas Superior como as do Inferior; mas só as impressões do último se refletem na Luz Astral. Ao passo que a essência de todas as coisas espirituais, de tudo o que alcança o Ego Superior, ou que não é por este rejeitado, deixa de espelhar-se na Luz Astral, porque esta pertence a um plano demasiado baixo. Mas durante a vida humana a essência está impressa no Envoltório Áurico, para fins kármicos; e depois da morte e da separação dos princípios se une à Mente Universal (isto é, àquelas "impressões" que são superiores ao próprio plano Devachânico), para ali esperar karmicamente, até o dia em que deva o Ego reencarnar-se. [Temos, portanto, três ordens de impressões, que podemos denominar Kâmicas, Devachânicas e Manásicas.] Porque toda entidade, por elevada que seja, deve ter na Terra seus prêmios e castigos kármicos. As impressões espirituais ficam mais ou menos gravadas no cérebro, pois de outro modo o Ego não seria responsável. Há, contudo, algumas impressões recebidas pelo cérebro que não provêm de experiências anteriores. No Adepto, o cérebro está preparado para receber e reter estas impressões.

Para melhor compreensão, podemos dividir o Raio Reencarnante em dois aspectos: o Ego Kâmico Inferior, que se desintegra no Kâma-Loka; a parte Manásica, que cumpre o seu ciclo e retorna ao Ego Superior. É na realidade o Ego Superior que sofre a pena. Esta é a verdadeira crucifixão do Christos — o mais abstruso mistério do Ocultismo e, sem embargo, o mais importante: dele depende todo o ciclo de nossas vidas. Em verdade é o Ego Superior que sofre; pois a consciência abstrata da consciência pessoal superior fica impressa no Ego, como parte integrante de sua eternidade. Todas as nossas impressões mais elevadas se gravam no Ego Superior, por serem de natureza idêntica à sua.

O patriotismo e os grandes feitos a serviço da nação, se considerados de um ponto de vista mais elevado, não são intrinsecamente bons. Beneficiar uma parte da humanidade é uma boa coisa; mas fazê-lo em prejuízo da humanidade restante é mau. No patriotismo, o bem e o mal se entremeiam; e, conquanto seja impoluível a essência íntima do Ego Superior, a vestimenta

(12) ["Self-hood" no texto inglês.]

externa pode ser manchada. A parte boa e a má dos pensamentos e dos atos ficam estereotipadas no Envoltório Áurico, e o Ego toma sobre si o Karma da parte má, ainda que de todo inocente. Ambas as ordens de impressões se dispersam depois da morte na Mente Universal; e o Ego, quando reencarna, projeta um Raio, que é ele mesmo, na nova personalidade, e sofre com esta. Sofre em sua autoconsciência resultante das próprias experiências acumuladas.

Cada Ego tem por trás de si o Karma de Manvantaras passados. Existem sete Hierarquias de Egos, alguns dos quais, como nas tribos selvagens, pode-se dizer que apenas iniciam o seu ciclo atual. O Ego surge dotado de consciência divina; sem passado, nem futuro, nem separação; e muito tempo se escoa antes de poder advertir que ele é ele, e só ao cabo de muitas vidas discerne, pela experiência coletiva, que é um indivíduo. Terminado o ciclo de suas reencarnações, continua sendo a mesma Consciência Divina, mas então já se tornou uma Autoconsciência individualizada.

O sentimento de responsabilidade dimana da presença da Luz do Ego Superior. À medida que se vai individualizando, em seu ciclo de renascimentos, aprende o Ego, pelo sofrimento, a reconhecer cada vez mais sua própria responsabilidade, para finalmente alcançar a Autoconsciência, a consciência de todos os Egos do Universo. O Ser Absoluto, para ter a idéia ou a sensação de tudo isso, deve passar por todas as experiências, individual e não universalmente, a fim de que, reintegrando-se, volte com a mesma onisciência da Mente Universal, *mais* a memória de tudo aquilo por que passou.

No dia de "Sê conosco", há de recordar o Ego todos os ciclos de suas passadas encarnações nos Manvantaras. Então, entrando em contato com a Terra, os sete princípios não serão mais do que um; e o Ego verá tudo quanto fez aqui. Verá a humanidade em conjunto; mas conservará sempre aquele sentimento do "Eu".

Devemos, portanto, nunca deixar de acentuar a nossa responsabilidade.

O Ego Superior é, por assim dizer, um globo de luz pura e divina; uma unidade pertencente a um plano superior, onde não existe a diferenciação. Ao descer para um plano de diferenciação, emite um Raio, que somente se manifesta por meio da personalidade já diferenciada. Uma parte desse Raio, O Manas Inferior, pode cristalizar-se a tal ponto, durante a vida, que venha a identificar-se com o Kâma e ficar assimilado à matéria. Mas a parte que se conserva pura forma o Antahkarana. Todo o destino de uma encarnação depende de ser o Antahkarana capaz ou não de dominar o Kâma-Manas. Depois da morte, a luz superior (Antahkarana), que contém as impressões e a memória de todas as boas e nobres aspirações, reintegra-se no Ego Superior; ao passo que os maus desejos se dispersam no espaço, para voltarem como o mau Karma que espera a personalidade.

O sentimento de responsabilidade é o princípio da sabedoria; a prova de que o Ahamkara já começa a desvanecer-se, o início da perda do sentimento de separatividade.

O KÂMA-RÛPA

Às vezes o Kâma-Rûpa se separa e se transfere para os animais.

Todos os animais de sangue vermelho procedem do homem. Os de sangue frio provêm da matéria do passado. O sangue é o Kâma-Rûpa.

Os glóbulos brancos do sangue são os varredores ou "devoradores"; promanam do Astral através do baço, e são de natureza astral. Correspondem aos "nascidos do suor" dos Châyâs. Kâma permeia todo o corpo. Os glóbulos vermelhos são gotas de fluido elétrico, que exsudam de cada célula em todos os órgãos. São a progênie do Princípio Fohático.

O CORAÇÃO

Há sete cérebros no coração, que são os Upâdhis e os símbolos das sete Hierarquias.

OS FOGOS

Os Fogos estão sempre atuando em torno da glândula pineal; e, quando Kundalini os ilumina por um breve instante, todo o Universo se faz visível. Até no sono profundo se abre o Terceiro Olho. O resultado é benéfico para Manas, embora não guardemos lembrança disso.

A PERCEPÇÃO

Em resposta a uma pergunta sobre os sete estados da percepção, disse H. P. B. que, se concentrássemos o pensamento no mais elevado deles, o sétimo, e então nos esforçássemos por transcendê-lo, veríamos que neste plano é impossível ir além. O cérebro é incapaz de conduzir o pensador para mais longe; para que o pensamento se alcandorasse em tais alturas, seria preciso pensar sem o cérebro. Mas, se o estudante cerrar os olhos, e a sua vontade não permitir a atuação do cérebro, então lhe será possível transportar-se ao plano imediato. Os sete estados de percepção precedem o Antahkarana. Se conseguirmos transcendê-los, estaremos no Plano Manásico.

Imaginai algo que ultrapasse a vossa capacidade mental; por exemplo, a natureza dos Dhyân-Chohans. Deixai então passivo o cérebro, e passai além; vereis uma luz radiante e branca como a prata, mas opalescente como o nácar, luz onde se cruzarão ondas coloridas e cambiantes, desde o violeta pálido ao anil de brilho metálico, com matizes intermédios de verde-bronze. Essa visão será a prova de que vos encontrais em outro plano, ao qual tereis chegado depois de transpor os sete estados.

Quando se apresentar uma cor, observai-a; e, se não for boa, não a aceiteis. Deve a vossa atenção fixar-se tão somente no verde, no anil e no amarelo. São cores boas. Como os olhos estão relacionados com o cérebro, a cor que vereis com mais facilidade será a da personalidade. Se aparecer o vermelho, não lhe deis atenção: é uma cor puramente fisiológica. O verde-bronze corresponde ao Manas Inferior; o amarelo-bronze ao Antahkrana; o

anil-bronze ao Manas. São cores que merecem a vossa atenção; e quando virdes que o amarelo-bronze se funde com o anil, é porque já chegastes ao Plano Manásico.

Nesse Plano Manásico vereis os *Números*, a essência dos fenômenos. Ali não avistareis pessoas, nem outras consciências; mas tereis bastante o que fazer com a vossa. O vidente educado pode sempre perceber os números. O Adepto vê os números neste plano, vê a realidade das coisas, e assim não pode ser enganado.

O principiante em meditação pode oscilar entre dois planos, para trás e para diante. Neste plano físico ouvis o tique-taque de um relógio, e no plano astral percebeis a alma do tique-taque. Quando o relógio pára, as vibrações perduram no plano astral e no éter, até que se tenha destruído o último fragmento do relógio. A mesma coisa ocorre em um cadáver, que desprende emanações até a desintegração da última molécula.

Na meditação não existe o tempo, porque não há sucessão de estados de consciência nesse plano.

A cor do Astral é o violeta. Por ela começais; é preciso, porém, não vos deterdes aí; deveis transcendê-la. Se aparecer uma faixa violeta, é porque estais formando inconscientemente um corpo ilusório ou Mâyâvi-Rûpa. Fixai a atenção; e, se vos afastardes, mantende firmemente a vossa consciência no corpo Mâyávico: não deveis perdê-lo de vista, é preciso insistir com a maior tenacidade.

A CONSCIÊNCIA

A consciência simplesmente animal é constituída pela consciência de todas as células do corpo, menos as do coração. Este órgão é o mais importante e o rei de todos os demais órgãos do corpo. Até quando a cabeça se acha separada do corpo, continua o coração a bater durante trinta minutos; e continuará a palpitar ainda por algumas horas se for envolvido em algodão e colocado sob temperatura elevada.

Há no coração um ponto, um centro da vida, chamado Sede de Brahmâ, que é o último a cessar de bater. É o primeiro centro vital que funciona no feto, e o último que morre no organismo. Se um Yogi é enterrado em estado de transe, subsiste a vida nesse ponto, ainda que o resto do corpo esteja morto; e, enquanto subsistir, poderá o Yogi ser ressuscitado. Esse centro do coração contém, em estado potencial, a vida, a energia, a mente e a vontade. Durante a vida irradia cores irisadas de matiz luminoso e opalescente. O coração é o centro da consciência espiritual, como o cérebro o é da consciência intelectual. Todavia, não pode o homem guiar essa consciência, nem dirigir sua energia, enquanto não estiver sintonizado com Buddhi-Manas. Até então a consciência guia o homem (se ele se deixa guiar). Daí as angústias do remorso, as aguilhoadas da consciência, que vêm do coração e não da cabeça. O Deus único manifestado está no coração; e com os outros dois, que são invisíveis, forma-se a tríade Âtmâ-Buddhi-Manas.

Em resposta à pergunta sobre se a consciência podia concentrar-se no coração, e assim captar os impulsos do Espírito, disse H. P. B. que quem desse modo pudesse concentrar-se estaria identificado com Manas, teria unido Kâma-Manas ao Manas Superior. Não pode este último guiar diretamente o homem: tem que atuar por intermédio do Manas Inferior.

No homem há três centros principais: o coração, a cabeça e o umbigo. Considerados dois a dois, um pode ser positivo ou negativo em relação ao outro, conforme a sua predominância.

O coração corresponde à Tríade Superior; o fígado e o baço ao Quaternário. O plexo solar é o centro cerebral do estômago.

Indagou-se de H. B. P. se os três centros acima mencionados podiam representar o Christos crucificado entre dois ladrões. Respondeu que era admissível a analogia, mas convinha não abusar destas imagens. Devemos sempre ter presente que o Manas Inferior, em sua essência, é idêntico ao Manas Superior, com o qual poderá unificar-se repelindo os impulsos Kâmicos. A crucifixão do Christos simboliza o auto-sacrifício do Manas Superior, do Pai que envia o Filho unigênito para assumir os nossos pecados no mundo. O mito de Cristo nos veio dos Mistérios. A vida de Apolônio de Tiana tem as mesmas raízes; omitiram-na os Padres da Igreja por causa de sua extraordinária semelhança com a de Cristo.

O homem psicointelectual se acha todo na cabeça, com suas sete portas externas; o homem espiritual está no coração. As circunvoluções cerebrais são formadas pelo pensamento.

Durante a vida o terceiro ventrículo do cérebro está cheio de luz, e não de um líquido como acontece depois da morte.

Há no cérebro sete câmaras, que estão inteiramente vazias durante a vida, e onde se refletem as imagens que hão de perdurar na memória. Estes centros são chamados em Ocultismo as sete harmonias, a escala das harmonias divinas; e estão ocupados pelo Akâsha, cada qual com a sua cor peculiar, conforme o estado de consciência do indivíduo. A sexta câmara é a glândula pineal, que é oca e vazia durante a vida; a sétima é o conjunto cerebral; a quinta o terceiro ventrículo; e a quarta o corpo pituitário. Quando Manas está unido a Âtmâ-Buddhi, ou quando Âtmâ-Buddhi está enfocado em Manas, atua ele nas três câmaras superiores, emite e irradia um halo de luz, que se faz visível no caso de uma pessoa verdadeiramente santa.

O cerebelo é o centro, o armazém de todas as forças; é o Kâma da cabeça. A glândula pineal está em correspondência com o útero, e seus pedúnculos com as trompas de Falópio. O corpo pituitário é apenas o seu servo, o seu porta-luz, como aqueles escravos que conduziam os archotes à frente da carruagem de uma princesa. Temos, portanto, que o homem é andrógino no que concerne à sua cabeça.

O homem encerra em si todos os elementos do Universo. Nada há no Macrocosmo que também não esteja no Microcosmo.

A glândula pineal, já o dissemos, está vazia durante a vida. O corpo pituitário contém várias essências. Depois da morte se precipitam na cavidade as granulações da glândula pineal.

O cerebelo supre os materiais necessários à ideação. Os lobos frontais de cérebro dão o acabamento e o polimento aos materiais, mas por si mesmos não podem criar.

A percepção clarividente é a consciência do tato: assim, podem-se ler cartas, discernir objetos, etc., com a boca do estomago. Cada sentido possui consciência própria; por meio dos sentidos podemos ter consciência das coisas. É possível haver consciência no plano da visão, ainda que esteja paralisado o cérebro. Os olhos de um paralítico expressarão o terror. Ocorre o mesmo com o sentido da audição. Os que são fisicamente cegos, surdos ou mudos continuam de posse dos complementos psíquicos da vista, do ouvido e da fala.

VONTADE E DESEJO

No homem, Eros é a vontade do gênio criador de obras de arte — a música, a pintura, etc. São coisas que se perpetuam e beneficiam a raça humana. A criação artística nada tem de comum com o desejo animal de engendrar. Nela, a vontade é atributo do Manas Superior, sua universal e harmônica atuação. O desejo é produto da separatividade, a ânsia da satisfação do Eu pessoal na matéria. O caminho aberto entre o Ego Superior e o Inferior permite que o primeiro atue sobre a personalidade.

SOBRE A CONVERSÃO

Não é exato que um homem de grande poder maléfico possa converter-se subitamente, tornando-se igualmente poderoso no sentido do bem. Seu veículo está por demais contaminado, e no máximo ele poderá neutralizar o mar e contrabalançar, em sua presente encarnação, as más causas kármicas que pôs em ação. Não é possível usar um barril de peixes para guardar essência de rosas; a madeira ficou toda impregnada de salmoura. Os maus impulsos e tendências, depois de impressos na natureza humana, não podem transmutar-se de repente. As moléculas do corpo já se acham orientadas em um sentido Kâmico; e, ainda que tenham suficiente inteligência para discernir as coisas em seu próprio plano, isto é, para evitar o que lhes é nocivo, não são capazes de compreender uma mudança de direção, em que o impulso vem de outro plano. Se foram inconsideradamente violentadas, poderá sobrevir a enfermidade, e loucura ou a morte.

AS ORIGENS

De Parabrahman, o movimento absoluto, eterno e inconcebivelmente rápido, que não é nada e é tudo, emana uma película: é a Energia, ou Eros, que se transforma em Mûlaprakriti, a Substância Primordial, que é ainda Energia. Esta Energia, por seu incessante e inconcebível movimento, se converte no Átomo, ou mais propriamente, no germe do Átomo, que está no Terceiro Plano do Universo.

Nosso Manas é um Raio da Alma do Mundo, que se recolhe durante o Pralaya. "É talvez o Manas Inferior de Parabrahman", isto é, do Parabrahman do Universo manifestado. A primeira película é a Energia, ou o movimento no plano manifestado. Âlaya é o Terceiro Logos, Mahâ-Buddhi, Mahat. Começamos sempre no Terceiro Plano; além dele tudo é inconcebível. Âtmâ é concentrado em Buddhi, mas só toma corpo em Manas; e os três são o Espírito, a Alma e o Corpo do Universo.

OS SONHOS

Nos sonhos podemos ter experiências boas e más. Devemos, por isso, exercitar-nos e educar-nos para despertar imediatamente sem que observemos alguma tendência nociva.

Nos sonhos sensoriais o Manas Inferior está adormecido; e então a consciência animal, guiada por Kâma, se dirige para a Luz Astral. Em tais sonhos a tendência é sempre de índole animal.

Se fôssemos capazes de recordar o que sonhamos enquanto dormimos profundamente, também seríamos capazes de recordar todas as nossas existências passadas.

NIDÂNAS

Há doze Nidânas, exotérica e esotericamente, segundo a doutrina fundamental do Budismo.

Também há, no Budismo, doze Suttas exotéricos chamados Nidânas, cada um dos quais dá um Nidâna.

Os Nidânas têm um duplo significado, a saber:

1. As doze causas da existência senciente, por meio dos doze elos da Natureza subjetiva com a Natureza objetiva, ou entre as Naturezas subjetivas e as objetivas.

2. Um encadeamento de causas e efeitos.

Toda causa produz um efeito, e este efeito, por sua vez, passa a ser uma causa. E cada uma destas causas tem como base ou Upâdhi uma subdivisão de um dos Nidânas, como também um efeito ou conseqüência.

Tanto as causas como os efeitos pertencem a um ou outro dos Nidânas, e cada uma destas causas tem como base, ou Upâdhi, suas subdivisões.

São estes os nomes dos doze Nidânas:

1. Jarâmarana
2. Jâti
3. Bhava
4. Upâdâna
5. Trishnâ
6. Vedanâ
7. Sparsha
8. Chadayâtana
9. Nâmarûpa
10. Vijnânâ
11. Samskâra
12. Avidyâ [13]

(13) [Se lermos os Nidânas em sentido inverso, isto é, de 12 a 1, dão eles a ordem da evolução. N. do Ed. na edição de 1887.] [Para o significado destas palavras, veja-se *Theosophical Glossary*.]

1. *Jarâmarana* (literalmente: a morte por decrepitude). Observe-se que a morte, e não a vida, ocupa o primeiro lugar entre os Nidânas. É o primeiro dos princípios fundamentais do Budismo: todo átomo, em todo momento, desde que nasce, principia a morrer.

Nesse princípio estão baseados os cinco Skandhas, que são os seus efeitos ou resultados. E o princípio, por sua vez, se baseia nos cinco Skandhas. Há reciprocidade em ambas as coisas: uma produz a outra.

2. *Jâti* (lit., o nascimento). Ou seja: nascimento segundo um dos quatro modos do Chaturyoni (as quatro matrizes), a seber:

(*a*) Por placenta, como os mamíferos.

(*b*) Por ovos, como as aves.

(*c*) Por germes, etéreos ou líquidos — a desova dos peixes e dos insetos, o pólen, etc.

(*d*) Por Anupâdaka — Nirmânakâyas, Deuses, etc.

Efetua-se o nascimento por um destes quatro processos. Nós devemos nascer em um dos seis modos objetivos da existência, ou no sétimo, que é subjetivo. Os quatro processos estão compreendidos nos seis modos de existência, a saber:

Exotericamente:

I. Devas; II. Homens; II. Asuras; IV. Homens no Inferno; V. Pretas, demônios devoradores na Terra; VI. Animais.

Esotericamente:

I. Deuses superiores; II. Devas ou Pitris (de todas as classes); III. Nirmânakâyas; IV. Bodhisattvas; V. Homens em Myalba; VI. Existências Kâma-Rûpicas, de homens ou de animais no Kâma-Loka ou na Luz Astral; VII. Elementais (Existências subjetivas).

3. *Bhava*. Existência kármica; não existência vital, mas como um agente moral que determina o Loka *onde* devemos nascer: Bhûr, Bhuvar ou Svar (são na realidade sete Lokas).

A causa ou o Nidâna de Bhava é Upadâna, isto é, o apego à existência, aquilo que nos faz desejar a vida de qualquer maneira. Seu efeito é Jâti, ou o nascimento em um dos três Lokas e sob quaisquer condições.

Os Nidânas são a expressão pormenorizada da lei do Karma sob doze aspectos nidânicos.

SKANDHAS

Skandhas são os germes da vida em todos os sete planos do Ser, e constituem a totalidade do homem subjetivo e objetivo. Cada vibração que produzimos é um Skandha. Estão os Skandhas estreitamente associados aos aspectos da Luz Astral, pois é nesta que se gravam as impressões. Os Skandhas, ou vibrações, relacionados com o homem subjetivo ou objetivo, são os liames que atraem o Ego Reencarnante, os germes que ele deixou atrás

quando passou ao Devachan, e que deverá recolher para que sejam extintos homem interno e subjetivo.
em nova personalidade. Os Skandhas exotéricos têm conexão com os átomos e as vibrações físicas, ou o homem objetivo; os Skandhas esotéricos com o

Uma transformação mental ou um vislumbre de espiritualidade podem subitamente conduzir o homem à luz da verdade, inclusive no instante da morte, formando-se deste modo bons Skandhas para a existência subseqüente. Os últimos pensamentos e ações do homem têm grande influência em sua vida futura; e é nisto que se baseia a idéia do arrependimento na hora da morte. Mas não o eximirão de sofrer pelas más ações cometidas; e os efeitos kármicos de sua vida passada terão de acompanhá-lo, cumprindo-lhe recolher, na próxima existência, os Skandhas, ou impressões vibratórias, que deixou na Luz Astral. Porque em Ocultismo nada se cria do nada, e deve haver um elo entre as existências. Dos velhos Skandhas nascem outros Skandhas novos.

Não é correto falar de Tanhâ no plural, pois só há um Tanhâ: *o desejo de viver,* que se multiplica em uma porção de desejos, podemos dizer uma congérie de desejos. Os Skandas são kármicos e não-kármicos. Podem originar elementais, por efeito de Krikâshakti inconsciente. Todo elemental criado pelo homem deve retornar a ele, mais cedo ou mais tarde, porque é vibração sua. Os elementais são, portanto, o seu Frankenstein. São nada mais que pensamentos, bons ou maus, desencarnados; efeitos que produzem efeitos. Cristalizam-se na Luz Astral e se deixam atrair por afinidade, por assim dizer galvanizados por seus autores quando estes regressam à vida terrestre. Podemos, contudo, paralisá-los pela ação de efeitos contrários. Os elementais nos invadem como uma doença, e por isso são perigosos, tanto para nós como para os outros. Há sempre o perigo de exercerem influência sobre os demais. Os elementais que sobrevivem à nossa morte são os que se inoculam, digamos assim, nas outras pessoas. O resto permanece latente até a reencarnação seguinte, quando renascem em nós.

"Assim", diz H. P. B., "se eu vos ministrasse maus ensinamentos ou vos incitasse a praticar ações delituosas, e continuásseis a praticá-las mesmo depois da minha morte, sobre mim teria que recair o Karma, porque minha seria a culpa. Calvino, por exemplo, atraiu sobre si as conseqüências de seus ensinamentos errôneos, embora os desse com boas intenções. O pior que **** faz é deter a marcha da verdade. Até mesmo Buddha cometeu erros, quando ensinou certas doutrinas a pessoas que não estavam preparadas para compreendê-las; e isto gerou Nidânas."

OS CORPOS SUTIS

Quando um homem visita outro em seu corpo astral, é o Linga Sharira que se transporta; mas tal coisa não pode ocorrer se a distância é muito grande.

Quando um homem *pensa* muito intensamente em outro que se encontra em lugar distante, pode às vezes aparecer a este. Neste caso é o Mâyâvi-

Rûpa que aparece, formado de modo inconsciente por Kriyâshakti. E o primeiro ignora que apareceu; porque só os Adeptos [14] podem projetar com plena consciência o seu Mâyâvi-Rûpa. Duas pessoas não podem simultaneamente perceber sua recíproca presença, a menos que uma delas seja Adepto. Os Dugpas e os feiticeiros costumam valer-se do Mâyâvi-Rûpa. Os Dugpas atuam sobre o Linga Sharira de outras pessoas.

O Linga Sharira no baço é a perfeita representação do homem, sendo bom ou mau conforme a natureza deste. O corpo astral é a imagem subjetiva do homem tal como ele deverá ser; o primeiro germe na matriz, o modelo do corpo físico em que a criança se forma e se desenvolve.

O Linga Sharira pode ser ferido por um instrumento cortante, e recuaria diante de uma espada ou uma baioneta, apesar de facilmente passar através de uma mesa ou qualquer outro móvel.

Entretanto, ao Mâyâvi-Rûpa ou forma-pensamento nada há que possa vulnerar, porque é puramente subjetivo. Quando se esgrime uma espada contra um espectro, o que fere é mesmo a espada, e não o seu Linga Sharira ou duplo astral. Unicamente os instrumentos agudos podem penetrar na matéria astral, à semelhança do que acontece com a água, dentro da qual seremos molestados por um corte, mas não por uma pancada.

Não é conveniente tentarmos a projeção do corpo astral; mas podemos exercitar a do Mâyâvi-Rûpa por Kriyâshakti.

O FOGO

O Fogo não é um elemento: é uma coisa divina. A chama física é o veículo objetivo do Espírito mais elevado. Os Elementais do Fogo são os de maior categoria. Tudo neste mundo tem sua aura e seu espírito. A chama que acendemos em uma vela nada tem a ver com a vela em si mesma. A aura de um objeto entra em contato com a parte inferior do outro. O granito não se queima porque sua aura é de fogo. Os Elementais do Fogo carecem de consciência neste plano, porque são demais elevados e refletem a divindade de sua própria origem, e os outros Elementais têm consciência física porque refletem a natureza humana. Há muita diferença entre o reino mineral e o reino vegetal. A torcida de uma candeia, por exemplo, é negativa, mas o fogo, com o azeite por agente, a transmuta em positiva. O Eter é Fogo. A parte inferior do Éter é a chama que estamos vendo. O Fogo é a presença subjetiva da Divindade no Universo. Este Fogo universal se manifesta, sob outras condições, como água, ar e terra. Em nosso Universo visível é o Fogo o único elemento que corresponde ao Kriyâshakti de todas as formas de vida. Ele dá a luz, o calor, a vida e a morte, etc. É o próprio sangue. Em todas as suas diversas manifestações, é o Fogo essencialmente uno.

---

(14) [H. P. B. quer dizer Iniciados; empregava geralmente a palavra Adeptos para significar todos os graus de Iniciação. E também, como se vê acima, usava a expressão Mâyâvi Rûpa em mais de um sentido. — Nota do Editor na ed. de 1887.]

O Fogo é a síntese dos "sete Cosmocratas".

Evidencia-se no *Antigo Testamento* a importância atribuída ao Fogo. A Coluna de Fogo, a Sarça Ardente, a Face Resplandecente de Moisés — sempre o Fogo. O Fogo é de natureza semelhante ao espelho, e reflete os raios da primeira ordem de manifestações subjetivas, raios que se supõe projetados sobre a tela dos primeiros lineamentos do universo criado; em seu aspecto inferior, são estes criações do Fogo.

O Fogo, no mais grosseiro aspecto de sua essência, é a primeira forma, e reflete as formas inferiores dos primeiros seres subjetivos do universo. Os Elementais do Fogo são os primeiros pensamentos divinos caóticos. Na terra, tomam estes a forma de salamandras (ou elementais inferiores do Fogo), que revoluteiam nas chamas. No ar existem milhões de seres vivos e conscientes, que se apoderam dos pensamentos que emitimos.

Os Elementais do Fogo estão relacionados com o sentido da vista, e absorvem os Elementais de todos os demais sentidos. Podemos, assim, por meio da vista, ter a consciência do tato. do ouvido, do gosto, etc., pois que todos estão compreendidos e sintetizados no da vista.

INDICAÇÕES SOBRE O FUTURO

Com o tempo haverá cada vez mais éter no ar; e quando o éter encher o ar, então as criaturas nascerão sem necessidade de pais. Há na Virgínia uma variedade especial que, sem dar flores, produz frutos desprovidos de sementes. Semelhante forma de geração no futuro se estenderá, gradualmnte, primeiro aos animais e depois à espécie humana. As mulheres terão filhos sem prévia fecundação, e na Sétima Ronda aparecerão homens capazes de reproduzir-se por si sós. Na Sétima Raça da Quarta Ronda, os seres humanos mudarão de pele todos os anos, e renovarão as unhas das mãos e dos pés. As pessoas se tornarão mais psíquicas, e mais tarde espirituais. Por último, na Sétima Ronda nascerão Buddhas sem pecado. A Quarta Ronda é a mais longa do Kali Yuga, vindo depois a Quinta e a Sexta; a Sétima será muito curta.

OS EGOS

Para ilustrar as relações entre o Ego Superior e o Ego Inferior, e explicar o Devachan e a "Morte da Alma", foi traçada a seguinte figura:

Quando se separam os Princípios depois da morte, o Ego Superior pode-se dizer que entra no Devachan em virtude das experiências do Ego Inferior. Em seu próprio plano o Ego Superior é o Kumâra.

O Quaternário Inferior se dissolve; o corpo físico entra em decomposição; o Linga Sharira se desvanece.

Ao reencarnar, o Ego Superior emite um Raio, que é o Ego Inferior.

Suas energias se distribuem para cima e para baixo. As tendências ascensionais se convertem em experiências Devachânicas, e as descensionais são Kâmicas. O Manas Superior está para Buddhi assim como o Manas Inferior está para o Superior.

A questão da responsabilidade pode ser esclarecida por meio de um exemplo. Se tomássemos a forma de Jack, o Estripador, teríamos que expiar os crimes por ele cometidos, uma vez que seríamos alcançados pela lei que manda punir o assassino. Seríamos então a vítima expiatória. Na mesma ordem de idéias, o Ego Superior é o Christos, a vítima sacrifical do Manas Inferior. Assume o Ego a responsabilidade de todos os corpos em que encarna. Se pedirmos dinheiro a alguém para emprestar a outro, e este último depois fugir, cumprir-nos-á arcar com o ônus do pagamento.

A Missão do Ego Superior é projetar um Raio que irá ser a alma da criança.

Assim, o Ego encarna em milhares de corpos, e toma a si os pecados e as responsabilidades de cada corpo. Cada vez que reencarna emite um novo Raio, que, no entanto, é sempre e essencialmente o mesmo em todos os homens. Os resíduos da encarnação se desintegram, e a parte boa vai para o Devachan.

A Chama é eterna. A Chama do Ego Superior ilumina o Inferior, e este os demais veículos em ordem sucessiva e descendente.

E, não obstante, o Manas Inferior será aquilo que de si mesmo fizer. Poderá proceder de modo diferente sob condições idênticas, porque é dotado de razão e autoconsciência, ou seja, possui a faculdade de discernir entre o bem e o mal, entre o justo e o injusto. Pertencem-lhe todos os atributos da Alma Divina, na qual o Raio é o Manas Superior, o sinal da responsabilidade sobre a Terra.

Uma parcela da essência é também essência; mas, enquanto estiver, por assim dizer, separada de si mesma, pode macular-se e contaminar-se. O Raio pode manifestar-se na Terra pela projeção de seu Mâyâvi-Rûpa; mas não assim o Manas Superior, que deve, por isso, emitir um Raio. Podemos comparar o Ego Superior ao Sol, e os Manas pessoais aos seus Raios. Se abstrairmos da luz e do ar que nos circunda, poderemos dizer que o Raio retorna ao Sol. Assim acontece com o Manas Inferior e o Quaternário Inferior.

O Ego Superior somente pode manifestar-se por seus atributos.

Nos casos de morte repentina, há como que uma interrupção do Raio, e não se desvanece o Manas Inferior nem o Kâma-Rûpa; mas a entidade não pode permanecer no Kâma-Loka nem ir para o Devachan. Seu destino é reencarnar imediatamente, passando então a ser uma alma animal *mais*

a inteligência do Raio separado. A manifestação desta inteligência no próximo nascimento dependerá inteiramente da conformação física do cérebro e da educação.

Semelhante alma pode voltar a unir-se ao seu Ego Superior na encarnação seguinte, se o ambiente em que viver lhe proporcionar possibilidade de aspirar a essa união (o que corresponde à "graça" dos cristãos). Se tal não acontecer, passará por mais duas ou três encarnações, durante as quais o Raio irá progressivamente enfraquecendo, e a personalidade nascerá como um idiota congênito, para depois, e finalmente, dissipar-se em formas inferiores.

Há grandes e profundos mistérios relacionados com o Manas Inferior.

Alguns homens de alto nível intelectual estão, de certo modo, em situação idêntica à dos homens comuns, porque têm o Ego Superior paralisado, o que significa haver-se atrofiado sua natureza espiritual.

O Manas pode transfundir sua essência em vários veículos, como, por exemplo, no Mâyâvi-Rûpa, e até em Elementais que possa animar, conforme ensinavam os Rosa-cruzes.

As pessoas que demonstram muita afeição para com os animais domésticos estimulam e apressam a evolução destes; mas, em compensação, absorvem a vitalidade e o magnetismo dos animais. É, pois, contra a Natureza, e até mesmo nocivo, acelerar assim a evolução animal.

A EVOLUÇÃO MONÁDICA

Os Kumâras não dirigem a evolução dos Pitris Lunares. Para compreendê-la recorreremos à analogia com o sangue.

Podemos comparar o sangue ao princípio universal da Vida, e os glóbulos às mônadas. Assim como há diferentes espécies de glóbulos, também há diversas classes de mônadas e vários reinos naturais; não porque a essência monádica seja diferente, mas por causa do meio ambiente de cada grupo e de cada reino. O Chhâyâ é a semente que permanece, e Weissmann muito se aproxima da verdade com sua teoria do germe hereditário.

Perguntaram a H. P. B. se havia um Ego para animar cada semente Chhâyâ permanente durante toda uma série de encarnações. "Não; são o Céu e a Terra que se beijam" — foi a resposta.

As almas animais estão em formas e conchas temporárias, nas quais adquirem experiência e preparam materiais para uma evolução superior.

Até os sete anos de vida, o germe astral atávico forma e modela o corpo; depois dessa idade é o corpo físico que influi no astral.

Os corpos astral e mental reagem mutuamente um sobre o outro.

Dizem os *Upanishads* que os Deuses se alimentam dos homens. Significa que o Ego Superior adquire suas experiências terrenas por intermédio do Ego Inferior.

O CORPO ASTRAL

O corpo astral pode sair do corpo físico e ficar vagando ao seu redor, sem que a pessoa disso tenha consciência.

O Chhâyâ é da mesma natureza do corpo astral. Seu germe ou essência vital está no baço.

"O Chhâyâ está enrodilhado no baço." Dele se forma o corpo astral, que no princípio é uma ondulante névoa giratória, como o fumo, que vai tomando forma pouco a pouco, à medida que cresce. Mas não se projeta do corpo físico, átomo por átomo, pois sua forma intermolecular é o Kâma-Rûpa. Após a morte, todas as células e moléculas desprendem a sua essência, com a qual se forma o astral do Kama-Rûpa (o que nunca pode acontecer durante a vida).

Para se fazer visível, o Chhâyâ atrai e toma da atmosfera ambiente os átomos, pois o Linga Sharira não se poderia formar *no vácuo*. As manifestações do corpo astral explicam os contos árabes e orientais a respeito de djins, gênios encerrados em frascos, etc.

Nos fenômenos espíritas, a semelhança com pessoas falecidas é quase sempre efeito da imaginação. As vestes dos fantasmas são formadas pelos átomos vivos do médium: não são vestes reais, e nada têm de comum com a roupa do médium. "Toda a roupa de qualquer materialização é emprestada".

O corpo astral entretém a vida; funciona como a esponja ou o recipiente da vida tomada do ambiente natural, e serve de intermediário entre as vidas Prânica e física.

A vida não pode passar abruptamente do subjetivo para o objetivo: a Natureza nunca procede por saltos. Por isso, é o Linga Sharira o intermediário entre Prâna e o corpo físico, para a absorção da vida.

Desse modo, é o baço um órgão sumamente delicado; mas o baço físico é apenas o envoltório do verdadeiro baço.

A Vida é realmente a Divindade, Parabrahman. Para manifestar-se, porém, no plano físico, deve ser assimilada; e, como o corpo físico é demasiado grosseiro para isso, há necessidade de um agente intermédio — o corpo astral.

A matéria astral não é molecular, nem homogênea; e a luz Astral não é senão a sombra da verdadeira Luz Divina.

A inteligência daquelas entidades (Kâma-Rûpicas) que se acham aquém do plano Devachânico, no Kâma-Loka, é semelhante à dos símios. Não há, nos quatro reinos inferiores, entidades inteligentes que possam comunicar-se com os homens; mas os Elementais são dotados de instinto, como os animais. Todavia, com os silfos (que são as criaturas mais travessas do mundo) é possível a comunicação, em circunstâncias propícias, se se souber atraí-los.

Os fantasmas (entidades Kâma-Rûpicas) só são capazes de dar informação do que está diante deles. Chegam a ver, na aura das pessoas, coisas de cuja presença estão elas muito longe de suspeita.

Espíritos confinados na Terra são entidades do Kâma-Loka que, de tão materializadas, tardarão muito em dissolver-se. Têm apenas um vislumbre de consciência, e muito sofrem por isso; contudo, há alguns que estão adormecidos e são inconscientes, não sabendo por que ficaram retidos.

No caso daqueles que têm um período Devachânico muito curto, a maior parte da consciência permanece no Kâma-Loka até muito depois do tempo normal, que é de cento e cinqüenta anos, à espera da próxima reencarnação do espírito. Convertem-se em "Moradores do Umbral", e lutam contra o novo astral.

O ponto culminante de Kâma é o instinto sexual. Os idiotas, por exemplo, possuem desejos dessa espécie, e também apetites excessivos para comer, etc.; e nada mais.

O Devachan representa um estado num plano de consciência espiritual. Kâma-Loka é um lugar de consciência física, a sombra do mundo animal e dos sentimentos instintivos. Quando a consciência se ocupa de coisas espirituais, transporta-se a um plano espiritual.

Se os nossos pensamentos estão circunscritos à natureza física, a consciência então permanece no plano material.

Mas se os pensamentos convergem para coisas passionais e apetites materiais, comer, beber, etc., aí a consciência atua no plano do Kâma-Loka, que é o dos instintos de natureza puramente animal.

NÃO HÁ RELIGIÃO SUPERIOR À VERDADE

NOTAS ADICIONAIS

A Dr. Annie Besant tinha somente os últimos manuscritos de H. P. B., que foram muito alterados pela própria autora, conforme se pode ver da comparação com os de 1886.

Como ficou assinalado em "Como foi escrita A DOUTRINA SECRETA" (vol. I), estes manuscritos de 1886 foram "descobertos" pelo Sr. Jinarasadasa em 1921. Neles a "lacuna" está assim preenchida:

"Na obra secreta acerca dos Mistérios e do ritual da Iniciação, onde se expõem muitos pontos áridos, mas corretos, no tocante às posturas sacramentais e provas a que era submetido o candidato, há ilustrações que mostram os seguintes pormenores: (*a*) O Neófito, representando o Sol ou Sahasha-Kirana, "o de mil raios", aparece ajoelhado diante do Hierofante. Este último corta *sete tranças* do longo cabelo do Neófito [1]. Na gravura seguinte, (*b*) a resplendente coroa de raios dourados é retirada e substituída por uma coroa de agudos espinhos, que simboliza aquela perda [2]. Tudo isso era encenado na Índia, e também nas regiões trans-himalaias.

"Para chegar a ser um 'Perfeito', tinha o Sakrigâmin (literalmente: 'o que deseja nascer de novo') que, entre outras provas, descer ao Patâla, o 'mundo infernal'; depois, e só então, podia aspirar a ser um Anâgâmin ('o que já não precisa renascer'). Ao Iniciado completo cabia a opção de entrar neste (segundo) Caminho, aparecendo voluntariamente no mundo terreno sob forma humana, ou ir primeiro repousar no *Mundo dos Deuses* (o Devachan dos Iniciados), para somente depois renascer na Terra. Assim, o próximo estágio (*c*) apresenta o candidato preparando-se para essa jornada.

"Toda a espécie de tentações (não nos assiste o direito de enumerá-las nem de nos estendermos sobre este ponto) era anteposta ao seu

(1) Veja-se em *Juízes*, XVI, 7 e 17, em que Sansão personificação igualmente simbólica do Sol (como Hércules), fala de "sete cordas de vime verdes" e do cabelo que, sendo cortado, o privaria de toda a sua força, etc.

(2) Desnecessário explicar que Sanjnâ, *consciência* espiritual pura, é a percepção interna do neófito (ou chela) e do Iniciado; o seu crestamento pelos raios abrasadores do Sol simboliza as paixões terrenas. Daí as sete tranças simbólicas dos sete pecados cardeais. Quanto às sete virtudes cardeais, que o Sakridâganin (o que se candidata a "novo nascimento") deve adquirir, só as pode ele obter depois de passar pelas mais duras provas e sofrimentos.

desígnio. Se saísse vitorioso, mais uma Iniciação lhe era proporcionada; mas, se ele falhasse, era então *adiada*, e até muitas vezes definitivamente cancelada. Os ritos duravam *sete* dias. Nos três primeiros, conforme já dissemos, era o candidato posto à prova e examinada sua proficiência no aprendizado oculto. No quarto dia, (*d*) era amarrado e estendido a todo o comprimento, e com os braços estirados, sobre uma prancha de *madeira*, símbolo da purificação; cumpria expungir-lhe as impurezas, como se faz com uma tábua que se aplaina debastando-lhe as asperezas. Depois, era deixado sozinho em uma cripta, na mais profunda escuridão, durante dois dias e duas noites..."

O Sagrado Cânone dos Tibetanos..., pág. 50.

O Sagrado Cânone está enfeixado em duas obras: o *Kanjur* e o *Tanjur*. O *Kanjur*, o grande código ("O Mandamento Traduzido", do sânscrito), é o cânon do qual o Prajnâ-Pâramitâ forma a parte principal da terceira divisão. O *Tanjur* é o comentário sobre o *Kanjur*, que se compõe de 108 volumes de cerca de 1.000 páginas cada um, compreendendo 1.083 palavras distintas. Muitas ortografias são atribuídas a esses dois nomes: a *Kanjur*, Bhah-hgyur, Kah-gyur, Kâh-gyur, Kâng-gyur; a *Tanjur*, Bstan-gyur, Tan-gyur, etc.

Abhijnas (as cinco faculdades anormais e sobrenaturais), pág. 61.

São: 1. Tomar qualquer forma, à vontade; 2. Ouvir de qualquer distância; 3. Ver a qualquer distância; 4. Penetrar nos pensamentos dos homens; 5. Conhecer-lhes o estado e os antecedentes.

Prajnâ Pâramitâ, pág. 62.

O *Prajnâ Pâramitâ* consiste em discursos que Nâgârjuna atribuiu ao Buddha Shâkyamuni, embora outra versão os atribua a Mahâ-Kâshyapa, discípulo de Buddha.

Há seis Pâramitâs, ou virtudes ilimitadas: 1. Prâjnâ, a doutrina que não faz distinção entre Sangsâra e Nirvana — porque o Absoluto é a fonte e a base dos fenômenos; 2. Dâna, Caridade Ilimitada; 3. Shila, Moralidade Ilimitada; 4. Kshânti, Paciência Ilimitada; 5. Vîrya, Atividade Ilimitada; 6. Dhyâna, Meditação Ilimitada. Veja-se também *A Voz do Silêncio*.

O país fabuloso, Sambhala [Shamballah, Shamballa], pág. 66.

"Este país fica no deserto de Gobi. Seus lindes foram parcialmente descobertos por uma expedição americana. Mas não creio que seja encontrada a Ilha Branca, com seu grande templo de mármore branco, onde residem 'Os Quatro'. É aí que se realiza em cada sete anos a grande assembléia, de que fala H. P. B. em *Ísis sem Véu*, e à qual eu tive opor-

tunidade de assistir." É o que escreve a Dra. Annie Besant em *The Theosophist*, novembro de 1929, pág. 151.

The Edimburgh Review, outubro de 1890, cita uma obra tibetana titulada *A Guide for the Journey to Shamballa*, onde se descreve Shamballa como "uma cidade perfeita que se supõe existir nas fronteiras da Mongólia", e se diz que "todos os peregrinos mongóis, quando visitam Lhâ-Sâ, oram às grandes Divindades e aos santos vivos do lugar para que lhes permitam, na próxima encarnação, nascerem nos bosques sagrados de Shamballa".

Escreve Schlaginweit em *Buddhism in Tibet* (pág. 32): "Csoma [de Koros], depois de cuidadosas pesquisas, situa esta região de Shamballa (Tib. Dejoung) além do Sir Dariaw (rio Yaxartes), entre 45° e 50° N. F. L. Woodward, em *The Theosophist* de junho de 1923, pág. 328, observa a esse respeito que o centro exato do deserto de Gobi ou Shamo, ainda em branco em nossos mapas, fica a 110° E e 45° N. Acrescenta que, de acordo com os *Purânas*, um mar de vinho cerca a ilha de Shamballa, ali onde, no céu dos 33 deuses, existe o bosque de Shâlmali (sânsc.) ou Simbali (pali). No centro de um lago há um palácio; mas só se pode ir lá com o auxílio da magia, isto é, do poder de dirigir o âkâsa, de montar o 'pássaro dourado'."

Veja-se também *The National Geographical Magazine* (América) do mês de junho de 1933, em que Roy Chapman Andrews descreve suas "Explorations in the Gobi Desert", uma planície de cascalho, e não de areia (salvo em alguns lugares). O autor confirma a antiguidade de gigantescas formas de vida, há uns 95 milhões de anos ali existentes, e descobriu ruínas que indicam vetustas civilizações de 20.000 anos atrás, quando milhões de "pessoas misteriosas" percorriam o deserto, aonde hoje vão apenas alguns milhares de mongóis nômades.

Lamas, Lamaísmo, Böns, pág. 74.

Houve duas correntes de contribuição para o Lamaísmo tibetano préprimitivo: 1. O Bön tibetano, geralmente descrito como animista, religião de dança diabólica ou xamanismo; 2. o Mahâyâna indiano e Budismo-Tantra. Admite-se que o fundador do Lamaísmo propriamente dito foi Padma-Sambhava, membro da escola popular Yogâchârya Tântrica no grande colégio budista de Nâlanda, e famoso por seus conhecimentos de Ciência Oculta. Convidado para o Tibete em 747, inaugurou ele a seita Kah-dam-pa — "os que seguem as ordens (mandamentos)". Explicou o *Bardo Thodol*, sendo assim o Grande Guru para todos os fiéis do *Bardo*, a doutrina magna da libertação pela vista e pela audição. Surgiu depois, dentro da mesma linha religiosa, outro grande reformador, Atisha, pertencente à família real de Gaur, Bengala, e professor do Mosteiro Vicramasila, em Magadha. Atisha visitou o Tibete em 1038, e deu início ao Lamaísmo Reformado, na seita Kah-dam-pa. Em 1407 Tsong-kha-pa introduziu uma tendência menos ascética e muito mais ritualista, sob o nome de Ge-lug-pa, "O Virtuoso Estilo".

Este ramo misto é conhecido como a Escola Reformada, e predomina na hierarquia religiosa do Tibete desde 1640; é a Igreja Oficial do Lamaísmo, embora hoje se apresente algo desvirtuada.

A outra grande corrente se desenvolveu, na segunda metade do século XI, à margem dos ensinamentos de Atisha, com as modificações acrescentadas por Marpa e seu discípulo Milarespa (Milarepa), o santo mais venerado do Tibete. É conhecida como a seita de Kar-gyut-pa ("o seguidor das ordens sucessivas"), e figura entre as Igrejas semi-reformadas; as outras, que adotaram linha autônoma, são: Kar-ma-pa, Dipunka, Talunpa, Dukpa (Dugpa) Superior, Dugkpa do Centro e do Sudeste, e Dukpa Inferior (com o significado de "voz alta", sendo considerado o trovão como o rugido do dragão). Ainda outra seita semi-reformada era a Sa-kya-pa, que floresceu lá pelo ano de 1427, fora da grande corrente do primitivo Lamaísmo, tendo-se ramificado na Nor-pa e em um grupo que se ampliou sob a influência de Târanâtha (nascido em 1573), e que é geralmente conhecido como a seita Jonan-pa.

A outra linha do Lamaísmo primitivo passou a chamar-se, em 1062, Ninmapa, "a velha Escola", a seção que não foi reformada, mas fortemente colorida com o Bön, ou práticas pré-budistas. Esta é que é a verdadeira seita lamaica dos "Gorros Vermelhos", e não a dos Dug-pas. Paralelamente a ela surgiram, a partir de 1450, mais seis grupos, sendo todos eles classificados como da Velha Escola, Não-Reformada, Nin-ma-pa.

Os Bön-pas são chamados "Gorros-negros"; os seguidores de Tson-kha-pa, "Gorros-amarelos"; e os mais antigos partidários de Atisha usam "Chapéus-vermelhos". (Veja-se *Lamaism*, de L. A. Waddell, e as obras de W. Y. Evans Wentz; etc.).

Tábuas da Luz, págs. 122, 172.

Convém deixar claro que não há um comprimento de onda (ou uma freqüência) simples e definido para determinada cor, mas há uma série de ondas que formam uma faixa de cores. O que apresentamos em seguida são os números aproximados dos comprimentos de ondas e freqüências das cores (luz visível). Foram extraídos de *Physical and Chemical Constants*, de G. W. C. Kaye e T. H. Laby.

Admite-se geralmente que a luz *visível* se estende desde cerca de 375×10^{12} vibrações por segundo até 750×10^{12} vibrações por segundo. É o que constitui *uma* oitava. Os intervalos variam com os indivíduos, e há quem não faça distinção entre o azul e o anil, sendo poucos os que podem discernir a faixa de uma "sombra" diferente entre o azul e o violeta.

Os algarismos abaixo combinam mais ou menos com a tábua da pág. 143; mas a tábua "corrigida" da pág. 192 parece arbitrária. A *Enciclopédia Britânica* dá somente valores aproximados. Falamos, em termos científicos, de uma *linha* definida, como, por exemplo, a linha D no espectro do sódio

FREQÜÊNCIAS MODERNAS

(Velocidade / comprimento de onda)

	Vibrações por segundo		
Ultravioleta	833,3 × 10^{12}	759 (trilhões)	714
Anil	682 × 10^{12}	668 ? "	672
Fim do violeta	659,3 × 10^{12}	654 ? "	
" " azul	609,8 × 10^{12}	631 "	630
" " verde	545,4 × 10^{12}	586 "	588
" " amarelo	510,2 × 10^{12}	544 "	546
" " laranja	463,7 × 10^{12}	514 "	504
Infravermelho	389,6 × 10^{12}	465 "	462

Para a vista de algumas pessoas o infravermelho pode ir um pouco além. Um trilhão é igual a 10^{12}.

Acima da luz visível temos algumas vintenas de oitavas de ondas menores que as do violeta. Estas se dividem em raios ultravioletas, raios-X e raios cósmicos.

Abaixo do vermelho visível há 30 oitavas: primeiro, o calor; depois, as ondas hertzianas que são usadas no telégrafo sem fio. (Veja-se a tábua em *Light*, de Saunder.)

Todas as indicações das páginas 192 a 194 são incorretas do ponto de vista científico. O autor, por exemplo, não admite mais que uma oitava e meia abaixo do vermelho, o que em termos gerais parece arbitrário.

O Quarto Sentido — a Música, pág. 193.

Aqui o autor (H. C.) passa a outra série, não advertindo em que a luz é uma vibração eletromagnética no espaço, ao passo que o som é um movimento da matéria, do ar, etc. *Sir* James Jeans, em *Science and Music*, dá uma tábua das notas da escala musical, tais como se usam hoje. O número de vibrações de determinada nota depende do tom escolhido e adotado como padrão. Este varia conforme os países e os pianos. A Inglaterra adota um padrão em que o C' (ou o C acima do C médio do piano) corresponde a 512 vibrações por segundo. Neste caso a escala vem a ser:

C'	D	E	F	G	A	B	C
256	287	323	342	384	431	483	512

Razão — aproximadamente:

24	27	30	32	36	40	45	48

De sorte que está cera a razão de H. C.; mas ele multiplica esta série por 2, obtendo:

C'	D	E	F	G	A	B	C"
48	54	60	64	72	80	90	96

E depois multiplicada por 7:

336	378	420	448	504	560	630	672

O tom real desta oitava seria o que começasse entre E e F em nosso piano, isto é, o Dó, que é igual a 1/4 do tom entre E e F. Mas semelhante escala não coincide com nenhuma escala de notas usada neste país. Parece não haver qualquer razão válida para — em vez de outra — ser adotada *essa* escala como a única que corresponda especialmente à música ou ao ouvido físico.

As presentes observações pertencem a Miss Elizabeth Preston, M. S., que é de opinião seja omitida toda a nota de H. C. Parece-lhe ainda que a tábua da pág. 162 carece de significação especial, e não indica de modo claro os limites em que é aplicável, contendo, quando muito, números aproximados.

H. P. B., no Diagrama III deste volume, associa a Dó ou Sa ao vermelho e aos instintos e paixões animais, declarando que é a "tônica do homem físico". Se com isso ela quer significar associação à tonalidade definida "C", é discutível; pois o *Dó* e o *Sa* são variáveis em uma extensa área. É digno de nota o admirável grau de aproximação com que A DOUTRINA SECRETA apresenta a correlação matemática dos tons. A ligeira diferença (apenas 1 1/4 de tom) ou é, 1.°, porque H. P. B. possivelmente não pretendia atribuir "C" ao *Dó* ou *Sa*, como dito acima, ou, 2.°, porque talvez o espectro esteja mesmo em evolução, devendo ainda as cores e os tons atingir os seus lugares exatos, uns em relação aos outros. (Nota de Mrs. Adeltha Peterson.)

TONS DAS CORES

(Trilhões de vibrações por centímetro e por segundo)

N.º de vibrações com base em estudo comparativo das tábuas de Abney, Listing, Rood e Helmoltz		A DOUTRINA SECRETA	Correlação matemática com a duplicação de oitavas a partir dos C's sonoros na oitava cromática
Vermelho (quase invisível) passando pelo Escarlate	399	Sa ou Dó = Vermelho (C?) 411 aprox.	D = 399 (Vermelho quase invisível) $D^{\#}$ E^{b} = 422 (Carmesim) E = 447 (Escarlate)
Junção Vermelho-Laranja	483	[3] Ri ou Ré = Laranja (brilhante) (D?) 460 aprox.	F = 472 (Laranja brilhante)
Laranja	483-506		$F^{\#}$ G^{b} = 503 (Amarelo-laranja)
Amarelo	506-520	Ga ou Mi = Amarelo (E?) 518 aprox.	
Verde-ouro, passando pelo Verde	520-584	Ma ou Fá = Verde (F?) 549 aprox.	G = 532 (Verde-ouro) $G^{\#}$ A^{b} = 566 (Verde)
Verde-azul	584-600		A = 600 (Azul claro)
Azul claro a Azul	600-647	Pa ou Sol = Azul claro (G?) 618 aprox.	$A^{\#}$ B^{b} = 636 (Azul)
Anil ultramarino	647-680	Dha ou Lá = Anil (A?) 660-694 aprox.	B = 674 (Anil)
Junção Azul-Violeta	680		
Violeta	680 a		C = 357 (Infravermelho) (também 714 ou Anil-violeta)
— Fim da visibilidade	760?	[3] Ni ou Si = Violeta (B?) (731 aprox. a 770)	$C^{\#}$ D^{b} = 378 (Infra-vermelho) 756 Violeta-cereja (próximo de Ultravioleta)

(3) O esquema de A DOUTRINA SECRETA é perfeitamente possível, com base nas razões destes tons na Escala Maior ocidental (Dhîrashankarâbharanam Râga). Dadas as sílabas de Sol-Fá, presume-se que esta Ragâ ou Escala está indicada. Se observadas razões exatas, o Laranja será de matiz escarlate ou brilhante, e o Violeta terá uma tonalidade rósea, com tendência para o Ultravioleta invisível. A escala temperada muda ligeiramente a maioria dos tons, fazendo passar o Anil para o Violeta e voltar o Violeta à visibilidade.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS existentes na Biblioteca de Adyar e cujas citações foram verificadas.

Asiatic Researches, volumes 2, 8 e 9. Londres, 1801, 1808, 1809

Atharva Veda, The Hymms of the, trad. de Ralph T. H. Griffith. Benares. E. J. Lazarus & Co., 1896.

Book of God, The, ⊙ Kenealy. Londres. Reeves & Turner. Sem data.

Buddhism, Chinese, Rev. Joseph Edkins, D.D. Londres. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Edição popular. Sem data; primeira edição provavelmente em 1879.

Buddhism of Tibet, The, or Lamaism, por L. Austine Waddell, M.B., F.L.S., F.R.G.S. Londres. W. H. Allen & Co. Ltd., 1895.

Buddhist Catechism, A, Henry S. Olcott. Madras. The Theosophical Society, 1887.

Chips from a German Workshop, F. Max Müller, K. M. Londres. Longmans, Green & Co. Nova edição, 1894.

Clement of Alexandria, com os Escritos de Clemente de Alexandria (inclusive *Miscellanea* e *Stromata*). Trad. do Rev. William Wilson, M. A.

Esoteric Buddhism, A. P. Sinnett. Londres, The Theosophical Publishing House. 8.ª edição.

Five Years of Theosophy. Londres. Reeves & Turner. 1885. Reimpresso em 1910, T. P. H.

Histoire de la Magie, Eliphas Lévi. Paris. Germer Baillière, 1860.

Isis Unveiled, H. P. Blavatsky. Nova York. J. W. Bouton, 1886. 5.º milheiro.

Kabbalah, The, Adolph Franck. Rev. e trad. Dr. I. Sossnitz. Nova York, The Kabbalah Publishing Company, 1926.

Key to Theosophy, The, H. P. Blavatsky. Londres, The Theosophical Publishing Society, 1926.

Light of Asia, The, Sir Edward Arnold. Londres, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd., 1892.

Lucifer, 1889. Londres. The Theosophical Publishing Company.

Maçonnerie Occulte, J. M. Ragon. Paris. E. Dentu, 1857.

Mândukya Upanishad, The. Trad. inglesa. Bombaim, Rajaram Tukaram Tatya, 1906. (Os doze principais Upanishads.)

Natural Philosophy, Discourse on the Study of, Sir John F. W. Herschel. Longman, Brown, Green & Longmans, Londres. Nova ed. 1851.

Nature's Finer Forces, The Science of Breath and the Philosophy of the Tattvas. Trad. do sânscrito, notas de Râma Prasâd, M.A., F.T.S. Terceira edição, revista. Londres. Theosophical Publishing Society, 1897.

Orthodoxie Maçonnique, J. M. Ragon. Paris. E. Dentu, 1853.

Phallicism, Hargrave Jennings. Londres. George Redway, 1884.

Qabbalah, The, trad. Isaac Myer, LL. B. Filadélfia. Edição privada, 1888.

Râjasthân, The Annals and Antiquities of. Ten.-Cel. James Tod. Calcutá. Indian Publication Society Ltd. 2 vols.

Religion and Science, The Conflict Between, J. W. Draper, M.D., LL.D. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd. Londres. 1890.

Royal Masonic Cyclopaedia, The, Kenneth R. H. Mackenzie, IX. Londres, Bro. John Hogg, 1877.

Sôd, The Son of the Man, S. F. Dunlap. Londres. Williams & Norgate, 1861.

Source of Measures, The Key to the Hebrew-Egyptian Mysteries in the, J. Ralston Skinner. Filadélfia. David McKay Company. Sem data.

Tibet, Narratives of the Mission of George Bogle to Tibet, and the Journey of Thomas Manning to Lhasa. Editado por Clements R. Markham, C.C., F.R.S. Londres. Trubner & Co., 1876.

Through the Gates of Gold: A Fragment of Thougth. Anônimo. Londres. Ward & Downey, 1887.

Vedanta Sûtras, trad. de George Thibaut. *Sacred Books of the East Series*. Vol. 34. Oxford. Clarendon Press, 1894.

Vishnu Purâna, The, trad. de H. H. Wilson, M.A., F.R.S. Editado por Fitzedward Hall. Londres. Trubner & Co., 1864-1870. 5 vols.

Voice of the Silence, The, trad. e anotações de "H.P.B." Londres. The Theosophical Publishing Co. Ltda., 1889.

OUTROS LIVROS PARA REFERÊNCIA

Practical Occultism, H. P. Blavatsky. Londres. Theosophical Publishing Society. 1912.

Key to Theosophy, The, H. P. Blavatsky. Londres. Theosophical Publishing Society, 1920. 3.ª ed.

Modern Panarion, A, Coleção de Fragmentos Dispersos de Escritos de H. P. Blavatsky. 1.ª edição. Vol. 1. Londres. Theosophical Publishing Society, 1895.

Introduction to Yoga, An, Annie Besant. Madras. The Theosophical Publishing House, 1927. 4.ª edição.

Gnosis or Ancient Wisdom in the Christian Scriptures, The, ou *The Wisdom in a Mystery*, William Kingsland. Londres. George Allen and Unwin, 1937.

Esoteric Basis of Christianity, The, por William Kingsland. Londres. Theosophical Publishing Society, 1895.

Yoga-Sâra-Sangraha of Vijnâna Bhikshu. Bombaim. Tatva Vivechaka Press, 1894.

Letters fom the Masters of the Wisdom, compilação de C. Jinarajadasa. Madrasta. The Theosophical Publishing House, 1919.

Early Teachings of the Masters, The, compilação de C. Jinarajadasa. Madrasta. The Theosophical Publishing House, 1923.

Ocean of Theosophy, The, William Q. Judge, 1893. Reimpresso por Theosophy Company, Los Angeles, Califórnia, 1937.

Mysticism, Evelyn Underhill. Londres. Methuen & Co., Ltd., 1911.

Gray's Anatomy. Londres. Longmans, Green & Co.

Handbook of Phisiology and Biochemistry, W. D. Halliburton e R. T. McDowall John Murray. Londres, 1937.

Human Embriology and Morphology, de Sir Arthur Keith. Londres. Edwin Arnold.

Textbook of Embriology, H. E. Jordan e J. E. Kindred. Londres. Appleton-Century (D.) Co. 1937.

Evolution of Man, The, J. Emile Marcault, M.A., LL.B., e Iwan A. Hawliczek, B. Sc. Theosophical Society in England, 1931.

Yoga and Western Psychology, Geraldine Coster. Londres. Oxford University Press, 1934.

Psychology and Morals, J. A. Hadfield, M.A. (Oxon.) M.B., Ch.B. (Edin.) Methuen & Co. Ltd., 1927.

Principles of Tantra, editado por Arthur Avalon. Londres. Luzac & Co., 1916. 2 vols.

Man's Latent Powers, Phœbe Payne. Londres. Faber and Faber, 1938.

Chakras, The, Charles W. Leadbeater. Madrasta. The Theosophical Publishing House, 1927.

From Man to Superman; A Practice in Symbolic Yoga George S. Arundale. Madrasta. The Theosophical Publishing House, 1939.

Kundalini, An Occult Experience, George S. Arundale. Madrasta. 1938. The Theosophical Publishing House.

Secret of the Golden Flower, The, Um Tratado de Yoga Chinesa, trad. Richard Wilhelm. Comentário de C. G. Jung. Londres. Kegan Paul, Trench Trubner & Co. Ltd., 1932.

Serpent Power, The, compreendendo o Shat-chakra-nirupana e o Paduka-Panchaka. Trad. do sânscrito com Introdução e Comentário por Arthur Avalon. Londres. Luzac & Co. 1919.

Thrice-Greatest Hermes, G. R. S. Nead, M.A. Londres. Theosophical Publishing Society, 1906. 3 volumes.

Sepher Yetzireh, trad. do hebraico por Wm. Wynn Westcott, M.B. 2.ª edição. Londres. The Theosophical Society, 1893.

With Mystics and Magicians in Tibet, Alexandra David-Néel. Londres. John Lane. The Bodley Head Ltd. Edição inglesa, 1931.

Dogme et Rituel de la Haute Magie, Eliphas Lévi. 3.ª edição. Paris. Ancienne Librairie Germer Baillière et Cie., 1894.

The Desâtir (The Book of God), Mulla Firuz Bin Kaus. Edição privada. Bombaim, 1818.